



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO DE NEGÓCIOS TURÍSTICOS**

JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR

**A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA:
RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW**

**FORTALEZA – CEARÁ
2017**

JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR

A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA:
RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Gestão de Negócios Turísticos. Área de Concentração: Gestão dos Negócios e dos Territórios Turísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Maia Farias Vasconcelos.

FORTALEZA – CEARÁ

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Julião Júnior, José Francisco.

A cultura cearense como atrativo turístico em Fortaleza: resgate da história de um povo no espetáculo Ceará Show [recurso eletrônico] / José Francisco Julião Júnior. - 2017.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 200 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, Fortaleza, 2017.

Área de concentração: Gestão dos Negócios e dos Territórios Turísticos.

Orientação: Prof.ª Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos.

1. Turismo. 2. Cultura. 3. Espetáculo. I. Título.

JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR

A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA:
RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW

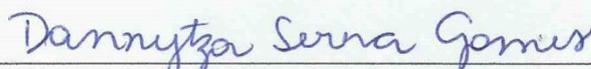
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Gestão de Negócios Turísticos. Área de Concentração: Gestão dos Negócios e dos Territórios Turísticos.

Aprovado em: 28 de agosto de 2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Sandra Maia Farias Vasconcelos (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC



Prof.^a Dra. Dannytza Serra Gomes
Universidade Federal do Ceará - UFC



Prof. Dr. José Solon Sales e Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor de tudo o que sou: de todos os meus planos e todas as minhas vontades. Pai que gosta especialmente de mim. Obrigado pelo repouso em Teu colo quando pensei não mais ter forças para prosseguir nesta caminhada que se encerra aqui. Que meu olhar sempre esteja em busca do Teu!

Aos meus pais José Francisco Julião e Zuleide Alencar Julião (*in memoriam*), que não mediram esforços para formar meu caráter e, como bons professores, ensinaram-me os caminhos do bem, da justiça e do amor ao próximo.

Aos meus irmãos Naédia Menezes, Nájila Cabral e Eduardo Julião, companheiros de alegrias e tristezas. Obrigado por tanto amor e carinho pelo “Pinguinho”.

Aos cunhados Adeildo Cabral, Sérgio Menezes e Sandra Julião, que me proporcionaram a alegria de ser tio do Gabriel, Maria Eduarda, Iago, Ana Júlia, Sérgio Adriano e Iana. Obrigado por semearem em mim o sentimento de família como árvore sempre disposta a crescer.

À Terezinha, pelo carinho, zelo e suporte dispensados a mim e minha família. Deus sempre abençoe você.

À minha família do coração, Vera Silva e Michelle Costa. Vocês são fonte de inspiração para mim. Meus exemplos de força, coragem e determinação combinados com toda a sutileza que de vocês é peculiar. Obrigado por me ensinar. Tenho muito a aprender.

À minha esposa, Mirelle Julião; parte de mim em forma de sorriso, abraço e canção: “*Você é assim, um sonho pra mim*”... Obrigado por complementar o que sou e me fazer forte naquilo que não sei ser. Te agradeço por me fazer perceber que a conquista deste título estava à distância do meu querer. Trilhar os caminhos da vida é sempre mais fácil com você.

À Profa. Dra. Sandra Maia Vasconcelos, minha orientadora, conselheira e amiga. Obrigado por toda compreensão e apoio ao longo desta pesquisa e por me fazer perceber que ainda era possível continuar.

Aos colegas da Turma IX do Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos – MPGNT. Obrigado pela convivência saudável e alegre, que tornaram todos os nossos encontros nas disciplinas, e fora delas, sempre muito agradáveis.

Ao corpo docente do MPGNT, na figura de seus coordenadores, Profa. Dra. Luzia Neide Coriolano e Prof. Dr. Fábio Perdigão, pelo esforço constante por um ensino de qualidade, fortalecedor do turismo tão necessário ao nosso estado.

À Adriana Fonteles, por toda a presteza no lidar com a turma, pelo carinho e torcida a mim dispensados.

Aos membros da banca examinadora, Profa. Dra. Dannytza Serra Gomes e Prof. Dr. José Solon Sales e Silva, pelas contribuições enriquecedoras no momento da qualificação e por estarem ao meu lado no fechamento de mais este ciclo.

A Fernando Cattony, um dos idealizadores do espetáculo Ceará Show, por abrir, sem restrições, as portas do teatro para esta pesquisa e proporcionar, a todos nós, momentos de deslumbre e encantamento, com tudo aquilo de bom que o Ceará tem a oferecer.

A todos os atores, músicos, dançarinos, diretores e pessoal de apoio do espetáculo Ceará Show. Obrigado por me permitir traduzir em letras tudo aquilo que vocês sabem expressar muito bem com o coração. Por vocês eu me sinto à vontade para cantarolar a quem quiser escutar: "SOU BRASILEIRO, FILHO DO NORDESTE, SOU CABRA DA PESTE, SOU DO CEARÁ"!

“É possível crescer nesta hora, mesmo quando o que amamos foi embora. A saudade eterniza a presença de quem se foi. Com o tempo, esta dor se aquieta... se transforma em silêncio que espera, pelos braços da vida, um dia, reencontrar”.

(Pe. Fábio de Melo)

RESUMO

Esta pesquisa tem como campo de estudo o musical Ceará Show, encenado de forma permanente em Fortaleza, capital do estado do Ceará. O enredo, que apresenta a busca de alternativas para o reencontro de um amor adolescente, é entrecortado por narrativas de histórias de vida de personalidades importantes do Ceará. Nesse contexto, o espectador é apresentado a características que marcam a personalidade do povo cearense, além da música típica e da dança, elementos que expressam manifestações culturais do estado. Tem-se, portanto, a cultura como atrativo turístico. Este estudo visa analisar de forma qualitativa a eficácia de um atrativo desta temática, desenvolvido em ambiente pouco propício a atividades turísticas vinculadas a um panorama cultural. Para a obtenção dos resultados, foi feita uma descrição detalhada do planejamento e da execução do espetáculo. Além disso, foram coletadas avaliações de internautas em uma rede social e em um portal de turismo a respeito do espetáculo. Tais avaliações deram suporte à obtenção da percepção do espetáculo sob a ótica do espectador. As convergências entre turismo, cultura e comunicação digital foram esclarecidas por meio de pesquisa bibliográfica, que deu suporte teórico à obtenção dos resultados. O fim da análise apontou para a eficácia do atrativo, condicionando à execução de práticas bem estruturadas de modelo de negócios, que viabilizem investimento financeiro por parte da iniciativa privada, apoio social por parte do poder público, promoção da sustentabilidade da cultura local, além de facilidades e comodidades ao público espectador.

Palavras-chaves: Turismo. Cultura. Espetáculo.

ABSTRACT

This research has as its field of study the musical Ceará Show, staged permanently in Fortaleza, capital of the state of Ceará. The plot, which presents the search for alternatives for the reunion of adolescent love, is interrupted by narratives of life stories of important personalities of Ceará. In this context, the spectator is presented with characteristics that mark the personality of the people of Ceará, besides the typical music and dance, elements that express cultural manifestations of the state. Therefore, culture is a tourist attraction. This study aims to qualitatively analyze the effectiveness of an attractive theme, developed in an environment not conducive to tourism activities linked to a cultural panorama. To obtain the results, a detailed description of the planning and execution of the show was made. In addition, evaluations of internauts were collected in a social network and a tourism portal regarding the show. Such evaluations gave support to obtaining the perception of the spectacle from the perspective of the spectator. The convergences between tourism, culture and digital communication were clarified through bibliographical research, which provided theoretical support to obtain the results. The conclusion of the analysis pointed to the effectiveness of the attractiveness, conditioned to the execution of well structured business model practices, which enable financial investment by the private sector, social support by the public power, promotion of the sustainability of the local culture, besides Facilities and amenities to the spectator public.

Keywords: Tourism. Culture. Show.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Anúncio sobre turismo na edição de 20 de maio de 1981 do jornal Folha de São Paulo	15
Figura 2 – Mapa da Mortalidade Infantil no Brasil – Comparativo entre os anos de 1980 e 2010	16
Figura 3 – Facebook anuncia 2 bilhões de usuários.....	25
Figura 4 – Banner de divulgação do espetáculo	28
Figura 5 – Percorso do calçadão entre a Praia de Iracema e a do Meireles.....	29
Figura 6 – Ensaio do espetáculo.....	36
Figura 7 – Moacir e Cecília em apresentação de dança.....	37
Figura 8 – Número de dança	38
Figura 9 – Agradecimento dos atores ao final do espetáculo.....	38
Figura 10 – Execução de melodia com pífano	39
Figura 11 – Coreografia estilizada	40
Figura 12 - Detalhes da fachada da bodega, com parede, portas e telhado rústicos	41
Figura 13 – Oratório de Padre Cícero como elemento da cenografia.....	42
Figura 14 – Cortina do espetáculo.....	42
Figura 15 – Tela translúcida com projeção.....	43
Figura 16 – Cena da personagem Dragão do Mar	47
Figura 17 – Encontro de Moacir com o vaqueiro.....	49
Figura 18 – Diálogo da índia Iracema com o filho Moacir.....	51
Figura 19 – Diálogo entre Jovita Feitosa e Moacir	52
Figura 20 – Agradecimento da esposa do sertanejo pela chegada da chuva....	53
Figura 21 – Encontro de Moacir com Pe. Cícero	54
Figura 22 – Seu Lunga (dir) conversa com Dito (esq) em meio a uma feira	56
Figura 23 – Avaliação de turista nº01	87
Figura 24 – Avaliação de turistas nº02	88
Figura 25 – Avaliação de turista nº03	88
Figura 26 – Avaliação de turista nº04	89
Figura 27 – Avaliação de turista nº 05	90
Figura 28 – Avaliação de residente nº01	91
Figura 29 – Avaliação de residente nº02	91

Figura 30 – Avaliação de residente nº03	92
Figura 31 – Avaliação de residente nº4	93
Figura 32 – Avaliação de turista nº06	94
Figura 33 – Avaliação de turista nº07	95
Figura 34 – Avaliação de residente nº05	96
Figura 35 – Avaliação de residente nº06	97

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de Avaliações na Internet	81
Gráfico 2 – Percentual de Avaliações por Rede Social Analisada.....	81
Gráfico 3 – Representações Gráfica das Avaliações no TripAdvisor	82
Gráfico 4 – Segmentação das avaliações no Facebook	83
Gráfico 5 – Segmentação das avaliações no TripAdvisor	84

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	DESENHO METODOLÓGICO	22
3	CEARÁ SHOW – AGORA EU CONHEÇO!	28
3.1	A LOGÍSTICA PARA TORNAR UM SONHO POSSÍVEL	28
3.2	O ESPETÁCULO	37
3.3	AS PERSONALIDADES CEARENSES RETRATADAS NO ESPETÁCULO ..	46
3.3.1	Chico da Matilde, o Dragão do Mar	47
3.3.2	O vaqueiro	49
3.3.3	A força da mulher cearense	51
3.3.4	A fé em padre Cícero	54
3.3.5	Seu Lunga, personificação do humor	56
3.4	MÚSICAS E DANÇAS	58
3.5	HISTÓRICO DE ESPETÁCULOS FOLCLÓRICOS PARA TURISTAS NO CEARÁ	61
4	ESTADO DA ARTE DAS CONVERGÊNCIAS ENTRE TURISMO, CULTURA E COMUNICAÇÃO DIGITAL	64
4.1	IDENTIDADE CULTURAL, PATRIMÔNIO IMATERIAL E SENTIMENTO DE PERTENÇA	64
4.2	TURISMO, CULTURA E SUSTENTABILIDADE	71
4.3	COMUNICAÇÃO E TURISMO – O USO DOS MEIOS DIGITAIS DE DIVULGAÇÃO	76
5	A VALORIZAÇÃO DO POVO CEARENSE ATRAI VISITANTES? RESULTADOS E DISCUSSÕES	80
5.1	ANÁLISE QUANTITATIVA DAS AVALIAÇÕES ESPONTÂNEAS DO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW NA INTERNET	80
5.2	ANÁLISE QUAIITATIVA DAS AVALIAÇÕES ESPONTÂNEAS DO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW NA INTERNET	85
6	CONCLUSÃO	98
	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICES	108
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 1	109

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 2.....	110
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 3.....	111
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 4.....	112
APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 5.....	113
APÊNDICE F – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 6.....	114
APÊNDICE G – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 7.....	115
APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE FERNANDO CATTONY.....	116
APÊNDICE I – ENTREVISTA COM CARLINHOS CRISÓSTOMO	158
APÊNDICE J – RODA DE CONVERSA COM MÚSICOS	172

1 INTRODUÇÃO

Em uma pesquisa, não há como dissociar o interesse científico da realidade social e a história de vida do pesquisador. É este paralelo que traço a partir de agora, desde meu nascimento até os dias atuais, de forma a demonstrar como a relação entre minha história de vida, interesse pelo teatro, a escolha da comunicação como profissão e o estudo do turismo potencializou o interesse por esta pesquisa.

Eu sou Julião Júnior, filho de mãe paraibana e de pai cearense do Riacho Verde, distrito de Várzea Alegre, no Cariri. Caso ainda morasse por lá, iria dizer que me chamo Zé Chico, de Zé Chico, de Chico de Zé Chico. Era assim que os mais antigos se referiam a alguém. O nome trazia junto, todo o histórico das gerações passadas. Meus pais são primos legítimos. Por isso, nas duas partes de minhas raízes, trago contextos semelhantes, de gente que deixou o próprio chão em busca de algo melhor.

Esse deixar para trás as origens para escrever a própria história com linhas mais harmoniosas traz, como consequência, a dor. A dor de se distanciar da família, de viver a angústia do novo, de enfrentar os desafios antes não imaginados na vida pacata do interior; a dor da incerteza.

Foi nessa dor que meus pais trilharam os primeiros caminhos da vida e, assim como eles, tantos outros cearenses que trazem, na pele, marcas do sofrimento. Uma dor que sutilmente foi transformada pela literatura em figura humana, no romance *Iracema*, do cearense José de Alencar. O romancista explica de forma poética a origem do Ceará, marcada pelo encontro da natureza exuberante, representada pela índia Iracema, com a civilização, personificada pelo colonizador Martim. O fruto desse amor é chamado de Moacir, considerado o primeiro cearense.

Moacir é um nome de origem indígena. Vem do Tupi “mbo'a'su ira”, que junta duas palavras tupis, mbo'a'su, que significa "dor" ou "fazer doer", e ira, que quer dizer "saído de". Ou seja, Moacir significa “aquele que vem da dor”. Não poderia haver nome melhor para o primeiro cearense.

Minha história, de dor ou não, começou em uma quarta-feira, 20 de maio de 1981. Uma semana depois do Papa João Paulo II sofrer um atentado à bala em plena praça São Pedro, no Vaticano; um dia depois da Seleção Brasileira de Futebol

Figura 2 – Mapa da Mortalidade Infantil no Brasil – Comparativo entre os anos de 1980 e 2010



Fonte: <<http://www.terra.com.br/noticias/infograficos/mortalidade-infantil/>>.

O Mapa³ da Mortalidade Infantil no Brasil, baseado em dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, aponta que em 1980, a cada mil nascidos vivos no Ceará, em média, 111,5 morriam antes de completar um ano de idade. O Ceará ocupava o terceiro lugar no ranking geral do país. Como um estado marcado pela seca, fome e miséria poderia reescrever esta história?

A resposta estava em uma mudança de gestão. Em 1986, Tasso Ribeiro Jereissati assumia o governo do Ceará com um projeto inovador, que privilegiava a transparência e buscava moralizar o poder público, até então marcado por apadrinhamentos, trocas de favores e ineficácia das ações.

³ Disponível em: <<http://www.terra.com.br/noticias/infograficos/mortalidade-infantil/>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

Tasso Jereissati ficou à frente do governo do Ceará por três mandatos. Por todo este período, pode-se destacar três vertentes de atuação fundamentais para a reconfiguração do estado: combate à mortalidade infantil, obras de convivência com a seca e desenvolvimento do turismo. O apoio do governo federal foi importante neste sentido, com a criação do Prodetur⁴, para proporcionar infraestrutura básica de atração de investimentos privados.

É neste momento que o sol, até então visto como fonte de sofrimento, passa a ter um papel transformador. Ele passa a trazer esperança de dias melhores, como atrativo para os que buscam lazer e diversão, dispostos a investir dinheiro para usufruir destes benefícios.

Enquanto o estado passa por todas estas transformações, eu cresço alheio a esse momento histórico tão importante, pela pouca idade. Mas é aí que a minha própria história começa a trilhar os passos que me trouxeram até aqui.

As primeiras lembranças de meus familiares quando falam de minha infância são de meu envolvimento com a música. Logo que aprendi a falar, comecei a cantar. E cantava, em qualquer lugar, sempre que me pediam. Alguns registros ficaram, por anos, em fitas K7. À medida que crescia, meu palco se reduzia ao banheiro de casa, na hora do banho. E assim foi até quando as descobertas da adolescência me mostraram que a união de amigos com a mesma afinidade poderia se transformar em algo muito interessante; uma banda. Nesse instante, ganho outros palcos: o quintal das casas, a hora do recreio, a semana esportiva e cultural do colégio, o grupo de oração, a carroceria de um caminhão em plena praça pública do interior do Ceará. A música foi meu contato precoce com a arte; sempre fez parte dos meus dias. Com ela vivo alegrias, tristezas e rezo. Com a música expressei o que meu coração está cheio.

Mas a influência da música não foi suficiente para me deixar seguro para enfrentar a escolha do jornalismo como profissão. Eu sempre fui tímido. Enfrentava o público nas apresentações musicais ao me esconder, de forma inconsciente, por trás do microfone. Mas com o jornalismo, expor minha figura não seria suficiente.

4 Os Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) buscam organizar as intervenções públicas para o desenvolvimento da atividade turística, através de prévios processos de planejamento das regiões turísticas. (ARAÚJO; MOURA, 2004, p. 103).

Era preciso chegar às pessoas, conversar com elas e, “o pior”, convencê-las da importância e necessidade de conversar comigo.

Foi quando a luz de uma ideia fantástica acendeu em minha mente: TEATRO! A arte da interpretação. Era dela que eu precisava para deixar os medos e angústias da timidez de lado e poder enfrentar os desafios da profissão. E foi assim que surgiu um novo amor por um novo jeito de fazer arte. No primeiro espetáculo, Ana Terra, uma adaptação da obra de Érico Veríssimo, com o grupo Ouse, pude não apenas atuar, como cantar e fazer a trilha sonora da peça, ao vivo.

Isso me encantou e me fez perceber a importância que a arte e a cultura podem exercer na vida de um indivíduo. Não apenas aquele que participa de sua execução, mas, principalmente daquele que as aprecia. Foi aí que eu percebi o quanto eu era alheio à minha cultura de raiz. Eu não conhecia muitos artistas locais, menos ainda acompanhava os trabalhos realizados por eles. E, o pior, eu não conhecia a história da minha terra, do meu povo.

Ao refletir sobre isso e observar a realidade ao meu redor, percebo que este distanciamento é compartilhado por muitos cearenses. Somos um povo rico de manifestações culturais, mas que pouco se preocupa em preservá-las e, principalmente, valorizá-las.

Agregar novos aspectos de encantamento dos visitantes pode ser uma alternativa bastante viável de ganhos não apenas financeiros, mas de valorização cultural, uma vez que o turismo é um elo com o mundo. A apropriação da cultura de uma sociedade como atrativo turístico⁵ é uma oportunidade importante para o desenvolvimento local e tem sido valorizada por uma parcela importante dos viajantes, como será demonstrado neste estudo.

O turista quando se dispõe a conhecer novas realidades, mesmo que de forma discreta, demonstra interesse em conhecer o passado daquele local que está visitando, até mesmo para entender melhor os costumes e tudo o que está em sua volta.

A força dos atrativos turísticos que exploram paisagens naturais, o calor do sol e os momentos agradáveis nas praias de Fortaleza, tudo isso é indiscutível e preenche boa parte do tempo dos visitantes. Mas boa parte desses encantos está

⁵ Esta pesquisa segue a conceituação de atrativo turístico de Barretto (1998), como sendo “aquilo que atrai o turista. Do ponto de vista do núcleo é o recurso”(BARRETTO, 1998, p.33).

disponível apenas durante o dia, o que abre espaço para o desenvolvimento de atividades noturnas diversas, onde podem estar inseridos aspectos culturais da região.

O marketing turístico aponta a segunda-feira da capital cearense como a mais animada do planeta, no Pirata Bar. As terças-feiras são regadas a humor na Lupus Bier, assim como nos demais dias da semana em diversas outras casas de espetáculo. Também tem a quinta do caranguejo, na praia do Futuro, além da feirinha de artesanato da Beira Mar, sempre acessível a quem visita a cidade.

Com estes atrativos, o turista tem acesso à nossa música típica, que é o forró, à arte manual desenvolvida pelo nosso povo, além de um outro viés cultural mais recente, que identifica e destaca o Ceará no cenário nacional, que é o humor. Vale ressaltar que o contato com estes aspectos acontece, atualmente, de forma estilizada. O forró raiz, por exemplo, com sanfona, triângulo e zabumba, formação básica dos trios “pé-de-serra”, ganha ares de modernidade com guitarra, contrabaixo, teclado e bateria. As vendas de artesanato já não são mais feitas exclusivamente por quem o fabrica. Além disso, nem todas as peças rendadas ou bordadas são realmente artesanais. Existem aquelas reproduzidas em maquinário industrial.

Estilizado ou não, em nenhum destes exemplos o resgate histórico do povo cearense aparece como atrativo turístico. Porém, em setembro de 2016, Fortaleza ganhou uma nova atração: o espetáculo Ceará Show, encenado em um novo teatro que leva o mesmo nome. Trata-se de uma apresentação permanente, que acontece de quinta a domingo, sempre às 20h30. O *folder* do espetáculo o caracteriza da seguinte forma:

Um lugar rico em narrativas e figuras cativantes, que engrandece a cultura do Brasil. Assim é o Ceará. E o Ceará Show é um espetáculo que conta a história de algumas dessas personagens e mostra os sonhos e a força do cearense. Um musical que diverte e emociona toda a família.

Com base nesta descrição, percebe-se que a atração pretende resgatar fatos históricos do Ceará, com base nas histórias de vida de personalidades marcantes. Histórias que têm a superação como marca de um povo obstinado a vencer, apaixonado por sua terra, mas que se permite ser nômade para viver melhores experiências de vida. Tudo isso, contado na forma de um musical, que permite integrar as mais diversas artes como a circense, a interpretação, o canto, a

música e a dança. Um espetáculo indicado para a família, ou seja, que contempla dos mais novos aos de mais idade.

Meu interesse para a execução desta pesquisa, tendo como corpo de estudo o espetáculo Ceará Show, veio de minha experiência como plateia da apresentação. Como jornalista, conhecer de forma mais detalhada histórias de personalidades importantes para o estado e que acabam esquecidas em nosso cotidiano foi instigante. Como músico, experimentar a vivência de ritmos tipicamente nossos, que se integram ao que é mostrado em cena foi encantador. E como ator, contemplar um espetáculo de alta qualidade técnica, com atores talentosos e uma produção impecável, encheu-me de orgulho.

A proposta do Ceará Show é, no mínimo, ousada: realizar um espetáculo permanente em um estado cuja população, de forma geral, não valoriza sua cultura de raiz, apresentado em um teatro construído de forma personalizada às suas necessidades, localizado em uma região de Fortaleza que não contempla equipamentos de valorização histórica da sociedade cearense, como teatros e museus

Por meio desta inquietação, o tema desta pesquisa foi pensado no seguinte viés: a viabilidade de um projeto de atrativo turístico, de temática cultural, instalado em uma região de Fortaleza que não possui outros equipamentos da mesma temática, em um estado cuja população não valoriza, em um contexto geral, a própria riqueza cultural.

O objetivo geral é, portanto, analisar a eficácia do espetáculo Ceará Show como atrativo turístico, em ambiente pouco propício a atividades turísticas vinculadas a um panorama cultural.

Quanto aos objetivos específicos, definimos: descrever o espetáculo Ceará Show; detalhar a execução do projeto cultural, identificar as convergências entre turismo, cultura e comunicação digital, além de averiguar as percepções de turistas e residentes quanto à apresentação.

Para atender a essas inquietudes, o próximo seguimento deste trabalho traz a metodologia utilizada para o alcance dos objetivos elencados acima. A terceira seção trata do histórico de criação do espetáculo Ceará Show, objeto de estudo desta dissertação, seguido da descrição da peça teatral; suas personagens, músicas e danças. Uma quarta seção traz o estado da arte das convergências entre turismo, cultura e comunicação. Por fim, uma análise de conteúdo das impressões

espontâneas dos espectadores publicadas em redes sociais, além das conclusões sobre a viabilidade de um projeto de temática cultural, fora da área de concentração de equipamentos de valorização da cultura cearense, na cidade de Fortaleza.

2 DESENHO METODOLÓGICO

A metodologia utilizada neste trabalho guia a pesquisa de forma a obter os resultados pretendidos nos objetivos. Um caminho traçado de forma analítica, sob duas vertentes bem definidas, quais sejam, a ótica dos produtores do espetáculo Ceará Show, com seus planejamentos, perspectivas e ações para a execução do projeto; e as percepções dos espectadores quanto ao espetáculo, que possam levar a conclusões sobre a compatibilidade ou não do espetáculo como atrativo turístico nos moldes em que foi proposto, ou seja, com foco em temática cultural em um ambiente pouco propício a este tipo de atividade.

Desta forma, propõe-se uma pesquisa qualitativa, uma vez que as crenças, valores e envolvimento emocional do autor deste estudo influenciam diretamente a escolha dos tópicos abordados, do método e da interpretação dos resultados (GÜNTHER, 2006, p.203). Escolha que não deve excluir a quantificação em determinada parte da coleta de dados da pesquisa, com o propósito de atingir generalizações de resultados de maneira consubstanciada (MAYRING, 2002, *apud* GÜNTHER, 2006). Mais à frente, ainda nesta parte, ficará claro como a quantificação será utilizada na coleta de dados desta pesquisa.

Para atingir os objetivos propostos faz-se necessária a utilização de um conjunto de procedimentos sequenciais, denominado método científico (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 24). Para inferir se um projeto de temática cultural fora da área costumeira de concentração de equipamentos de valorização da cultura cearense é de viável execução na cidade de Fortaleza, a pesquisa vai partir da análise de um caso concreto, o espetáculo Ceará Show, para chegar à generalização dessa assertiva.

Tal método é descrito na literatura científica como indutivo. Ele “parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares” (GIL, 2008, p. 10). Esse método é usado nas ciências sociais justamente por partir da observação para só então formular hipóteses, o que difere do método dedutivo, cujo problema inicial já existente será verificado por hipóteses testadas pela observância e pela experiência (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.30).

O percurso traçado para a obtenção de respostas ao primeiro objetivo específico, que é o de descrever o espetáculo Ceará Show, teve início com uma observação não participante individual do espetáculo Ceará Show, ou seja, como um

espectador comum, o que não significa que esta observação não seja feita de forma a capturar argumentos, ideias e conclusões a respeito dos objetivos propostos na pesquisa, mesmo permanecendo de fora do que é observado (KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010, p.68). Foram escolhidas três sessões, em datas aleatórias, nos meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 2016.

Vencida esta etapa, deu-se início à pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de materiais já publicados de forma impressa ou pela internet (GIL, 2008), com intenção de levantar aspectos históricos das personagens representadas no espetáculo. Esse tipo de procedimento é utilizado em trabalhos de caráter descritivo, ao oferecer ao pesquisador a busca de soluções para os problemas da pesquisa (LIMA; MIOTO, 2007).

O detalhamento da execução do projeto cultural foi alcançado com entrevistas. Essa técnica de coleta de dados é utilizada quando há necessidade de obter informações que não podem ser encontradas em registros e fontes documentais (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007). As informações sobre o processo criativo do espetáculo foram obtidas com entrevistas não estruturadas, que buscaram, por meio de conversação, a obtenção de dados relevantes ao problema da pesquisa (BARROS; LEHFELD, 2007). As entrevistas diretas, ou seja, na presença do entrevistado, e não estruturadas, foram do tipo focalizada, com base em um roteiro de itens a serem pesquisados. Apesar de haver roteiro, o pesquisador tem a liberdade de fazer as perguntas que julgar necessárias, a fim de sondar as informações oferecidas pelo entrevistado, sem obedecer ao rigor de uma estrutura formal (LAKATOS; MARCONI, 1995).

Duas entrevistas seguiram esta técnica de coleta de dados. A primeira foi com o idealizador do espetáculo Ceará Show, Fernando Cattony. Ela aconteceu no dia 20 de dezembro de 2016, no camarim dos músicos, no teatro Ceará Show, e teve duração de duas horas e quinze minutos. O registro da entrevista foi feito pelo próprio pesquisador, por meio de gravador digital de áudio e anotações. Os questionamentos foram direcionados no sentido de obter informações sobre o histórico de planejamento e execução do espetáculo.

O segundo entrevistado foi o diretor musical do espetáculo, Carlinhos Crisóstomo. A entrevista aconteceu no dia 5 de janeiro de 2017, na sala de música do Colégio Estadual Jenny Gomes, em Fortaleza-CE, onde o entrevistado é professor. A duração foi de quarenta minutos, com registros feitos em gravador

digital de áudio e anotações pelo pesquisador. O direcionamento dos questionamentos foi acerca da composição das músicas, relacionadas à escolha dos ritmos musicais propostos no espetáculo. Outro tipo de entrevista utilizado nesta pesquisa, também direcionado à temática musical foi o de grupo. O encontro aconteceu no camarim dos músicos do espetáculo Ceará Show, no dia 8 de janeiro de 2017, com registros feitos em gravador digital de áudio e anotações pelo pesquisador. Os músicos participantes da entrevista foram: Rodrigo Santos, Ribamar Cordeiro, Melquíades, Ferreirinha e Agenor Pereira. Para obtenção deste segundo objetivo específico, também foram utilizadas entrevistas publicadas no material audiovisual de divulgação do espetáculo, presente na página do espetáculo Ceará Show na internet.

Essas entrevistas foram transcritas e, posteriormente, analisadas. É importante salientar que esta etapa se constituiu no primeiro contato direto com o grupo, visto que por três vezes o pesquisador assistiu ao espetáculo, mas não teve contato direto com atores, músicos e produtores. Foi o encantamento que gerou o despertar para esta pesquisa.

A intenção, no início da pesquisa, era entrevistar apenas o idealizador do espetáculo. No entanto, diante da complexidade das temáticas abordadas na apresentação, o diretor musical e os músicos tornaram-se fontes importantes. A partir dessa realidade, suas falas foram consideradas igualmente relevantes.

Para obtenção de respostas ao terceiro objetivo específico, qual seja identificar as convergências entre turismo, cultura e comunicação digital, foi feita uma pesquisa bibliográfica em livros, além de dissertações, teses, e artigos científicos sobre as seguintes categorias de análise: turismo, cultura, internet, comunicação social e redes digitais, disponibilizados em diversos portais científicos da internet.

Também foram levantados dados do Ministério do Turismo sobre turismo cultural. Essa busca, de caráter qualitativo teve, como fim, dar suporte teórico à relação de eficácia entre o espetáculo Ceará Show e a promoção do turismo no Ceará, por meio de um atrativo de entretenimento de temática cultural.

O quarto e último objetivo específico, de averiguar as percepções de turistas e residentes quanto à apresentação teatral, foi alcançado por meio de uma análise quanti-qualitativa do conteúdo de postagens de avaliações feitas na internet de forma espontânea pelos espectadores do Ceará Show, de quatro meses após o

início das apresentações. O universo da pesquisa é constituído pelos usuários da internet, que são estimulados a compartilhar avaliações de lugares, espetáculos e de outras experiências em redes sociais e páginas destinadas especificamente ao conteúdo a ser avaliado. Porém, esse universo é tão numeroso que necessário se faz trabalhar com uma amostra específica e não probabilística destes usuários, menor e representativa quanto aos anseios desta pesquisa (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.98). Desta forma, a pesquisa concentrou esforços em buscar as avaliações contidas na principal rede social em atividade no mundo, o Facebook, bem como na principal página relacionada a atividades turísticas, também em nível mundial, o TripAdvisor. Tem-se, portanto, como amostra, os comentários a respeito do Ceará Show nestas duas plataformas.

Figura 3 – Facebook anuncia 2 bilhões de usuários



Fonte: <<https://www.facebook.com/FacebookBrasil/>>.

A escolha do Facebook como plataforma de coleta de dados deu-se pelo fato dele ser a rede social com o maior número de usuários do mundo, totalizando dois bilhões de contas ativas⁶, conforme apresenta a Figura 3.

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/FacebookBrasil/>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

Já o TripAdvisor foi escolhido por ser o principal portal de viagens e informações destinadas ao turismo do mundo⁷, com mais de quinhentos milhões de avaliações e 390 milhões⁸ de visitantes únicos⁹ mensais.

A coleta de avaliações do espetáculo Ceará Show, nas duas plataformas, foi feita no dia 3 de fevereiro de 2017. Chegou-se a um total de 483 avaliações do espetáculo. Destas, foram escolhidas dezessete para a análise de conteúdo deste trabalho, seguindo os seguintes critérios: avaliações com conteúdo que denotasse sentimento de pertença em relação à cultura cearense ou que considerassem o conteúdo histórico do espetáculo como ponto de destaque para o espectador. Estes são os dois pontos estruturantes presentes na descrição do espetáculo, apresentada na introdução deste trabalho. As demais avaliações, que se resumiam a classificação em estrelas ou com conteúdos que não continham escrito ao menos um período completo como, por exemplo, as que continham simplesmente as palavras “legal”, “gostei”, foram descartadas para fins da análise de conteúdo deste estudo.

Os usuários de internet, cujas avaliações foram analisadas nesta pesquisa, tiveram os nomes preservados, uma vez que a informação da identidade de cada um não tem relevância para o estudo. O contrário foi feito em relação às entrevistas realizadas. Os entrevistados tiveram a identidade revelada, mediante termos de consentimento livre e esclarecido (ver Apêndice), uma vez que a identificação do entrevistado e sua atuação no espetáculo Ceará Show são informações relevantes para o estudo.

Desta forma, venceu-se a primeira fase da análise de conteúdo, das três propostas por Bardin (2011); a de pré-análise, um primeiro contato com o material a ser analisado, seguido da escolha do que vai orientar a investigação.

Na segunda etapa da análise, a de exploração do material, os comentários foram categorizados e classificados de acordo com o tema a que se referiam. Foram criados três conjuntos: 1) o de conteúdo histórico, com nove avaliações; 2) o de conteúdo que demonstrasse sentimento de pertença pela cultura

⁷ Fonte: comScore Media Metrix para os sites do TripAdvisor, dados mundiais, dezembro de 2016. Disponível em: <https://tripadvisor.mediaroom.com/br-about-us>, acesso em 22/07/2017.

⁸ Registros do TripAdvisor, referentes ao 1º trimestre de 2017. Disponível em: <https://tripadvisor.mediaroom.com/br-about-us>, acesso em 22/07/2017.

⁹ A contagem de visitantes únicos contempla a quantidade de pessoas que visitaram o endereço de internet, independentemente da quantidade de vezes que o fizeram.

cearense, com quatro avaliações; 3) e o de conteúdo misto, histórico e de sentimento de pertença, com outras quatro avaliações. Dessa forma, torna-se possível analisar de forma mais estruturada os resultados, para confirmar ou modificar o pressuposto na hipótese geral deste trabalho.

A terceira e última etapa da análise, a do tratamento dos resultados, buscou percepções daquilo que está latente nos comentários dos internautas. Tudo isso tendo como base o arcabouço teórico das categorias de análise previamente percorridas, para dar sentido à interpretação.

Dessa forma, ao analisar as percepções dos espectadores em consonância com a descrição, histórico do espetáculo e fundamentação teórica das categorias de análise foi possível chegar a uma conclusão quanto a eficácia do espetáculo Ceará Show como atrativo turístico da cidade de Fortaleza, capital do Ceará.

3 CEARÁ SHOW – AGORA EU CONHEÇO!

Figura 4 – Banner de divulgação do espetáculo



Fonte: Facebook¹⁰.

Toda a contextualização, relatos e detalhes do espetáculo musical Ceará Show (ver Figura 4) percorridos neste trabalho são fruto de entrevistas realizadas com o idealizador e produtor executivo do espetáculo, Fernando Cattony; com o diretor musical, Carlinhos Crisóstomo; além de roda de conversa com músicos que compõem a ficha técnica do Ceará Show e material de divulgação do próprio espetáculo.

3.1 A LOGÍSTICA PARA TORNAR UM SONHO POSSÍVEL

O espetáculo Ceará Show foi idealizado pelos produtores executivos Davys Veloso e Fernando Cattony. Os dois, atores profissionais, eram proprietários da empresa Garis Soluções Empresariais, que trabalhava com projetos artísticos voltados para o desenvolvimento humano dentro de ambientes corporativos.

Uma das clientes da empresa era a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis no Ceará, a ABIH-CE, que contratou os serviços para o treinamento de colaboradores de hotéis, no ano de 2012, nos preparativos para a Copa das Confederações¹¹. Nesta época, o hotel Brasil Tropical foi um dos que recebeu o

¹⁰

Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.463237510533151.1073741827.463219053868330/563649493825285/?type=3&theater>>.

¹¹ Torneio de futebol organizado pela Fifa a cada quatro anos, que reúne equipes de oito nações. A Copa das Confederações de 2013 foi realizada no Brasil e teve jogos em Fortaleza.

treinamento. Coincidentemente, os idealizadores do espetáculo Ceará Show já haviam realizado cursos de interpretação no espaço anexo ao hotel, onde, à época, funcionava uma boate.

Figura 5 – Percurso do calçadão entre a Praia de Iracema e a do Meireles



Fonte: <<http://mardoceara.blogspot.com.br/2012/06/nafragios-da-enseada-do-mucuripe-e.html>>.

Em uma das reuniões de trabalho entre a empresa dos idealizadores do espetáculo e a cliente ABIH-CE, surgiu a demanda para que fosse suprida uma lacuna no turismo de Fortaleza. Apesar dos atuais problemas de segurança e infraestrutura, observa-se uma infinidade de atrações diurnas na capital cearense. A construção dos calçadões, nos últimos vinte anos, na parte litorânea de Fortaleza, que permeiam os bairros Meireles e Praia de Iracema, como mostrado na Figura 5, contribuiu para a ocupação desses espaços pelos residentes, como também para a efetivação da área como polo turístico.

Porém, à noite, pela percepção dos envolvidos na conversa, as opções para os turistas seriam reduzidas, tendo o humor como característica marcante:

Ele tem o show de humor, com várias casas, tem bons restaurantes, tem a feirinha da Beira Mar, mas o que fazer no Dragão do Mar? É só passear e conhecer à noite os barzinhos. Culturalmente é oferecido pouca coisa (CATTONY).

É válido contextualizar o humor no cotidiano cearense. A irreverência e a alegria do povo cearense, exploradas nos shows de humor noturnos, foram estereotipadas pelo termo Ceará Moleque. Para Cunha (1962), essa molecagem seria um jeito de ser nato de todo cearense:

O moleque do Ceará manifesta-se repentinamente em qualquer cearense, e neste momento não há preocupação de classe ou posição social; desembargadores, militares, políticos, eclesiásticos, comerciantes, caixeiros, gentes da rua, zé povinho, respeitosas, engraxates, mães de família, mocinhas, todos enfim, que nasceram no Ceará, guardam em si uma molecagemzinha para disparar quando menos se espera(CUNHA, 1962, p.44).

Mas este não foi o primeiro sentido dado à expressão. Leão e Secundo (2015, p.80) apontam que, no século XIX, o termo Ceará Moleque “era sinônimo de atraso nas atitudes e ideias, falta de nobreza (polidez) e canalhice, significando a exposição pública da vida alheia”.

Atualmente, a expressão passa ao turista a ideia de que o Ceará é uma referência em artistas vinculados ao humor. Essa vinculação do estado com o fazer rir fez surgir, inclusive, o Museu do Humor Cearense¹². O equipamento foi inaugurado em abril de 2014, atendendo a um projeto museológico necessário para a salvaguarda das peças do acervo do Teatro Chico Anysio, fundado em 1991, na mesma localização.

Durante a entrevista realizada para esta pesquisa, Cattony foi questionado sobre se, na opinião dele, o humor poderia ser considerado um aspecto cultural cearense. A resposta foi afirmativa, uma vez que o estado possui ícones de reconhecimento nacional no âmbito do humor. Mas ele teceu uma crítica quanto à forma como o humor é trabalhado nas casas de espetáculo de Fortaleza:

Novos humoristas que começaram a criar um formato e um padrão que levou para um lugar que é do humor fácil. Eu vou pegar o alguém de “Cristo”, vou escarnecer essa pessoa, os outros idiotas vão rir desse coitado e, eu, garantir minha piada. Eu tenho que constranger alguém para poder os outros rirem desse condenado. Só que isso gera o que? Gera constrangimento. Às vezes o cara é só termo de baixo calão. Pesa muito no vocabulário. Então, não é um programa para família (CATTONY).

¹² Localizado na Av. da Universidade, 2175, bairro Benfica, em Fortaleza/CE.

Esta forma de fazer humor, descrita como sendo prática corriqueira em espetáculos da atualidade, traz em seu âmago a molecagem dos primeiros significados da expressão, ao expor, com falta de polidez, características da vida alheia. Talvez o significado da expressão “Ceará Moleque” nunca tenha mudado ao longo dos anos. Mas a forma de encarar as “molecagens” pode ter ficado mais leve, tendenciosa a recepcioná-la como forma de humor.

O que acontece de mau gosto, de forma proposital, é o que Umberto Eco (2001) chama de “a estrutura do mau gosto”. Segundo o autor, é o *Kitsch*, definido no campo artístico, como a pré-fabricação e a imposição do efeito. O “mau gosto” ou o *Kitsch* na arte é uma mentira estrutural, é o falso, é o que está fora do contexto original. No caso dos shows de humor, esse mau gosto produzido deliberadamente, com palavras indecentes, preconceituosas e, algumas vezes, desrespeitosas, tem a intenção de chocar ou escandalizar o público para a produção do riso.

Cattony acredita no artista como um ser capaz de transformar vidas. Daí a importância do esmero na condução do trabalho, que se distancia do *Kitsch*, para que ele seja edificante a quem assiste:

A nossa preocupação é que o que a gente tá jogando para o nosso público, que seja legal, seja interessante, seja bacana, seja construtivo, agregue valor a ele, seja transformador, porque a arte, ela tem esse poder de transformação. Qual era o grande medo na época da ditadura militar? Era o meio artístico, né? (CATTONY).

A partir deste momento, os idealizadores traçaram a missão do que viria a ser o espetáculo, a de ser construtivo e transformador para quem assistisse. Além disso, o projeto deveria ser de entretenimento, ter como o foco o turista e falar do cearense.

Os idealizadores passaram então a observar e analisar o contexto artístico de Fortaleza e perceberam que espetáculos e atrativos destinados ao público local têm uma característica sazonal, como um tempo de validade de atratividade. Não existia espetáculo permanente destinado ao público local. O contrário foi observado em atrações turísticas como o Pirata Bar, o Lupus Bier, a barraca Chico do Caranguejo e o Beach Park, que existem há décadas. O mesmo acontece em âmbito internacional, com espetáculos como Senhor Tango, na Argentina, os musicais da Broadway, Disney e Las Vegas, nos Estados Unidos, além do Circo de Solei, que percorre o mundo com espetáculos que arrastam multidões.

Com isso, foi percebido que um projeto de entretenimento permanente para turistas poderia ter viabilidade, mas a temática de falar sobre o cearense causava dúvidas. A inquietação tinha relação com a forma como o cearense lida com a própria cultura. O fato de não haver preservação de aspectos culturais, assim como acontece em outros estados do país, incomodava. Mas uma explicação trouxe um pouco mais de tranquilidade:

Pesquisando, nós fomos ver, o cearense [...] ele é um nômade. Ele tem muito da influência do Árabe, do Libanês, no que diz respeito ao comerciante. Ele é um comerciante, ele é um caixeiro viajante, ele é um cara do mundo que, no espetáculo, é traduzido isso. O cearense é do mundo, ele não é daqui, em todo canto do mundo tem cearense. (CATTONY).

O fato de o cearense ser “do mundo” foi tido como explicação para a falta de apego para o que é dele. Mas isso não é unanimidade no estado. Determinadas regiões, como a do Cariri, conseguem manter vivas algumas manifestações culturais, com sentimento de orgulho por elas ainda existirem.

Para Geertz (1988), embora o investigador possa tratar de uma cultura como capaz de descrição objetiva, na análise final, a cultura compreende as coisas que a gente tem, faz e pensa, uma vez que, socialmente, a cultura pode ser aprendida e também poderá ser reaprendida, pois a realidade da cultura é psicológica, em termos de suas próprias estruturas e métodos.

E, em meio a todos os questionamentos, o espetáculo começou a ser desenhado. Contar toda a história do estado em um período curto de uma hora e vinte minutos seria humanamente impossível. Mas uma outra solução parecia mais viável; a de falar sobre os motivos do cearense ser uma figura guerreira, motivada pela paixão, pelo amor e disposto a andar, mesmo sem rumo, em busca do que deseja.

Foi feita, então, uma experimentação. Os idealizadores conseguiram espaço em um evento, realizado no ano de 2014, que reuniu, em Fortaleza, os cem agentes de viagens e guias de turismo de maior destaque do Brasil. Eventos como este são denominados *Famtour*¹³. A ideia era mostrar a estes profissionais do turismo o projeto do espetáculo. Todo o ambiente foi decorado e recebeu iluminação

¹³ Convite feito a distribuidores de um produto turístico para que eles possam visitá-lo sem custos. O objetivo é familiarizar o distribuidor, para que ele possa oferecer o destino ao cliente com mais propriedade.

especial. Os idealizadores, caracterizados de vaqueiros, com roupa de Espedito Seleiro¹⁴, apresentaram o projeto aos profissionais de turismo. Em um determinado momento, entrou em cena um sanfoneiro tocando Asa Branca, de Luiz Gonzaga e, em seguida, um grupo de percussionistas, todos caracterizados de personagens cearenses diversos:

Meu irmão, tu não acredita, não. O povo chorava, os guias; ficou todo mundo de pé, chorando, cara. Foi uma coisa doida, assim, tão emocionante, cara, porque era o pessoal de fora. Aí eles viram a integração do lance da cultura, como que aquele povo se caracterizou. Foi uma coisa doida, durou não sei quanto tempo aquela onda. Porque eles entraram em outras músicas, entraram em outros baiões que o sanfoneiro começou a puxar. Foi um lance super doido e o povo cantando e dançando, todo mundo. Virou uma apoteose, uma grande festa. (CATTONY).

Ao final da apresentação, os guias receberam um relatório sobre a ideia do espetáculo, além do projeto. Eles também preencheram um questionário. As respostas do questionário sinalizavam que a ideia tinha tido boa receptividade dos cem melhores profissionais de turismo do país.

A motivação da escolha do tipo de espetáculo – musical - também foi planejada com base em pesquisas. Os idealizadores perceberam que em nível eixo Rio-São Paulo e até mundial, o musical é um tipo de entretenimento de vida longa, que movimenta bilhões de dólares. Além disso, tem potencialidade de englobar as mais distintas manifestações artísticas; como música, canto, dança, dramaturgia, artes circenses e plásticas. E ao estudar o modo de trabalho do Circo de Solei, os idealizadores entenderam o que poderia ser o mote do sucesso:

O Circo de Solei é um grande show de música, com espetáculo fantástico, de visual extremamente tecnológico e alucinante; uma coisa que hipnotiza. Eles têm, lá dentro, um shopping só de souvenirs do circo, do espetáculo, com figurino, com adereços. Peças requintadíssimas, caríssimas, como coisinhas de bibelô, lembrancinhas, e vende que nem água. Então, eles juntaram tudo [...] que não tinha. É um circo, mas eles fizeram o diferente. Então, em vez de matar e enterrar, eles ressuscitaram, revitalizaram e, hoje em dia, é um sucesso. Cada espetáculo é uma coisa de doido. Então, aqui, tem um negócio. (CATTONY).

Restava, então, entender como um negócio deste tipo poderia se tornar realidade no Ceará. Nesse ponto, eles receberam consultoria especializada do Sebrae e montaram um plano de negócio. De posse desse instrumento, eles

¹⁴ Espedito Seleiro é um artesão de Nova Olinda, no Ceará, que produz artigos em couro. Sua arte é reconhecida internacionalmente. Foi agraciado com o título de Mestre da Cultura Cearense.

entraram com um projeto na Lei Rouanet¹⁵, para a montagem do espetáculo e deram início à busca de patrocínio e espaço para a realização da peça.

Dentre os possíveis espaços para a realização do espetáculo estavam o teatro do Ibeu, o shopping Via Sul e o do shopping Rio Mar. Enquanto as negociações aconteciam, a busca por patrocínio começava a dar resultado. Ao apresentarem a proposta ao Beach Park, foram surpreendidos com o desejo da direção do empreendimento de não simplesmente ser patrocinador e, sim, sócio:

A gente é doido, mas não somos doidinho. E quando mostrou o plano de negócio, ele, - caracaaaaa meu irmão, valha meu Deus, agora vocês estão falando minha língua. Porque o cara é um gestor. Ele viu que o que a gente estava apresentando a ele tinha substância. Não era coisa de doido, de doidinho, era coisa de doido, de cara que é empreendedor, de cara que tem visão, de quem tem sangue nos olhos (CATTONY).

Enquanto isso, o espaço da antiga boate do hotel Brasil Tropical ficou vago. Era o local onde os idealizadores já haviam realizado um curso. Eles conheciam, gostavam, achavam adequado. E conseguiram fechar um novo contrato de sociedade, para que o local fosse transformado em teatro, com a reforma custeada pelo hotel. Os idealizadores administraram a obra, realizada pela Construtora Veloso, do pai do produtor executivo do espetáculo, Davis Veloso; uma empresa de Sobral, no norte do Ceará, que concentrou toda a força de trabalho em Fortaleza para viabilizar o espetáculo.

Os trabalhos duraram um ano e oito meses. Foram retiradas do local mais de quinhentas toneladas de entulho. Tudo para erguer um teatro com 338 lugares, em cinco setores, que possibilitam valores diferenciados para cada tipo de visão. A obra terminou no dia da estreia do espetáculo, em 29 de setembro de 2016.

O teatro, que recebeu o mesmo nome do espetáculo, Ceará Show, fica afastado cerca de quatro quilômetros de equipamentos culturais como o Museu do Ceará e o Teatro José de Alencar, no centro de Fortaleza. Em contrapartida, foi erguido em uma localização privilegiada turisticamente, na avenida Abolição, 2323, no Meireles, bairro que concentra uma grande quantidade de equipamentos e atrativos turísticos; como hotéis, pousadas, bares, restaurantes e feira de

¹⁵ Lei de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991), também conhecida por Lei Rouanet, que institui políticas públicas para a cultura nacional, como por exemplo, o Programa Nacional de Apoio à Cultura (PRONAC).

artesanato, além do calçadão da avenida Beira Mar, porém, longe do ponto de concentração de equipamentos culturais da cidade.

Para a montagem do espetáculo, os idealizadores contaram com o aporte financeiro da lei Rouanet, uma política pública¹⁶ imprescindível para a execução do projeto, conforme salienta Coriolano e Barbosa (2012):

O Estado, por meio de políticas públicas, fomenta e promove a atividade, incentiva a ação de micro e macro empresários do turismo, mediante incentivos fiscais, viabiliza a implantação de equipamentos, infraestruturas, e condições necessárias ao atendimento, em especial a visitantes e investidores privados, tendo em vista interesses políticos e dinamização da economia local pela atividade turística (CORIOLANO; BARBOSA, 2012, p. 69).

As secretarias de turismo estadual e municipal não fecharam parceria com o espetáculo, segundo Cattony, por dificuldades operacionais do período eleitoral, mas esse apoio público municipal e estadual ainda é aguardado:

A nossa preocupação era que o projeto pudesse ter várias vertentes. Ele ser cultural, porque ele tá ficando com arte, ele tá ligado ao turismo, ele tá ligado à educação, porque através dele, a gente pode difundir estudo como ponto de partida para discussões em sala de aula, para né... trazer discussão do ensino mesmo, e de ação social em duas vertentes: numa de gerar acessibilidade às classes menos favorecidas que não tenham acesso a equipamentos de entretenimento, ainda mais desse porte. Com certeza uma classe D e E não tem condições de pagar um ingresso de R\$ 90, nem de 40 que mais barato [...] uma grande preocupação é que o nosso elenco basicamente pudesse vir dos projetos sociais de maior relevância que tem dentro do Estado. (CATTONY).

A ausência de parceiros locais que se disponibilizassem a criar o espetáculo fez com que os idealizadores procurassem o ator Silvio Guindane¹⁷, que veio à Fortaleza com toda uma equipe de direção, cenografia, iluminação e som para montar o Ceará Show. Foram quatro meses de ensaios, como é possível ver na Figura 6.

¹⁶ Entende-se por política pública as ações do Estado voltadas para o interesse geral da sociedade. A política pública do turismo então deve ter como premissa o desenvolvimento harmônico da atividade (CORIOLANO e FERNANDES, 2014, p.146).

¹⁷ Nascido no Rio de Janeiro, em 19 de setembro de 1983, Silvio Guindane é ator e diretor de teatro. Atua em filmes desde os 11 anos de idade, participou de novelas e é um artista bastante presente no teatro brasileiro.

Figura 6 – Ensaio do espetáculo

Fonte: Facebook¹⁸.

Muitos deles começavam às dez da manhã e terminavam às oito horas da manhã do dia seguinte. Tudo isso após um processo seletivo que atraiu cerca de quatrocentos artistas:

É puxado. Um padrão altamente profissional, que veio pela bagagem do Silvio e não podia ser de forma diferente; e que se não fosse por essa pegada dele, não tinha saído de forma alguma. A gente querendo às vezes pegar leve com a galera e ele, - Meu irmão não dá, senão, não vai sair. Como eu estou assinando, eu quero que a gente dê o sangue aqui, senão, não rola (CATTONY).

O custo da montagem do espetáculo girou em torno de cinco milhões de reais. O custeio mensal é de duzentos e cinquenta mil reais. A equipe é de quarenta pessoas, contratadas pelo regime da CLT, com média salarial de dois mil reais.

18

Disponível em:
<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.486779971512238.1073741828.463219053868330/643007632556137/?type=3&theater>>.

3.2 O ESPETÁCULO

O Ceará Show conta a história de Moacir, conhecido como Moa. Um jovem que guarda um amor de infância, Cecília. A família da garota decide ir para São Paulo, por conta das condições financeiras precárias. É neste momento que Moa alimenta o sonho de partir junto com o circo para o Sudeste do país para viver ao lado de seu amor. O casal pode ser visto na Figura 7.

Figura 7 – Moacir e Cecília em apresentação de dança



Fonte: Facebook¹⁹.

A partir deste ponto, a narrativa ganha um aspecto de sonho, que leva o protagonista a uma viagem lúdica, repleta de histórias e riquezas do Ceará, terra do garoto.

Junto com o avô, seu Dito, Moa finaliza a construção de uma jangada para seguir viagem, no momento em que falta a madeira típica das embarcações mais antigas, a piúba. Ele sai à procura e passa a encontrar personagens que fizeram parte da história do Ceará. A cada encontro, um misto de falas, músicas e danças estilizadas (ver Figura 8) nessa saga em busca da piúba até a volta para casa com uma agradável surpresa.

19

Disponível em:
<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.486779971512238.1073741828.463219053868330/573779286145639/?type=3&theater>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Figura 8 – Número de dança



Fonte:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.486779971512238.1073741828.463219053868330/650190041837896/?type=3&theater>>.

O Ceará Show é um espetáculo do tipo musical, que reúne cerca de quarenta profissionais, entre atores, músicos, dançarinos e equipe técnica. Parte do elenco pode ser conferida na Figura 9.

Figura 9 – Agradecimento dos atores ao final do espetáculo

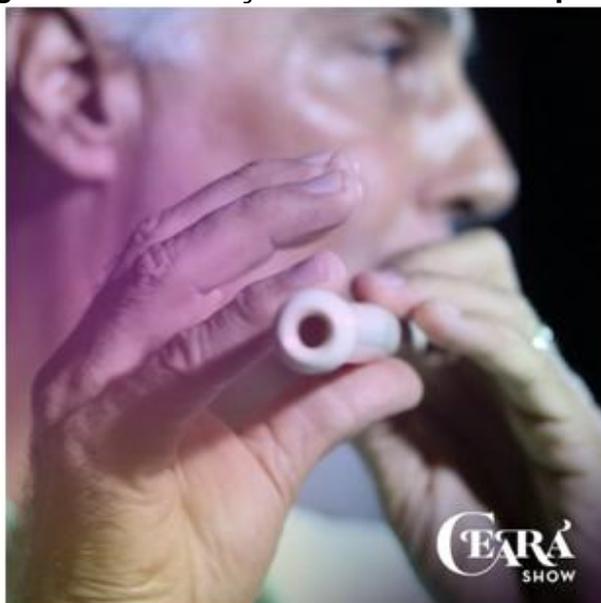


Fonte:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.519385364918365.1073741832.463219053868330/519387198251515/?type=3&theater>>.

Os atores cantam ao vivo, acompanhados de uma banda, formada por músicos cearenses, que tocam instrumentos típicos da cultura local, como sanfona, zabumba, triângulo e pífano, conforme demonstrado na Figura 10.

Figura 10 – Execução de melodia com pífano



Fonte:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.486779971512238.1073741828.463219053868330/593590187497882/?type=3&theater>>.

No palco, as músicas são acompanhadas por coreografias executadas pelo corpo de baile e também pelos atores. A proposta da coreógrafa Katiana Pena²⁰ traz danças típicas do cotidiano cearense, como o forró, com toques contemporâneos, que estilizam as performances e dão um toque de modernidade, conforme visto na Figura 11.

²⁰ Educadora física, bailarina, coreógrafa, formada pelo Curso Técnico em Dança e pela Edisca. Atualmente é diretora do Studio de dança Katiana Pena.

Figura 11 – Coreografia estilizada



Fonte:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.486779971512238.1073741828.463219053868330/655720551284845/?type=3&theater>>.

A cenografia, criação de Luiz Stein²¹, foi pensada de forma a inserir o espectador em um contexto típico das moradias do sertão cearense. Logo na entrada do teatro, o espectador se depara com paredes de barro. A lanchonete tem características típicas dos comércios do interior cearense, conhecidos popularmente como bodegas, como demonstrado na Figura 12.

²¹ Nasceu em 1956 no Rio de Janeiro. Esteve sempre ligado à música, realizando trabalhos multidisciplinares de projetos que vão do desenho gráfico de discos e cartazes, área onde mais se fixou, à realização de vídeos e clipes, e da concepção de cenários e figurinos.

Figura 12 - Detalhes da fachada da bodega, com parede, portas e telhado rústicos



Fonte:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.511034659086769.1073741831.463219053868330/511035072420061/?type=3&theater>>.

Esses pequenos comércios, muito antigos, surgiram onde predominavam práticas comerciais primitivas, como trocas e escambos, comuns no início da ocupação dos sertões brasileiros. Pontos de referência dos bairros mais antigos, as bodegas, também conhecidas como vendas ou mercearias em outras regiões do país, resistem às modernizações, mantendo as típicas características, coexistindo junto aos empreendimentos modernos, como os supermercados. Os donos zelam pelo fiado anotado em uma caderneta. A mercadoria pode ser vendida a “retalho”²², empacotadas no tradicional papel embrulho e pesadas nas velhas balanças e não têm caixa registradora. (SANTOS, 1996; HOLANDA, 2011; DINIZ, 2004).

Já no interior do teatro, as laterais do proscênio receberam elementos cênicos que emolduram a história e até dialogam com algumas cenas. Tem rede de pesca, brinquedos artesanais, chocalho de animais, oratório com imagem de Padre Cícero (Figura 13) e cordéis, que são livretos de literatura popular.

²² No Ceará, diz-se “a retalho” quando o produto é vendido fracionado.

Figura 13 – Oratório de Padre Cícero como elemento da cenografia



Fonte:
<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.511034659086769.1073741831.463219053868330/511034802420088/?type=3&theater>>.

A cortina do espetáculo é feita em tecido de cores vibrantes, com acabamento em fios trançados, que lembram o de uma rede de dormir, conforme visto na Figura 14.

Figura 14 – Cortina do espetáculo

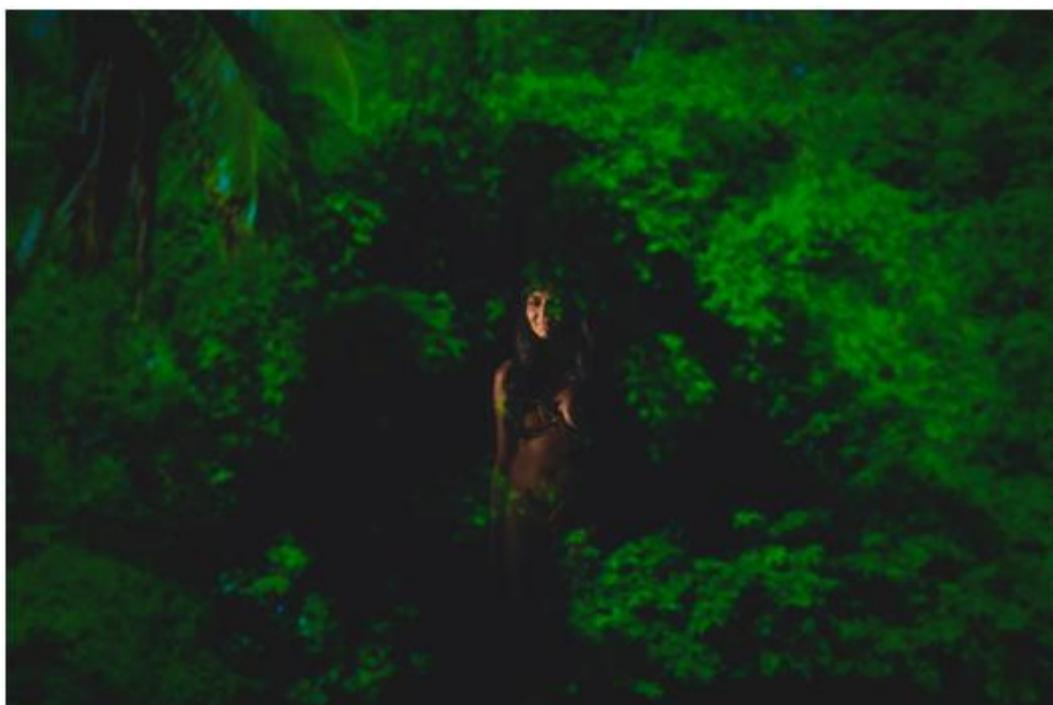


Fonte:
<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.511034659086769.1073741831.463219053868330/511034799086755/?type=3&theater>>.

Os primeiros estudos etnográficos realizados sobre o Ceará já acusavam a presença da rede de dormir e a existência dos trançados variados no período pré-colonial. A técnica hoje utilizada consolidou-se no fim do século XIX. No Ceará, a arte da renda é considerada o artesanato de maior expansão. As rendeiras continuam presentes na paisagem cearense.

Esses elementos simples contracenam com a tecnologia de vídeo. Uma tela de projeção translúcida permite o diálogo do real com o imaginário. Ela divide o palco. Ora as personagens estão à frente dela; em outros momentos, por trás. Um bom exemplo é demonstrado na Figura 15, na cena em que a atriz que interpreta a personagem Iracema aparece por trás da tela, onde é projetada uma cena de floresta.

Figura 15 – Tela translúcida com projeção



Fonte:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.519385364918365.1073741832.463219053868330/519385688251666/?type=3&theater>>.

As projeções, em determinados momentos, são elementos de cenário. Em outros, contracenam com os atores e ambientam a cena. É o que explica o cenógrafo do espetáculo:

É como se a gente visse a coisa em dois universos. Um é o físico, material. Claro que ele se torna alegoria, porque é uma cena. Mas ela de alguma maneira espelha, retrata uma realidade objetivo. E um outro plano que seria o plano do imaginário. E a nossa tela, essa tela que divide uma parte do palco, ela de uma certa maneira configura esses dois universos: o da imaginação e o da realidade, ou pelo menos o da representação dessa realidade (STEIN).

Todos esses elementos ajudam a inserir o espectador no contexto cultural onde ele será imerso, em seguida, durante o espetáculo. Essa preocupação detalhista vem ao encontro do que é preconizado pelo Ministério do Turismo:

A valorização do patrimônio cultural pode estar presente nos equipamentos e serviços. Procedimentos simples, como a utilização do artesanato na decoração, a contratação de mão de obra local, a definição de um projeto arquitetônico integrado à paisagem cultural e/ou de adaptações para outros usos sem comprometer a integridade histórica e arquitetônica da construção, são alternativas que não exigem investimentos além dos previstos e que podem trazer excelentes resultados. (BRASIL, 2010, p. 69-70)

O figurino do Ceará Show foi idealizado por Cassio Brasil²³ e também segue esta mesma tendência. Ele teve como referência de criação a xilogravura, com cores fortes e diversificadas, conforme salienta o figurinista do espetáculo:

A minha intenção mesmo era fugir dos estereótipos, não propagar mais estereótipos. É claro que tem coisa que é clássica. Padre Cícero é Padre Cícero, uma batina e um chapéu preto. Mas eu fiz questão de que o tecido da roupa dele, a batina, fosse feito com um algodão que provavelmente é dos anos cinquenta. (BRASIL, 2016)

Costa e Santos (2015) defendem que a construção da imagem oferecida por um destino turístico prende a curiosidade de visitantes, com tradições carregadas de valor histórico e afetivo, na tentativa do que eles percebiam as especificidades daquele destino turístico. Ao oferecer ao espectador as peculiaridades do cearense, como o apego à religião por intermédio de Padre Cícero, o canto das rezadeiras, o ritmo contagiante da música e os passos marcantes da nossa dança, o espetáculo Ceará Show promove uma imersão em contatos culturais que, antes, o espectador teria apenas se os procurasse em outros municípios do estado, onde eles acontecem com maior frequência. Essa aproximação é rica em significado e aproxima o turista do destino que ele escolheu.

²³ Cássio Brasil é formado pela extinta Escola Jogo Estúdio, tendo também estudado Desenho com Sílvio Dworecki (entre 1989 e 1999) e História da Arte com Ana Maria Beluzzo, na FAU-USP (de 1990 a 1992). Profissionalmente atua como assistente de direção e figurinista na TV, no cinema e em diversos espetáculos teatrais.

Ajuda a criar uma relação de afeto que é única, por explorar as peculiaridades locais.

Todo esse emaranhado de ideias transformado em músicas, vídeos, elementos cênicos e atuações foi formatado pelo diretor geral do espetáculo, o carioca Silvio Guindane, que também assina o texto junto a Thomas Stavros. Para Guindane (2016), “essa é uma forma que a gente tem de entreter o público, contar uma história, divertir, tendo o Ceará como grande homenageado”.

O Ceará Show é uma narrativa que traz elementos de drama e comédia, sem restrição de idade. Em uma hora e meia de espetáculo, o espectador é submetido a uma série de emoções: ele sente a dor da despedida do casal romântico, acha graça do jeito alegre e espontâneo do avô, se alegra com a chegada da chuva na terra ressecada pelo sol, sente a força da garra cearense no grito do Dragão do Mar.

Por ser um atrativo turístico, o espetáculo é permanente, ou seja, não existem temporadas. As encenações acontecem sempre de quinta-feira a domingo, em sessões únicas, às oito e meia da noite. Ter um cronograma fixo de apresentações é importante para o planejamento turístico, uma vez que agências e os próprios turistas podem planejar, com antecedência, de que forma o espetáculo será inserido no roteiro do passeio.

Outro fator facilitador deste planejamento é a compra virtual dos ingressos, por meio de cartões de débito e crédito, o que permite a reserva de assentos e garante que o turista vai poder assistir à apresentação na data planejada. Mas aqueles que não inseriram o espetáculo previamente no roteiro, também podem adquirir os ingressos na bilheteria do teatro, com a mesma comodidade de pagamento em cartões, a preço único de R\$70,00(setenta reais) inteira e R\$35,00(trinta e cinco reais) a meia entrada, independentemente da posição da poltrona na plateia.

Com o ingresso em mão, o espectador está apto a viver essa experiência de imersão na cultura cearense. Isto é feito passo a passo, por meio das histórias de vida de personalidades cearenses marcantes.

3.3 AS PERSONALIDADES CEARENSES RETRATADAS NO ESPETÁCULO

Um dos maiores desafios de um espetáculo teatral é conciliar a quantidade de informações a serem repassadas ao público com o tempo disponível para a apresentação. A proposta do Ceará Show não é a de contar a história do Ceará, mas a de apresentar personalidades marcantes que fizeram parte dessa história e podem dar ao espectador uma noção das peculiaridades da cultura cearense.

Para isso, os idealizadores elegeram cinco características, que julgaram ser recorrentes entre os cearenses, para compor o enredo do espetáculo: o apego à família, o destemor para enfrentar desafios, a força da mulher, a religiosidade e o humor. Com base nessas vertentes, eles procuraram personalidades cujas histórias se encaixassem em algum desses perfis.

Dessa forma, a fase inicial do espetáculo apresenta as famílias dos protagonistas. A garota Cecília aparece junto ao pai, no drama da mudança de vida para São Paulo. Moacir interage com o avô, seu Dito, e com a mãe. São os laços de sangue valorizados tipicamente pelo povo do Ceará, que se tornam base para a forma que o cearense tem de lidar com a vida.

O menino e a família vêm para mostrar a simplicidade da família do cearense. Dessa formação, surge a nossa criatividade, a parte destemida e aventureira de se jogar e se lançar aos desafios [...] é a relação do amor (CATTONY).

O desafio do garoto Moacir é se lançar ao desconhecido para atingir um objetivo traçado. Nesse ponto, o espetáculo traz duas personagens marcantes: Francisco José do Nascimento ou Chico da Matilde²⁴, o Dragão do Mar, além da figura de um vaqueiro.

²⁴ O apelido Chico da Matilde é em referência à mãe, Matilde da Conceição. Chico era cearense, nascido em Canoa Quebrada, em Aracati, no ano de 1839.

3.3.1 Chico da Matilde, o Dragão do Mar

Figura 16 – Cena da personagem Dragão do Mar



Fonte:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.519385364918365.1073741832.463219053868330/519386258251609/?type=3&theater>>.

Chico da Matilde, representado na Figura 16, foi figura importante na campanha abolicionista no Ceará, que pôs fim ao sistema escravista em 1884, antes da promulgação da Lei Áurea, em 1888, que libertou os escravos em todo o império brasileiro. Tanto que seu nome está inscrito²⁵ no Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.

Conta a história que os motivos da precoce abolição da escravatura no Ceará são mais financeiros que humanitários. Farias (2007) retrata a realidade da época.

Com os preços dos negros escravos em baixa, com a crise econômica local no pós-1870 – lembremos novamente dos efeitos dantescos da seca de 1877-79 e da crise do algodão no período – e com as dificuldades e custos de manter os cativos, começa a ganhar corpo a ideia emancipacionista, surgindo uma forte campanha articulada por segmentos médios, intelectuais, burgueses e até oligarquias agrárias dirigentes, todos “contagiados” pelo ideário liberal e “civilizado” da Europa, onde o capitalismo industrial há décadas condenara o sistema escravista. A *Belle Époque*, os contatos da província com a Europa (cearenses que visitavam aquele continente ou entravam em contato com os viajantes dali provenientes), contribuiu para a formação de uma mentalidade anti-escravocrata. (FARIAS, 2007, p. 131)

²⁵ Lei nº 13.468, de 18 de julho de 2017. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13468.htm>. Acesso em: 22 jul. 2017.

Naquela época, o porto de Fortaleza era precário. Por conta disso, os navios maiores não conseguiam atracar. Para viabilizar o comércio entre as províncias, escravos e produtos vendidos pelo Ceará eram transportados da praia até o navio em jangadas.

Em 1881, intensificaram-se as mobilizações populares em prol da abolição. Uma delas convenceu os jangadeiros de não mais transportar os escravos aos navios, como relata Santos (2009):

Foi um boicote realizado por um grupo de jangadeiros, que impediu o embarque de escravos no navio Pará. A greve teria durado três dias (entre 29 e 30 de novembro de 1881) e contado com o apoio da população. Francisco José do Nascimento, o Dragão do Mar, liderou o protesto, ajudando a construir barricadas, próximo ao porto de Fortaleza. Foi neste episódio que também teria sido proclamada a famosa frase “No porto do Ceará não se embarcam mais escravos!” Daí adquiriu destaque o personagem Dragão do Mar. Neste contexto, José do Patrocínio, famoso abolicionista, veio ao Ceará e o teria batizado com a alcunha “Terra da Luz” (SANTOS, 2009, p. 341).

Pessoa (2016) afirma que “em vigília, localizava alguma embarcação que entrasse no porto do Mucuripe²⁶ e conduzia sua jangada até ela para comunicar o rompimento do tráfico negreiro no estado. O levante custou-lhe, inclusive, a demissão do cargo de práctico do mar, que é o profissional que orienta a atracagem de navios”.

Mas o maior legado da insubordinação foi mesmo o reconhecimento como símbolo da luta contra a escravidão. Em 1884, Chico da Matilde foi levado ao Rio de Janeiro, junto com sua jangada, chamada Liberdade, onde foi ovacionado pela população e recebido, inclusive, pela corte real.

O povo o carregou nos braços pela Rua do Ouvidor, sob uma chuva de pétalas de rosas jogadas das sacadas dos prédios. Encontrou-se alguns minutos com o próprio imperador D. Pedro II e foi retratado na capa da famosa *Revista Ilustrada*. Doou até uma jangada, *Liberdade*, ao Museu Nacional – por pressão dos escravocratas, o diretor do museu foi demitido e a jangada recolhida a um depósito da marinha, onde desapareceu. Em 1889, por ordens de Pedro II, Chico reassumiu o emprego de práctico, tornando-se, no ano seguinte, major da Guarda Nacional. (FARIAS, 2007, p. 133-134)

²⁶ Apesar da menção a porto do Mucuripe, o porto de Fortaleza à época era o local chamado, atualmente, de Ponte Metálica ou Ponte dos Ingleses.

A ousadia de contrariar a lei vigente em prol do ideal libertário deu a Chico da Matilde a consagração do nome Dragão do Mar. Apesar de não ser jangadeiro de profissão, a liderança da categoria o rendeu esta marca.

3.3.2 O vaqueiro

Figura 17 – Encontro de Moacir com o vaqueiro



Fonte:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.519385364918365.1073741832.463219053868330/519386478251587/?type=3&theater>>.

Na outra ponta das personagens que se entregam ao desconhecido em prol de um objetivo está o vaqueiro cearense, representado na Figura 17. No Brasil Colônia, no século XVIII, as terras do estado eram dominadas por grandes fazendas de gado, que era bem adaptado às regiões de caatinga, abundantes em território cearense. Quem cuidava do rebanho em meio aos espinhos e galhos secos da caatinga era o vaqueiro. O gibão, chapéu, peitoral, calças, luvas e sandálias, todos feitos em couro era a proteção do trabalho, que exigia força e coragem. Todas essas alegorias, que na verdade funcionam como uma armadura, contribuem para representar a realidade sertaneja que, conforme Pimentel (1997) é:

[...] a de sertão-plural, como expressão da totalidade dos sertões brasileiros no interior da multiplicidade de compreensões sobre o que a palavra significa, e o sertão-singular, como forma de nomear a economia, a sociedade e a cultura pastoril. (PIMENTEL, 1997, p.24).

Naquele século, o rebanho de gado cearense era grande, bem maior que a capacidade da população do estado em consumi-lo. Dava-se daí a necessidade de vender o excedente. Farias (2007) conta que o gado, vivo, saía do Ceará e era transportado para áreas açucareiras de Pernambuco e Bahia, onde servia de alimento para as camadas mais ricas da sociedade.

Boiadas de cem a trezentas cabeças seguiam pelas estradas e caminhos precários, tangidos por homens pobres, conhecidos como tangerinos, em meio à caatinga, sob o risco de ataques de animais não domesticados, roubos e debaixo do sol sempre implacável.

Recebiam os tangerinos apenas um pagamento em função das distâncias percorridas, pagamento do qual, note-se, era descontado o valor relativo aos animais mortos ou perdidos no percurso. No regresso, os tangerinos traziam produtos importados do exterior ou mesmo produzidos no mercado colonial interno, como roupas, instrumentos de trabalho, peças domésticas e até escravos negros. (FARIAS, 2007, p. 30)

Além das agruras do sertão, o cearense enfrentava a solidão dos caminhos de terra, assim como os jangadeiros enfrentam a solidão do mar, em prol de algo melhor para a família. E nessas idas e vindas tangendo o gado aos gritos e desbravando a caatinga, o vaqueiro acabou sendo um dos responsáveis pela expansão populacional do território cearense, como salienta Farias (2007):

No objetivo de satisfazer as necessidades próprias e as do gado (por água, pastos, etc.), além de buscar auxílio na defesa mútua (contra feras, assaltos, doenças, etc.), muitos dos tangerinos acertavam locais para se encontrar, notadamente nas proximidade de fazendas, rios e nos cruzamentos das “estradas”. Alguns desses pousos dos tangedores de gado chegaram a transformar-se em ranchos e, depois, em povoados, hoje importantes cidades cearenses, como os casos de Icó, Sobral e Quixeramobim. (FARIAS, 2007, p. 30)

A dificuldade do trabalho do vaqueiro pode dar a ele a representatividade, uma condição de bravura, bem característica do povo cearense, que não se intimida com as adversidades e se esforça para superar os obstáculos da vida.

3.3.3 A força da mulher cearense

Figura 18 – Diálogo da índia Iracema com o filho Moacir



Fonte:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.519385364918365.1073741832.463219053868330/519385704918331/?type=3&theater>>.

A primeira representação da mulher cearense no espetáculo Ceará Show é a da índia Iracema (ver Figura 18), personagem do romance do escritor cearense José de Alencar, que recebeu o mesmo nome. Na história, ela se apaixona por Martin, um guerreiro português, e deixa a própria tribo para viver ao lado do grande amor. Os dois são perseguidos pela tribo de Iracema, recebem apoio de outra tribo e, em uma disputa sangrenta, a índia vê o seu povo ser morto. O casal tem um filho, Moacir. O pai vive ausente por conta das guerras, o que gera em Iracema uma tristeza profunda. Ela deixa de se alimentar e morre ao entregar o filho nos braços do pai.

No espetáculo, Iracema aparece em meio à selva e conversa com o filho Moacir, cujo nome significa filho da dor. Ela o encoraja a seguir sempre em frente e

superar todos os desafios. Uma característica que ele, como “o primeiro cearense”, conforme é citado na encenação, iria repassar a todos os demais.

Figura 19 – Diálogo entre Jovita Feitosa e Moacir



Fonte:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.486779971512238.1073741828.463219053868330/582021655321402/?type=3&theater>>.

Mas a presença feminina marcante na história do Ceará também é representada por personagens reais, como Antônia Alves Feitosa, a Jovita Feitosa, conforme cena mostrada na Figura 19.

Em 1864, Brasil, Argentina e Uruguai iniciaram uma guerra contra o Paraguai. Farias (2007) salienta que o Brasil tinha um exército com contingente reduzido, insuficiente para o confronto. À época, o serviço militar não era obrigatório. Então, o governo imperial obrigou as províncias a organizarem “voluntários da pátria”:

As notícias sensacionalistas sobre a “injusta e covarde agressão” paraguaia e promessas de terras, emprego público, pensões para as famílias, extinção das penas para criminosos e alforria para os escravos, de início, levaram muitas pessoas espontaneamente a se alistar para a guerra. (FARIAS, 2007, p. 138)

As mulheres não eram aceitas como soldados, mas o sentimento patriota de Jovita, então com dezoito anos, fez com que ela cortasse os cabelos, usasse vestimenta de homem e fosse a pé do interior do Piauí até a capital para se alistar.

Caminhou léguas a pé, até Teresina, vestida de homem, cabelos cortados ao sistema masculino e cobrindo a cabeça com um chapéu de couro, de vaqueiro. Alistou-se como voluntário da pátria, tinha 18 anos de idade, feições de índio e falar desassombrado (AQUINO, 1982, p 148).

Outra corrente histórica afirma que o alistamento de Jovita, na verdade, foi uma tentativa de acompanhar o noivo, que iria servir na guerra. Mas o disfarce foi percebido e Jovita não foi para a guerra. Mesmo assim, foi incorporada como primeiro sargento, por conta de sua bravura e usada como propaganda para estimular outras pessoas. A história de Jovita terminou cedo, não por conta da guerra, mas pelas próprias mãos, com uma punhalada no coração, aos 19 anos, ao ver o homem com quem vivia voltar ao país de origem sem dar satisfação.

Figura 20 – Agradecimento da esposa do sertanejo pela chegada da chuva



Fonte:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.486779971512238.1073741828.463219053868330/563977007125867/?type=3&theater>>.

Outra figura importante da representatividade cearense é a da mulher do vaqueiro, representada com a força da fé, na Figura 20. Enquanto o homem do sertão sai para garantir o sustento de casa, a mulher assume todas as demais funções de cuidado, com os filhos, a casa, a comida, os animais, as plantações e tudo o quanto mais for necessário para manter a família. Além de ser a mulher o

pilar principal da fé e da religiosidade do povo. Esta garra da mulher do sertão também pode ser, na atualidade, atribuída às mulheres dos grandes centros urbanos, que lidam com múltiplas jornadas de trabalho para o sustento, muitas vezes solitário, da família. Fora tudo isso, a mulher ainda tem força para lidar com o preconceito, com as injustiças e a violência.

3.3.4 A fé em padre Cícero

Figura 21 – Encontro de Moacir com Pe. Cícero



Fonte:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.519385364918365.1073741832.463219053868330/519386598251575/?type=3&theater>>.

A figura de Padre Cícero (ver Figura 21) é o marco maior da religiosidade do povo, não só o cearense, mas de todo o Nordeste. Farias (2007) dá a ele o título de cearense mais conhecido de todos os tempos:

Sua popularidade espalhou-se por todo o país, movimentou romarias durante décadas inteiras, foi alvo de discussões no parlamento, na imprensa e nos meios intelectualizados, colocou a cúpula da Igreja Católica em situação delicada, acirrou discórdias e lutas entre facções políticas. Um homem polêmico. (FARIAS, 2007, p. 173)

Mas ao que parece, o espetáculo Ceará Show deixa o lado político de Padre Cícero de lado e se apega ao apelo religioso, de homem santo e milagreiro, líder do catolicismo popular cearense que valoriza as novenas, missas e procissões.

Padre Cícero chegou a Juazeiro do Norte quando o lugar era apenas uma vila, com uma capela e poucos casebres. Um sonho, onde Jesus o pedia para cuidar dos mais pobres fez com que ele firmasse morada no vilarejo e se tornasse um homem atento às necessidades do povo. A aura de santo recairia sobre Padre Cícero em 1º de março de 1889, quando uma hóstia consagrada transformou-se em sangue na boca da beata Maria de Araújo. O fenômeno se repetiu várias vezes.

Rapidamente a notícia se espalhou pelo país e provocou uma corrida de milhares de pessoas a Juazeiro do Norte para colher os benefícios da presença do sangue de Cristo. Assim começaram as romarias que deram fama e força política a Padre Cícero, além de provocar a ruptura dele com a Igreja Católica, que não admitiu o milagre e acusava o padre de manipular a fé do povo.

O problema é que padre Cícero não comunicou de imediato o milagre aos seus superiores, que souberam do fato de forma indireta. Naquele período, a Igreja Católica passava por um momento político de romanização, como explica Farias (2007):

Se voltava para uma ação interna objetivando a preservação da hierarquia, a submissão dos seguidores, a valorização dos dogmas católicos, o monopólio das autoridades eclesiais sobre qualquer interpretação teológica de fenômenos religiosos. Ora, a questão de Juazeiro se ateria contra tal política. Primeiramente porque padre Cícero, ao afirmar que houve um “milagre” e defende-lo, contrariou e irritou a hierarquia católica, que negou de antemão o fenômeno. Depois porque, dentro da teologia cristã, o “milagre” não poderia ocorrer, pois ia contra uma das mais importantes ideias do catolicismo, o **dogma da transubstanciação** (o princípio da transformação da substância do pão e do vinho no Corpo e Sangue de Cristo) e implicaria numa nova redenção – e, pelos ensinamentos da Igreja, a redenção só poderia ocorrer (e teria ocorrido já) uma única vez. (FARIAS, 2007, p. 176)

Em 1892, após investigações da igreja sobre o milagre, Padre Cícero foi impedido de pregar, confessar e orientar os fiéis. Em 1894, a Igreja negou a autenticidade do milagre. E em abril de 1896, o padre foi proibido de celebrar missas, tendo sido ordenado a sair de Juazeiro do Norte, sob pena de excomunhão em junho do ano seguinte.

Verdade ou não, como fé não se discute, até os tempos atuais, Juazeiro do Norte recebe, anualmente, dois milhões e meio²⁷ de visitantes dispostos a fazer sacrifícios em agradecimento às graças alcançadas por intercessão de “Padim Ciço”, como é conhecido o santo do povo. Todo este apelo de fé do povo fez com que o Vaticano determinasse o perdão das punições impostas pela igreja católica. Essa reconciliação é um reconhecimento da Igreja Católica quanto às obras, consideradas, agora, de boa-fé, feitas por Padre Cícero a seus seguidores. O ato abre espaço para uma reabilitação canônica, que é a recuperação das ordens sacerdotais ainda suspensas. Com isso, Padre Cícero pode se tornar, oficialmente, o que já é nos corações dos devotos: santo.

3.3.5 Seu Lunga, personificação do humor

Figura 22 – Seu Lunga (dir.) conversa com Dito (esq.) em meio a uma feira



Fonte:

<<https://www.facebook.com/ocearashow/photos/a.519385364918365.1073741832.463219053868330/519386834918218/?type=3&theater>>.

²⁷ Estatística da página da Prefeitura de Juazeiro do Norte na internet. <http://www.juazeiro.ce.gov.br/Cidade/Romarias/> Acesso em: 06 de maio de 2017

O cearense traz na essência um jeito mais despojado de enfrentar as dificuldades da vida. Faz piada do cotidiano, dos relacionamentos, do sofrimento. Em muitos momentos, o riso mascara a tristeza e dá força para seguir em frente.

Não é à toa que o estado do Ceará é conhecido nacionalmente como a “terra do humor”. Berço de destaques recentes do humor, como Chico Anysio, Renato Aragão e Tom Cavalcante, esse jeito de fazer graça remonta aos tempos em que o gracejo não era feito para ganhar dinheiro. As pessoas eram simplesmente bem-humoradas (LIMA; CABRAL; PESSOA; SOUZA, 2013, p.7). O humor era característica marcante de personalidades que se destacaram também nacionalmente, como Francisco de Paula Nei, um cearense de Aracati, que exercia o jornalismo no Rio de Janeiro, ao final do século XIX, e era conhecido pelo gosto em fazer rir com trocadilhos (LEÃO; SECUNDO, 2015, p. 82).

O poeta e advogado Quintino Cunha, contemporâneo de Paula Nei, foi outro destes cearenses que levava a vida fazendo graça. Era dono de um humor inteligente, cheio de irreverência. E por viver no Ceará, diferentemente de Paula Nei, que morava no Rio de Janeiro, Quintino Cunha era uma personalidade mais conhecida no estado. (LIMA; CABRAL; PESSOA; SOUZA, 2013, p.8).

Mas nenhum deles foi o escolhido para personificar o humor cearense no espetáculo Ceará Show. A personificação do humor na apresentação é Seu Lunga, como visto na Figura 22.

Joaquim dos Santos Rodrigues ou, simplesmente, seu Lunga²⁸ é a personificação do jeito rude cearense. Uma personagem real, que viveu em Juazeiro do Norte, na região do Cariri. Era dono de uma loja de quinquilharias na rua São Paulo e se tornou conhecido pela falta de paciência com alguns tipos de perguntas de seus clientes. E daí surgiu uma infinidade de anedotas atribuídas a ele. Carvalho (2012) atribui a um cordel publicado em 1987, de autoria de Abraão Batista, o apelido de homem mais zangado do mundo.

Mesmo após sua morte, a construção da identidade de Seu Lunga atrai um número cada vez maior de pessoas que conhecem a personagem pelos mais variados discursos, por meio dos “causos” cômicos expostos na literatura de cordel, com versos rimados, que mostram as respostas impacientes diante de perguntas

²⁸ Nasceu no município de Caririçu em 1927 e recebeu o apelido de uma senhora, que era vizinha, e passou a chamá-lo de Calunga, que mais adiante se reduziu para Lunga. (CARVALHO, 2012, P. 5)

óbvias do cariense. Não é à toa que Seu Lunga se transformou em uma lenda popular do Ceará e do Nordeste.

3.4 MÚSICAS E DANÇAS

A história do Ceará e suas personagens marcantes é contada em forma de música no espetáculo Ceará Show. A canção inicial, interpretada por personagens de um circo, faz um paralelo com o cearense sofrido, que não se intimida com as adversidades, como é possível ver abaixo:

Eu sou da terra
Que o povo padece
Mas não esmorece
E procura vencer

Da terra querida
Que a linda cabocla
De riso na boca
Zomba no sofrer
Não nego meu sangue
Não nego meu nome
Olho pra fome
Pergunto: o que há?
Eu sou brasileiro
Filho do Nordeste
Sou cabra da peste
Sou do Ceará

A música de Carlinhos Crisóstomo traz na letra um trecho do poema “Cabra da Peste” (FIGUEIREDO FILHO, 2005), de Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré. O poeta nasceu longe dos grandes centros urbanos, ficou cego de um olho aos quatro anos de idade e, mesmo assim, é considerado por especialistas em sua obra, um dos nomes mais vigorosos da poesia brasileira.

Patativa tinha consciência da força das palavras como instrumento de denúncia e combate sem perder o que poderíamos chamar de “cortesia sertaneja”, conjunto de regras que traduzia uma visão de mundo e uma atitude de quem era capaz de se emocionar diante de sua própria produção, como se essa fosse uma condição para o poema ganhar vida própria e partir para uma interferência no mundo (CARVALHO, 2017, p.92)

Portanto, logo no início do espetáculo, o espectador é impactado com o trabalho deste grande poeta da cultura cearense, que falava com maestria dos problemas do mundo, a partir de sua vivência em Assaré.

As músicas do espetáculo foram compostas pelo cantor e compositor carioca Rodrigo Maranhão²⁹ e receberam os arranjos e a direção musical do cearense Carlinhos Crisóstomo, uma figura importante neste processo de identificação do espetáculo com aspectos da musicalidade cearense:

As músicas são muito bonitas, mas não tinham a cara do Ceará. Então aí que entrou meu trabalho. Eu precisava dar uma cara mais cearense para essas músicas e a forma que eu poderia fazer isso era usando elementos da música cearense, indo buscar na fonte da música tradicional cearense. Não com a pretensão de transformar uma coisa, mas se aproximando mais do folclore, com uma sonoridade que o cearense identificasse (CRISÓSTOMO).

De posse do roteiro do espetáculo, Carlinhos Crisóstomo escolheu elementos da música cearense que mais se aproximavam das características de cada cena e personagens. Para o Dragão do Mar, o ritmo escolhido foi o Coco, típico dos nativos do litoral cearense:

Quando eu era criança, adolescente e ia passar minhas férias no Pecém, ainda cheguei a ver Dança do Coco com os nativos, os próprios pescadores fazendo. E depois de muito tempo participei do grupo Mira Ira, onde a gente fez uma pesquisa muito grande da cultura popular tradicional cearense. Então eu tive contato com alguns grupos de coco [...] Eu achei que ali seria o momento exato para poder mostrar uma coisa que está sendo esquecida, que está se perdendo (CRISÓSTOMO).

Ao final da apresentação da música, a coreógrafa Katiana Pena idealizou a simulação de uma roda de Coco, com a personagem Dragão do Mar ao centro. Outro ritmo cearense explorado no espetáculo é o Maracatu. Ele é introduzido ao final da música da personagem Jovita Feitosa, também vinculado a uma coreografia estilizada, que mistura o Maracatu com marcha militar, uma alusão à história de vida da personagem.

Mas não apenas os ritmos típicos são explorados no espetáculo. Elementos do cotidiano dos cearenses também compõem a criação musical. Um exemplo é o aboio³⁰ do vaqueiro. Uma vocalização utilizada para tanger o gado em meio à caatinga. Uma característica, para Crisóstomo, impossível de dissociar do sertão cearense:

²⁹ Cantor e compositor vencedor de um *Grammy* Latino, na categoria Melhor Canção Brasileira, por “Caminho das Águas”, interpretada pela cantora Maria Rita.

³⁰ Aboio é o canto de trabalho utilizado pelo vaqueiro para tocar a boiada durante as migrações, durante as apartações, etc., além de também ser um elemento voltado para a interação entre os próprios vaqueiros, quando estes aboiam juntos, em consonância. (CASCUDO, 1984).

A gente fez um arranjo explorando algum dueto de viola [...] A gente procurou colocar um aboio [...] Uma das coisas mais bonitas que eu acho da música de raiz é um aboio [...] Quando acharam uma pessoa que poderia fazer o vaqueiro, foi a primeira coisa que eu pedi para ele fazer. Eu perguntei a ele, - tu sabe fazer um aboio? tu sabe o que é um aboio? ele disse, - sei. - tu sabe fazer um aboio? ele, -sei. - pois faz um aí. aí ele fez. Rapaz, eu me arrepiei todinho, porque o cara conhecia sabe, rapaz, é diferente, assim, ter uma pessoa que traz no seu sangue né, que já experimentou e ele fez um aboio muito bonito (CRISÓSTOMO).

A utilização da musicalidade do cotidiano cearense também aparece na cena do Seu Lunga. A música é em forma de repente e a sonoridade se assemelha a de uma feira livre, tão típica da região do Cariri, onde morava a personagem.

E também do Cariri cearense, uma série de intervenções musicais instrumentais e de canto explicitam aspectos culturais do povo cearense. É o caso do canto das rezadeiras e do bendito³¹ na cena de Padre Cícero. Ou a pulsação instrumental de reisado, que é uma manifestação cultural em comemoração ao dia 6 de janeiro, Dia de Reis. E até mesmo os cânticos das renovações³², vividas na infância por Melquíades (2017), que fez questão de introduzi-las em uma das últimas cenas do espetáculo: “esses aspectos não estão ali de graça. Existe uma carga de sentimento. É um convite a se conhecer e a se reconhecer musicalmente [...] o grande lance é ser curioso”.

A música do espetáculo é executada, ao vivo, por Ferreira Júnior, nos instrumentos de sopro, como o pífano, que remete às manifestações culturais das bandas cabaçais do Cariri; Rodrigo Silva, na percussão, com experiência em forró pé-de-serra, ritmo típico do Ceará; Agenor Pereira, no cavaquinho e violas que, junto com Rodrigo, participou do grupo Mira Ira³³ de tradições populares, o que confere uma autenticidade na execução dos estilos musicais. A banda ainda é composta por Melquíades, nome conhecido no cenário musical cearense e Ribamar Cordeiro, sanfoneiro e tecladista, também com experiência em forró pé-de-serra.

³¹ Cântico de cunho religioso, que fala da vida e feitos dos santos. É muito usado nas procissões que acontecem na região do Cariri. O trabalho de uma das mais conhecidas compositoras e intérpretes de benditos, dona Maria do Horto, pode ser conferido no link <https://youtu.be/p36U-F2OkZg>

³² É a consagração das famílias ao Sagrado Coração de Jesus. Uma imagem é levada de casa em casa, onde é entronizada em local de destaque. Pela crença popular, o ato garante proteção e bênçãos divinas.

³³ Grupo de folclore do Instituto Federal do Ceará, o IFCE. Em atividade desde 1982, trabalha em prol da difusão e da dinamização da cultura popular, dentro do IFCE Campus Fortaleza.

3.5 HISTÓRICO DE ESPETÁCULOS FOLCLÓRICOS PARA TURISTAS NO CEARÁ

O espetáculo Ceará Show não foi o primeiro a abordar temáticas da cultura cearense em apresentações destinadas a turistas. Há mais de cinquenta anos, em 1966, surgia um grupo que seria o precursor de um movimento de valorização folclórica do Ceará.

De início, foi chamado Grupo Folclórico Hispano Brasileiro, pela influência da cultura espanhola em sua fundadora, a cearense Elzenir Colares. Uma mulher que, nas décadas de 1940 e 1950, vivenciava as manifestações culturais de municípios do interior e após anos de imersão na cultura espanhola, decidiu repetir os passos de valorização vistos no país estrangeiro em sua própria terra (PONTES FILHO, 2010).

O sucesso das pesquisas transformadas em apresentações folclóricas foi tão expressivo que o grupo passou a representar o Ceará em outros estados do país. Época em que foi inaugurada a Empresa Cearense de Turismo, a Emcetur:

A primeira função da Empresa Cearense de Turismo era buscar identificar o Ceará para que pudesse ser divulgado pelo Brasil e também internacionalmente, através das manifestações artísticas. Para isso, eram necessários profissionais que fossem a campo para pesquisar as riquezas do Estado e que pudessem ser mostradas fora do Brasil e atrair turistas (PONTES FILHO, 2010, p. 46).

Essa identificação com a cultura local exigiu uma mudança de nome. Foi então que o Grupo Folclórico Hispano Brasileiro passou a ser chamado de Grupo de Tradições Cearenses. As apresentações percorreram diversas cidades do Brasil, bem como festivais folclóricos em outros países, sempre com bastante destaque pela qualidade técnica dos espetáculos. O grupo apresentava personagens da história do Ceará, relatando, de maneira divertida, a formação do povo cearense por meio da herança cultural das populações que ocuparam o Ceará em sua formação, como os índios, colonizadores europeus e negros (PONTES FILHO, 2010). Essa difusão da cultura cearense em outros territórios estimulava, no público, o anseio de conhecer o Ceará, contribuindo para o aumento do fluxo turístico.

Porém, esse estímulo não acontecia somente em outras cidades. O Grupo de Tradições Cearenses era responsável por diversas apresentações locais,

na recepção de turistas no aeroporto, bem como em hotéis, além de temporadas de férias no Teatro Carlos Câmara³⁴, anexo à Empresa Cearense de Turismo.

Além da Festa de Padroeiro, apresentações como “Êta Ceará Paid’égua” e “Ceará Terra do Sol” marcaram os primeiros momentos do Grupo de Tradições Cearenses, no palco principal do Teatro Carlos Câmara, no Centro de Fortaleza. A EMCETUR negociava com as agências de Turismo, roteiros noturnos – *by nights* – que sempre incluíam visitas à feira de artesanato e logo após, o show do Grupo de Tradições Cearenses. Daqui os turistas saíam encantados e com vontade de conhecer os municípios do interior onde essas festas aconteciam (PONTES FILHO, 2010, p. 54).

O sucesso dessas apresentações demonstra a existência do interesse sempre frequente dos visitantes em conhecer a cultura local e os costumes do povo que os acolhe.

Com o passar dos anos, integrantes do Grupo de Tradições Cearenses idealizaram e deram início a outros grupos folclóricos como o Luar do Sertão³⁵, o Mira Ira³⁶ e o Tablado Flamenco³⁷. E assim eles ajudam a difundir ainda mais a cultura do Ceará.

Passados mais de cinquenta anos, o Grupo de Tradições Cearenses ainda não possui sede própria e também não possui agenda de espetáculos em temporadas fixas, como no passado. Ao comparar o trabalho do Grupo de Tradições com o do espetáculo Ceará Show, ficam nítidas semelhanças e diferenças importantes. Ambos primam pela qualidade técnica do espetáculo, com ensaios recorrentes e atenção aos figurinos. Tudo para que a plástica da encenação agrade aos sentidos dos espectadores. Quanto à pesquisa e resgate cultural, o Grupo de Tradições Cearenses se destaca pelos longos anos de história em que os integrantes fizeram e fazem imersões culturais em diversos municípios, para

³⁴ O Teatro Carlos Câmara foi inaugurado no dia 5 de outubro de 1974, pelo governador César Cals (1926-1991). O espaço passou a ser conhecido como Teatro da Emcetur, pela proximidade com o primeiro equipamento turístico do Estado, inaugurado um ano antes, hoje denominado Centro de Turismo. Era, portanto, ponto de encontro de turistas, além de outros frequentadores do Centro da cidade, como artistas, intelectuais e vendedores e consumidores das lojas do bairro. Disponível em: <http://www.secult.ce.gov.br/index.php/equipamentos-culturais/theatro-carlos-camara>

³⁵ Pertencente à Fundação Cultural de Fortaleza, dirigido pela Professora Maristela Holanda, que fez parte do Grupo de Tradições Cearenses desde a sua fundação até o final da década de 1980 (PONTES FILHO, 2010, p. 112).

³⁶ Pertencente à antiga Escola Técnica Federal do Ceará, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. O Grupo é dirigido pela professora Lourdes Macena, que também já acumulou o cargo de Presidente da Comissão Nacional de Folclore, no Brasil (PONTES FILHO, 2010, p. 112).

³⁷ Dirigido pela professora Graça Martins. Para este trabalho ela contou com outras pessoas que faziam parte do GTC e também foi buscar integrantes em escolas públicas e privadas do Ceará (PONTES FILHO, 2010, p. 112).

registrar as manifestações do povo e poder reproduzi-las e perpetuá-las nas apresentações artísticas. Este caráter científico confere credibilidade e maior fidelidade na representação das manifestações folclóricas cearenses.

Outra diferença relevante diz respeito ao envolvimento profissional dos integrantes dos dois grupos. O de Tradições Cearenses trabalha com um vínculo de voluntariado. Os integrantes não têm as atividades do grupo como as principais na vida profissional. Eles possuem formas de sustento diversas e dedicam parte do tempo livre às manifestações culturais do folclore cearense. Já o elenco do espetáculo Ceará Show possui vínculo profissional e é remunerado, em média mensal superior a dois salários mínimos. Esta profissionalização faz aumentar o nível técnico do espetáculo, garante a estabilidade e o interesse do elenco, além de compor a estratégia do espetáculo como negócio e atrativo turístico.

Tal estratégia de negócio turístico é de fundamental importância para que o atrativo se beneficie do *status* do Brasil frente à competitividade econômica proporcionada pelo turismo. Um relatório divulgado em 2017 pelo Fórum Econômico Mundial apontou o país como a 27ª economia do turismo mais competitiva do mundo e o 8º no ranking mundial de recursos culturais e viagens de negócios. A expectativa é que em 2027, o turismo empregue 8,91 milhões de pessoas no Brasil³⁸.

³⁸ Estatística do Conselho Mundial de Viagens e Turismo – WTTC, divulgada na página do Ministério do Turismo na internet. <http://investimento.turismo.gov.br/conheca-a-identidade-digital-do-governo.html> Acesso em 14 de novembro de 2017.

4 ESTADO DA ARTE DAS CONVERGÊNCIAS ENTRE TURISMO, CULTURA E COMUNICAÇÃO DIGITAL

Esta parte da pesquisa traz a fundamentação teórica que vai embasar o estudo, na obtenção dos objetivos propostos.

4.1 IDENTIDADE CULTURAL, PATRIMÔNIO IMATERIAL E SENTIMENTO DE PERTENÇA

Uma das figuras mais fortes da cultura cearense é representada pelo pescador e seu instrumento de trabalho, a jangada. Isso fica claro com a pesquisa³⁹ realizada pelo jornal O Povo, divulgada em 2010, sobre a autoestima do povo cearense. Ela aponta que 35% dos entrevistados têm a jangada como símbolo do Ceará. Em segundo lugar vêm as praias, com 22% e o sol em terceiro, com 13%. O vaqueiro (5%) e a índia Iracema (3%) complementam a lista. Dentre as paisagens que identificam o estado, o litoral ficou à frente, com 43%, seguido do sertão, com 32%. Em seguida vêm as serras (13%) e a caatinga (9%). Estes aspectos mais evidenciados da percepção de símbolo e paisagem cearenses acabam sendo apropriados pelo turismo, que explora as paisagens litorâneas com intensidade, por vezes, expondo a jangada e o mar como símbolos de atrativo.

À jangada se associa a força de um povo que enfrenta as “marés altas” da vida de frente, em busca do sustento e da felicidade. Raça que encontra no jeito moleque e cheio de graça, uma leveza ímpar para absorver as agruras da vida.

Povo que encontrou nas festas inglesas “For All” (ROCHA, 2004), um jeito de se expressar com música e criou o bom e velho forró. Na cadência da sanfona, do triângulo e do zabumba, não tem quem fique parado. Um “balançar de esqueleto” que realmente é para todos, que saibam dançar ou não.

A energia para toda essa animação vem das mãos habilidosas de quem prepara o baião de dois, a carne de sol com paçoca, o peixe frito ou cozido e a tapioca. Mãos que também expressam talento no artesanato e que no tilintar dos

³⁹ Pesquisa realizada entre de 15 de outubro a 24 de novembro de 2008, em todo o Ceará, em uma parceria do jornal O Povo e o Instituto Albanisa Sarasate.

bilros da rendeira produzem peças delicadas. Um labirinto traçado de linha que toma forma de encantamento.

Nessas poucas linhas foi possível expressar apenas parte da riqueza cultural cearense. Aspectos que, para o residente, podem passar despercebidos, por já fazerem parte de seu cotidiano, mas que estimulam no visitante a vontade de vivenciar a gastronomia, a musicalidade, a veia humorística e a criatividade do povo.

A conceituação de cultura é tida para Gomes (2001) como:

Um conjunto de práticas sociais generalizadas em um determinado grupo, a partir das quais este grupo forja uma imagem de unidade e coerência interna. O conjunto destas práticas exprime os valores e sentidos vividos por um certo grupo social e a delimitação de suas diferenças em relação a outros grupos. (GOMES, 2001, p. 93)

A cultura é, portanto, uma espécie de herança dos costumes antepassados, que caracteriza um povo. Nesse sentido, Bosi (1992) afirma que:

Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, [...] as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, [...], o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, [...] o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar. (BOSI, 1992, p.324)

O turismo se apropria da cultura de cada destino como atrativo. Essa apropriação é tão intensa que fez da cultura, uma segmentação do próprio turismo. Porém, na doutrina do turismo existe uma divergência do que vem a ser turismo cultural. Barretto (1998) remete a autores clássicos a conceituação de turismo cultural como sendo aquele que se detém a roteiros cujo objetivo seja a visitação à arte de um lugar. Já outra vertente segue no sentido de um roteiro que mostre manifestações folclóricas ou produtos típicos de um lugar. A autora tece uma crítica ao fato de que tais manifestações deixaram de ser normalmente genuínas. O que seria folclore transforma-se em estereótipo, uma simples representação do que seria, no passado, a manifestação original. Diante do exposto, Barretto (1998) conceitua turismo cultural deste modo:

O turismo cultural no sentido mais amplo seria aquele que não tem como atrativo principal um recurso natural. As coisas feitas pelo homem constituem a oferta cultural, portanto turismo cultural seria aquele que tem como objetivo conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pelo homem (BARRETTO, 1998, p. 21).

Esta conceituação afasta a forma restritiva com que autores clássicos conceituavam este segmento do turismo e aproxima daquilo que o turista anseia conhecer, ao se dispor a vivenciar um roteiro cultural. Este é o conceito adotado para fins desta pesquisa. O Ministério do Turismo (2006) segue esta mesma forma de conceituação:

Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. (BRASIL, 2006)

Uma cartilha do Ministério do Turismo diz que uma das formas de ampliar o conhecimento e emocionar o visitante é “a criação de produtos tematizados, utilizando técnicas de interpretação e de interação, que ressaltem a história do lugar e de seus personagens, para apresentar o patrimônio tangível e intangível do ambiente visitado”. (BRASIL, 2010, p. 16)

Importante seria o investimento na busca da valorização da cultura local.

O fenômeno do turismo pode ser avassalador se não planejado. Esse fenômeno, entretanto, está intrinsecamente ligado à exposição ao outro. Tanto turistas como moradores locais confrontam suas identidades e sua cultura quando tratamos de deslocamentos humanos para o lazer. No morador local, ele despertaria um sentimento de pertencimento e de orgulho, de preservação. No turista, ele suscita, em um primeiro momento, a curiosidade, o desejo de conhecer, de sair de seu contexto e se encontrar com o outro e sua diversidade (NAZARETH; RODOVALHO; SOUZA, 2010, p. 12).

Tal fato pode vir a ser, portanto, uma ajuda recíproca. A cultura se torna atrativo para o turismo e o turismo se transforma em elemento mantenedor da perpetuação dessa cultura. O imaginário daquele local permanece intacto, mesmo com o passar das gerações e as mudanças de costumes. “Ora, se um dos fatores importantes que motiva o turista a escolher este ou aquele local é justamente o diferencial, o tiro sai pela culatra quando negligenciamos, inclusive com vergonha, as formas locais de cultura, sejam elas quais forem”. (YÁZIGI, 2003, p.173).

Ao se pensar em toda essa riqueza cultural, com alto potencial de exploração turística, a prevalência do turismo de sol e praia nas campanhas governamentais, que reforçam o imaginário de quem vem de fora, incomoda. Isso fica evidenciado por Coelho (2015), ao analisar campanhas publicitárias realizadas pelo Governo do Estado do Ceará entre os anos de 2007 e 2014. A autora conclui que:

Constata-se que a imagem do Ceará ainda está muito ligada ao turismo de sol e praia, pois as publicidades analisadas retratam isso fortemente. Existe um leve realce nas outras potencialidades ambientais, como o sertão e a serra, porém, tem que ser bem divulgada junto com a gastronomia, o artesanato, a cultura, a cidade de Fortaleza, as opções de lazer diurnas – sem ser apenas a praia – e noturnas que mal são abordadas (COELHO, 2015, p. 159).

No “City Tour” por Fortaleza, realizado por empresas de turismo, praticamente todos os equipamentos culturais da cidade ficam de fora do passeio. Quando muito, eles são visualizados pela janela do ônibus, com informações básicas sobre o que fornecem ao visitante. O turista não é estimulado a conhecer a Exposição do Vaqueiro, no Centro Cultural Dragão do Mar, que é permanente. Nem mesmo a conhecer a praça onde a população vaiou o sol e apreciar o contorno histórico dos prédios do centro, que guardam as raízes do povo cearense em museus pouco visitados por turistas e pelos próprios residentes.

O cearense é repleto de peculiaridades instigantes. Barroso (2017, p.22) diz que “embora o cearense se pareça com o brasileiro em muitos aspectos, sua presença sempre se assinala por uma modalidade própria de ser, de falar, de agir e de afirmar-se, que não se confunde com qualquer outra”. E essas peculiaridades, caso bem trabalhadas, podem se tornar atrativos culturais e instigar a curiosidade dos visitantes.

Os dados sobre turismo cultural demonstram a importância do segmento e alertam sobre a necessidade de atenção para este tipo de demanda. De acordo com a Organização Mundial do Turismo⁴⁰, o segmento corresponde a aproximadamente 10% do total das viagens internacionais. O Estudo de Demanda Turística Internacional 2004-2008 (BRASIL, 2010) reúne informações sobre o comportamento dos turistas internacionais que visitam o Brasil. Ele aponta que, em 2008, cerca de 16,9% dos entrevistados tiveram a cultura brasileira como principal motivação das viagens a lazer realizadas no País. A pesquisa “Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil – 2007 (BRASIL, 2007) apontou que 12,7% dos entrevistados com renda familiar acima de 15 salários mínimos têm o turismo cultural como principal estímulo para as viagens. Em outra estimativa (BELOTUR, 2006) relativa ao ano de 2007, o turismo cultural mobilizaria pelo menos 28 milhões de viagens ao ano no país. Já na pesquisa “Hábitos de Consumo do

⁴⁰ OMT, UNWTO, Tourism 2020 Vision.WTO: Madrid, 2001.

Turismo Brasileiro – 2009” (BRASIL, 2009), a cultura aparece em terceiro lugar, com 8,4% dos entrevistados que associam diretamente turismo à cultura. E os aspectos de cultura local também aparecem no mesmo estudo, na terceira colocação quanto ao principal motivo da viagem.

Barretto (2007) afirma que:

A preservação, a conservação e a recuperação do patrimônio histórico em sentido amplo fazem parte de um processo mais abrangente representado pela conservação e pela recuperação da memória. E a memória é o que permite que os povos mantenham sua identidade. (BARRETTO, 2007, p.77)

Falta à Fortaleza a demonstração clara ou percepção de algo marcante como identidade cultural, como existe em outros destinos concorrentes, como Recife, com a valorização de suas festas populares e do frevo, além de Salvador, com a preservação de prédios históricos e valorização da cultura de base africana. Trabalhar a imagem cultural de Fortaleza é um desafio a se enfrentar, até porque a capital cearense é considerada um centro turístico emergente, com boa infraestrutura para o turismo, com uma das redes hoteleiras mais modernas do país (CORIOLANO; MARTINS, 2014, p. 236).

Não veria o turista simplesmente aquilo que queremos mostrar? Mas como vamos apresentar a alguém algo que nem mesmo nós conhecemos? Quanto à minha experiência pessoal, nunca visitei um único museu na infância. Nesse ponto, o ensino escolar pode ter demonstrado falhas. Por que restringir à sala de aula aquilo que pode ser vivenciado em campo? Mas aqui também vale a discussão do papel da família na formação cultural do indivíduo. A difusão do conhecimento não é papel exclusivo da escola. É importante que os pais estimulem nos filhos o gosto pela leitura, o interesse em conhecer a base cultural do ambiente onde estão inseridos. Neste sentido, Coriolano e Martins (2014) dizem que:

O turismo pode, cada vez mais, fortalecer a cultura e identidades do Ceará, desde que os cearenses compreendam e exijam isso [...] Só se pode dar o que se tem, diz o saber popular, ensinando que a verdade de ser é a verdade da construção de todas as identidades (CORIOLANO; MARTINS, 2014, p. 236).

Infelizmente, aquilo que nos formou e é a base de tudo o que nos sustenta hoje é, muitas vezes, fadado a ficar em segundo plano. O que vem de fora engrandece culturalmente, mas o que é nosso, é considerado de menor relevância.

Cano (2000) discute este tipo de comportamento. Aponta que o subdesenvolvimento da economia brasileira e nordestina vem desde a época do

Brasil colônia. Uma produção de subsistência que sempre recebeu do mercado externo as melhorias realizadas com base em sua própria matéria prima. Isso deixa enraizado que o que vem de fora é melhor do que o temos aqui, o que acaba por contaminar inclusive os aspectos culturais de um povo. Desta forma, como o residente vai se sentir atraído a conhecer algo que ele não valoriza?

Os estereótipos do baiano, por exemplo, de ser sociável, alegre, festeiro, respeitador da diversidade racial e cultural demonstram características sociais positivas que valorizam sua cultura, identidade e o diferencia de outros grupos regionais. O uso de estereótipos na construção da identidade social do baiano, que fizeram surgir a chamada baianidade, que, na prática, significa expressar o prazer em viver e contagiar os outros com um ânimo inigualável (TECHIO *et al.*, 2015).

O sentimento de pertença que se configura dinâmico, como sugere a teoria da identidade social, também pode ser observado entre os pernambucanos. Mello (2006) fez uma pesquisa com moradores do interior do estado de Pernambuco. Nos questionamentos, não houve um único entrevistado que dissesse envergonhar-se de ser nordestino. O sentimento de orgulho, porém, é ladeado pelo sentimento de indignação contra a inferioridade que lhes é injustamente atribuído no panorama da nacionalidade brasileira.

Tal sentimento de orgulho pelas próprias características culturais não é tão percebido no Ceará. Isso pode ser deduzido, por exemplo, por meio de dados da pesquisa Museu em Números, do Instituto Brasileiro de Museus, referentes ao ano de 2010. Eles apontam que apenas 58,2% dos museus do estado, que são equipamentos culturais, abrem aos sábados. Aos domingos, o quantitativo decresce para 34,5%. Seguindo características de mercado, uma necessidade de demanda faria com que esses equipamentos também funcionassem, senão em sua totalidade, em sua grande maioria, aos finais de semana.

Barroso (2017, p.80) diz: “No Ceará, até agora, tudo passa e recomeça tudo, a toda hora, e ninguém se apega ao passado, nem ao perdido, porque tudo, afinal e sempre, tende a renovar-se e a recomeçar”. Muitas vezes o cearense parece esquecer de ter tido passado. Isto talvez aconteça por sua característica marcante de reinventar-se; de fazer diferente aquilo que já existiu.

A cidade de Fortaleza é repleta de equipamentos culturais. Inclusive, é latente o esforço do poder público em manter a maioria desses locais preservados e em funcionamento. Ainda no segmento de museus, a capital cearense é a nona do

país em número de equipamentos deste tipo. Possui 31 dos 113 museus existentes no estado. Mas faltam políticas de incentivo à visitação, ao conhecimento das raízes, à valorização da própria cultura. É fato que turista é sensível às manifestações e ao conhecimento cultural do local de visitação, mas ele precisa sentir uma apropriação daquele aspecto por parte dos residentes. Isso é deixado claro por Meneses (2013), ao dizer que:

O turista, ao viajar e fugir do seu cotidiano, quando opta por conhecer uma determinada cultura e entender uma certa identidade cultural, está, de antemão, sensível a atribuir sentidos, entender simbologias, apreender significados, desde que sinta aderência ao produto da interpretação do planejamento turístico e da história a uma vivência real e em construção. Caso contrário, não haverá nenhuma problematização estimuladora de sua curiosidade e inteligência e nenhuma vontade de ficar ou de voltar. (MENESES, 2013, p. 6)

O Ministério do Turismo (BRASIL, 2010) corrobora o entendimento exposto acima, ao afirmar que:

Se a comunidade conhece e valoriza seu patrimônio, se orgulha do que é, ela se torna um elo importante na interação com o visitante, contribuindo para sua interpretação, para conduzir seu olhar e sensações sobre o lugar, bem como para a sensibilização dos atores comerciais. (BRASIL, 2010, p. 60-61)

Um ponto de visitação que não agregue conhecimento a quem visita deixa de ser interessante. Mas não existe lugar sem história. O que pode não existir é justamente o esforço para que a história daquele lugar seja difundida e perpetuada.

Goulart (2006) fala que existe a categorização do espaço geográfico em “lugares globais” e “lugares locais” e que isso corresponde à estrutura centro/periferia já discutida desde os anos 60, período em que a diferença se dava entre países industrializados e não industrializados. Trazendo para os dias atuais, a autora aponta que, agora, a diferença está na relação de países geradores de conhecimento, tecnologia e inovação e aqueles que são meros reprodutores ou operadores das estruturas definidas no centro do sistema econômico mundial. Mais uma vez, o aspecto econômico se mostra definidor do comportamento cultural de uma sociedade.

Mas é justamente nos momentos de fraqueza que se deve encontrar alternativas para mudanças. É nesta relação fraca, de periferia dos países centrais, que o turismo pode alavancar a economia e tornar o país periférico competitivo na

espera internacional (CORIOLANO; SAMPAIO, 2012, p.53-54). Porém, é preciso perceber que o turismo, por si só, não é capaz de induzir o desenvolvimento. Para que a atividade turística tenha sucesso precisa estar estabelecida em um contexto de crescimento e desenvolvimento mínimo (CORIOLANO, 2012, p.111).

Oliveira e Martins (2009) dizem que o turismo é o setor produtivo responsável pela maior receita de exportação e por receber os maiores investimentos estrangeiros diretos nos países mais pobres do mundo. A taxa de crescimento do turismo nesses países é duas vezes maior que a da industrialização, não existindo setor que gere mais riqueza e empregos que o da atividade turística. Isso se dá pelo fato de que o turismo envolve uma enorme cadeia produtiva, que engloba lazer e negócios e produz bens e serviços. Segundo os mesmos autores, nos países em desenvolvimento, os ganhos com o turismo chegam a 30% do PIB, enquanto que nos países industrializados representam de três a cinco por cento.

A combinação de linguagens acessíveis, com propostas lúdicas e de entretenimento, bem como atividades complementares para garantir o conforto do visitante, excelência na estrutura e nos serviços, mostram que a integração de cultura e turismo pode render ótimos frutos para os dois setores. (BRASIL, 2010, p. 71)

Portanto, um ponto fundamental para que um equipamento ou atrativo turístico com foco cultural seja considerado viável do ponto de vista econômico tem relação com a qualidade técnica do equipamento ou atrativo e as estratégias de encantamento do público.

4.2 TURISMO, CULTURA E SUSTENTABILIDADE

É próprio do ser humano procurar conhecer locais diversos dos do seu cotidiano, entender as diferenças culturais dos povos que visita, até mesmo para conseguir compreender aspectos de sua própria existência assim como ela é. A viagem se torna mais interessante à medida que novas descobertas são feitas, principalmente quando elas vão além dos roteiros e explicações comumente encontrados em guias, livros e na internet.

McDowell (1996) afirma que ao se abordar fenômenos culturais é preciso esclarecer como uma manifestação de cultura e o seu significado reforçam os desejos, apegos e cumplicidades de quem vive em determinado lugar.

As peculiaridades de uma cultura, como o jeito de se expressar, vestir, falar e agir fazem parte de um arcabouço de informações que precisa ser experimentado para, só então, ser melhor compreendido; principalmente quando se contextualiza aspectos do presente, com base na cultura do passado. Meneses (2013) diz que “a sustentabilidade do atrativo é dada, de outra forma, pela possibilidade de nele se incorporar amplos significados”. Ele afirma ainda que:

A questão da memória, da busca identitária e da apreensão do passado como patrimônio memorialístico apresenta-se como uma rica fronteira entre a História e o Turismo. A construção/invenção do passado como atrativo para quem viaja, parte de interpretações que são instrumentalmente inseridas no método da História, mas, também, por construções de caráter popular, lendário e mitológico. (MENESES, 2013, p. 7)

Diante disso, o turismo cultural pode ser tido como ponto chave quanto à sustentabilidade de um destino e da própria presença cultural do local visitado. Coriolano e Fernandes (2014) explicam que:

Buscar a excelência para o turismo no Ceará implica a definição de um modelo que entenda o turismo como atividade econômica hábil para produzir riqueza para as populações marginalizadas do processo econômico, resgatar e valorizar as manifestações artístico-culturais, conservar o meio ambiente, estabelecer sinergia com outras atividades econômicas e proporcionar aos visitantes e turistas uma experiência qualitativa e personalizada (CORIOLANO; FERNANDES, 2014, p.158).

Trazendo para a realidade cearense, belezas naturais, praia agradável e gastronomia atraente podem ser encontradas em diversos destinos. Mas quando o turista percebe que tudo isso vem acompanhado de algo a mais, que tem relação com a forma como o cearense o recebe, as demonstrações de garra para vencer desafios ou até mesmo o jeito irreverente de lidar com os aspectos da vida, isso garante um aspecto de exclusividade do destino. Essas experiências só podem ser vividas aqui. E não é em questão de dias que o visitante vai conseguir compreender o significado e o porquê de tudo isso. Meneses (2013) afirma que “há tempos distintos a configurarem o mesmo objeto de interpretação histórica, e esses tempos estão presentes na dinamicidade da construção passada e do devir das comunidades que têm esse passado como parte de sua identidade”. Ele diz ainda que

Material ou imaterial, as construções culturais são parte de um uníssono de experiências históricas, vivificadas de forma integrada, portanto, dinâmicas no tempo. [...] A construção de um modelo de interpretação do passado e a transformação desse modelo em atrativo turístico devem considerar e dignificar a vivência presente como parte de um todo cultural. (MENESES, 2013, p. 11)

Esse diálogo do passado com o presente é fundamental para a manutenção da cultura de um povo. Ela não deve ficar “morta”, esquecida no passado. Precisa ser trazida à tona, como um sopro de conhecimento sobre a vida no presente. E poder consumir essa relação cultural entre presente e passado em um atrativo turístico é de grande valia tanto para o que vem de fora e adquire esse conhecimento, quanto para quem é o possuidor dessa relação e exercita novas formas de deixá-la sempre presente e pujante.

Esta construção e manutenção cultural é de tanta importância que 2017 foi designado pela 70ª Assembleia Geral das Nações Unidas, em dezembro de 2015, como o Ano Internacional do Turismo Sustentável para o Desenvolvimento. A página da Organização Mundial do Turismo na internet⁴¹ relata que, por doze meses, ações globais de sustentabilidade devem girar em torno do papel do turismo em cinco áreas, a saber: a) Crescimento econômico inclusivo e sustentável; b) Inclusão social, emprego e redução da pobreza; c) Eficiência dos recursos, proteção do ambiente e alterações climáticas; d) Valores culturais, diversidade e patrimônio; e e) Compreensão mútua, paz e segurança.

Ao analisar o espetáculo Ceará Show sob a égide dessas cinco áreas de sustentabilidade⁴², é possível perceber que ele atende a, pelo menos, três delas diretamente. Ao resgatar personagens históricos, os valores culturais do estado voltam à tona, são difundidos aos visitantes e reapresentados aos residentes para que não se percam no passado e passem a ser de conhecimento das novas gerações. Dessa forma, um dos patrimônios imateriais mais fortes de um povo, que é a cultura, passa a ser mais valorizado e estimula um sentimento de pertença, de apropriação cultural.

O aspecto de crescimento econômico inclusivo também é evidente. Os ganhos advindos do público do espetáculo não são absorvidos apenas pelos produtores dele ou por quem dele diretamente participa. Eles são rateados por uma gama de serviços indiretos que dão suporte à realização da peça teatral. Os taxistas se beneficiam ao transportar os turistas e os estacionamentos privados, ao acolher

⁴¹ <http://www2.unwto.org/tourism4development2017>, acesso em 04/03/2017

⁴² Apesar do termo “sustentabilidade” ser frequente relacionado ao meio ambiente, neste âmbito ele se refere à utilização e exploração da cultura de forma a mantê-la em evidência para as futuras gerações.

os carros dos residentes no período da apresentação. Desta forma, também são beneficiados restaurantes, hotéis, guias de turismo, promotores de publicidade; uma gama de serviços direta ou indiretamente ligada ao turismo passa a ter lucro com a execução do espetáculo. Tal fenômeno é conceituado na doutrina turística como efeito multiplicador do turismo. Barretto (1998) afirma que:

A relação entre o dinheiro que entra por conceito de turismo e sua repercussão final no Produto Interno Bruto chama-se efeito multiplicador do turismo, que é definido como o coeficiente que mede a quantidade de ingresso gerado por cada unidade de despesa turística (BARRETO, 1998, p. 74).

No caso do espetáculo, o dinheiro advindo das despesas do turista/espectador beneficia os diretamente relacionados ao seu gasto, como os produtores do espetáculo e, indiretamente, aqueles que também usufruem do mesmo dinheiro, como o ator que é remunerado e assim, sucessivamente.

Coriolano (2012, p.11) diz que o turismo, como serviço, aparece com destaque como atividade reestruturadora das crises econômicas, o que reforça a importância ao estímulo de atividades deste porte no contexto de crise ao qual o Brasil atravessa no decorrer desta pesquisa.

A inclusão social, o emprego e a redução da pobreza estão intimamente relacionados. Coriolano e Lima (2012) destacam essa relação ao afirmar que:

Voltar o desenvolvimento para a escala humana e o turismo para benefício de comunidades ou do desenvolvimento local, significa adotar políticas que criem oportunidades de trabalho e renda para a maioria, sem deixar de dar a proteção social requerida, colocando o homem no centro do poder, promovendo sua realização (CORIOLANO; LIMA, 2012, p. 111).

Dessa forma, trabalham diretamente no espetáculo quarenta profissionais, entre atores, músicos, dançarinos, profissionais ligados ao setor operacional e também de serviços gerais. Cinco dos seis bailarinos foram formados em um projeto social de referência em Fortaleza, chamado Edisca⁴³, uma organização não governamental, fundada em 1991, que, pela arte promove o desenvolvimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. Um dos músicos veio do projeto social CIP, que estimulava o contato dos jovens com instrumentos musicais em um bairro periférico de Fortaleza, chamado Pirambu. Este projeto foi extinto. Um outro músico que participa do espetáculo foi formado em

⁴³ <<http://edisca.org.br> – acesso em 05/03/2017>.

um projeto de iniciação musical dentro de uma escola pública. Além dos artistas, os funcionários dos setores de serviços gerais e operacionais foram captado da própria obra de construção do teatro. Pedreiro, eletricitista, motorista e servente continuam a realizar tais funções quando necessário no teatro e também trabalham, na hora do espetáculo, em outras atividades.

Coriolano e Sampaio (2012) afirmam que:

As políticas e discussões têm criado possibilidades de práticas de turismo no combate à pobreza [...] O turismo passa por transformações resultantes da mudança de nível de consciência da população mundial, no que toca à defesa de direitos humanos [...] ou como se dão as relações sociais de produção, que determinam mais ou menos exploração e concentração de renda (CORIOLANO; SAMPAIO, 2012, p. 36).

O novo olhar sobre novas perspectivas de aprendizado profissional e esse acolhimento ofertado pela equipe do espetáculo gerou oportunidades a pessoas talentosas e evitou o desemprego dos profissionais ligados à obra, que não precisaram procurar por outro serviço ao término do trabalho. Fora isso, ainda aprendem outros ofícios, como o de porteiro e iluminador de espetáculos.

Uma outra vertente da inclusão social, ainda não posta em prática, mas que faz parte dos planos dos idealizadores do espetáculo, é a de abrir as portas do teatro para pessoas de classes econômicas menos favorecidas. Os produtores aguardam parcerias com as secretarias de turismo do Ceará e de Fortaleza para dar suporte a este tipo de ação como, por exemplo, transporte e locomoção. Isto demonstra um sentimento de responsabilidade social, que busca o desenvolvimento sustentado na qualidade de vida e na inclusão social (CORIOLANO, 2014, p. 324).

O Ministério do Turismo (BRASIL, 2010) considera que, para que haja uma experiência turística verdadeiramente cultural, é preciso que a comunidade seja protagonista, traduzindo seu sentido e valor para quem visita.

Valorizando as histórias e a singularidade local, destinos turísticos podem oferecer uma oferta inovadora de produtos e serviços com carga emocional e que gerem experiências únicas, aplicando as atuais tendências do mercado turístico ao mercado do Turismo Cultural. (BRASIL, 2010, p. 63).

Tal envolvimento é tido como uma das premissas para o desenvolvimento sustentável do Turismo Cultural. Conhecer, valorizar e respeitar a herança cultural constituem uma fórmula válida para a preservação do patrimônio imaterial e fortalecimento dos sentimentos de identidade de um povo.

4.3 COMUNICAÇÃO E TURISMO – O USO DOS MEIOS DIGITAIS DE DIVULGAÇÃO

Há tempos o brasileiro tem se habituado ao uso diário das redes sociais. Hábito este que teve início com a utilização da internet comercial no país, tendo a comunicação interpessoal virtual atraído diversos adeptos, em redes como o mIRC, ICQ, MSN, Orkut e, mais recentemente, Twitter, Facebook e WhatsApp.

Conforme salienta Recuero (2005, p.5), “quando trabalhamos com o ciberespaço, a interação social dá-se de uma maneira muito particular. Trata-se de uma interação mediada pelo computador”, contudo, inobstante a ausência de contato pessoal, as informações circulam de forma rápida e eficiente, o que é passível de gerar benefícios a outros usuários destas mesmas redes.

As redes sociais são uma plataforma de comunicação que viabiliza a troca de informações pessoais ou profissionais entre indivíduos que possuem conexão à internet, localizados nos mais diversos pontos do globo terrestre, fornecendo aos seus usuários a possibilidade de produzir, consumir e compartilhar informações sobre os mais variados assuntos de seu interesse, sejam de lazer, científico, acadêmico, entretenimento ou de cunho noticioso.

Com essa possibilidade de gerar conteúdo, o usuário é capaz de expor, à uma gama incalculável de pessoas, uma série de experiências pessoais sobre as mais variadas vivências, consumos e sentimentos relativos a qualquer momento de sua vida.

A utilização destas redes para o turismo pode apresentar uma relevância significativa, pois o que o turista adquire quando compra um pacote, passeio ou ingresso para um espetáculo, é uma expectativa de vivência, que somente será efetivamente consumida quando a experiência estiver acontecendo. Portanto, em regra, o turista não terá integral certeza daquilo que está adquirindo, senão a partir de informações recebidas a respeito daquele produto. Desta forma, é importante verificar como as redes sociais podem contribuir para que essas vivências sejam compartilhadas e proporcionem, aos turistas, experiências positivas ao visitar os destinos turísticos.

De acordo com o pensamento de Waingberg (2003, p. 45), o próprio turismo pode ser considerado um processo especial de comunicação humana. Ele

tem a habilidade de apresentar o desconhecido ao turista, como algo livre de qualquer ameaça, o que é uma tarefa difícil e desafiadora.

Mas para atingir esta tarefa árdua, os operadores de turismo podem e devem se valer de meios de comunicação que atinjam um grande e variado público. Para Ruschmann (2002):

A comunicação dirigida à demanda turística, potencial e real, constitui tarefa bastante complexa. Ela deve ser empreendida visando atingir um grande número de pessoas, em regiões ou países de estruturas socioeconômicas e culturais diversas. Uma comunicação eficaz, neste caso, será aquela em que o comunicador (emissor) consegue detectar os gostos e as preferências do público-alvo (receptor), criando imagens que influenciem favoravelmente as pessoas, estimulando-as a viajar para a destinação divulgada. O êxito depende de como as mensagens são comunicadas, utilizando os canais mais influentes e os meios de comunicação mais efetivos do mercado. (RUSCHMANN, 2002, p. 61-62)

A eficácia da comunicação depende de diversas estratégias aplicadas à oferta turística com a finalidade de informar ou influenciar a tomada de decisão do turista. Neste processo de informação turística, a comunicação por meios digitais, como a televisão e a internet, desempenha um papel crucial, sendo uma fonte de informação cujo uso se torna cada vez mais frequente na oferta de produtos turísticos. (NIELSEN, 2002.)

É através dos processos comunicacionais que um atrativo, produto ou polo turístico passa a existir socialmente. Desta sorte, Castro (1999) afirma que:

Seria ingenuidade, pensar que um local possa ser 'naturalmente' turístico. Seu reconhecimento como 'turístico' é uma construção cultural – isto é, envolve a criação de um sistema integrado de significados através dos quais a realidade turística de um lugar é estabelecida, mantida e negociada. (CASTRO, 1999, p 81).

A comunicação turística compreende processos formais e informais, que se caracterizam por promover e propagar ideais, persuadir o público ao consumo de produtos e serviços, informar os diferentes públicos (imprensa, poder público, iniciativa privada, turistas reais e potenciais e comunidade), formar pessoas para atuar na área, conscientizar para o turismo e a necessidade de preservação/conservação dos patrimônios natural e histórico-cultural. (BALDISSERA, 2007, p. 9).

Qualquer atividade econômica precisa divulgar seus produtos através da mídia para chegar ao consumidor, por isso a importante interação entre o turismo e as mídias, como salienta Coriolano e Barbosa (2012):

A tecnologia transforma a maneira de as pessoas interagirem com o mundo, e a internet é dinamizadora e articuladora da interação virtual. Para o mercado, comunidades virtuais constituem importantes ferramentas de marketing, em decorrência da maior interatividade entre empresas e compradores, seja pela venda online ou pela troca de informações sobre um determinado produto, serviço ou ideias. Na atividade turística, a interatividade faz circular nas redes a prestação de serviços na internet para compra de passagens, pacotes de viagens, reservas de hotéis e restaurantes, além do conhecimento prévio do consumidor sobre lugares turísticos (CORIOLANO; BARBOSA, 2012, p. 155).

As mídias proporcionam ao consumidor um novo conceito de viagens, facilitando o planejamento de cada aspecto: passeios, hospedagem, transporte, dentre outros. Através das mídias, o turista pode conhecer o local a ser visitado antes mesmo de lá chegar, construindo um imaginário para o turismo que se aproxima muito da realidade. Um exemplo desta possibilidade é a ferramenta digital *Street View*, do Google Earth, que tem se destacado com relação às imagens na Internet e atrai muitos turistas, que podem ver as imagens antes de ir aos lugares que tencionam conhecer quando realizarem a viagem.

Com a divulgação operada pelas mídias, as informações sobre os destinos turísticos deixam de ser monopolizadas pelos agentes de viagens, passando o turista a obter informações e realizar reservas *online*, com a possibilidade de comparar preços e agregar serviços, tendo acesso, também, à experiência de outros viajantes, o que lhe facilita o processo de escolha. Sítios eletrônicos como *Booking*, *Expedia*, *Tripadvisor*, entre outros, são fundamentais para conceder ao turista a autonomia na organização de suas viagens. Além disto, atualmente, diversos são os aplicativos existentes para localizar ofertas de voos e hotéis, além de aplicativos que podem ser utilizados durante a viagem para que o turista evite, por exemplo, enfrentar trânsito.

Todos estes recursos facilitam a comunicação e o processo de escolha do destino turístico pelo visitante. Urry (1996) identifica a influência do discurso midiático sobre a ação do turista ao afirmar que, quando este está viajando, busca encontrar as imagens de paisagens antes vistas em revistas, sites e anúncios para percorrer os lugares vistos nas mídias e sentir as emoções que nestes veículos as imagens lhe transmitiram.

Correia (1999, p. 1) afirma que “os seres humanos agem em relação à realidade com base no significado que lhe atribuem e esse significado provém em primeira instância dos processos de integração social e de mediação simbólica”.

Neste sentido, o turista é impulsionado pelo imaginário midiático, que o direciona até a tomada de decisão quanto ao local a ser visitado. Isto porque, antes de se deslocar para um novo lugar, o turista já terá “entrado em contato com ele visualmente, por meio de fotos em jornais, folhetos, cenas de filmes, páginas na Internet”. (GASTAL, 2005, p. 13).

A utilização das mídias, que tem se intensificado como meio de divulgar e promover o turismo em determinados destinos, é fator decisivo no momento da escolha de um destino turístico.

Recuero (2009, p. 32) salienta que “Sites de Redes Sociais agem através de softwares sociais programados que permitem aos indivíduos conectados alocarem espaços no ciberespaço, habilitando-os à expressão e às trocas sociais e interações mútuas ou reativas”.

Essas trocas sociais colaborativas têm sido fundamentais em processos de escolha de um destino a ser visitado, por exemplo. As redes sociais abrem espaço para os usuários fazerem avaliações sobre aquilo que visitaram, compartilhando vivências positivas e negativas, que podem ser compatibilizadas com os anseios dos demais usuários, tornando mais fácil o processo de escolha.

Sodré (2002, p. 21) assevera que os arquétipos da Internet, principalmente por meio dos mecanismos de interação, indicam uma “tendência à ‘virtualização’ ou telerrealização das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação”.

As tecnologias midiáticas têm deixado o papel secundário para assumir a dianteira do processo de efetivação de determinadas relações sociais, uma vez que várias relações que, tradicionalmente acontecem face a face, passam a ser mediadas por tecnologias midiáticas.

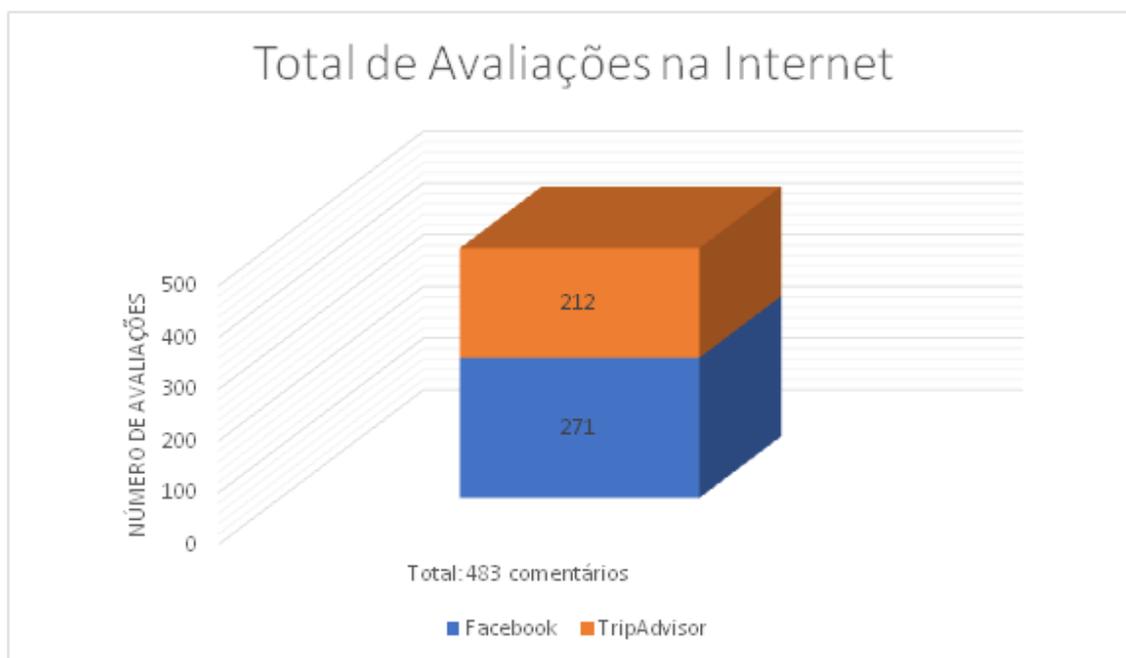
5 A VALORIZAÇÃO DO POVO CEARENSE ATRAI VISITANTES? RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção da pesquisa analisa quantitativa e qualitativamente as avaliações compartilhadas por espectadores do Ceará Show na internet. Elas vão nortear a pesquisa quanto à percepção do público a respeito do espetáculo e, assim, dar fundamento à análise de viabilidade da peça teatral como atrativo turístico.

5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA DAS AVALIAÇÕES ESPONTÂNEAS DO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW NA INTERNET

A razão de existir de todo o espetáculo está no encantamento do público, a quem é destinado o resultado de todo o esforço, investimento, horas de ensaios, aprendizados e dedicação. Não sendo atrativo aos espectadores, o espetáculo perde sua finalidade e deixa de existir. Desta forma, a percepção do público a respeito do espetáculo é fator determinante para a continuidade ou não do mesmo. Nenhuma apresentação se sustenta sem público.

Assim sendo, para verificar a percepção do público quanto ao espetáculo Ceará Show, este trabalho passa a analisar as avaliações espontâneas dos espectadores, compartilhadas na internet, por meio da rede social Facebook e do portal de turismo TripAdvisor. O período do estudo é compreendido da data de início das apresentações do espetáculo, em 29 de setembro de 2016 até o dia 03 de fevereiro de 2017, data da coleta dos dados.

Gráfico 1 – Total de Avaliações na Internet

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

O Gráfico 1 apresenta o total de avaliações compartilhadas no Facebook e no TripAdvisor, no período estipulado na coleta de dados. Ao todo, foram 483 avaliações, sendo 271 no Facebook e 212 no TripAdvisor.

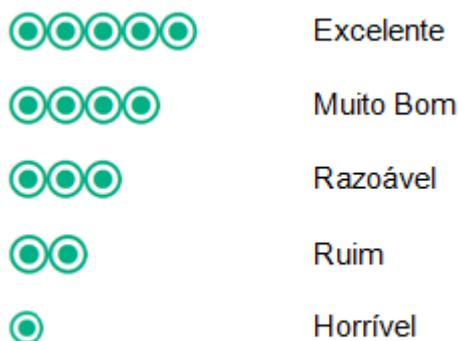
Gráfico 2 – Percentual de Avaliações por Rede Social Analisada

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Percebe-se, pelo Gráfico 2, uma certa equidade no número de avaliações nas duas plataformas analisadas. 56% foram compartilhadas pelo Facebook e os outros 44% no TripAdvisor.

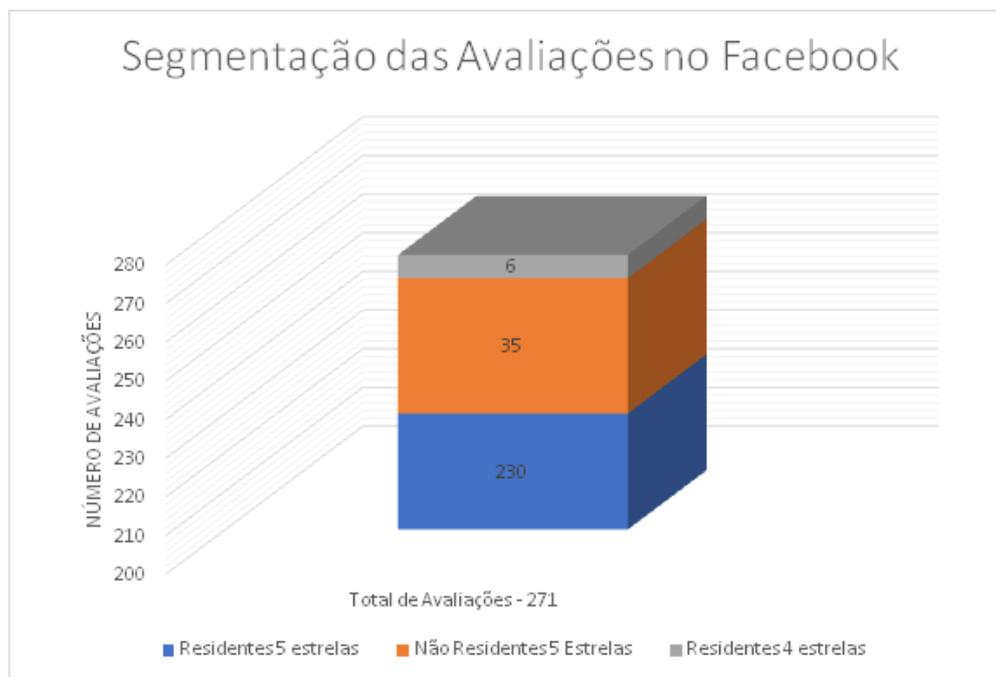
Cada plataforma possui uma maneira própria de segmentar suas avaliações. Por meio do Facebook, existe um “*ranking*” de estrelas, onde o usuário pode atribuir até cinco delas, de acordo com seu grau de satisfação com o que é avaliado. Pelo perfil de cada usuário que realiza a avaliação, também é possível obter informações sobre o local onde reside. O TripAdvisor também faz uma subdivisão das avaliações semelhantes. Mas no lugar da representação gráfica de estrelas, existem círculos. Além disso, um adjetivo é vinculado à quantidade de círculos de cada avaliação, conforme o Gráfico 3 abaixo.

Gráfico 3 – Representações Gráfica das Avaliações no TripAdvisor



Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

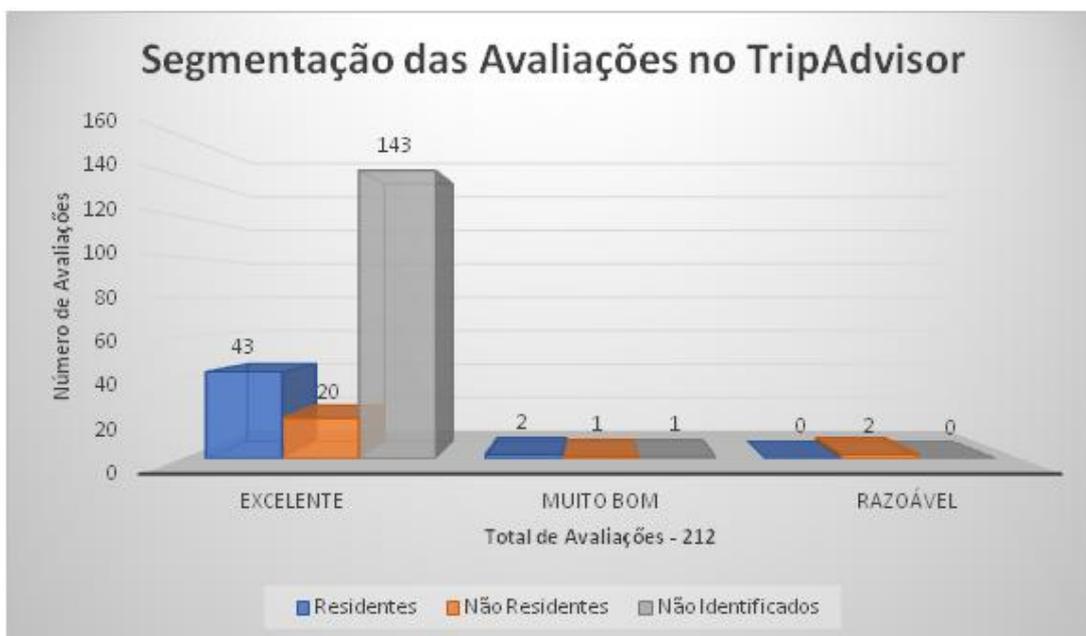
Outra diferença do TripAdvisor em relação ao Facebook está no fato do usuário não ser obrigado, em seu perfil, a informar a cidade onde mora. Por estes motivos, a segmentação das avaliações em cada plataforma apresentará aspectos diferentes, conforme será visto em seguida.

Gráfico 4 – Segmentação das avaliações no Facebook

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

O Gráfico 4 apresenta a segmentação das avaliações no Facebook por graduação de estrelas e pela compatibilidade ou não do domicílio do usuário com a cidade onde o espetáculo é apresentado, qual seja, Fortaleza – CE. Portanto, “Residentes” são aqueles que informaram como cidade de domicílio a capital cearense e “Não Residentes”, todos os que informaram domicílio diverso à cidade de Fortaleza.

Ainda de acordo com o Gráfico 4, percebe-se que 230 moradores de Fortaleza conferiram avaliação máxima, de cinco estrelas, ao espetáculo Ceará Show, enquanto seis avaliaram o espetáculo com um número menor, quatro estrelas. Trinta e cinco usuários não residentes em Fortaleza avaliaram o espetáculo. Todos eles conferiram graduação máxima na avaliação. Não houve avaliações com número de estrelas menor que quatro.

Gráfico 5 – Segmentação das avaliações no TripAdvisor

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

A análise quantitativa de avaliações espontâneas compartilhadas no Facebook aponta que os usuários/espectadores se sentiram satisfeitos com o espetáculo Ceará Show. Além disso, usuários residentes contribuíram em maior número com as avaliações disponibilizadas na plataforma.

Com o auxílio do Gráfico 5, é possível visualizar um panorama do grau de satisfação dos espectadores que decidiram compartilhar avaliações do espetáculo Ceará Show no TripAdvisor. No período em estudo, foram 212 avaliações. A grande maioria (206 avaliações) considerou o espetáculo excelente. Também houve quatro avaliações o considerando muito bom e outras duas razoável.

O Gráfico 5 também demonstra uma segmentação que não existia nas avaliações do Facebook, a de perfis não identificados quanto ao domicílio do usuário. Perfis deste tipo se mostraram a grande maioria dentre as avaliações estudadas. Em seguida vieram perfis de usuários residentes na capital cearense. Perfis de não residentes compartilharam um menor número de avaliações.

A análise quantitativa de avaliações espontâneas compartilhadas no TripAdvisor aponta que os usuários/espectadores se sentiram satisfeitos com o espetáculo Ceará Show. Nenhuma avaliação considerou o espetáculo ruim ou horrível, conforme o grau de classificação disponibilizado, exposto no Gráfico 3. Nesta plataforma não é possível especificar se quem contribuiu com mais avaliações

foram os residentes ou os não residentes, uma vez que a quantidade de avaliações de perfis não identificados supera a dos outros dois seguimentos.

5.2 ANÁLISE QUALITATIVA DAS AVALIAÇÕES ESPONTÂNEAS DO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW NA INTERNET

Além das avaliações por graduação entre uma a cinco estrelas no Facebook e de “Horrível” a “Excelente” no TripAdvisor, as duas plataformas abrem espaço aos usuários para que eles possam escrever comentários a respeito da experiência vivida com o serviço ou local que está sendo avaliado. Segundo Lévy (1996), o consumidor é produtor cooperativo na internet, bem como agente de visibilidade do mercado para os que exploram os vestígios de seus atos no ciberespaço. As pessoas que compartilham as informações de suas experiências na internet ajudam, mesmo que inconscientemente, a dar visibilidade aquilo que experimentaram.

Para efeito desta pesquisa, as 483 avaliações compartilhadas passaram por filtros de critérios para a escolha dos comentários a serem submetidos à análise de conteúdo. O primeiro filtro foi a exclusão das avaliações que não continham texto compartilhado ou cujo conteúdo não chegava a ter um período completo escrito, como, por exemplo, avaliações que continham escrito apenas “muito legal” ou “gostei”. Neste primeiro filtro, 447 avaliações foram descartadas.

As 36 avaliações restantes passaram por um segundo critério de escolha. Estar contido, como destaque na avaliação, pelo menos um dos dois pontos estruturantes presentes na descrição⁴⁴ do espetáculo, impressa no folder distribuído aos espectadores. Tais pontos são o sentimento de pertença em relação à cultura cearense e o conteúdo histórico do espetáculo. Neste segundo e último filtro, outras 19 avaliações foram descartadas por conterem apenas destaques artísticos do

⁴⁴ “Um lugar rico em narrativas e figuras cativantes, que engrandece a cultura do Brasil. Assim é o Ceará. E o Ceará Show é um espetáculo que conta a história de algumas dessas personagens e mostra os sonhos e a força do cearense. Um musical que diverte e emociona toda a família”. Nesta descrição estão presentes os pontos designados como critérios de escolha: sentimento de pertença e conteúdo histórico do espetáculo.

espetáculo. Restaram aptas, portanto, 17 avaliações, o que corresponde a 3,5% do material coletado⁴⁵; todas disponíveis no apêndice deste trabalho.

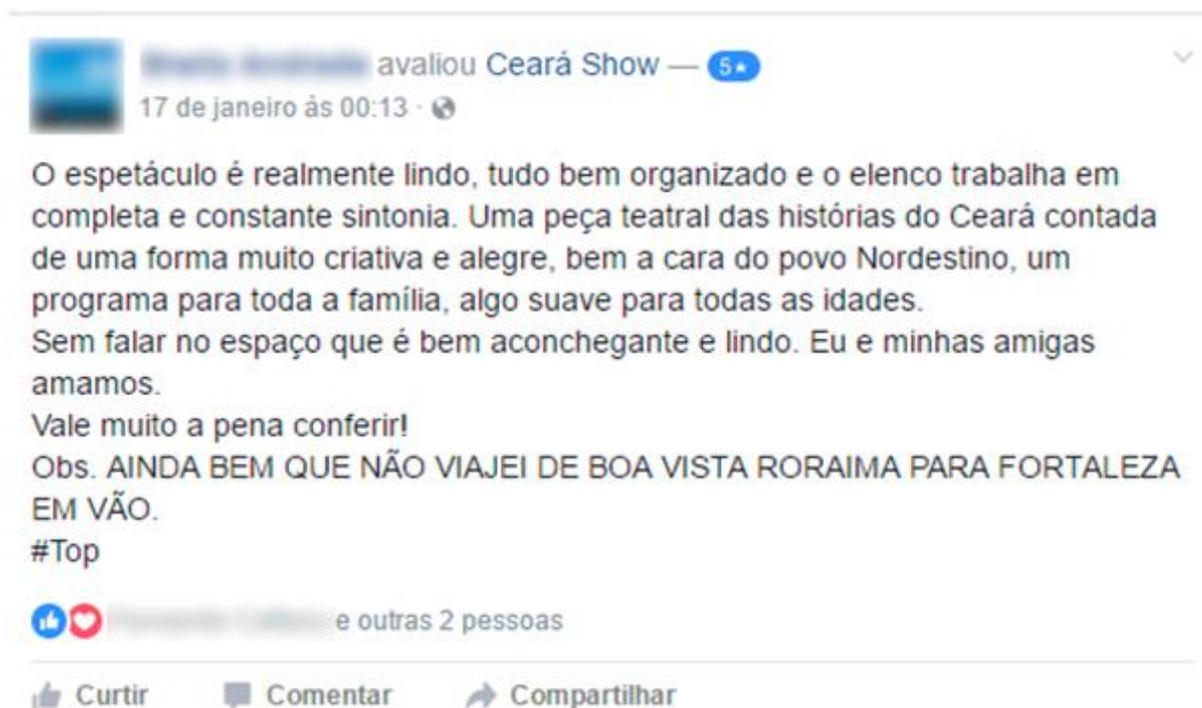
Portanto, o conteúdo dessas 17 avaliações passa agora a ser analisado. De acordo com o que foi escrito pelos usuários, foram feitas três subdivisões das avaliações: 1) Aquelas que destacam a abordagem histórica, 2) Aquelas que falam do sentimento de pertença, e 3) As que abordam tanto o contexto histórico quanto o sentimento de pertença.

O grupo das avaliações que destacam a abordagem histórica é mais numeroso; possui nove contribuições, sendo quatro no Facebook e as outras cinco no TripAdvisor. A expressão “história do Ceará” está contida em sete delas. As demais tratam de “universo cearense” e “histórias dessa terra maravilhosa”. O destaque para a forma lúdica, divertida e alegre com que o espetáculo é apresentado está em seis das avaliações.

Das nove, cinco avaliações são de pessoas que, textualmente, afirmaram-se turistas. Todas foram categóricas em recomendar o espetáculo a outros turistas.

⁴⁵ O baixo número de avaliações aptas pode ser considerado uma limitação nesta pesquisa qualitativa. A não obrigatoriedade de escrita nas avaliações pode ter contribuído para este resultado, assim como dificuldades de escrita em dispositivos móveis por parte dos usuários ou até mesmo a pressa para dar atenção a outros assuntos, o que não permitiu uma avaliação aprofundada. Tendo em vista esta limitação, necessário se faz uma discussão ampliada com os resultados da pesquisa quantitativa, conforme será realizado ao final das discussões deste trabalho.

Figura 23 – Avaliação de turista nº01



Fonte: <<https://www.facebook.com/pg/ocearashow/reviews/>>.

A Figura 23 é a representação de uma dessas avaliações. Nela, o espectador, além de destacar o contexto histórico, comenta a execução da apresentação e elogia o teatro. Além disso, recomenda a peça teatral e fecha o texto com uma observação: a de que o espetáculo fez com que a longa viagem de Roraima à Fortaleza não fosse em vão. Este comentário abre margem para questionar se este turista realmente gostou da experiência que teve em Fortaleza. Possivelmente, nada o tenha surpreendido positivamente no passeio, exceto o espetáculo Ceará Show, que considera de alto nível. Isso fica claro na última expressão do comentário: #Top, que designa algo como estando no mais alto nível de qualidade.

Figura 24 – Avaliação de turistas nº02



Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303293-d11718248-Reviews-Ceara_Show-Fortaleza_State_of_Ceara.html#REVIEWS>.

A avaliação exposta na Figura 24 deixa ainda mais claro que o espetáculo Ceará Show foi a melhor experiência de entretenimento turístico em Fortaleza. Esse sentimento é destacado logo no título da avaliação. Em cinco dias, certamente visitando diversos atrativos importantes e bastante difundidos de Fortaleza como as praias, mercados, parque aquático; o atrativo noturno cultural teve o poder de encantar o visitante. A expressão “Quem vir a Fortaleza, não pode deixar de conhecer a prova viva da arte cearense! Foi lindo!”, destaca a qualidade técnica do elenco do espetáculo, além da recomendação da apresentação para outros turistas.

Figura 25 – Avaliação de turista nº03

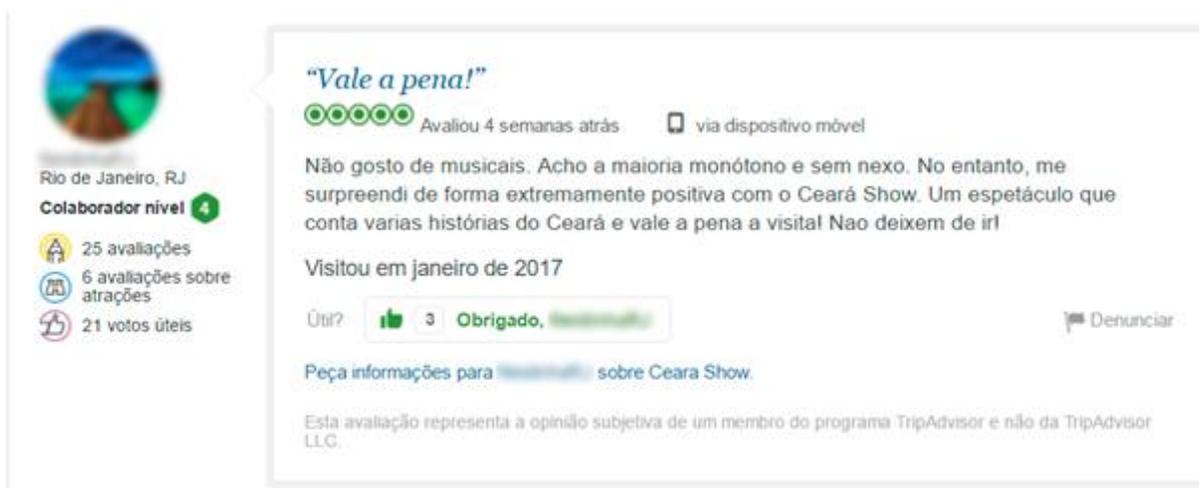


Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303293-d11718248-Reviews-Ceara_Show-Fortaleza_State_of_Ceara.html#REVIEWS>.

A Organização Mundial do Turismo (2003) considera relevante o impacto da internet como canal de vendas e fonte de informações para escolha e planejamento de férias em relação aos demais canais. Essa relevância fica

demonstrada na Figura 25, que apresenta a avaliação de um turista do Rio de Janeiro, que comprou os ingressos do espetáculo antes mesmo de sair de casa. As informações que recebeu não deixavam claro se os filhos pequenos iriam gostar da encenação. Mas a palavra “imperdível”, escrita em letras maiúsculas, resume o sentimento de satisfação de todos, não apenas os adultos, ao final da peça, reforçado pela frase: “Não tem como ir a Fortaleza e não assistir”. O turista ainda faz uma recomendação, de que o espetáculo é para todos os públicos. A partir deste exemplo, é possível destacar uma função importante das avaliações, que contribui para o sucesso ou não do que está sendo avaliado. Elas são úteis para complementar informações necessárias a quem está interessado naquele destino ou serviço avaliado. Com este comentário, outros interessados deixam de ter dúvidas quanto à possibilidade ou não de levar os filhos, uma vez que, em uma viagem em família, com crianças, o grupo, dificilmente se divide. Isso é um ganho para o espetáculo e demonstra que ele é um atrativo noturno adequado para este tipo de público.

Figura 26 – Avaliação de turista nº04



Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303293-d11718248-Reviews-Ceara_Show-Fortaleza_State_of_Ceara.html#REVIEWS>.

Este outro turista do estado do Rio de Janeiro, cujo comentário está exposto na Figura 26, também demonstra ter se surpreendido de maneira positiva. O Ceara Show é um musical, gênero teatral que o expectador não aprecia. Porém o enredo, o conteúdo e a forma de execução do espetáculo fizeram com que a visita tenha valido à pena. Com este comentário, quem também não gosta de musicais

pode não se sentir tão incomodado ao ser convidado a assistir ao espetáculo, podendo se tornar, assim, um potencial espectador.

Figura 27 – Avaliação de turista nº 05



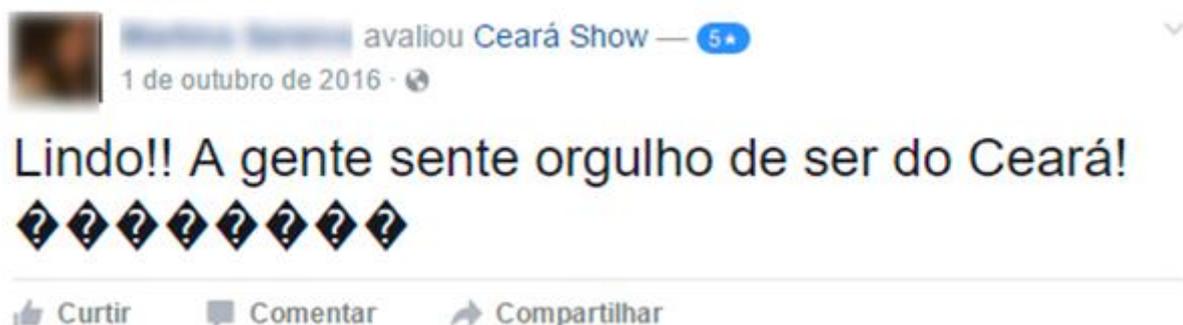
Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303293-d11718248-Reviews-Ceara_Show-Fortaleza_State_of_Ceara.html#REVIEWS>.

Este último comentário do bloco das avaliações com contexto histórico, trazido na Figura 27, destaca um sentimento interessante do espectador. Ele se sentiu tão envolvido com a temática e a forma como que ela foi exposta, que se interessou em se aprofundar no contexto histórico cearense e nas realidades de vida das personalidades marcantes presentes no espetáculo. Este comentário reforça a ligação do espetáculo Ceará Show com o fim de sustentabilidade preconizado pela Organização Mundial do Turismo. Esse interesse histórico vindo de uma pessoa que não mora no Ceará ajuda a fortalecer as raízes culturais do povo, difundí-las para outras localidades e compartilhá-las com outras gerações (NAZARETH; RODOVALHO; SOUZA, 2010). O espectador afirma ter se emocionado com a encenação a respeito de Padre Cícero, mesmo não sendo católico. O que aflorou o sentimento do turista não foi a religiosidade, mas ter se deparado com um aspecto de vida de um povo que, possivelmente ele, até então, tenha tido conhecimento apenas pelos livros ou por meio da televisão. O espetáculo conseguiu inserir o turista no meio da cultura de raiz do cearense, que se apega à religiosidade para enfrentar as dificuldades e o sofrimento da vida.

O grupo das avaliações que destacam o sentimento de pertença tem quatro comentários, todos feitos por residentes, na plataforma Facebook, com

classificação de cinco estrelas. O comentário exposto na Figura 28 explicita bem esse sentimento coletivo.

Figura 28 – Avaliação de residente nº01



Fonte: <<https://www.facebook.com/pg/ocearashow/reviews/>>.

O orgulho de ser cearense foi a temática central deste comentário, que resume o sentimento deste bloco de usuários que avaliaram o espetáculo Ceará Show. É interessante perceber que ao falar “A gente sente”, o espectador se integra a um grupo de pessoas que estava vivendo a mesma experiência e que, muito provavelmente, compartilhava desta mesma sensação ao final da apresentação. O espetáculo Ceará Show demonstra ter a capacidade de apresentar o Ceará ao cearense e fazer acender o sentimento de orgulho tão importante para a preservação da memória de um povo (CORIOLANO e MARTINS, 2014).

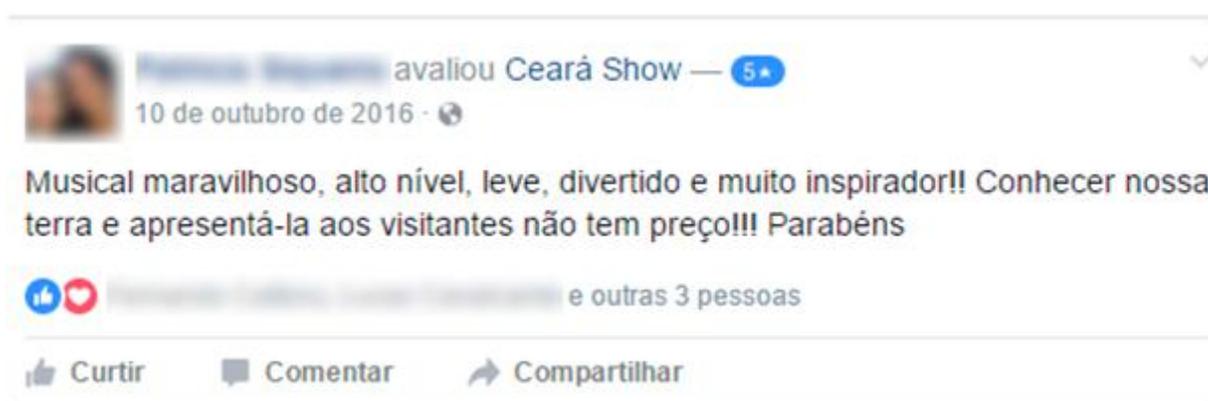
Figura 29 – Avaliação de residente nº02



Fonte: <<https://www.facebook.com/pg/ocearashow/reviews/>>.

Pela avaliação destacada na Figura 29, é possível concluir que os idealizadores conseguiram equilibrar, no enredo do espetáculo, o destaque dado às ações e qualidades do povo cearense, deixando de lado doses exageradas de orgulho pela própria terra. O comentário demonstra ainda características do povo cearense, explicitadas no espetáculo, que chamaram a atenção e foram confirmadas pelo espectador; de um povo desbravador, persistente e alegre. A escrita do usuário incentivou um comentário em sua publicação, que reforça a qualidade técnica do espetáculo e o desejo de voltar a participar da plateia.

Figura 30 – Avaliação de residente nº03



Fonte: <<https://www.facebook.com/pg/ocearashow/reviews/>>.

A Figura 30 traz à tona uma das discussões deste trabalho. A de que se a pessoa não conhece o que de bom o local onde ela vive tem a oferecer, como ela vai sentir orgulho e querer que outras pessoas, de localidades diversas, também tenham vontade de viver algum tipo de experiência naquele local? (CORIOLANO e MARTINS, 2014, p. 236). O comentário abre margem para supor que o espectador, mesmo cearense, não conhecia a totalidade das histórias e personalidades apresentadas no espetáculo. E esta experiência de conhecer quem, no passado, foi importante, inclusive, para os dias atuais foi gratificante. Isso fica claro no momento em que usuário diz que poder compartilhar aquilo que acabou de conhecer não tem preço, ou seja, é de um valor incalculável. E, assim, a história do Ceará ganha mais um multiplicador que, certamente não vai reproduzi-la apenas para os visitantes. Família e amigos também acabam sendo beneficiados, ganham conhecimento e também se tornam multiplicadores.

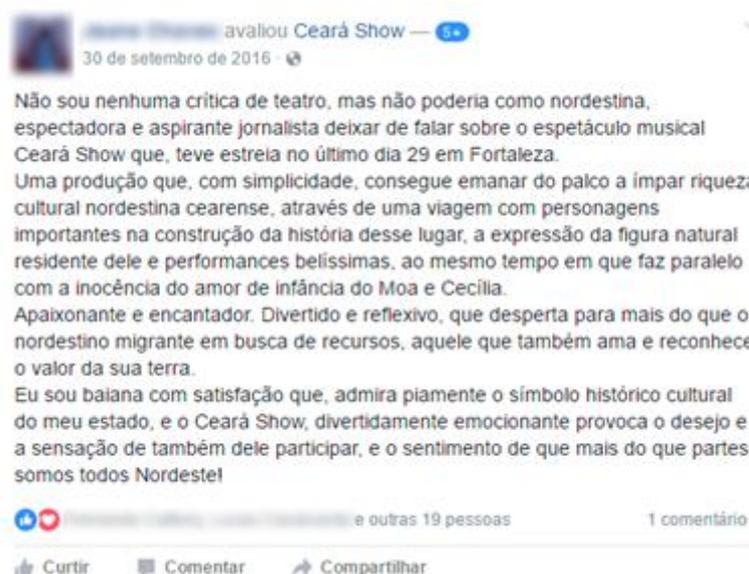
Figura 31 – Avaliação de residente nº4



Fonte: <<https://www.facebook.com/pg/ocearashow/reviews/>>.

A palavra “empoderamento” foi utilizada no comentário exposto na Figura 31 para expressar um sentimento de ruptura da submissão vivida pelo Ceará em relação a outros estados da federação e que é sentida por quem vive. Para o espectador, o espetáculo trouxe conscientização a respeito da capacidade, inteligência e motivação do povo cearense em busca de objetivos próprios. Ele se pôs no lugar daquelas personalidades apresentadas e percebeu que também poderia ser uma delas. O sentimento de pertença é justamente este ampliar de horizontes, é perceber que é possível alcançar limites antes não imaginados, que estavam adormecidos, muitas vezes, pela sensação de submissão. Isso tanto é verdade que o usuário diz sentir vontade de dizer em voz alta, para todos ouvirem: “Eu sou cearense”! Viver este sentimento foi tão positivo para este espectador que, à época do comentário, ele já havia acompanhado a apresentação por quatro vezes. Para esta pessoa, o espetáculo foi um fio condutor de esperança, de motivação e da busca de um ideal.

Figura 32 – Avaliação de turista nº06

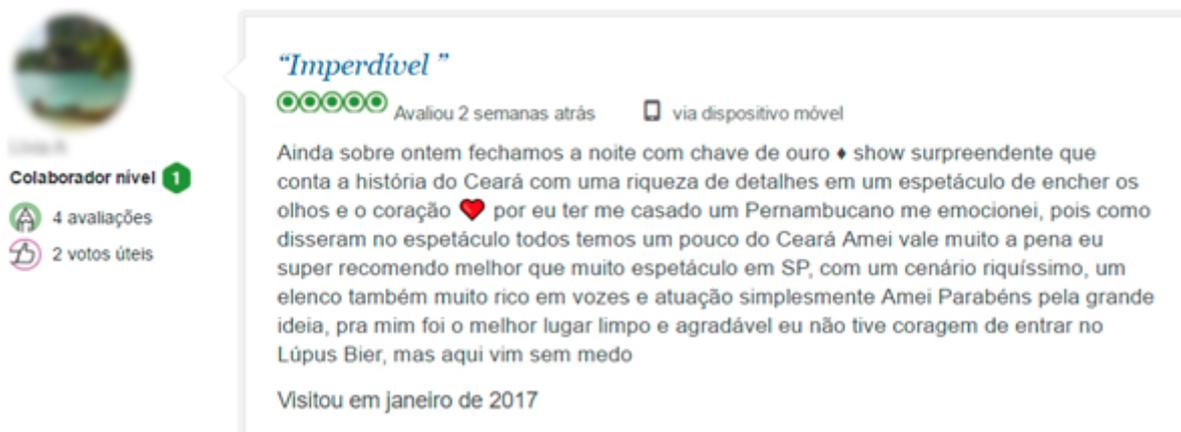


Fonte: <<https://www.facebook.com/pg/ocearashow/reviews/>>.

No terceiro e último bloco de avaliações, quatro comentários abordaram tanto o sentimento de pertença quanto o contexto histórico do espetáculo, dois de cada plataforma de coleta em estudo. Todos concederam avaliação máxima ao Ceará Show.

A Figura 32 apresenta o comentário de um turista baiano, que faz uma pequena resenha do espetáculo. Apesar de ser de outro estado, o espectador afirma ter se sentido parte de todo aquele contexto apresentado no espetáculo. Uma afirmação de que a cultura cearense se confunde em alguns aspectos com a dos estados que o cercam. Isso pode agregar fortalecimento da identidade de um povo (MENESES, 2013). À medida que os semelhantes se unem, eles agregam forças para vencer os desafios impostos pelo passar dos anos, das mudanças de gerações, interesses e aptidões.

Figura 33 – Avaliação de turista nº07

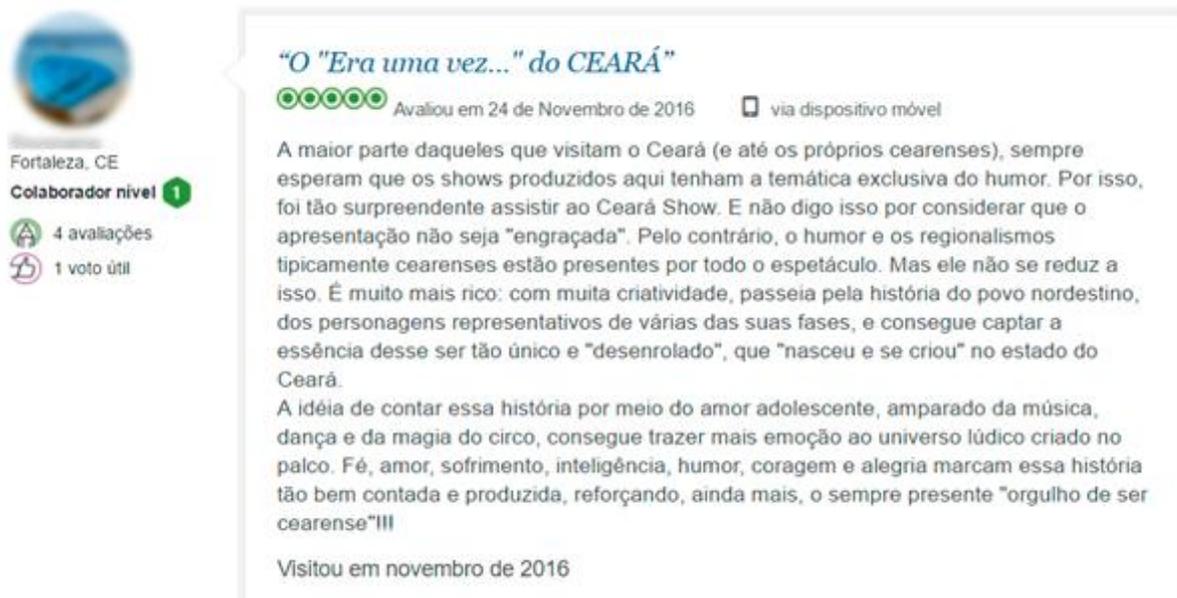


Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303293-d11718248-Reviews-Ceara_Show-Fortaleza_State_of_Ceara.html#REVIEWS>.

No comentário exposto na Figura 33, o espectador, também turista, compartilha um sentimento semelhante ao do usuário anterior. Apesar de nem ser nordestino, o sentimento de orgulho em relação aquilo que assistia veio à tona, capitaneado, provavelmente, pelo laço sentimental do companheiro, que é pernambucano. Uma das falas do espetáculo é citada, quando afirma que todos carregam dentro de si um pouco do Ceará. Ela reforça o agregar de culturas semelhantes e, mais ainda, corrobora uma característica do cearense discutida neste trabalho; a de ser nômade, não fincar raízes e seguir em busca de um ideal, seja financeiro, sentimental ou de outras searas.

Outro componente de um atrativo turístico, como a qualidade dos serviços, também é uma importante medida de satisfação do cliente (FERNANDES; CORIOLANO, 2012, p. 363). No comentário em destaque, a apresentação foi comparada de forma superior a outras realizadas no estado de São Paulo, reconhecidamente um território de importantes encenações teatrais, inclusive em nível internacional. Outro aspecto enaltecido teve relação com o espaço onde o espetáculo é encenado. A limpeza e a forma com que o teatro foi estruturado proporcionaram uma experiência agradável ao espectador. Estes dois aspectos podem não ser decisivos na escolha de um atrativo, mas geram influência e podem afastar possíveis frequentadores.

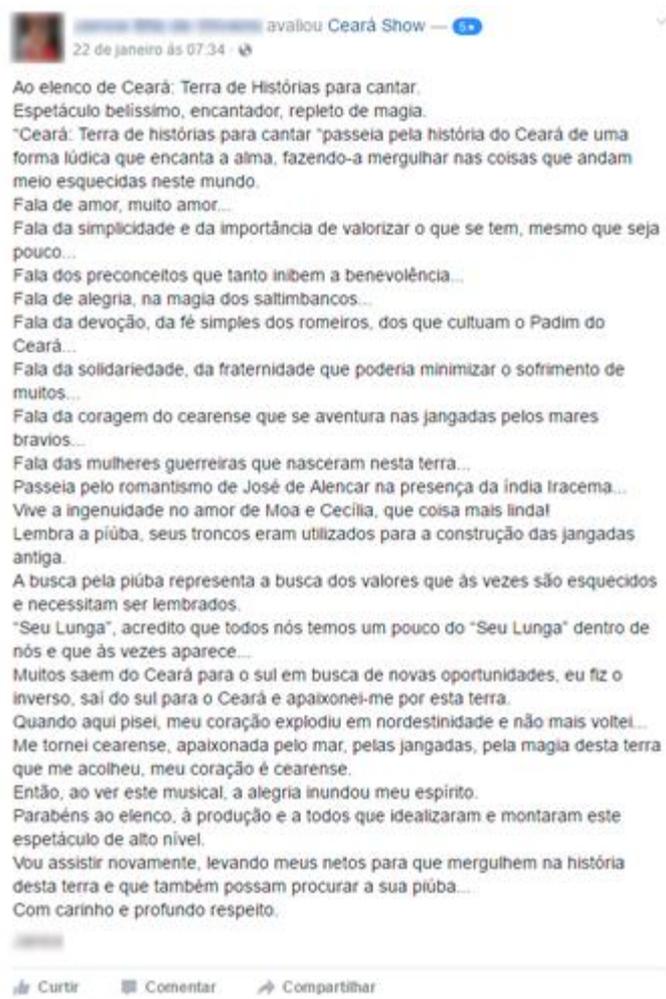
Figura 34 – Avaliação de residente nº05



Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g303293-d11718248-Reviews-Ceara_Show-Fortaleza_State_of_Ceara.html#REVIEWS>.

O próximo comentário analisado fala de um aspecto que tem sido bastante valorizado na cultura cearense, o humor. A contribuição exemplificada na Figura 34 é de um residente, que concedeu avaliação máxima ao espetáculo. Ele explica que já virou costumeiro relacionar espetáculo feito no Ceará com temática exclusiva de humor. O que chamou a atenção do espectador foi justamente o "ir além" proposto pela apresentação teatral em estudo. Ele destaca o aspecto cultural como ponto chave de descoberta de uma riqueza de conhecimentos. Riqueza esta que se desdobra no sentimento de valorização da raiz cultural, do sentimento de pertença, do orgulho de ser cearense.

Figura 35 – Avaliação de residente nº06



Fonte: <<https://www.facebook.com/pg/ocearashow/reviews/>>.

Neste último comentário em análise, apresentado na Figura 35, um texto longo, em forma inicial de resenha, fala das variadas temáticas implícitas no espetáculo, como amor, simplicidade, preconceito, devoção e coragem. Mas o espectador demonstrou um sentimento compartilhado por muitos: o de não ser cearense, mas se sentir parte desta terra. Assistir ao espetáculo o fez lembrar os motivos que o encantaram e o convenceram a montar nova morada em um lugar diverso ao de seu nascimento. Ele também fala em levar os netos para que eles possam vivenciar igualmente a riqueza histórica e cultural do local onde vivem e, principalmente, saibam valorizar aquilo que o cercam.

6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa surgiu do encantamento por um espetáculo que conta a história do Ceará de forma lúdica e procura preservar a cultura do estado nos mais diversos aspectos. Isso trouxe um questionamento sobre a eficácia de um espetáculo desta temática como atrativo cultural em uma região que não costuma valorizar o passado.

No decorrer desta pesquisa, foi comprovada a eficácia do espetáculo Ceará Show como atrativo turístico, nos moldes em que foi produzido. Turistas que acompanharam a apresentação se sentiram motivados a pesquisar sobre a cultura cearense e se aprofundar no contexto histórico para entender a realidade atual do povo. Ao mesmo tempo, cearenses se sentiram valorizados com o espetáculo e também se sentiram motivados a compartilhar a própria cultura com os demais. Tal resultado foi atingido por meio de práticas bem estruturadas durante toda a execução do projeto do espetáculo.

O primeiro ponto de destaque foi a percepção de uma carência no mercado. O espetáculo Ceará Show veio cobrir uma lacuna de opção noturna de entretenimento, destinada a um público familiar, de todas as idades. Além disso, a apresentação teatral foi concebida de forma a não ser apenas um entretenimento que proporcionasse efeitos pontuais e momentâneos nos espectadores, mas que oferecesse novas descobertas a eles. Um espetáculo construtivo e transformador, que faz com que o público deixe o teatro diferente de como chegou, mais rico em cultura.

Outro aspecto relevante é que, neste ponto, o espectador cearense não deixou de ser contemplado. E a estratégia de atração do público local que, como demonstrado nesta pesquisa, tem pouco interesse pela própria cultura, foi exaltar as qualidades do povo e, assim, mostrar que aquilo considerado, muitas vezes, banal é, na realidade, riqueza cultural que pode e deve ser valorizada, por ser relevante. Este pouco interesse pela própria cultura é bastante perceptível pelo fato dos produtores não terem apoio de artistas locais na criação do projeto. Foi preciso firmar parceria com um autor carioca, para que ele pudesse criar um roteiro que falasse do Ceará.

Desta forma, o espetáculo não quis simplesmente expor manifestações da cultura cearense, mas mostrar que elas são convidativas, belas e únicas, estimulando, assim, a auto estima do cearense e o sentimento de pertença pela história do seu povo.

Mas para que todo esse viés de valorização histórico-cultural saísse do papel, os produtores do espetáculo acertaram ao seguir uma tendência mundial de transformar a ideia artística em estratégia de negócio. Neste ponto, a procura por ajuda especializada no Sebrae foi de profunda importância. Ter um plano de negócio foi peça chave na busca de patrocínio. Ajudou os empresários a perceberem que o investimento em turismo e cultura de raiz pode ser lucrativo, a depender da forma que o projeto é estruturado e executado.

O local escolhido para a construção do teatro também se mostra um ponto importante para o sucesso do empreendimento e sua viabilização como atrativo turístico histórico-cultural. Enquanto os demais equipamentos deste seguimento, como os museus, estão em sua maioria no centro de Fortaleza, local que apresenta deficiências na segurança e em estacionamento de veículos de grande porte, o teatro Ceará Show foi construído na Avenida da Abolição, bem próximo à grande maioria dos hotéis da cidade e localizado estrategicamente, a pouco metros da feirinha de artesanato da Avenida Beira Mar, o corredor turístico fortalezense. Essa proximidade facilita a ida do turista ao espetáculo, com comodidade, agilidade, mais segurança e menor gasto individual com transporte. O que é economia para o turista, é transformado em lucratividade para categorias profissionais diretamente relacionadas ao segmento turístico.

Paralelo a isso e por fim, a relevância da temática escolhida foi de fundamental importância para atrair e cativar o público, seguindo uma tendência preconizada pelo Ministério do Turismo, de que um atrativo que se apropria da cultura tem potencial de sucesso, uma vez que a valorização da singularidade local gera experiências únicas e o interesse pela cultura ocupa o terceiro lugar entre as motivações das viagens, conforme pesquisa do próprio Ministério exposta neste trabalho.

Embora percentualmente a quantidade de avaliações que destacam a temática histórico-cultural como ponto principal da apresentação seja pequena, é possível concluir que o espetáculo apresenta boa aceitação perante o público diante do quantitativo de avaliações positivas do espetáculo. Ainda mais porque a

quantidade de avaliações com comentários também é pequena em relação ao total de avaliações nas duas plataformas pesquisadas. Isso acontece porque a apresentação estreou recentemente, em setembro de 2016. O fator limitante, neste caso, foi o fato de poucos usuários das plataformas apresentarem suas avaliações de forma escrita. Porém, os que assim o fizeram, corroboraram com as expectativas desta pesquisa.

Sendo assim, sugere-se à iniciativa privada o estímulo à criação de novos atrativos que valorizem a raiz histórica do estado do Ceará, visto que existe a possibilidade de que eles se tornem produtos turísticos lucrativos. E ao poder público é lançado o desafio de fazer novos planejamentos e repensar a forma de apresentar a riqueza histórico-cultural aos visitantes. Interessante se faz pôr em prática estudos de revitalização do centro de Fortaleza, com toda sua carga cultural, para que ele fique acessível, relevante e seguro para quem visita nosso estado. Aos pesquisadores, cabe dar suporte intelectual aos entes públicos e privados, para que, em conjunto, a sociedade seja beneficiada com novas ideias, atrativos e formas de realizar um turismo com sustentabilidade ambiental, social e cultural.

A grande contribuição do espetáculo Ceará Show para o turismo no estado foi ter transformado, com maestria, a arte em negócio turístico, capaz de promover formação e qualificação profissional e contribuir para o crescimento econômico local.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. **Iracema**. Cotia: Ateliê Editorial, 2012.

AQUINO, R. **Ouricuri, história e genealogia**. Recife: Centro de Estudos da História Municipal, 1982. 203p.

ARAÚJO, L. M.; MOURA, F. B. P. A expansão do turismo na zona costeira nordestina: crescimento econômico, degradação ambiental e erosão cultural. In: CORIOLANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **O turismo e a relação sociedade-natureza: realidades, conflitos e resistências**. Fortaleza: EdUECE, 2014. p.96-116.

BALDISSERA, R. Comunicação turística. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUL, 8., 2007, Passo Fundo. **Anais...** Passo Fundo: Intercom Sul, 2007. p.1-13. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2007/resumos/R0492-1.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 11. ed. Campinas – SP: Papirus, 1998.

BARRETTO, M. **Cultura e turismo: discussões contemporâneas**. Campinas: Papirus, 2007.

BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos da metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 158p.

BARROSO, P. **O cearense**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2017.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345.

BRASIL, C. **Figurino do Ceará Show**. Disponível em: <<https://youtu.be/IGZoUQnyDNM>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Por que investir no Brasil?** Disponível em: <<http://investimento.turismo.gov.br/conheca-a-identidade-digital-do-governo.html>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do turismo: marcos conceituais**. Brasília: MTur, 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Caracterização e dimensionamento do turismo doméstico no Brasil**. Relatório Final. Brasília: MTur, 2007. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Hábitos de consumo do turismo do brasileiro**. Brasília: MTur, 2009. Disponível em <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Estudo da Demanda Turística Internacional 2004 - 2008**. Brasília: MTur, 2010. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo cultural: orientações básicas**. 3. ed. Brasília: MTur, 2010. 96p.

CANO, W. Celso Furtado e a questão regional no Brasil. In: TAVARES, M. C. (Org.). **Celso Furtado e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. p.93-120.

CARVALHO, G. **Patativa do Assaré: uma biografia**. 3. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2017. 104p.

CARVALHO, G. Seu Lunga: símbolo de grosseria a partir do folheto de Abraão Batista. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 14., 2012, Natal. **Anais...** Natal: Intercom, 2012. p.1-13. Disponível em; <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0666-1.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

CASCUDO, L. C. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CASTRO, C. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, G. (Org.). **Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.80-87.

CATTONY, F. **Fernando Cattony: depoimento** [dez. 2016]. Entrevistador: José Francisco Julião Júnior. Fortaleza: Teatro Ceará Show. Arquivo sonoro em mp3. Entrevista concedida a esta dissertação de mestrado.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007. 162p.

COELHO, M. L. **O discurso publicitário na TV como construtor da imagem turística do Ceará**. 2015. 172 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos) – Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.uece.br/mpgnt/dmdocuments/COELHO,M.L.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

COELHO-COSTA, E. R.; FERREIRA, C. A. L.; SANTOS, M. S. F. Mariscolândia: o corredor turístico gastronômico do Bairro Varjota e Fortaleza-CE/Brasil. **TURyDES – Revista Turismo y Desarrollo local**, Habana, v.9, n.20, p,1-17, jun.2016. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/curydes/20/index.html>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

CORIOLOANO, L. N. M. T. A Utopia da sustentabilidade no turismo. In: CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **O turismo e a relação sociedade-natureza: realidades, conflitos e resistências**. Fortaleza: EdUECE, 2014. p. 316-328.

CORIOLOANO, L. N. M. T. O turismo comunitário no contexto da globalização. In: CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza: EdUECE, 2012a. p. 11-25.

CORIOLOANO, L. N. M. T. O turismo comunitário no nordeste brasileiro. In: CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza: EdUECE, 2012b. p.119-130.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; BARBOSA, L. M.. Articulações do turismo comunitário. In: CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza: EdUECE, 2012a. p.153-176.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; BARBOSA, L. M. Socialização de saberes em territórios solidários do turismo. In: CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza: EdUECE, 2012. p.59-83.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; FERNANDES, L. M. M. Políticas do turismo: ações e contradições da realidade cearense. In: CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **O turismo e a relação sociedade-natureza: realidades, conflitos e resistências**. Fortaleza: EdUECE, 2014. p.143-170.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; LIMA, A. C. G. A contribuição do turismo ao desenvolvimento da escala humana. In: CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza: EdUECE, 2012b. p.103-117.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; MARTINS, J. C. O. O turismo na construção das identidades contemporâneas. In: CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **O turismo e a relação sociedade-natureza: realidades, conflitos e resistências**. Fortaleza: EdUECE, 2014. p.229-245.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; SAMPAIO, C. A. C. Discursos e concepções teóricas do desenvolvimento e perspectivas do turismo como indução. In: CORIOLOANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza: EdUECE, 2012. p.43-57.

CORIOLOANO, L. N. M. T.; SAMPAIO, C. A. C. Territórios solidários latino americanos e turismo comunitário no rebatimento aos megaempreendimentos transnacionais. In: CORIOLOANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza: EdUECE, 2012. p.27-41.

CORREIA, J. C. **Elementos para uma crítica da mediação moderna**. Covilhã/PT: Universidade da Beira Interior, 1999.

CRISÓSTOMO, C. **Carlinhos Crisóstomo**: depoimento [jan. 2017]. Entrevistador: José Francisco Julião Júnior. Fortaleza: Colégio Jenny Gomes. Arquivo sonoro em mp3. Entrevista concedida a esta dissertação de mestrado.

CUNHA, P. **Cearálegre**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1962.

DINIZ, Lincoln da Silva. **As bodegas da cidade de Campina Grande**: objetos de permanência e transformação do pequeno comércio no bairro de José Pinheiro. 2004. 203 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/6741/arquivo6850_1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jun. 2016.

ECO, Umberto. A estrutura do mau gosto. In: _____. **Apocalípticos e integrados**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

EMPRESA MUNICIPAL DE TURISMO DE BELO HORIZONTE. **Plano Horizonte**: marketing turístico de Belo Horizonte. Relatório Executivo. Belo Horizonte: Belotur/Chias Marketing, 2006.

FARIAS, J. A. **História do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Livro Técnico, 2007. 348p.

FERNANDES, L. M. M.; CORIOLANO, L. N. M. T. Turismo na perspectiva das agências de turismo. In: CORIOLANO, L. N. M. T.; VASCONCELOS, F. P. (Orgs.). **Turismo, território e conflitos imobiliários**. Fortaleza: EdUECE, 2012. p.353-365.

FIGUEIREDO FILHO, J. **Patativa do Assaré**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

GASTAL, S. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: ALEPH, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, P. C. C. A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos. In: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

GOULART, S. Uma Abordagem ao Desenvolvimento Local Inspirada em Celso Furtado e Milton Santos. **Cadernos EBAPÉ.BR**, Rio de Janeiro, v.4, n.3, p.1-15, out.2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cebape/v4n3/v4n3a04.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2015.

GUINDANE, S. **Conheça o Musical Ceará Show**. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/PfrQHYHP31o>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.22, n.2, p.201-210, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v22n2/a10v22n2.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

HOLANDA, V. C. C. Sobral-Ceará: aspectos das verticalidades e horizontalidades em uma cidade média do interior do nordeste brasileiro. **Revista Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v.12, n.40, p.96-105, dez./2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16512/9216>>. Acesso em: 04 ago. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Museus em números**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. 240p.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO DE FORTALEZA. **Fortaleza 2040**. Fortaleza: IPLANFOR, 2015. Disponível em: <<http://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/site/fortaleza-2040/sobre-o-projeto>>. Acesso em: 31 dez. 2015.

IPIRANGA, A. S. R. A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. **RAM - Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v.11, n.1, p.65-91, jan./fev. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ram/v11n1/04.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2017.

KAUARK, F.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010. 88p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas; 1995.

LEÃO, A. B.; SECUNDO, F. Ceará, lado moleque (as letras e a sociogênese do humor). **Arquivos do CDM**, Brasília, v.3, n.2, p.79-84, ago./dez. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/24977/17885>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LIMA, B. C. C.; CABRAL, A. C. A.; PESSOA, M. N. M.; SOUZA, E. R. L. C. Ceará, estado de graça: uma investigação das raízes sociais históricas que antecedem e explicam a formação do campo organizacional do humor do Ceará. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 37., 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2013. p.1-16. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EOR2441.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2017.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.10, n. esp. p. 37-45, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe>>. Acesso em: 04 ago. 2017.

MCDOWELL, L. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, R.; SMITH, G. (Orgs.). **Geografia humana**: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MELLO, C. S. **Leões do norte** (orgulho e preconceito de ser nordestino em Pernambuco). 2006. 322 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/804>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

MELQUÍADES; FERREIRINHA; PEREIRA, Agenor; CORDEIRO, Ribamar; SANTOS, Rodrigo. **Roda de Conversa**: depoimento [jan. 2017]. Entrevistador: José Francisco Julião Júnior. Fortaleza: Teatro Ceará Show. Arquivo sonoro em mp3. Entrevista concedida a esta dissertação de mestrado.

MENESES, J. N. C. **História & turismo cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 128p.

NIELSEN, C. **Turismo e mídia**: o papel da comunicação na atividade turística. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, C. T. F.; MARTINS, P. E. M. a hospitalidade e cordialidade brasileira: o Brasil percebido por estrangeiros. **Turismo em Análise**, São Paulo, v.20, n.2, p.196-209, ago.2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14181>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

O POVO. **Autoestima cearense**: o projeto: ações e debates. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. 160p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Tourism 2020 Vision**. Madrid: WTO, 2001.

_____. **E-Business para o turismo**. São Paulo: Bookman, 2003.

PESSOA, A. **Bons ventos literários**: antologia da Academia Aracatiense de Letras. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. 164p.

PIMENTEL, S. V. **O chão é o limite**: a festa de peão de boiadeiro e a domesticação do sertão. Goiânia: UFG, 1997.

PONTES FILHO, L. F. A. **Grupo de tradições cearenses**: a marca do folclore nordestino. Fortaleza: Estácio-Fic, 2010.

PORDEUS JÚNIOR, I. A. Cearensidade. In: CARVALHO, G. (Org.). **Bonito pra chover**: ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, R. Comunidades virtuais em redes sociais na Internet: uma proposta de estudo. **Ecompós**, Belo Horizonte, v.4, p.1-27, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/57/57>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

ROCHA, J. M. T. Forró eletrônico, forró universitário. **Anuário**, v.31, n.34, p.62-71, 2004.

- RODOVALHO, A. C. F. F.; NAZARETH, M. R. S. Identidade, cultura e turismo: do pertencimento ao turismo cultural. In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E SOCIEDADE, 2., 2010, Inhumas. **Anais...** Inhumas/GO: SIMPOETS, 2010. p.1-7. Disponível em: <<http://cadernosets.inhumas.ifg.edu.br/index.php/cadernosets/article/viewFile/78/10>> . Acesso em: 05 ago. 2017.
- RUSCHMANN, D. V. M. O turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In: ALMEIDA, J.; FROELICH, J.; RIELD, M. (Orgs.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Santa Maria: Universidade Federal, 1998.
- RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo no Brasil: análises e tendências**. São Paulo: Manole. 2002. 170p.
- SANTOS, M. J. Em cena: quatro homens numa jangada. A luta por direitos dos jangadeiros dos cearenses em 1941. **Projeto História**, São Paulo, n.39, p. 339-349, jul/dez. 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/5850/4201>>. Acesso em: 05 ago. 2017.
- SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- SOUZA, R. M.; VASCONCELOS JÚNIOR, R. E. P. Cultura, educação e comércio: analisando a paisagem do bairro Benfica em Fortaleza-Ceará. In: SEMINÁRIO REGIONAL COMÉRCIO, CONSUMO E CULTURA NAS CIDADES, 3., 2017, Sobral. **Anais...** Sobral: SRCC, 2017. p.1-11. Disponível em: <<http://srccc.com.br/rs-content/files/QCJHPILEDGAM66.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- STEIN, L. **Cenografia do Ceará Show**. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/YY1qHYVBMkc>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- TECHIO, E. M.; COSTA, P. N.; MOREIRA, T. A.; HORA, N. Identidade social baiana: ser baiano na concepção de universitários. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, v.2, n.1, p.79-89, 2015. Disponível em: <<http://revpsi.org/wp-content/uploads/2015/04/Techio-et-al.-2015-Identidade-social-baiana-ser-baiano-na-concep%C3%A7%C3%A3o-de-universit%C3%A1rios.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2017.
- URRY, J. **O olhar do turista**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- WAINBERG, J. A. **Turismo e comunicação: a indústria da diferença**. São Paulo: Contexto, 2003.
- YÁZIGI, E. **Turismo: uma esperança condicional**. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

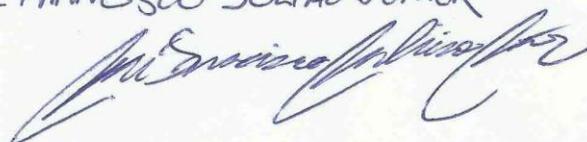
INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título: **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW**

Pesquisador Responsável: **José Francisco Julião Júnior**

Telefone para contato: (85)99171.452

- Nome e assinatura do pesquisador: JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR



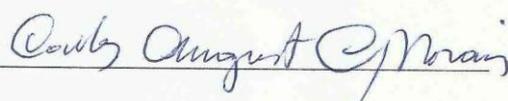
- CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, CARLOS AUGUSTO CRISÓSTOMO DE MORAIS

abaixo assinado, concordo em participar do estudo **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW** como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data: Fortaleza, 05 de janeiro de 2017

Assinatura do sujeito ou responsável: _____



APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

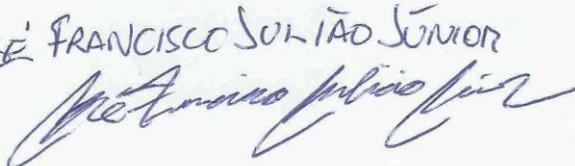
Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título: **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW**

Pesquisador Responsável: **José Francisco Julião Júnior**

Telefone para contato: (85)99171.452

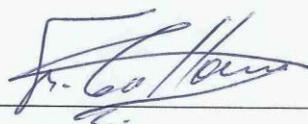
- Nome e assinatura do pesquisador: JOSE FRANCISCO JULIAO JUNIOR


- CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, FERNANDO ANTONIO DE QUEIROZ CATTONY
 abaixo assinado, concordo em participar do estudo **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW** como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data: Fortaleza, 20 de dezembro de 2016

Assinatura do sujeito ou responsável: _____



APÊNDICE C – Termo de consentimento livre e esclarecido 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

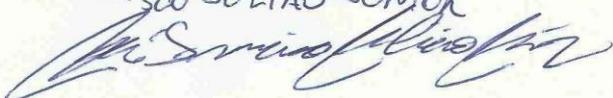
Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título: **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW**

Pesquisador Responsável: **José Francisco Julião Júnior**

Telefone para contato: (85)99171.452

- Nome e assinatura do pesquisador: JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR


- CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, FRANCISCO AGENOR PEREIRA FILHO,
 abaixo assinado, concordo em participar do estudo **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW** como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data: Fortaleza, 08 de janeiro de 2017

Assinatura do sujeito ou responsável: Francisco Agenor Pereira Filho


APÊNDICE D – Termo de consentimento livre e esclarecido 4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título: **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW**

Pesquisador Responsável: **José Francisco Julião Júnior**

Telefone para contato: (85)99171.452

- Nome e assinatura do pesquisador: JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR



- CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, RODRIGO SILVA DAS SANTOS, abaixo assinado, concordo em participar do estudo **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW** como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador **JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR** sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data: Fortaleza, 08 de janeiro de 2017

Assinatura do sujeito ou responsável: Rodrigo Silva Das Santos

APÊNDICE E – Termo de consentimento livre e esclarecido 5

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

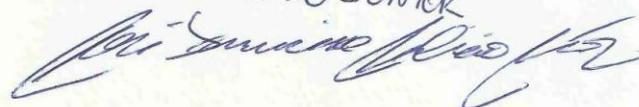
INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título: **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW**

Pesquisador Responsável: **José Francisco Julião Júnior**

Telefone para contato: (85)99171.452

- Nome e assinatura do pesquisador: JOSE FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR



- CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, JOSÉ RIBAMAR CORDEIRO FILHO,
abaixo assinado, concordo em participar do estudo **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW** como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador **JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR** sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data: Fortaleza, 08 de janeiro de 2017

Assinatura do sujeito ou responsável: José Ribamar

APÊNDICE F – Termo de consentimento livre e esclarecido 6

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título: **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW**

Pesquisador Responsável: **José Francisco Julião Júnior**

Telefone para contato: (85)99171.452

- Nome e assinatura do pesquisador: JOSE FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR



- CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, MELAMIADES RAMOS FERREZ,

abaixo assinado, concordo em participar do estudo **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW** como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador **JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR** sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data: Fortaleza, 08 de janeiro de 2017

Assinatura do sujeito ou responsável: Melamíades Ramos Ferréz



APÊNDICE G – Termo de consentimento livre e esclarecido 7

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

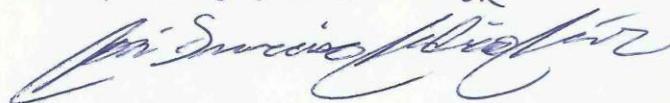
INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título: **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW**

Pesquisador Responsável: **José Francisco Julião Júnior**

Telefone para contato: (85)99171.452

- Nome e assinatura do pesquisador: **JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR**

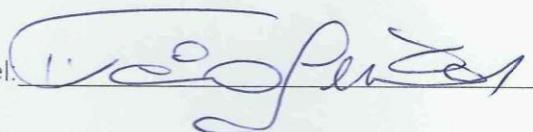


- CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, **FRANCISCO FERREIRA DO NASCIMENTO JUNIOR** abaixo assinado, concordo em participar do estudo **A CULTURA CEARENSE COMO ATRATIVO TURÍSTICO EM FORTALEZA: RESGATE DA HISTÓRIA DE UM POVO NO ESPETÁCULO CEARÁ SHOW** como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador **JOSÉ FRANCISCO JULIÃO JÚNIOR** sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data: Fortaleza, 08 de janeiro de 2017

Assinatura do sujeito ou responsável:



APÊNDICE H – Transcrição da Entrevista de Fernando Cattony

Julião Jr: Ok, então vamos lá, Fernando Cattony, como é que eu te credito aqui no espetáculo? Quem é você?

Fernando Cattony: é cara... é...no folderzinho tá como idealizador e produtor executivo, que sou eu e o Davis Veloso, produtor executivo.

Julião Jr: já que você é o idealizador, o que foi isso? Como foi?

Fernando Cattony: o pai da criança, né?!!! os pais da criança, né ?!!! porque eu não falo, não falo em meu nome pessoal, né?!!! Foi um trabalho meu e do Davis, nós tínhamos uma empresa que era uma empresa que trabalhava dentro de empresas com consultoria na área de gestão de relacionamento e a gente trabalhava a arte voltada para o desenvolvimento humano e a... muito tempo que a gente vinha trabalhando, era uma das formas, nós somos atores em formação, eu sou ator e músico formado e a gente sabe qual é a grande dificuldade da gente viver de arte no Brasil, sobretudo aqui na região Nordeste, Ceará ainda, né?!! Tem até um celeiro de talentos gigantes em todas as áreas artísticas, mas a gente sabe que é muito difícil, né?!! você ter essa... credibilizar junto ao público uma forma de você tá se posicionando como artista e que sobrevive disso, né?!! é engraçado... você vai fazer um cadastro no banco, alguma coisa, - Profissão? - Ator. -(risos) Ahhh... legal, mas o que você faz para ganhar dinheiro? – Não. só tô indo... – Não, massa, mas como é que você ganha? Então, assim, tem um certo preconceito, já foi quebrado um pouco, né?!! Eu acho que tem expoente que vivem disso, mas é uma visão que é muito difícil no dia a dia e na época da... da... outra empresa nossa, a gente buscou esse caminho de aplicar arte dentro do universo corporativo, porque era um... são ações que você trabalha para público específico, então a gente sempre tem a plateia, né?!!!, E ali garantida e vamos colocar a nossa arte para ela ser funcional para que a gente possa tá trazendo por aquele público o que ele precisa ouvir de acordo com briefing de quem tá encomendando a demanda E numa dessas demandas, nós estreitamos uma relação muito próxima com o pessoal da B&H Ceará e começamos a fazer alguns trabalhos voltados na área de treinamento do pessoal de hotéis de alguns hotéis para receber os turistas, os hóspedes no período da Copa das Confederações que antecede a Copa do Mundo e aí a gente fez no trabalho com alguns hotéis inclusive aqui no Brasil Tropical, a gente trabalhou um pessoal e nós tínhamos anteriormente aqui antes, quando era a boate é... realizado

um curso que a gente sempre fazia que era o LABT, laboratório de talentos, que é uma oficina de teatro para quem não quer ser ator que é muito legal, porque você amplia um Spectrum, né?!!, o teatro ele é uma é uma ferramenta extremamente importante para todos os setores, né?!!!, um professor precisa de teatro, um advogado precisa de teatro, um Jornalista precisa de teatro, um estudante precisa de teatro, porque ele tem que apresentar um trabalho na sala na frente da turma, um vendedor precisa de teatro se relaciona com público, o gestor precisa de teatro, ele lidera os comandados dele, como é que ele se posiciona, como é que ele, né?!!, habilidade que ele tem de estar à frente e comunicando e tal, todo mundo se a gente parasse pra pensar, é uma ferramenta que traz benefício para qualquer setor, isso é legal, porque tínhamos sempre muitos alunos que queria fazer teatro, mas tinha um na sua maioria profissionais de diversas áreas que.. ôh rapaz...eu sou uma pessoa extremamente tímida, eu chego numa festa e não consigo me relacionar, e a pessoa fazia uma oficina de teatro e ele não ia dar nenhum show, mas ele se soltava, ele conseguia dominar a ansiedade, da insegurança, de como é que eu me posiciono, eu fico encabulado, irmão Liberte-se, solte-se, né?!!, isso ajuda... Ajudava as pessoas na questão da autoestima, eu tinha... é tão engraçado que a gente fez seis ou sete versões de LABT... muitas pelo... e todas essas versões, a gente sempre trazia para dar um peso maior para o curso Caio Blat, Sílvio Guindane são atores amigos que tem um nome Nacional a nível de mídia também né atores da Globo, da Record tudo tem um histórico e que vem e agrega ao curso não só a questão de.. ahh.. eu vim falar da minha carreira, não, eles vem da aula de teatro voltado para esse tópico que a gente colocava também né como...como...característica de trabalhar para quem não quer ser ator então...é... dava um peso muito grande e você via pessoas que...rapaz... eu tinha um problema de obesidade enorme que me incomodava de repente depois de um, depois de um curso de um ano depois, você encontra a pessoa completamente magrinha, sarada, arrumada, feliz da vida que é que foi? Rapaz... aquele curso mudou minha vida, Mexeu com minha autoestima, eu fui atrás de mim resolver e tal, enfim, Então, é assim, era a forma que a gente tinha de trabalhar com a arte de forma funcional para trazer algo que possa agregar ao público não só não somente pela estética da arte pela arte ou fazer qualquer loucura aqui, porque eu sou artista, não, a gente vive no terceiro mundo com 1.000 problemas de comunicação de Educação de valores e o artista ele tem que ter uma mais do que o privilégio ou achar aqui dentro da sua vaidade de ego ele é uma

estrela ele tem que a responsabilidade de trazer para o público se ele tem uma percepção diferenciada mais sensível do que permeiam toda um ambiente que cerca a gente algo que possa contribuir para com o público para com aquela pessoa que tá, né?!!, que traga esse benefício, não que nós somos melhores ou mas assim, eu coloco muito dentro das relações com os artistas e com os nossos artistas aqui, porque a gente tem que ficar trabalhando essas questões das vaidades o tempo todo, então eu digo assim, me diga uma coisa se a gente entrar em greve hoje quem vai sentir falta? Ninguém né meu irmão... ninguém vai sente falta da gente, mas se o lixeiro entrar em greve, com 2 dias o caos está instituído, então eles, os garis já são muito mais importantes do que muita gente que anda de nariz empinado socialmente e qual é a relação de respeito e valor que a gente dá para esse cara? Nenhum, né?!! que tem até o estigma... menino se tu não estudar, tu vai ser é lixeiro, e muito pelo contrário, era pra gente ouvir o caminhão do lixo chegando... menino pega uma jarra de suco, um saco de biscoito, um cafezinho, traga aqui e ohhhh meus amigos muito obrigado, por vocês terem vindo hoje busca meu lixo...senta ai, só um minutinho, uma águinha gelada aqui, tudo bom? como é que tá? Meu irmão era para tratar bem os cara e não tem essa relação, né?!!, pelo menos agradecer, ei meu irmão, Obrigado aí pelo seu trabalho é muito importante, não existe isso e como artista como é que a gente pode ter uma função que as pessoas vejam que vocês são importantes você tem um papel de relevância no meio social com pessoas e que fez a diferença com seu trabalho então eu acho que mais que o privilégio de ser artista a responsabilidade de trazer alguma coisa que agregue e acrescente, então, nessa busca, nesses trabalhos todos que faziam com que a gente pudesse manter artisticamente ao estreitados e fizemos um curso desse aqui no hotel na boate e a boate era um espaço magnifico, era uma boate para 1.000 pessoas, era bem Ampla, super espaço e eu tô falando aqui para tu entender as costuras como é que as coisas foram chegando...

Julião Jr: porque aí você já conhecia o espaço...

Fernando Cattony: exatamente, e ai assim, o cosmo conspira completamente a favor quando você tem uma boa intenção é um negócio muito doido assim porque parece que as coisas vão... vruco... vruco... não é fácil é uma luta meu irmão é muito doida muito difícil fica uma provação é uma coisa de assim que você várias vezes você pensa em desistir porque é um movimento grande aí a gente tinha um contato aqui do hotel não conhecemos o dono ainda do hotel, mas já

tínhamos a visão do espaço e aí a B&H na gestão do Darlan Leite que era o presidente na época que é o dono do lado do JJ do Beberibe, Praia das Fontes, em Romanos e aqueles hotéis, ele chegou e colocou para a gente junto com a secretária dele que a Rejane, que é uma a figura, que era uma madrinha do projeto...

Julião Jr: isso foi quando?

Fernando Cattony: isso fazem já quase quatro anos, 2012, Olha... nós temos uma de...aí ele parou... ele viu o trabalho que a gente fez... tem tempo aí?

Julião Jr: Eu estou decupando...

Fernando Cattony: tá legal, tá certo, entendi... nós temos uma lacuna no nosso turismo que Fortaleza é muito bem servida No que diz respeito ao turismo sol e mar, mas quando chega de noite, o turista tem poucas opções, ele tem o show de humor, com várias casas, tem bons restaurantes, tem a feirinha no Dragão do Mar, mas o que fazer no Dragão do Mar? É só passear e conhecer assim a noite, né?!!! os barzinhos e tal, culturalmente é oferecido pouca coisa e teve uma explosão muito grande em relação ao humor só que o humor, apesar de como ator, todos eles são colegas e pessoas amigas e tudo, a gente sabe que o humor, ele deu uma explosão muito grande quando caiu na mídia Nacional, os seus projetos dentro dos programas, né?!!!, no Faustão e com Tom Cavalcante, né?!!! sempre a veia do humor cearense teve presente é uma característica do cearense, né?!! mande agora, mas vez, você vai estudar, pega lá Quintino Cunha e outros atores, né?!! é uma... é uma... é uma coisa que é.. é dele, né?!!! é da veia do cearense isso, né?!!! Isso é muito legal, eu acho extremamente positivo, mas caindo num lugar desse humor que existem ícones dele extremamente bons e talentosos, mas que arrastaram assim uma leva de novos humoristas que começaram a criar um formato e um padrão que levou para um lugar que é do humor fácil, eu vou pegar o alguém de Cristo, vou escarnecer essa pessoa, os outros idiotas vão rir desse coitado e eu garantir minha piada, eu tenho que constranger alguém para poder os outros rirem desse condenado e só que isso gera o que? gera constrangimento, Às vezes o cara é só, termo de baixo escalão e tu né?!!! pesa muito no vocabulário, Então não é um programa para família, não é que seja uma coisa que de repente, sei lá, esteja em um grupo de amigos, então, vamos assistir, massa, vamos escrachar mesmo, né?!!! liiêê... e deixa, né?!! a bagunça rolar solta, beleza, entra até na bagunça do cara, sacanear, você entra no jogo do cara, aí o show de bola, sem problema, tá bebendo

uma e já relaxa se solta, mas às vezes para um visitante, para o turista cara chega aqui com a família tem uma senhora, tem uma pessoa mais de idade, tem jovem, adolescente e criança aí se o cara nem foi orientado que lá talvez não fosse local e ele entra e o que é pior... o cara ver que tem aquela pessoa no público, na plateia e não tá nem aí meu irmão, ele solta um absurdo mesmo e aí você começa a ver o que isso gera... quando você vai atrás de ver as avaliações das rede sociais, meu irmão da aquela vergonha alheia que a gente fala - meu irmão, não acredito cara, como é que pode? e assim e continua com uma divulgação muito intensa eu não digo que teria que acabar mas tem que ter uma renovação que eu acho que eles estacionaram se acomodaram em um patamar e... - o que que é fácil de fazer? - é isso aqui, isso aqui, isso aqui e deixaram, por exemplo, a gente trabalhava dentro de um universo corporativo, então eu sei que se eu for para dentro de um universo corporativo e o cara pede que eu me diga alguma coisa, eu estou dizendo aquilo que ele quer que seja dito, eu não posso falar o que eu acho, o que eu quero, eu tô sendo pago para isso dentro da minha contratação, então eu tenho que ter uma preocupação, uma responsabilidade muito grande, a informação que eu tenho que passar, por que? Porque, ela tem um cunho corporativo, ela é motivacional, ela... entendeu? mesmo que seja só na linha do entretenimento, eu tenho que manter algum padrão, algum nível e tal, nós fomos fazer um trabalho que a gente estava junto da Petrobras, a Lubnor e teve uma confraternização que um gestor contratou um humorista e o cara lá dentro meu irmão começou a escatitar, aí um diretor falou – só um minutinho, vamos dá só uma pausa, por favor pare...porque quem foi o gestor que contratou? foi você aqui? meu irmão deu-lhe uma rolada. Você mande esse cara parar agora, tire ele do palco, encerre esse espetáculo, não, nem show, encerre esse absurdo que tá aí, você pensa que você tá aonde meu amigo? Rapaz...esculhambou e aí o constrangimento? para o gestor, para o artista, tá entendendo? Então as pessoas.. aí o cara também não tem um desconfiômetro? É uma questão de bom senso até, né?! então se eu estou no meu show e eu fiz o meu show e você pagou para ir assistir aí problema meu e teu meu irmão, aí tu não sabia o que é era? sabia, aí tu foi lá para ouvir! Então você vai ouvir o que eu tiver para dizer. Mas a partir do momento que você me convida para ir na tua casa e eu quero que você diga determinada coisa específica e o cara é... vem e escracha aí é o bom senso, então, falta um pouco isso, aí nessa preocupação do pessoal da B&H, nós temos aqui uma lacuna...

Julião Jr: Deixa só eu te fazer uma pergunta?

Fernando Cattony: pergunte.

Julião Jr: é algo que surgiu aqui pra mim, nesse período de pesquisa né?!!! Que eu quero falar sobre apresentações históricas, histórico culturais, certo? você considera o humor cearense nesse aspecto que ele tem apresentações em que ele é reconhecido nacionalmente, o estado é reconhecido como estado do humor, é uma aspecto cultural do humor nosso?

Fernando Cattony: é, eu acho que é, eu acho que é, agora é assim, tem limites né cara, tem... você pega um Augusto bonequeiro, ele tem um escracho dele que ele quando ele quer brincar e sacanear ele vai, mas ele tem uma coisa inteligente, muito bacana. O próprio Tiririca, que ele é aquela figura, ele é aquela figura, eu acho que tem coisas dele que eu acho genial, tá entendendo? eu não vou dizer que não é cultural, é cultural cara, o cara... por que ele é aquela figura é como se o personagem se misturasse com a realidade do cara, ele é aquela figura, né?!! então assim, eu tenho amigos que são esse exemplo nato desse ser cearense sabe que se olha assim já é divertido que o cara é aquela figura então assim é cultural eu acredito que sim né só que tem as derivações que aí nessa tomada a deturpações aí criasse estereótipos e aí é como se fosse assim, por exemplo, eu fiz, eu como ator tem na minha formação... eu fui... eu fiz escola de circo em 79, eu sou de São Paulo, moro há 35 anos aqui, sou paulista da capital, mas sou cearense de opção, de coração, eu brinco que sou mais cearense do que muito cearense, que eu tive a opção de ser cearense, tenho uma paixão tremenda pelo Ceará, né?!!! Encontrei uma paulista aqui, me casei aqui, uma paulista vizinha de quarteirão, mas já morava aqui desde 10 anos, 11 anos de idade, já tenho dois cearenses no currículo aqui, né?!!! então assim, o Ceará para mim é a minha terra hoje, eu tenho assim e é muito doido, por que eu quando menino em São Paulo eu já tinha uma relação assim de amor para o Nordeste muito grande porque eu saia eu lembro eu saia de casa pegava o ônibus ia para Estação do Brás que é o bairro, eu nasci no Brás hoje em dia é o bairro dos nordestinos em São Paulo e ia para Estação da Luz para ficar ouvindo os repentistas tocando e dava um maior valor aquilo, caracaaaa...isso é mágico, menino achava mágico, porque eu vi um cara improvisando e criando na hora, achava aquilo fantástico, sempre gostei, tinha os discos do Luiz Gonzaga, cantava as músicas, assim eu tinha uma paixão pelo nordeste, uma coisa semelhante, uma identidade muito doida com a região e de repente com um grupo

quando como ator a gente saiu que eu morava no rio na época e saímos com uma trupe estilo Bye Bye Brasil numa Kombi e subimos com umas 7 pessoas o Brasil, e se apresentando, e rodando o chapéu nas praças e quando passamos aqui por Fortaleza que íamos seguir, que o plano era subir em 80 até as Guianas e de lá pegar um charter na Guiana Francesa para Europa ir para França, a ideia era essa, mas quando paramos aqui, ficamos 3 meses aqui deu um espalha a brasa, o grupo foi embora e eu fiquei, e estou aqui a 35 anos, então, na minha época de formação como palhaço, como um ator e tudo, eu vi, que por exemplo, eu... não tinha uma tradição quando cheguei aqui das pessoas irem ao teatro eu falei, tô lascado, porque o povo não vai para o teatro, como é que vou fazer meu trabalho? Falei, já sei, se o cara não vai para teatro e eu tenho uma ferramenta que é o palhaço e tudo mais, eu vou levar o teatro para casa das pessoas e comecei a fazer animação de festa, então eu fiz animação eu fiz... na época eu fiquei conhecido como palhaço que tirava medo das crianças que tinham medo de palhaço, eu não chegava de palhaço, chegava normal e fazia parte da brincadeira me transformar na frente deles e nessa brincadeira é... quebrava um pouco a magia, porque viam que era uma pessoa mais ao mesmo tempo perdia, num perdia a magia, mas perdia o medo, então era massa, porque assim, eu trabalhei desde a casa do Jereissati, dos Macedos, dos Queiroz, dos Fiúzas, de toda a elite Fortalezense, as casinhas simples do Pirambu, de Jacarecanga, na Barra do Ceará rodei a cidade todinha nesse sentido, algumas aí.. Tinha pouca gente fazendo animação e a minha maquiagem eu tinha uma preocupação, minha maquiagem era uma maquiagem importada, ela tinha toda uma preocupação como artista do que eu tinha do meu material, aí de repente... ficou alguma coisa fácil, o cara via, ahhhh... isso dá dinheiro, porque eu ganhei muita grana fazendo festa, isto dá dinheiro. Aí o cara pintava a cara com pasta de dente, falava qualquer besteira e eu sou palhaço, eu falava... aí me incomodava muito isso que eu falava, Caraca... pô eu tive uma preparação, um cuidado de... estudei não sei quanto tempo escola de circo, com técnicas, com coisas que tanto trabalho, tinha uma preocupação de fazer um trabalho no que eu já mesmo empiricamente o que que eu tô jogando para essa plateia? Qual era a minha responsabilidade? que depois lá na frente que eu fui enxergar e entender e ver fruto disso, que teve criança que eu fiz a festa a criança cresceu teve filho eu fiz a festa, e assim muito doido, como eu fosse fazer a festa do meu neto, né?!!! era um lance doido e assim e de repente jovens que que eu fiz aniversário e que depois me encontrou na frente. Por

exemplo, eu fazendo um trabalho dentro do corporativo dentro da Coelce e lá são baías e eu falando com uma pessoa... aí quando eu estava conversando... uma pessoa lá de dentro, - Cattony. – Sim. – eu já te reconheci pela voz. Rapaz, tu não lembra de mim não? Tu fez a festa do meu filho e ele era deficiente visual. - ahhh eu sei quem é, eu lembro. Porque era uma peculiaridade tão grande, assim né?! Eu acho que foi a única criança cega que eu trabalhei, lógico que eu me lembro. Rapaz... vou lhe dizer, ele cresceu, hoje ele um adulto, tem 25 anos, ele cresceu a gente tinha gravado essa festa e... sempre ele pedia para passar a fita da festa para ele ficar ouvindo e ele disse que aquela festa mudou a vida dele, hoje ele é jornalista, fez faculdade de Comunicação Social, Jornalismo e ele disse que o que despertou o lance da comunicação foi aquela festa, porque ele viu, ele apesar de cego, ele enxergou o palhaço, você descreveu de uma maneira tal que ele enxergou, chega eu arrepiei todinho, embarguei, os olhos encheram d'água, aí eu me toquei assim que mais do que o privilégio é a responsabilidade, por que o que você joga, você não sabe qual é o terreno, aí você joga uma coisa e isso vai... eu podia ter...concorda? podia ter acabado com a vida desse menino, podia ter dito alguma coisa ou feito alguma coisa que ia acabar com a estima dele e ele ainda ser um deprimido e se matou amanhã E aí o cara, pô meu irmão, o cara na festa daquele palhaço, o menino se matou, sei lá, você tá entendendo? Então assim, essa preocupação e as pessoas que começaram a fazer não tinham, eles vinham pelo lance fácil, - rapaz dá dinheiro fazer festa. E aí começou a inflamar o mercado com preço lá baixo, fazendo qualquer meia boca e eu me incomodava muito com isso então o que eu vejo hoje que tem esses ícones do humor mais ou menos, é mais ou menos isso, aí você vê de repente um monte de gente, - vou ali comprar um livrinho de piadas ali na banca de jornal, decora essas piada aqui e eu sei que eu tenho que esculhambar com o carioca, com Gaúcho, com não sei quem, falar do paulista, falar do mineiro, falar do baiano, pegar quais são os estereótipos de detonar para poder jogar a merda no ventilador e o povo vai rir e eu me dou bem, e eu ganho minha grana. Entendeu? eu faço meu sucesso, só que é uma coisa... seria o cara.. não... é só um modo fácil de ganhar o dinheiro, né?! como se a primeira coisa que fosse ganhar a grana e a nossa preocupação não é essa, lógico que a gente tem que subsistir, não sou hipócrita e nem falso não, mas a nossa preocupação é que o que é que a gente tá jogando para o nosso público que seja legal, seja interessante, seja bacana, seja construtivo, agregue valor à ele, seja transformador, porque a arte ela

tem esse poder de transformação. Qual era o grande medo na época da ditadura militar? Era o meio artístico, né?!?! Cara, porque a influência que você, não que a gente vai fazer uma revolução, mas eu pretendo fazer uma revolução, em que sentido? que as pessoas se transformem mesmo, sejam cidadãs que seja.. tanto que a gente fez muitos trabalhos na área de educação ambiental de... era o centro da atividade da gente essas questões para trazer consciência de meio ambiente, de convivência de tudo mais para transformar um indivíduo desenvolvimento humano através das Artes esse era o norte, vamos voltar aqui a nossa história, eu vou a rodeando, mas para a gente ir contextualizando o todo, quando surgiu a demanda da B&H, eles falaram, - olha o que que acontece existe essa lacuna e a gente queria que vocês pensassem em alguma coisa para trazer para noite. Beleza, aí a gente começou a pensar, - cara, realmente olhai aí, pense cara, tudo que é feito para o turismo em Fortaleza vigora exemplo...

Julião Jr: Como vocês pensaram nisso?

Fernando Cattony: começamos a fazer uma análise, um estudo. O que é que tem voltado para o turismo? Segunda-feira no Pirata, a segunda mais louca do mundo. Há quantos anos existe? Pelo menos 40, eu conheci o Júlio, pirata português, fizemos um trabalho lá no bar e tal, é só segunda-feira, ele abre só segunda-feira e a sexta, a sexta ele faz um ensaio e na segunda é valendo, né?! Terça-feira do Lupus Bier, há quantos anos existe? A quinta do Chico do Caranguejo? O Beach Park? 30 anos. Tudo que é feito para o foco do turista tem vida longa, não estou aqui colocando se é bom, ou se não é bom não, é a questão da qualidade, é do foco do público, direcionamento do público, culturalmente né?! Espetáculos, vamos pegar um espetáculo, qualquer espetáculo que a gente faça aqui e a gente já fez peças botando em cartaz para o Público local a gente tem dia para começar, sábado é que vai dar o pico que vai começar a cair que vai morrer vai morrer, porque é muito sazonal, é muito bem delimitado esse gráfico, e para o turista não, - vamos sair daqui, vamos ver senhor tango na Argentina, há quantos anos funciona? também a quase 30 ou mais, musicais da Broadway, Las Vegas, os musicais da Disney e tudo mais a quanto tempo é permitido? Circo de Solei. Aí a gente começou Caraca meu irmão, O negócio é por aí é aí que a gente tem que entender que é o... vamos pesquisar mais, vamos aprofundar, porque que Fortaleza hoje sendo a quinta capital do país ela tem a segunda maior aceitação turística tanto para o Público local como público internacional? só perde para o Rio de Janeiro e os

cuidados de o público querer vim, de vir e querer vim, isso pesquisa proporcionada pela B&H. Aí vamos estudar, vamos pesquisar, vamos aprofundar na pesquisa por que não é só por conta das suas belezas naturais é por conta do cearense que é um cara hospitaleiro, bem humorado é diferenciado ele por mais incrível ou estranho que possa parecer pra gente que vive aqui, acha vixe, valha e é isso tudo é? Eu só vejo caba ignorante. Quando chega o visitante a gente sabe e eu vivi isso, quando eu cheguei aqui. Quando eu cheguei em 82, eu desencubei uma hepatite na praia de Quixaba que fica vizinha Majorlândia né, Quixaba, Majorlândia, Canoa, eu estava na casa de um Pescador, de um casal de pescadores, o Aldo e a Lúcia, pescador, jangadeiro, duas horas da manhã levantava, botava sua jogadinha no mar e ia pescar, tinha dois filhos, sozinhos, pescador, caba cearense dali, num era... pescador simples, cara simples, ele recebia gente na casa dele, a gente sabia sempre que ia levava, tinha que chegar, a gente já sabia, tinha que chegar com um farnelzão com óleo, farinha, arroz, levava, tínhamos que ficar aqui, mas tinha uma troca né, a gente sabia quando precisava, indicava...- cara quero ir para um canto. – Então, tu vai pra uma casa, vou te dar o lugar de um cara, mas você tem que ir e chegar, e a gente sabia que eram pessoas que não iam abusar nem nada e ele sempre tratou bem, recebeu bem todo mundo e eu tava com muito mau com hepatite desencubando sem saber que era uma hepatite, e hepatite tu já teve? você quer que o mundo acabe em um barranco para morrer encostado porque eu fiquei enjoado, fica tudo é pesada é aquela leseira do mundo e ele vendo que eu tava com ele. – bicho réi tu não tá bem né? Faz o seguinte fique aqui na minha cama que eu vou para casa da minha sogra com meu menino e tu fica aí para tu não ficar mal deitado numa rede. Aí eu, caraca véi. Até hoje isso me incomoda, será que eu ainda... e somos amigos até hoje, será que eu tenho essa manhã? Paulo venha pra cá, venha pra Fortaleza, fica aqui na minha casa, deita aqui na minha cama, eu vou dar um jeito aqui com a minha esposa, a Renata, e a gente vai pra outro canto, tá entendendo? então esse desprendimento...o que é que esse cara tinha? nada cara, e o nada dele, o pouco que ele tinha, tome é teu. A gente chegava lá, ai ele, - Lúcia, os meninos chegaram, mulher prepara uma coisinha, olha vocês vão me desculpar, mas eu não tenho nada pra dar pra vocês comerem, traga aqui umas coisinhas pros meninos comerem. Aí vinha com uma bacia deste tamanho com uma farofa de lagosta que era porque ele pescou e ow meu Deus, se fosse um gringo ele dava dois conto num prato desse aqui pra comer morto de alegre, que era uma bacia de

lagosta, você tá entendendo? Então assim, o cearense é um caba hospitaleiro sim, ele sabe receber na sua simplicidade talvez a gente veja isso mais fora no interior, no sertão, no litoral, na capital, todo Grande centro tem aquela reserva aquela coisa, ainda assim, ele dá essa bandeira, ele escapa a essa hospitalidade e aí dentro dessa pesquisa de estudar e ver isso a gente foi bom então a gente já sabe que a gente tem que fazer se o cenário é algo para o turista na linha do entretenimento e a gente tem que falar do cearense, o que falar? eu tinha um incomodo muito grande quando eu cheguei, eu já tinha viajado um bocado, tinha visto muitos lugares aqui dentro país né?!!, nos Estados é... esse cuidado que em algumas regiões o povo tem com a sua cultura e eu cheguei aqui vi quantas transformações da Praça do Ferreira, quantas transformações da Praça José de Alencar, quantas mudanças de não sei o quê não sei o quê e falei, - caraca, esses caras não querem preservar não essas coisas deles, não tem um cuidado para... isso me incomodava. Qual é a atenção que o cearense tem para com a sua cultura e tal eu viajava para o Cariri e via que lá no Cariri era diferente, em Juazeiro, Crato já tinha uma... essa questão cultural era uma coisa mais forte, de cuidado, de atenção e que aqui não tinha. Aí fui atrás de antropólogos, fui atrás de historiador, meu irmão, uma dúvida, aí conversando com uma figura, aí o cara falou, - cara tu já reparou que aqui a gente não tem negros? – eu vixe, é mesmo. aí é que eu fui ver, porque que é Terra da Luz? não é por causa do Sol, Terra da Luz por conta das ideias iluministas dos abolicionista, então né, o Ceará sempre teve à frente nesse sentido Redenção, na cidade você não tem, a abolição foi decretada antes, né?!! o próprio Dragão do Mar, essas questões todas que que tinha de João Cordeiro, de pegar os... não deixar que os navios chegassem a portar-se ou alforriam o pessoal ou compravam os escravos e davam as cartas de alforria e libertavam eles e não tinha essa coisa não a gente não tinha plantação de cana-de-açúcar é diferente do Pernambuco, é diferente da Bahia, é diferente do Maranhão, é diferente de Minas, do Rio, aonde tinha a cultura afro forte da presença do negro, você ver que essas preocupações culturais por conta dessa influência, acredito eu, posso até tá falando besteira, mas a minha conclusão foi que essa questão de ter a cultura afro de forma mais presente ativa essa atenção com a cultura era uma coisa mais forte e aqui não tinha. Aí porquê? aí também pesquisando, nós fomos ver, o cearense a formação dele cultural é... ele é um nômade, ele tem muito da influência do Árabe, do Libanês no que diz respeito ao comerciante, ele é um comerciante, ele é um caixeiro viajante, ele é um cara do

mundo que num espetáculo é traduzido isso, ele é, o cearense é do mundo, ele não é daqui, em todo canto do mundo tem cearense chegar em qualquer canto soltar um iiiêê... nego responde, né então aí eu me tranquilizei mais porque eu consegui entender o porquê por que geravam com.. isso na época que surgiu a demanda, é... bom, porque que o cearense tem todas essas características? Por conta da história dele também, então, o que a gente pode fazer? vamos montar um espetáculo que possa ser um musical voltado para família para quebrar essa onda da história do humor que tem uma censura 18 anos, porque quem vem com a família, ele com certeza não vai, ele vai tá sem opção, e que possa falar da nossa história logicamente que a gente, sabe que isso seria uma pretensão muito grande é um espetáculo que conta a história do Ceará, em 1h :20min. Impossível, mas que diz o porquê que o cearense é essa figura de vida, guerreira, motivado pelo amor pela paixão e quase ideias que fazem ele andar ele buscar né dentro desse cenário do sertanejo de um Jangadeiro apesar dos ambientes diferentes, eles são muito parecidos eles vivem em um ambiente nosso, o mar é um deserto e o sertão também é um deserto nesse sentido da... mas tem suas riquezas, tem suas... similaridade né ou É como diz o vaqueiro, ele não tinha cerca, ele tava aqui para onde o gado ia, ele tava junto com o gado não trabalhava ainda no cercado, depois que ele foi cercado e tal, mas dentro da formação cultural dele ele tem essa coisa, a própria Musicalidade, a nossa Musicalidade do rabequeiro, Da música nordestina é muito os modos árabes né o aboio.. é uma cantoria árabe Moura é um negócio Oriente e que está aqui presente na Então o rapaz entendi esse cara são um Andarilho mesmo eles não, e como mostrar isso? Aí...

Julião Jr: porque musical?

Fernando Cattony: porque a gente foi estudar também que dentro do universo, negócio a nível Nacional do eixo Rio-São Paulo e mundial, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, os musicais eles tem vida longa e é um entretenimento que movimenta bilhões então é diferente de um espetáculo teatral uma pecinha sem menosprezar né é, ele é mais completo porque ele trabalha no musical você pode trabalhar a música, o canto, porque no espetáculo você trabalha a música também, você tem a trilha ali tem as músicas efeitos do mais, ele trabalha a música, o canto, a gente poderia trabalhar uma junção de todas as artes, como poder trabalhar o cinema, como poder trabalhar a arte em si, a dramaturgia, o teatro, as artes plásticas pela cenografia, ou pela ambientação, arte circense, como poder

ter dentro de um de um Templo Sagrado da arte todos esses elementos. O que é o circo de solei? Aí sim fomos estudar o que é o circo de solei? qual é o segredo do Circo de Solei como entretenimento, porque circo tem em qualquer canto, não tem? se eu chegasse pra você e falasse, - Rapaz, vamos arrumar um dinheiro aqui Julião, vamos montar um circo? – meu irmão, tá vendo que um negócio desse não tem futuro. Então, o circo hoje em dia com todo o advento do entretenimento é um negócio fadado a não dar certo, porque você ver o circo do Beto Carrero aqui vem pra cá, última semana, pelo amor de Deus né, venham assistir, e essa última semana é 6 meses, mulher só... mulher nem paga, só paga o homem, vai pagar metade. Quer dizer é matando cachorro a grito para você ir assistir, aí chega um Circo de Solei e o ingresso é 300 conto, antes do circo abrir a porta, já não tem mais ingresso vendido.. pra comprar, porque? Qual foi o pulo do gato que esses cara deram? eles juntaram tudo porque o que que apagou o que que tirou do ar o circo? os shoppings, o cinema, os shows de música, os grandes shows de música. E o que ele fizeram? eles fizeram, o Circo de Solei é um grande show de música com espetáculo Fantástico de visual extremamente tecnológico e Alucinante uma coisa que hipnotiza, eles tem lá dentro um shopping, tu viu quando veio?

Julião Jr: Não.

Fernando Cattony: rapaz, tem um circo montado só de suvenires do circo do espetáculo, com figurino, com adereços, peças requintadíssimas, caríssimo como coisinhas de beloso, lembra, e vende que nem água, então, eles juntaram tudo é um cinema por que tem projeções tem coisa é um negócio Fantástico diferente que não tinha que o circo tradicional não tinha e é um circo mas eles fizeram o diferente Então em vez de matar enterrar eles ressuscitaram revitalizaram e hoje em dia é um sucesso, cada espetáculo é uma coisa de doido Então aqui tem um negócio né, O que que é isso? os musicais o que que representa os musicais dentro do cenário mesmo Nacional? Cara, movimenta muita grana muita grana então é até o que é um produto que tem um aceitação porque você e abrange todos os públicos ele é riquíssimo de informações em que possibilita fazer né mil peripécias dentro do espetáculo Então vai ser um musical que tenha elementos da história do Ceará para dizer porque que o cearense é esse caba, invocado, arretado, massa aí a ideia tá lançada, já descobrimos O que que a gente quer, agora como fazer? Né? um cada um cada fase um desafio né?! Mas...

Julião Jr: estuda só vocês dois?

Fernando Cattony: é só nós dois e a gente correndo atrás pesquisando como, fomos para o Sebrae, Aí temos a ideia do projeto, aí fizemos o que? Será que esse projeto presta? teve um... só voltando um pouquinho para trás quando tava na ideia, teve um evento que a B&H faz que é o FANTUR que é o turismo de família para agentes de viagens e guias, eles selecionam os 100 melhores do Brasil trazem para cá e proporcionam uma semana de experiência de Ceará vivência de Ceará vai para o Beach Park vai descer no insano, vai para praia de não sei aonde, vai para Corumbá, vai pra Jeri, vai pra Canoa, Cumbuco, vai para o IParque, vai para o Ipioca, vai pra Guaramiranga, vivenciar, está nos hotéis, vai pra praia, para Feirinha de noite, vai pro Dra...Qual é a sua vivência de turista no Ceará? Viveu? agora quando voltar pra tua terra, tu não vai vender diferente? –Meu irmão, lá no Ceará é massa. Você viveu, você teve a experiência. E eles contrataram a nossa empresa para fazer esse meio de campo com esse pessoal para recepciona-los, ter, enquanto eles estão transportando, eles vão daqui pro Beach Park o que que pode ter dentro do ônibus que... então a gente criou essas... vai ter uma visita no Castelão, então e a gente criou coisas que foram vivências que meu irmão foi uma coisa de doido mesmo foi um negócio foram os trabalhos mais fantástica que a gente fez assim um dos grandes trabalho que a gente fez muita coisa boa muita coisa legal hoje em dia a empresa não tá mais atuante mas por conta daqui que tomou um tempo total a gente teve que encostar outra empresa mas ela ela tem uma aceitação muito grande dentro do mercado que é a GARIS né, uma empresa que trabalha com Gente, Arte, Riso, Invenção e Surpresas e ela a gente fez muita coisa bacana E esse trabalho com a vivência com esse pessoal foi um negócio assim extremamente marcante muito marcante mesmo e Tinha um custo elevado para fazer isso e a gente negocia o seguinte, eu disse cara, eu só quero uma coisa eu quero que você me dê um momento com esses guias para eu falar desse nosso projeto para a gente saber o que que eles acham disso aí beleza liberou um salão dentro do hotel Romanos onde é que um dia de momento de amizade e convenção de trabalho mesmo também e a gente preparou uma grande performance para apresentar o musical Ceará show para eles e não tínhamos nada...

Julião Jr: Apresentar projeto?

Fernando Cattony: projeto, não tínhamos roteiro, não tinha nada, a gente tinha que gerar uma vivência disso, o que que a gente fez? eu sou meio doido tem que ser doido, se não... contratamos um bloco carnavalesco com bateria, com tudo,

um sanfoneiro caracterizamos um... aí o bloco chegou todo de Rio de Janeiro chapeuzinho de Malandro com blusinha do bloco, A gente falou galera... bermudinha Branca sapatinho branco sambista do morro no Ceará. Esquece isso titio, podem tirar toda essa roupa, tá aqui oh a batina do Padre Cícero bote aí, a senhora aqui minha filha é a rendeira, bote aqui, o senhor aqui é um pescador, caracterizando todo mundo de cearense de personagens cearense né, vai ficar de índia minha filha, você aqui é a Iracema e tal, um reco-reco e botamos esse sanfoneiro para em um determinado momento a gente fez apresentação passando, criamos um vídeo, A única coisa que a gente tinha, eu o Davis fizemos a música, a música Ceará show é Nossa que tem a letra né que fala toda a história do cearense tal que a última música do musical né, é minha e do Davis e a música é minha e do Davis e a letra é do Carlinhos Crisóstomo que é um super parceiro que teve com a gente desde o início que tanto ele quanto o Marcelo Santiago que é o cara que fez parte da cenografia da cenotécnica todinha ambientação toda da casa da criação dele execução dele e aí fizemos, montamos isso tudo e o Marcelo tinha também um bocado de cenário, decoramos a sala todinha, com velas com coisas que realmente... com luz, arrumamos luz e trabalhamos um ambiente totalmente diferente de tudo o que eles estavam vendo e aí apresentamos, eu me caracterizei de vaqueiro com a roupa de vaqueiro do radiador do Espedito seleiro uma roupa massa e como um personagem, comecei a apresentar com o Davis o projeto em um determinado momento o sanfoneiro entra tocando o refrão da Asa Branca na na nan nan nan nan nan nan nan nan pra pra pra bum bum... lá fora da sala, o repique da a entrada da escola de samba, meu irmão, aí entra assim o bloco dentro desse salão o sanfoneiro tocando Asa Branca acompanhado por uma escola de samba meu irmão tu não acredita não o povo chorava, os guias, ficou todo mundo de pé chorando cara, foi uma coisa doida assim tão emocionante cara porque era o pessoal de Fora aí eles viram a integração do Lance da cultura e como é que aquele povo caracterizou-se foi uma coisa doida, durou não sei quanto tempo aquela onda porque eles entrarem outras música entraram em outros baiões que os sanfoneiros começou a puxar, foi um lance super doido e o povo cantando e dançando Todo mundo... virou uma apoteose uma grande festa acabou beleza chegamos, entregamos um relatório para eles, a ideia do musical é essa, o projeto é esse. O que é que vocês acham? isso já final de 2013 para 14 por que é que vocês acham tal, aí eles fizeram Esse questionário para pa pa pa pa pa pa pa pa pa sem

questionário só excelente, massa, fantástico, genial também, opaa... temos um sinal aqui bacana, negócio é bom, negócio é bom, tempo todo esse botão bonitinho. Beleza galera, obrigado, então foi o nosso pagamento do evento, fora a produção, era isso que a gente queria apresentar o projeto para poder ver o que rolava, Maravilha, é uma coisa que promete, mas agora em nível de mercado, Como é que é? SEBRAE. Vamos estudar isso daqui, aí catando os Consultores, pegando um consultor, vamos fazer um plano de negócio, e começamos a destrinchar pa pa pa... um puta plano de negócio, gigante, cara o negócio é viável. Como se bota dentro da planilha do plano de negócio e estudo os cenários, você ver que é algo viável, como negócio tá fundamentado, massa, beleza, então vamos agora fazer o seguinte, entramos com o projeto na lei Rouanet para montagem do espetáculo e vamos atrás de patrocínio. Aí começamos a ver espaços, a gente tava fechando com o teatro do Ibeu que tá parado, e tava fechando com teatro do Ibeu, chegando a 99% da negociação quase fechada...

Julião Jr: com o teatro do Ibeu, aonde, perto da igreja?

Fernando Cattony: é ali perto do colégio militar, aí quase fechado com eles, tudo já no ponto aí a gente pegou e já indo atrás de alguns possíveis patrocinadores eu tinha um contato do pessoal do Beach Park.

Julião Jr: mas antes disso? Porque o teatro do Ibeu?

Fernando Cattony: porque era o único espaço que estava livre na cidade, tavam... era um espaço que estava desocupado.

Julião Jr: mas era viável politicamente?

Fernando Cattony: Eu acredito que sim, porque tinha estacionamento em frente àquela área, em frente à igreja e o campo do Colégio Militar dá para você estacionar muitos ônibus, se fosse ônibus de turismo, ele tá mais ou menos numa área Central, tava parado, né?!!! tinha já todo um ambiente, um espaço, um teatrinho bom, ele tem uma...ele é um milhãozinho né, Ele é... enquanto o Teatro do Via Sul é um teatro para 700 lugares, ele é muito parecido com o teatro do Via Sul para 240 lugares. Esse era um problema.

Julião Jr: mesmo sendo longe do Miolo turístico?

Fernando Cattony: mesmo sendo longe do Miolo turístico.

Julião Jr: mesmo assim daria.

Fernando Cattony: eu acho que sim, teria que ter um esforço maior para ter ônibus para levar o turista lá, mas era o que a gente tinha mais perto. Qual o

outro teatro que a gente tem aqui? Teatro José de Alencar, é do estado, o teatro na frente do Dragão do Mar, São José, é da Prefeitura, e tava desativado completamente desativado. O teatro Dragão do Mar, ele tem as pautas dele, jamais ele abriria para um evento permanente estava se abrindo o teatro do Rio Mar, a gente chegou depois, a gente chegou nele, não tinha teatro, não tinha espaço, aí a gente tava com uma relação já... teatro do Ibeu, massa, é... estávamos aqui fazendo a oficina e estamos fazendo Oficina do LABT, na boate Enquanto estávamos aguardando o fechamento do contrato da Pink Elephant que era uma boate que ia ser aberta aqui com o dono do hotel já estavam a 99% também do contrato para ser fechado aqui e a gente aqui fazendo um trabalho e a pessoa que era contato nosso aqui do hotel, a Isabelle, ela foi uma das madrinhas do projeto a mim que ela via por ser do turismo toda essas possibilidades, ela, a Regiane, da B&H dando corda na gente dando corda e ajudando de todas as formas os contatos que a gente precisava para falar com secretário de turismo para apresentar para não sei quem, pa pa pa, elas tinham os canais ela armavam com o pessoal dos hotéis para poder gerar viabilidade para o projeto para mim começar a dar visibilidade e quando a gente chegou para apresentar a proposta para o Beach Park de Patrocínio, o Murilo olhou, Caraca meu irmão, isso aqui soa como música para meus ouvidos eu não quero ser patrocinador não eu quero é ser sócio, chega a gente viveu tomando um susto, como é que é? É, quero ser sócio de vocês, me traga uma proposta e como é que vai ser feito. A gente, tá certo, beleza, a gente tinha Já o plano de negócio, demos uma retrabalhada com o consultor no plano de negócio para deixar ele mais robusto nesse sentido e quando marcamos lá chegamos companhia negócio na mesa do Murilo, cheguei olhei, ele tomou um susto, porque que ele tomou um susto? Porque inicialmente Ele pensou dois atores com a ideia, massa, mas como é que se viabiliza um negócio desse? qual é a visão que você tem de um ator? - é um doidinho. Artista macho é um bando de doido, doido não, de doidinho, é diferente. Que a gente é doido, mas não somos doidinho e quando abortou plano de negócio, ele, - caracaaaaa meu irmão, valha meu Deus, agora vocês estão falando minha língua. Porque o cara é um gestor, ele viu que o que a gente tava apresentando a ele tinha substância não era coisa de doido, de doidinho, era coisa de doido de cara que é empreendedor, de cara que tem visão, de quem tem sangue nos olhos, que a gente já tinha andado muito muito muito aí enquanto estava sendo tramitado o contrato da Pink Elephant dançou aqui no hotel. O cosmos

já articulando. Não deu certo, aí a menina que era nossa madrinha aqui dentro a Isabela falou vou lhe apresentar o dono do hotel. Um austríaco, jovem, o Estéfano, é um cara muito bacana, muito simpático, gente boa e ele vai receber vocês cara quando o cara recebeu a gente é a gente mostrou o que era ele ficou doido é o maior parceiro que a gente tem até um dos grandes parceiros que a gente tem, é o Estéfano, porque se não fosse por ele também, ele assim um cara super simples, de visão e prático objetivo e muito acessível, muito acessível ligar pra ele agora e daí ele me atende tem um dono do negócio são 11 sócios austríacos só ele que mora aqui tem vários negócios, é um cara super empresário muito bem-sucedido milionário no que diz respeito à o que ele tem de extremamente acessível e um cara simples. Quarta-feira a gente tá apresentando aqui o Marcos Lessa né mas só pra saber como é que é o naípe. - Aí, Estéfano, pô quarta-feira cara, vai lá assistir. – Cara, eu tenho que me programar, porque quarta-feira tenho um compromisso que não posso. – e o que é que é? – é, porque quarta-feira eu saio para distribuir sopa na rua então não vou deixar de dá minha sopinha pra galera, para me entreter...quando eu crescer quero ser igual a tu oh macho...o cara é gente, um figura, assim figuraça. aí quando não sou o negócio a gente vai conversar aí, opa gostei, tô junto, vamos fazer só que não tinha Beach Park, aí ele... fechamos um contrato, eu, o Davis e ele de que nós iríamos ocupar o espaço da boate para fazer um teatro e trazer um musical para cá o que é que eu coração do Turismo tome lá na feirinha.

Julião Jr: então ele entrou com o espaço?

Fernando Cattony: o local perfeito, e aí nós... entrou o Beach Park, na jogada, e a gente falou, - o Beach Park entrou. E ele, -então, que massa. Vai agregar muito mais o negócio agora, maravilha, por que é um peso maior uma instituição que tem 30 anos de experiência dentro do trade, quer dizer tem todo uma...

Julião Jr: O Beach Park não se incomodou pelo fato de ser em um hotel?

Fernando Cattony: Não, nunca, nunca... se... e outra, são concorrentes nos hotéis, e são os maiores concorrentes no time sharing, que é o vacation Club são os dois maiores concorrentes, são concorrentes ferrenhos, Só que tanto ele, Estéfano me enxergou que o espaço pode agregar para o vacation dele como o Beach Park também entendeu que o espaço trazia muita visibilidade para o vacation dele também, e eles são concorrentes que guerrilham, que guerrilham de forma

acirrada, que eu quero dizer com isso que Guerrilha não têm convenção certo, de que guerrilha você não faz prisioneiro, nada disso, não, pegou o outro, mata, e não tem negócio de.. não existe convenção para guerrilha, quê que nosso... quando a gente entendeu onde é que a gente tava. a gente, - caraca meu irmão, tem fogo cruzado. Meu irmão é o seguinte B&H, você, você senta aqui na mesa, é o seguinte, nós estamos no meio, eu não ganho nada com o vacation e vocês vão se dá as mãozinhas agora e vão fazer aqui um acerto de cavalheiros vão deixar de viver uma Guerrilha e vamos entrar numa guerra e ela tem convenção, então nós vamos criar regras que vão ter que ser respeitadas, a regra é essa e essa. Concordam? Concordam, então assinam aqui.

Julião Jr: o que é esse vacation?

Fernando Cattony: O vacation é um clube de viagens, clube de férias, onde eles pegam as pessoas trazem para dentro do seu ambiente para que é um negócio de turismo o cara ele se associa ao clube e a partir do momento que ele faz parte desse clube que ele paga as contas de acordo com o pacote do Clube, Ele tem acesso no mundo todo ao hotel, hospedagem, entretenimento, a navio, o avião, tá entendendo? Então pra quem viaja muito, curte e tal, é um super negócio e é a menina dos olhos...eles ganham muita grana com isso, no Beach Park, quando você chega no Beach Park não tem aquele pessoalzinho branquinho e azul, - Oiiiee. E mostrar o que é ao cara aderir ao plano completo e aqui também aqui do hotel tem, só que os caras são pego na rua e as vezes o cara chega lá e fala, - só que aqui é o contrato do outro... eu faço para você pela metade. Nem liga, suja, então vamos ser gente aqui e trabalhar bacaninha. aí pronto, ficamos legais, aí entramos para muito bem então aí vamos vai ser aqui vai ser aqui no Brasil Tropical local da boate tem que transformar o que é que precisa, fizemos o levantamento de valores para execução da obra arrumamos o arquiteto foi o Alberto Pinho que a pessoa conhecida tivemos em contato com vários...antes disso, levamos a vários empresários, vários políticos secretários de turismo, chefes, pessoas do estado, da prefeitura apresentando o projeto para...Meu irmão, o que você entende disso? O que você acha disso?- Rapaz..., o outro, -olha, é porque a gente queria fazer inicialmente como o senhor tango, ia ter refeições, ia ser um grande salão com mesas onde eu ia ter um show e a pessoa ia poder servir, comer, pedir, tipo senhor tango aí uma pessoa com vocês vão quebrar porque comida é uma outra história negada faça como é o Lumen, em Las Vegas é uma casa de entretenimento, tem

um cinema, tem a pipoca e o refrigerante e o show, faça um puta show e acabou, não pensem em comida não, porque a comida é cruel, é a pior coisa que tem, vocês vão quebrar. O cara da cozinha deixou a porra da câmara frigorífica aberta e estragou todo teus legumes, tu vai ter que sair 3:00h da manhã e vai ter que ir para o CEASA, comprar tomate. Vocês vão endoidar meu irmão, isso é coisa de doido, comida e a pessoa tinha experiência de ter passado por isso, vocês vão morrer bicho, faça só um show bem feito, aí a gente, pronto, remodelando o projeto, é já tinha isso, era tipo o senhor tango jantar com espetáculo, Aí quando remodelou para fazer a ideia do teatro Qual é o custo disso? é X, esse o valor aí como é que a gente faz aí surgiu com a entrada do Beach Park a possibilidade de... tinha inaugurado o Rio Mar e eles tinham um super teatro, e tinha seu contato do Rio Mar e fomos para São Paulo para falar com a empresa que administra teatro para saber qual a possibilidade do teatro Rio mar ser nosso e morarmos lá permanentemente para com esse espetáculo, Graças a Deus, não deu certo. O mais é... porque é muito grande e a gente ia ser... a gente ia torar no meio sabe, um teatro para mil lugares e a ser um custo inviável para que a coisa sabe o cara engordou olho demais e o cara que administrava se fosse direto com o dono do teatro antes de entrar essa empresa talvez desse certo mas como já tinha uma pessoa que administrava ele era um administrador do chato, ele que estava ali para ganhar dinheiro, então ia ser uma coisa que não ia dar certo e o cosmo estava conspirando a favor quando surgiu essa possibilidade do Rio Mar, porque até então a gente ia ficar aqui, aí o Estéfano pegou e aí vamos fazer o seguinte eu banco a obra mas não administro. Opa...é tanto, não tem problema, eu pago. aí vimos como é que ia ser as regras desse contrato, como é que nós íamos armar isso, foi feito fumaça. só que o Beach Park também falou, - legal, só que eu também não administro a obra. Aí eu e o Davis também falamos, - sem problema, administramos, deixe com a gente. Os pais do Davi tem uma construtora pequena em Sobral, Eles vieram para cá e ficamos um ano e oito meses aqui dentro praticamente direto direto fazendo a obra para transformar boate no teatro e era uma estrutura muito pesada muito bem montada os usos austríacos como montaram o que a construtora era deles com dinheiro deles, um dos donos é um engenheiro que fez daqui do hotel, bicho essa boate aqui é pequena de gesso já transformada, mas as paredes mesmo, cara tudo dobrado tudo com a trabalhadeira que foi pra quebrar esse aqui só para ter uma ideia nós tiramos aqui dentro mais de 500 toneladas de entulho é muita coisa e a obra a gente não podia parar a obra, era

uma obra que tinha uma logística que a gente não podia encostar um caminhão de areia, descer um caminhão de areia na abolição, na porta do hotel, descarregar um caminhão de tijolo na porta do hotel, como é que faz isso? não posso, então as coisas tinham que... foi trabalho de Formiga, tinha que entrar tudo ensacado e sai tudo ensacado, então tinha uma Fiorinozinha, então eu ia no depósito na Praia do Futuro, aí entendeu? Aí quanto é que custa um caminhão de areia, X, vou dar um chute aqui R\$ 300, esse caminhão de areia saia para mim por 1.500, por que eu comprava areia no depósito, aí com a fiorino eu tinha que ter os sacos, então o Senhorzinho lá no mercado central em frente ali onde era... que eu pegava os sacos na mão dele... que até hoje quando eu passo, ele vem me abraça, me beija, descarregamos tanto dinheiro na mão dele comigo com esse saco e vendendo saco de farinha e só eu, se eu mandasse algum outra pessoa da obra comprar, era um preço, comigo era outro. Eu ligava para ele. – Seu Alexandre, tô chegando aí, deixe na rua aí e daí já tava lá na rua, só passava de carro, dava o dinheiro, pegava o recibo e vinha embora, então o material para entrar e para sair tudo ensacado aí era dois cara no carro para ir no depósito, encho os sacos, traz, dez sacos no Fiorino, porque cada saco é quase uns 550 kilos, chegava aqui descia na garagem do hotel, descarregava, aí um outro operário que ia de elevador de serviço botar esses sacos para cima enquanto o carro ia de novo para o depósito para encher mais 10 sacos, então fluía, aí juntava os sacos de entulho quebrava quebrava, quebrava, quebrava botava todos esses sacos em entulho, aí os trabalhadores trabalhava o dia inteiro aí no dia de retirada, dormia, descansava um pouco, acabava um pouco mais cedo, porque ia ter a noite madrugada descarte aí a gente fez umas tampas de madeira nessas escadas que era os patamares E aí que nem formiguinha, Serra Pelada meu irmão, Serra Pelada, sacos de entulho numa noite tirava 18 toneladas, tudo bonitinho, credenciado em container registrado com destinação do entulho que ia para... aí ficava de 11 da noite às três da manhã descartando, aí no outro dia 9 e meia, 10 horas começava o expediente de novo, trabalho de doido, e quando a gente vinha, a gente não vinha para ficar olhando os cara puxa saco não, - bora negada. Aí pegava junto e carregando os sacos e trabalhando, pergunta se quer fazer isso de novo? nunca mais. Trabalho de doido, coisa de doido, adoecer, poeira aqui dentro, todo mundo adoeceu, e gripado e fica ruim, o Davis é cardíaco, os estresses, meu irmão, um ano de luta, tormenta pesada pesada, pesada, mas passamos todo o pesadelo, pesadelo não, porque não existe, se fosse fácil, todo

mundo era, a gente parte desse princípio, não tem nada fácil, então tem que arregaçar a manga, sangue no olho e vamos que vamos, é o que eu digo a gente é doido, Não é doidinho e é com esse entremeio da obra tínhamos que fazer o espetáculo, Era a mãe e o filho sendo criados ao mesmo tempo. Como o teatro, ele era para um espetáculo permanente, a preocupação de que toda ambientação dele, todavia... comungasse com essa linguagem do espetáculo também porque é a casa onde o espetacular vai morar.

Julião Jr: Mas vocês já tinham criado o espetáculo antes do teatro ou não?

Fernando Cattony: não, é paralelo, correndo junto, tanto que a decoração e ambientação foram depois que o espetáculo estava pronto, de certa forma, nesse processo todo, mas a gente sabia que tinha que ser uma casa que pudesse comportar a maior quantidade de cadeiras para cuidar né até que a gente conseguiu chegar a 332 ou 336 lugares com mais dois cadeirantes que dá 338, em 5 setores, setores a, b, c, d, e.. e, cinco setores e cinco valores cada um, cada valor para um setor de acordo com a visibilidade, posição, enfim, nesse entremeio da obra acontecendo e a gente correndo atrás para montagem do Espetáculo, nós tivemos uma grande dificuldade...

Julião Jr: vocês terminaram em que ano?

Fernando Cattony: nós inauguramos o espetáculo dia 29 de setembro de 2016 e terminamos a obra dia 29 de setembro. Antes da estreia ainda estávamos aqui fazendo coisa e começamos a obra no dia 1º de junho eu acho de 2014. 1 ano e 8 meses. E nesse entremeio é... o Projeto aprovado na lei, e vamos montar o espetáculo. O que a gente precisa? Precisa de um roteiro. A gente já tinha um argumento, já tinha uma ideia do que a gente queria...

Julião Jr: o que vocês tiveram do poder público, foi a Lei Rouanet?

Fernando Cattony: foi, só a Lei Rouanet.

Julião Jr: E da Secretária de turismo de Fortaleza e Ceará, Como é que foi esse relacionamento, esse não relacionamento com o poder público?

Fernando Cattony: nós ainda estamos aguardando uma parceria da secretaria de turismo do Estado e a do município a gente teve... tem relação tem tudo, mas ainda não fechou porque tiveram ano de eleição que dificultava tudo que dificultava também essa relação né?! de poder apoiar, patrocinar mas ainda não, talvez não tinha dado... não tenha dado certo fazer... manter a relação né?!!

Julião Jr: Desistiu?

Fernando Cattony: não, não de forma alguma.

Julião Jr: qual a importância de ter prefeitura Estadual?

Fernando Cattony: eu acho que chancela né?!!! porque a gente tá fazendo um produto criamos um produto que fala do Ceará para o nosso visitante então né o projeto a nossa preocupação é que o projeto pudesse ter várias Vertentes, ele ser cultural porque ele tá ficando com Arte, ele tá ligado ao turismo, ele tá ligado à educação, porque através dele a gente pode difundir estudo como ponto de partida para discussões em sala de aula, para né... trazer discussão do ensino mesmo, e de ação social duas vertentes numa de gerar acessibilidade a classes menos favorecidas que tenham acesso a equipamentos de entretenimento da mais esse porte com certeza uma classe D e E não tem condições de pagar um ingresso de r\$ 90, nem de 40 que mais barato. Então, tem que gerar acessibilidade para esse público e aí precisa do governo para ajudar das instituições públicas para poder dar esse suporte também, de locomoção, de viabilizar isso, uma grande preocupação é que o nosso elenco basicamente pudesse vir dos projetos sociais de maior relevância que tem dentro do Estado, como os bailarinos seriam os egressos da EDISCA, os músicos dos projetos sociais e atores e assim tal e tal... tem peças fundamentais que não são? Tem, mas na sua maioria o elenco vem desses projetos podia pegar um corpo de baile só da Cláudia Borda, Juliana Paz, podia, pessoal top que está aí, mas sim, legal, massa, mas a gente tem uma outra preocupação, a gente tem é que inserir é essa galera dentro do mercado que não teria condições nunca, nunca, nunca de entrar no processo desse. Vamos voltar aqui um pouco mais, fizemos a obra, o Beach Park entrou e ao entrar logicamente que dá um peso diferente né dentro do negócio, porque ele a é locomotiva do Turismo cearense, inevitável não tem como dizer...

Julião Jr: O Beach Park entrou com o dinheiro? Qual a participação aí do Beach Park?

Fernando Cattony: Entrou, entrou, entrou valendo, entrou, entrando mesmo, com o dinheiro, com todo o nome, a experiência que ele tem, ele não está medindo esforço para poder fazer a coisa acontecer, né, só que na obra, ele não tinha entrado ainda né, ele tava esperando, porque como o hotel entrou, então ele ficou... e tinha a lei Rouanet para poder captar, ele não podia, mesmo ele sendo o lucro... lucro real, ele poderia.. ele pode apoiar projetos de lei, mas por ele ser sócio,

ele não pode, é como se ele fosse proponente também, ele não pode né, mas ele tem nome e peso para poder cancelar que outros parceiros dele que também são lucro real aportem, então, dessa forma entrou Cielo, entrou o Zebras que é de Aracaju, entrou outros mesmo que até o concorrente que é o Iparque entrou, que é concorrente direto, mas eles não puseram objeção de, - não entre. De forma alguma. Uma visão bem tranquila nesse sentido, então abriu muitas portas né, porque até então, quem é Davis e Fernando dentro desse mercado? Dois atores com uma puta ideia, mas sim... não tinha respaldo empresarial. Ahh...o Beach Park está junto, tá.. ahhh...então a gente foi pra São Paulo, para outros cantos Já... entendeu? começamos a visitar fora muito para que pudesse buscar...tanto que a Cielo foi né, fomos buscar fora e tudo, então essa condição abriu muitas portas nesse sentido né, Tem um peso e isso tem um valor né Essa essa chave de abrir porta tem um peso a partir daí a gente tava buscando um pouco antes ainda mas já com...a relação em que tava a entrada do Beach tudo, nós não tínhamos ainda roteiro, não tínhamos nada, só a ideia do que a gente queria e a ideia primária que foi a do que apresentamos para o pessoal da B&H daquele FRONTUR, a gente imaginava como é que a gente queria, mas não tinha, é uma coisa muito vaga ainda do que é hoje né, talvez até distante do que... começamos a buscar aqui pessoas, parceiros utilizar tal e muito difícil muito difícil por questões de agenda e também acho que porque não tinha até então ninguém que tivesse ventilado essa ideia um pouco de descrença de que pudesse algo desse porte ser realizado por cearenses infelizmente Às vezes a gente valoriza muitas coisas que são de fora e não dão valor ao potencial e o talento daqui, quando a gente viu isso e a gente acabou ficando encurralado a gente correu para o Sílvio Guindane que é um amigo e parceiro que já trabalhava com a gente nos LABT e tudo, Silvinho...e ele é ator, diretor, roteirista, ele tem roteiros na Fox, nos canais no Multishow, de filme, cinema, e tudo mais que dizer de peças, de direção, de produção, ele é uma super ator, produtor, diretor, roteirista de nome, conceituado, é um cara novo, ele tem uns trinta e poucos anos, mas é um velho de alma, é um cara que começou muito cedo né, começou aos 9 anos de idade como ator já de peso, já Global, com 12 anos ele ganhou o kikito de melhor ator, então é um cara estudiosíssimo, um cara extremamente inteligente e muito acessível, humilde e figuraça. Aí voltando, encurtando aqui, - beleza, vou ajudar. Todos juntos. Ele se apaixonou pelo projeto e, - Estou com vocês. Ele é do Rio, Sílvio Guindane, aí ele falou, - só que é o seguinte, eu tenho uma equipe que

trabalha comigo já há muito tempo, uma equipe técnica que eu trabalho como uma equipe de roteiristas, trabalho com uma equipe de direção, que eu faço direção, eu tenho meu assistente de direção que é o Jorge, Jorge Neves, que é um cara também é... super gente boa, tenho meu cenógrafo, tenho meu iluminador, tenho o meu cara do som, Tenho toda minha equipe técnica, e é uma galera que trabalha comigo em vários projetos, então as vezes eu faço um projeto milionário e todo mundo ganha bem e se dá bem e as vezes eu falo, -tenho um projeto aqui que é de menor volume e eles entram comigo com a mesma força, mesmo empenho para ganhar menos e tal, como a gente tinha aprovado já a lei em um formato que anteriormente não tinha Beach Park, que não tinha nada, ele foi num valor, foi num montante, quando entrou o Beach e tudo e cresceu as possibilidades e a dimensão, o valor continua o mesmo, cresceu no corpo, nas ideias, mas o valor continuou o mesmo, então como viabilizar algo nesse volume com aquele montante é o que ele falou, - eu vou fazer essa magia para vocês, essa alquimia, porque já que eu tenho a minha equipe, isso aqui é um pouco caro para desenvolver, só que eles vão fazer comigo, deixe comigo que eu vou dar um jeito. Então, figurinista, cenógrafo, som... conseguimos tudo, dentro dos orçamentos que a gente tinha dentro do projeto...

Julião Jr: Por conta da lei que vocês não poderiam aumentar esse orçamento?

Fernando Cattony: a gente já tinha perdido um ano, a gente já tinha revogado, renovado e não dava mais, a gente só pode mexer depois que faz captação de 20% só que não tinha, é muito difícil captar, amigo, é muito difícil quando a Cielo entrou, a gente conseguiu liberar, então, se a gente perdesse o tempo, liberou os 20% aí a gente continua captando para poder fechar o resto, mas não dava mais para mudar e fazer crescer, cara por que corre o risco da gente não consegui, então ele falou, -Eu vou montar, dá para gente montar, de forma enxuta pra ficar legal, pô meu irmão, não vamos perder tempo não, vamos fazer, se não a gente vai perder o prazo que tinha para poder também fechar a lei, porque o primeiro ano a gente não tinha conseguido captar a gente pediu a renovação que é previsto por lei e já no um quarto do segundo tempo que a gente entrou, então se corresse o risco, podia perder e aí voltar a grana, aí é fogo meu irmão, é tinha que mexer para diminuir, não para aumentar, a gente não, vamos fazer com que tem que é mais seguro e ele tá dando essa garantia que ele consegue, conseguiu, tranquilo, e dessa forma foi, fomos montando o espetáculo paralelo com a obra e a loucura é

comendo solta no mundo né, meu amigo, porque aí vinha equipe, vinha gente, vinha estudar, vinha músico, Rodrigo Maranhão, as músicas, aí montou as músicas, aí o Carlinhos Crisostómo, os arranjos, e o Marcelo já junto com o cenógrafo aí vendo para comprar... na época da montagem foram três meses de preparação de ensaio 3 a 4 meses de ensaio, Silvio vindo do Rio, ficando aqui direto, aí quando ele não vinha, o Jorginho estava aqui como assistente, a gente todo dia ensaia, a EIM Instalações Industriais que é um super parceiro nosso cedeu o auditório deles para gente ensaiar, então a gente porque...o teatro não estava pronto, a gente não podia ensaiar na obra com elenco aqui na poeira e tudo né, então montamos um QG dentro da EIM lá na Washington Soares para poder tá ensaiando, ensaiámos lá muito tempo até aqui tá liberado para vir para o Teatro né aqui mesmo no Hotel também fizemos a seleção para quase mais de 500 pessoas, mais de quinhentos artistas, a seleção foi aqui no hotel para chegar ao ponto de chegar o elenco, então é um trabalho penoso de destrinchar e fechamos o elenco, fizemos os quatro meses de ensaio, o ensaio que era assim quando tava o Silvio aqui, começava da 10:00 horas da manhã e acabava 8:00 horas da manhã e não, esse povo penou cumpade, e outra, uma galera que não tinha essa vivência também entendeu? é puxado um padrão altamente profissional que veio pela bagagem do Silvio e não podia ser de forma diferente e que se não fosse por essa pegada dele, não tinha saído de forma alguma e a gente querendo às vezes pegar leve com a galera e ele, - Meu irmão não dá, se não, não vai sair. Como eu estou assinando, eu quero que a gente dê o sangue aqui negada, se não, não rola.

Julião Jr: Já estavam contratados os fornecedores?

Fernando Cattony: Não, não. Contratados para o ensaio e foram remunerados no ensaio e quando estreou aí foram efetivados. São todos CLT, todos carteira assinada, por isso que a engrenagem é pesada, a gente não tem ideia, um time de quase 40 pessoas...

Julião Jr: só elenco?

Fernando Cattony: tudo, tudo, né o time. E hoje estamos aí né cara, agora a luta continua aqui é para poder desafio duplo vender a casa e o espetáculo né vender a casa e o espetáculo que é a grande quebra de paradigma né para o Público local musical que fala da nossa história, feito por cearenses numa casa que ninguém sabia que existia.

Julião Jr: o Público local sempre esteve no alvo de vocês?

Fernando Cattony: Não.

Julião Jr: Nunca teve, ou?

Fernando Cattony: não, não, não, não, a gente sabia que teria que atingir o Público local, mas como eu falei, ele é um gráfico muito bem delimitado, ele vem conhece e pronto, mas ele surpreendeu em alguns aspectos porque muita gente já veio 6, 7 vezes assistir, trazendo gente, mas isso a gente sabe que é um ciclo e não vai deixar de existir, mas vai diminuir porque se ele receber um visitante ele sabe, -O que eu posso fazer a noite? E ele, - Cara, eu vou te levar num local que é massa ali e ele vem de novo para trazer o hóspede dele, mas não é o foco, não é. O foco é o turista, exatamente, porque é ele que tá sempre aqui, praticamente, a gente não tem baixa Estação, tem épocas que como se intitula baixa Estação tem 65%, 70% de ocupação dos hotéis, temos o Centro de Eventos que é o maior centro de eventos da América Latina, então o turismo de negócio que tem... o cara vem para um congresso de medicina, ele não vem só. -Onde é que vai ser meu bem? - Fortaleza. - Meninos, façam as malas que a gente vai com o papai. Então, é... Fortaleza é uma menina bem Vista nos olhos de qualquer turista, por que é muito prazeroso tá aqui, é bom demais, é o sonho, às vezes o cara é muito louco, o cara junta dinheiro anos para comprar um pacote para vir passar um fim de semana, 5 dias e num Beach Park, conhecer as praias da gente, é um sonho de consumo e é pouco explorado no que diz respeito ao turismo então quando a gente traz esse equipamento novo a gente tem entendimento que não é para nos beneficiar somente todo o trade tem que se beneficiar com ele, todos os restaurantes têm que se beneficiar, os taxistas têm que ser beneficiado, os agentes, os restaurantes, os hotéis, as barraquinha que vende coco gelado, o cara que vende artesanato, o cara da Feirinha, todo mundo tem que se beneficiar com isso, então é entender que o Ceará show tem que vim como uma é uma criança nova e que tem que ser acolhida por todo mundo porque ela vai agregar muito, muito, porque? porque ela é uma criança boa, bonita, né?! Num é porque eu sou o pai não, mas é assim, é para família não tem nada que desabone que desrespeite e alguém fale, - Meu irmão, como é que você me levou pra assistir um troço desse e o cara falou aquela besteira e eu estava com minha filha do lado, eu tive que tapar o ouvido dela. Rapaz, o que é isso? que local feio, que local desagradável. Não tem. Pensamos em tudo que pudesse ser acolhedor que pudesse ter esse caráter da hospitalidade, desse aconchego, o cara se sentir em casa, ser abraçado, ter um espetáculo bonito, aí

para o nosso público, é um trabalho de formação de plateia. O que é formação de plateia? não é abrir as portas e aí apresentar de graça, é não... formação de plateia é você trazer um espetáculo de qualidade, você gerar a pontualidade, no início, por isso a gente bate que tem começar 8:30 aí o cara daqui chega 9 horas e quer entrar, porque? Porque é praxe chegar atrasado, não meu irmão, começa 8:30 e 8:30 começa e se o cara não tiver? Perdeu titio, fazer o que? volte amanhã para assistir e chegue na hora viu que vai perder de novo se não chegar, então nós temos, aí.. é educar o público, o Centro Cultural do Banco do Nordeste quando ele funcionava ali perto...na praça, no centro né, na Floriano Peixoto, meu irmão, começa às 5:00 da tarde, o artista que vai se apresentar tinha que assinar o contrato se eu começar atrasado eu pago uma multa e quando dá a hora, acabou meu irmão, e era de graça, as vezes o evento era 5:00 horas dependendo do que era meio-dia, já estava lotado, porque a galera chegava cedo para pegar as senhas e acabou, então assim, isso é formação de plateia, espetáculo de qualidade, pontualidade no início, então o povo fica educado aí mas a gente tem uma noção dos mal-educados nesse sentido, o cara chega 9:00 horas e se acha no direito de entrar no espetáculo e quer exigir a cadeira, não meu irmão, nem a cadeira aqui é numerada você tem direito mais. Que a essa hora? Não tem sentido. Então é todo esse trabalho, são muitos desafios, muita quebras de paradigma que a gente tem que desenvolver para engrenar a coisa, fazer a roda girar e a gente tá, tá tendo acesso aos receptivos, as grandes agências, a todos os hotéis, a B&H é uma parceira que todo o trade tem que entender isso e é um trabalho difícil porque é desconhecido, então a gente quer que todos e todas as pessoas nos hotéis e a gente faz um trabalho nos hotéis, venham assistir, vocês são nossos convidados, não precisa pagar nada, venha você que trabalha no hotel, traga seu esposo, traga seu namorado, seu amante, se quiser também, senta um em cada lado para não brigar, traga o vizinho, traga a sua mãe, sua sogra, venham assistir, porque? não é porque a gente tá pedindo não, é porque é importante que você veja, conheça o produto, porque ao conhecer você vai ter propriedade para poder oferecer Porque ele vem agregar para o teu negócio. Você é recepcionista de um hotel, um hóspede chega e pergunta, - O que é que eu tenho pra fazer a noite? - Você vai bater perna na feirinha ou vai assistir um show de humor, cuidado que eles vão esculhambar o Senhor lá viu, a sua filha é pequena? é perigoso de ouvir... ou se você quiser só ganhar sua comissão, vá... e você vai ganhar seus R\$ 5, aí o cara vai voltar e, - Porra meu irmão, como é que você me

mandou para...tive que sair no meio pra... sujou pra você. Você vai perder a credibilidade para com seu cliente, a partir do momento que você tem um produto de qualidade, em alto padrão para toda a família, único risco que tu vai ter, é o cara voltar quero te dar um beijo, pode ser que não seja risco, seja legal, mas você tem que conhecer para poder você ter propriedade de oferecer um produto que agrega valor para você fidelizar seu cliente é bom para todo o trade que você ganha, o cara que vende ele ganha, o receptivo que leva ele ganha, um taxista que traz ele ganha, não é só indicar, todo mundo ganha, o cara que está andando na praia com o papelzinho de encarte que ele achou, esse cara ganha para fazer isso, então é um movimento que é essência do Turismo. Qual é a essência do Turismo? é o setor que mais inclui, no turismo você precisa, no caso da gente aqui litoral, do cabra que sobe no coqueiro para tirar o coco, do pescador que vai buscar o peixe, do menino que puxa o jumentinho para o cara andar na areia passear, oww passeio mais besta, mas...dá maior valor andar na jumentinha e esse menino ganha, ganha o garçom, a camareira, o cozinheiro, o taxista... É uma cadeia, uma rede gigante de gente que é beneficiada pelo turismo e as pessoas têm que entender isso, quando isso entra, entra para somar.

Julião Jr: É, mas estão entendendo? Como é que você sentiu isso, tem aquela ciumeira, como é o comportamento do trade turístico do Ceará a partir do momento que chega algo como essa proposta diferente do que tem?

Fernando Cattony: Ainda não. Tem, tem. Cara, eu vou lhe dizer aqui assim, a primeira impressão é de sim, sabe? É de sim, massa, boa, muito legal mas existe uma certa acomodação no que diz respeito... putz... eu vou ter que ir lá... assistir, será que é legal? aí você ouve, começa quinta-feira. – Cara, quinta-feira eu quero comer caranguejo, macho, eu não quero assistir espetáculo musical, que fala da história...ai o cara, - vamos, vamos. Aí o cara vem, aí na hora que acaba, ele fala, - Rapaz, ainda bem que eu não fui para o caranguejo que coisa linda, chorei metade do espetáculo. Aí as pessoas vêm falar isso, sabe? Estava descrente, estava doido para ir para o caranguejo. Vim a força, mas vou dizer, - foi a melhor coisa que eu fiz, foi vir, que é massa, que fantástico, que lindo e chora, vivem, abraça, beija e aí você fala, então a gente fica contente porque a gente sabe que tá tendo um efeito, e agora como é que você traz todo mundo, tem um dos hotéis que é... que eu tô visitando mais os hotéis. Aí vamos, vamos, vamos, enchi o saco dessa mulher e ela, - tá bom, eu vou. aí me manda o material, aí mandei uns filmezinhos que a gente

tem, ela olhou, espalhou pela galera, veio uma galera, quando ela chegou, ela veio falar comigo, - Boa noite, tudo bem Fernando? Veio me cumprimentar distante, fria né? quando acabou o espetáculo, me abraçou, me deu um beijo, e disse, - owwww coisa linda, adorei, já mandou mais umas vinte e tantas pessoas do hotel, do financeiro, de camareira, é isso que eu quero, que todo... que o cozinheiro venha, mas o cozinheiro tem problema, você que pensa... na hora que ele tiver transitando pelo corredor fale, - meu amigo, vá ver que obra massa, todo mundo tem que saber, conhecer, primeiro porque tá muito bacana, porque eu espero que o cearense tem esse orgulho de ver a história dele na forma que está sendo contada, pra poder oferecer, se você não souber o que é, a pessoa pergunta quando lançou, perguntinha, tinha muita mídia no táxi, outdoor, e ponto e não sei o que... as pessoas me perguntavam o que é isso mesmo, a gente mesmo chegava no táxi que tinha um adesivo no taxi e perguntava, - O que é isso, esse tal de Ceará Show? – Rapaz, eu não sei não, acho que é um show de humor que tem lá na Beira Mar. – Meu amigo, você não quer assistir, você é meu convidado, venha. Ai tem essa resistência e outra, ele vai ganhar com isso em, aí ele pode ganhar e aí a gente tem que quebrar essa barreira agora, entendeu? quem veio já começa e é um processo, eu acho que também tem isso, sabe, ninguém planta uma semente e a árvore sai crescendo e dando fruto e tem que regar, tirar o mato, todo dia tem que regar, cuidar uma hora ela vai dá fruto.

Julião Jr: me diz uma coisa, vocês têm um suporte para esperar isso? Como é que você [inaudível]

Fernando Cattony: o Beach Park tá dando esse suporte nesse momento e a gente tá correndo muito, fechando, porque a alta Estação vai começar agora né, pois nós estamos no dia 17 de Dezembro de 2016 dizendo aqui né, mas já temos muita coisa engatilhada, já tem muito pacote sendo vendido com o ingresso incluso vindo de fora.

Julião Jr: Já? CVC entrou?

Fernando Cattony: CVC tá entrando e tem também o próprio Beach Park tem esse programa dele né, Beach Park tem quatro hotéis, tem a média de 2000 hóspedes por dia entrada de 6 a 7 mil visitantes no parque diário em alta Estação quer dizer vai engrenar agora em alta estação só vai pegar fogo, se Deus quiser.

Julião Jr: é crescente o público, esses meses...?

Fernando Cattony: sim, a gente sente que o movimento é um gráfico crescente, é um gráfico crescente, com gráfico crescente é porque não é fácil né, nós temos o desafio... é o espetáculo é no José de Alencar, no Rio Mar, aí você já sabe onde é a casa, espetáculo num teatro novo, aonde é? É do Beach Park, aí o cara as vezes vai bater lá no Porto das Dunas. Então, tem que movimentar a casa por isso que a gente começou agora em dezembro, as quartas-feiras, com o Marcos Lessa, com outro espetáculo, a gente quer trazer outras coisas que tenha uma temática também muito similar a ideia da nordestinidade, dessa essência nossa para ter uma comunhão com isso, não vou trazer um show de humor esculhambado pra casa de jeito nenhum.

Julião Jr: O Marcos Lessa está aqui por ser cearense?

Fernando Cattony: e, porque ele correu atrás que ele se apaixonou pela casa e pelo projeto e se ofereceu, - Cara, eu quero trazer meu espetáculo para cá? - Na hora, fechamos, deu certo. Então é trazer uma Elba Ramalho, trazer um Geraldo Azevedo, pessoas que agrega nesse sentido da nordestinidade, uma coisa mais de Sudeste e tal, mas que tem um comum de um pouco com o espírito da casa, também né?!!

Julião Jr: vocês criaram um projeto para ser algo permanente para moldarem isso ao espaço, tem algo além que vocês queiram chegar?

Fernando Cattony: tem, não é parar aqui não, não é acabar aqui não, de jeito nenhum, porque? porque aqui é o primeiro momento, a gente pensa até dentro da área do nosso social, da nossa ação social, o próprio...nós já estamos aprovando uma nova lei de manutenção em que tem grande parte dela está voltada para a capacitação do elenco e de novos atores, bailarinos, cantores, músicos, por que? é porque a gente quer expandir, quer crescer. Vamos montar o Itinerante do Ceará Show para levar o Ceará Show para São Paulo, para o Rio, para Minas, para Brasília, montar esse espetáculo em outros locais sem parar aqui, o Circo de Solei não faz isso?!! Ele não tem um espetáculo em vários locais do planeta espalhado, então é ter ou de repente montar outro espetáculo outra e crescer.

Julião Jr: Existe a possibilidade de não ser só esse espetáculo?

Fernando Cattony: existe, de renová-lo, a história é muito grande, pode ter outros personagens, pode ter outras versões, outras né?!! o cara cansando de... já tá... o elenco já tá morto de querer fazer isso, vamos fazer... Apesar que tem grandes espetáculos que foram 20 anos ou o mesmo espetáculo as vezes até com o

mesmo elenco, é muito doido, então assim, agora vamos crescer, de repente hoje surge a oportunidade de abrir uma outra casa Las Vegas, cada hotel, tem hotel que tem três teatros, cada qual para duas mil pessoas e com cada qual com um espetáculo, um é o Solei, outro, é um musical gigante, outra é o musical do Michael Jackson, outro e os caras um blue man, um Solei, e um musical e todos lotados num hotel, três teatros com 6000, 2000, 3000 lugares cada, e são uma avenida de vários hotéis, cada qual no mesmo desenho, só tem isso também, mas tá altamente dinamizado, é um deserto, fazer o quê em Las Vegas? é um deserto e a noite os cassinos, os hotéis lotados, os musicais tudo.. não consegue reservar data para os espetáculos, então, Qual é o futuro turístico que pode ser explorado do potencial que tem um isso daqui? né assim, lógico que a gente sonha e sonha alto nesse sentido de ahhh... conseguimos chegar. Eu bato muito com elenco isso daqui também que eu fico direto, Qual é o sonho de vocês? vocês acham que vocês chegaram, acabou? Estou com minha carteira assinada no Ceará show e agora vou amarrar Minha Jumenta aqui? se você pensam assim, fica esperto, porque eu posso botar as jumenta para correr e tirar o encosto dela e ela cair e aí você vão fazer como? a gente tem que sonhar alto aqui dentro, de querer crescer, por isso que a gente quer capacitar, trazer capacitações, mas enquanto não dá para trazer capacitações, que o elenco vá buscar a sua capacitação, seu desenvolvimento profissional, vá estudar música, vá estudar... e gente tem exemplos aqui, tem atriz que chegou aqui e jogava três bolinhas e é uma atriz, hoje ela joga as claves bacaninha, Já tá andando de monociclo, arrumou uma sanfoninha, já tá tocando a sanfoninha, na música do espetáculo para fazer parte da cena, já tá crescendo, tá desenvolvendo, e é aí que a gente quer, quer todo mundo crescendo, que não pare, que não pode... não tem limite e conhecimento não ocupa espaço, pode botar pra dentro, que... ahhh... esse aturou não cabe mais, não existe né, então a ideia que a gente se torne uma excelência, uma referência de companhia, de espetáculo, de ação com vários sentidos que a gente possa ter... que desse elenco saia um pocket por iniciativa deles para apresentar projetos sociais em... meu irmão, é um céu sem limites, é um... dá para fazer tanta coisa, dá para fazer uma Escola de Formação, algumas instituições que desenvolvem projetos sociais na área artística, vou dá o nome não, tem um trabalho magnífico, mas chega uma hora em que o aluno não serve mais pro projeto e literalmente leva um pé na bunda e vai para a rua que não tem mais idade, que o projeto só comporta... Aí depois que você apoderou esse jovem, de uma

forma que as vezes você leva até para fazer turnês fora na Europa e quando ele volta e não tem mais idade para fazer parte do projeto, você dá um pé na bunda dele, como é que ele fica no mercado? ele não sabe se empreender, ele não sabe se lançar no mercado, aí as vezes ele se frustra e vai fazer outra coisa que não tem nada a ver com aquilo, vai ser balconista numa loja, acaba se drogando, meu irmão, você mexe na estrutura do cara, porque você não deixou ele quieto no canto dele ou sei lá, ou faça o serviço completo, eu vou te apoderar, mas vou dá condições de você se lançar no mundo...então uma preocupação nossa é que quando ele tiver com a gente ele...primeiro, já inserimos ele dentro de um... ele sai empregado. Não tô fazendo favor para ninguém aqui não, e nem tenho pena de coitadinho não, porque ninguém é coitado não, só tem profissional capacitado, talentoso e tem que corresponder, se não corresponder, a gente gera o movimento centrífugo que se o cara não tiver preso ao centro, ele por se só vai ser cuspidor, como já foi, já teve gente que entrou e não se deu bem e já dançou, e já entraram outros e assim vai, então as pessoas começa a sentir, perceber, há uma pressão nisso? Há, mas existe algum trabalho que não tem uma pressão, eu não estou fazendo filantropia não, a gente tem uma preocupação de um cuidado social, com... de abarcar, de incluir, mas não somos mais intuição filantrópica e somos claro nisso e consciente do que a gente tá fazendo, não estamos dando peixe para ninguém não, no máximo, o que a gente dá é a vara e explica, meu irmão, pegue ali o bambu e ali tem linha, já ali naquela gaveta tem anzol, te vira negada, agora você tem que corresponder, tu vai ter que pescar, já demos as ferramentas e assim, e que todo mundo se ajude, tem muitos professores aqui dentro, então, cada qual é ajudar o outro, ter essa vivência também essa porque a gente tem culturalmente aqui um pouco essa visão de, -eu tô fazendo o meu, vou te ensinar não, porque de repente tu vai me tomar, você vai ser mais do que eu. Isso não é sadio, cara, eu falo muito com o pessoal, cara quando alguém da gente acende todo mundo cresce junto, todo mundo vai com ele, então se você não tem o talento dele, não apague o talento dele, ajude ele a crescer e continue fazendo o seu, que de repente ele vai te ajudar também e assim que tem que crescer, cara, e é difícil o ser humanos né?! seres humanos, é vaidade se tem que administrar muita coisa não só um negócio, as relações é diferente de uma empresa normal que o setor de RH aqui é diferente cara, são artistas, pessoas sensíveis tem.. sabe? existe, os cara hoje não tão animado, então, como é que eu vou trabalhar esse humor deles, eles vão ter que entrar em cena e vão ter que tá

brilhando, eu tenho que fazer um trabalho com essa galera e o teatro propicia isso, de poder burilar essa essência humana, para valorizar, para fazerem eles enxergarem e para gerarem uma interação. Rapaz, tem setorzinhas que não estão se batendo aqui, então, aqui não pode cara, vamos estudar porque não estão se batendo. Espera aí negada vocês não precisam ser amigo de ninguém não, mas a gente tem que ter uma relação legal, tem que ter essa harmonia, por que reflete, reflete e o público, ele tem... o nosso compromisso é para com o público entendeu?! Então tem que... não depende e isso... o Silvio diz assim, - enterrei minha vó e à noite eu tava apresentando, então tô triste. Meu irmão, dê seu jeito. Eu vi na escola de circo o cara morrendo de dor, morrendo de dor, passando mal... ai, ai, ai.. e o cara lá no palco, - E agora com vocês, os irmão San Thiago... Era um a trupe de acróbatas. Meu irmão, quando o cara ouviu o nome, levantou, abriu a cortina, já entrou saltando, Diego Hipólito e Daiane dos Santos. E era um número demorando que você só de assistir já cansava, de tanto salto que dava, acrobacia pesada. Os aplausos, sai correndo pela coxia, fecha a cortina e o cara cai desmaiado. Hospital e num sei o que... morrendo macho, morrendo. O pai e a família tinha um número de trapézio de voo, o velho que era o pai, Julho Tapia, fazia o cloun no trapézio, velhinho, sessenta e tantos anos já, pense, era o cara que fazia as coisas mais mirabolantes no trapézio e difíceis e a galera ficava, -E é um velho, bicho. E o filho dele que era um grande acróbata das mirabolancias no trapézio, na hora que saiu do trapézio que cai deitado na rede, só na hora da saída que é uma coisa banal e besta por um descuido, ele caiu mais de ombro do que cai com o corpo todo, quando ele caiu mais de ombro, o joelho entrou e quando o joelho entrou, entrou na testa dele e deu um achatamento de crânio, entrou em coma na hora e o pai nem sequer viu o filho morto na rede e continuou o número, puxou a atenção pra ele lá em cima, para que tirassem o filho da rede, e acabou o número, demorou ainda fez o número, quando saiu, é que foi saber o que tinha acontecido. Aí o filho ainda não tinha morrido, aí foi socorrer, levar ele para o hospital. Então, tem coisas da essência da vida do artista que ainda muita gente tem que absorver se... o que é isso? não é fácil não, meu amigo, o circo chegou numa cidade do interior e a grande atração era o palhaço e todo mundo ia nesse circo por causa do palhaço que é era o grande lance do circo. – Meu irmão, você tem algum problema? Você tá triste? Vá assistir o circo que esse palhaço alivia tua vida. Meu irmão, ele era o cara, né?! lotava o circo por causa desse palhaço. Aí aparece num consultório da cidade, num

consultório de um psicólogo, aparece um senhor lá que estava muito mal, deprimido, mal, cara, mal, mal, mal, cara, a ponto de se matar e contou o drama dele para o psicólogo, - Meu irmão, eu tenho a solução do seu problema. Não tem um circo na cidade? E ele disse, -Tem. – Rapaz, vá e assista um palhaço que faz um número tal, macho, tu vai resolver teus problemas quando tu ver esse cara, porque o cara é fantástico, o cara é o máximo, as pessoa saem transformadas, por que o que ele mostra é fantástico. –Doutor, o palhaço sou eu. Tá entendendo, então assim, é uma atividade que você tem que ter um diferencial e a gente tem que trabalhar isso com eles também não é só um negócio pelo produto da prateleira vendo aí tá aqui e põe o outro e bota pilha pessoal tudo tem que tá funcionando, não, é muito complicado, muito complicado.

Julião Jr: Cattony, no meio da nossa conversa, você falou dessa dificuldade que você teve de montar um espetáculo com pessoas daqui, né?! Isso foi uma entrada que você encontrou para viabilizar o teu negócio cultural no meio turístico. Quais foram os outros entraves que você teve que superar?

Fernando Cattony: Eu acho que o maior porquê desse foi assim, questões de agenda do pessoal porque também as pessoas boas que a gente procurava para poder desenvolver o projeto com a gente estavam muito ocupadas, mas a gente igual, o cara que é bom, ele não tá parado, né, e outras porque não acreditavam muito também, sabe? achavam que será que eu vou parar, que eu vou parar algumas coisas que eu tô fazendo para dedicar a isso, aí depois que começaram a ver a coisa andando, aí muita gente quer chegar só que aí é que o barco já estava andando e eu não tinha mais como colocar essas pessoas dentro né, e as outras dificuldades maiores são... é um pouco isso, é aceitação do patrocinador né, como levantar grana?

Julião Jr: No momento, vocês acionaram a EMCETUR para apostar em cultura? Como foi que você viu isso?

Fernando Cattony: É... são poucos, existem poucos mecenas, no que eu posso dizer que é um cara fantástico é o Nivaldo Teixeira da EIM, ele é um cara, ele é um mecenas mesmo, em muito ele ajuda em vários setores da arte, é um cara que tem uma visão e se todos fossem iguais a ele seria, muito diferente, muito diferente, e tem muita gente que apoia mas os cara já entenderam como é que funciona o sistema e eles mesmos fazem os projetos deles através de suas Fundações e suas associações e eles mesmos se alto Patrocínio e vão e ganham

com isso, vira um negócio para eles, entendeu, e muitos dos grandes trabalham dessa forma ou já tem aquele mercado em que tem as figurinhas marcadas e essas pessoas que apoiam já tem aquelas pessoas específicas Para apoiar não é uma coisa muito aberta Então até assim, - Eu vou apoiar, me dê o roteiro, deixa eu ver se o que você tá fazendo para que eu possa botar minha marca nisso né. E a pessoa vem assistir tudo e não se manifestou também, mas é isso aí, é uma coisa de tempo também, que a gente sabe que não é fácil, a gente andou muito na contramão, enquanto que esse ano a gente estava construindo para abrir um teatro, no Rio de Janeiro fechou 4 teatros de nome, então enquanto a construção civil estava demitindo, as construtoras chegavam num dia e demitiam 400 Operários, a gente estava aqui construindo enquanto a produção artística estava no período de dificuldade Econômica no país, a gente estava contratando artistas então assim a gente andou na contramão, estamos andando na contramão né, porque o cenário não é propício que a gente ouve, é o momento atual é complicado e aí, mas aí a gente vai parar? vamos esperar melhorar? sempre teve dificuldade, sempre teve dificuldade, ahh... tá em crise para o vendedor de tender, aí o cara que vende mortadela nunca vendeu tanta mortadela, tá morro de feliz com a crise, tá doido para que não acabe a crise, porque a galera só tá comendo mortadela, ninguém mais tá comendo presunto tender, nem faisão, nem nada, só tô comendo mortadela, então é muito relativo às vezes essa coisa da crise né, ahh o turismo caiu, caiu umas, porque o cara deixou de ir para fora, ele tem que vim para cá agora, porque não dá, não tem mais dinheiro para ir para os Estados Unidos, ou para Europa, então ele vai conhecer o Brasil, que é caro, é caro vir pra cá, mas ele tá vindo, então é lógico que a gente vê que existe dificuldade e outra, o cara não é que acabou o dinheiro, ele não vai, ele segura, mas na hora que ele enxerga, - pô aqui que tem uma possibilidade. Ele sempre foi assim, e é uma questão de gerar conquistas né, a partir do momento que entrou o Beach Park, - Opa, esperai, se o Beach Park tá junto, o negócio é bom. Ele não ia entrar pra fazer qualquer coisa, ou por filantropia, porque os lindos olhos verdes do cartunista, porque ele tem uma visão de mercado que tá dizendo, -Opa, meu irmão isso aqui é bom, e para quem a gente mostrou não teve ninguém que dissesse, - Cara, isso aqui não é bom, que aqui tem um problema aqui. Não tem cara, não tem, agora é fácil? não é, e a gente sabia e nada foi fácil, nada, meu irmão, a construção, conseguir aqui, abrir, a luta do... nada, o elenco, meu irmão, difícil, difícil e outra, com o curso fechou elenco, tem ensaio amanhã, aí você

é o cara, você é o cara, canta pra caramba, tem uma puta voz, presença, que contratei hoje, ensaio amanhã as 2:00 horas, chegou amanhã tu não veio, porque nem avisou que não vinha, mas tu é o cara, é muito bom, - Meu irmãozinho, você tá fora. –Como assim, se eu sou muito bom? – Mas tá fora, porque eu combinei contigo duas horas e você não veio. Ai o resto, - Caraca, meu irmão, o cara que era o cara, bicho, os caras mandaram pra fora, puta que pariu, e agora? Tem que educar esse profissionalismo nosso também, que a galera começa a se achar, a se gabar, meu irmão, ninguém se garante, não tem certeza para ninguém, agora faça o trabalho, aí meu irmão, a gente dá todas as condições, a gente é gente boa cara, agora não vacila, que aqui não é um grupo de teatro é uma companhia que nunca existiu esse é um paradigma grande. Qual é uma companhia de teatro que tem os atores empregados com carteira assinada? E eu vou lhe dizer, no Ceará não, meu irmão, nenhum canto do Brasil tem. Pesquise, pesquise e me diga se tem, não tem, não tem, não tem, porque? Porque não existe espetáculo de permanência e não é a praxe que se use no Rio, em São Paulo, não é essa, é temporada, é um contrato temporário, um contrato por mais que dure um ano, no máximo você tem uma MEI, você passa uma nota fiscal individual, mas contratação CLT não tem, não tem, isso é algo que é muito mais oneroso para agente? Lógico que é, se você for ver a nível financeiro, é um custo muito maior.

Julião Jr: E porquê desse jeito?

Fernando Cattony: porque dá segurança para a gente, para o elenco, para a pessoa que está sendo empregada, ele tem os benefícios, existe uma legislação, tem um modo operante de como é que tem que funcionar, e aí a gente vai dar jeitinho? Não, meu irmão, como é que tem que ser? Tem que ser assim. Arrumar uma dor de cabeça pra gente amanhã? Não, meu irmão, vamos fazer como é que tem que ser. Ah.. mas é muito mais penoso pra gente, muito mais sofrido, mas não é assim que tem que ser? A gente não quer que mude as coisas? Não briga? Não reclama de governo, de políticos, não sei o que? Aí vamos ficar dando um jeitinho, gambiarra? Não, meu irmão, como é que tem que fazer? né assim. Bicho, vamos fazer como é que tem que ser feito, por que que a gente não vai... vai explorar ou desprivilegiar, ou... se bem que não é nem exploração, mas amanhã pode dar do de cabeça. Não é melhor o cara tá garantido, num ter bonitinho dele o recolhimento do FGTS, do INSS. Ahh.. num vale de nada, não vale, mas na hora que ele precise, ele tem. E a gente tá respaldado também porque amanhã ele não

tem o que dizer, botar na justiça, porque me exploraram. Como, se estava tudo bonitinho, cara, seus benefícios todos, eu pago as férias, você tinha seus horários de trabalho tudo bonitinho, bacana, comprido, aí fica todo mundo bacana. E é uma condição que dá segurança para eles, - Pô cara, eu trabalho com arte. É muito massa você ouvir o Luquinhas falando que é o protagonista, tem 17 anos, mas ele é muito maduro, e ele é emancipado. E ele falou,- Putz cara, a satisfação que eu tenho de chegar e fui fazer um crediário. e eu falei, - é massa, (risos) e ele, - Sou ator contratado da Ceará Show. Profissão ali botando, mostrando da carteira assinada, posso assinar esse crediário aqui, porque eu tenho folha de pagamento, eu tenho... E não é pouco não, meu irmão, os caras são bem pagos e ainda tem isso, são bem pagos. Dentro de uma raça de mercado, é massa, bicho. Então assim, o menino de 17 anos que mora ali no Rodolfo Teófilo, que é aquele que é o homem da casa. É muito massa, cara. Mas eu digo assim, que é pra entender que não tá explorando ninguém, não quer foder ninguém e outra, eu acho pouco, só que não tenho condições de pagar mais. Ainda que a gente dá espetáculo quinta, sexta, sábado e domingo e eu posso por legislação da até 2 por dia, 8 por semana, eu quero dar 2 na segunda, 2 na terça. Eu quero que tenha muito mais, e se tiver mais, o salário dele até duplica, tá entendendo? Eu quero que ele ganhe, cara. Eu quero ver os caras chegando aqui no seu carrinho, já comprei minha casa oh, aí eu vou dar pulos de alegria, meu sonho é esse, o meu sonho é que todo mundo se dê bem, porque na hora que eles puderem tá se dando bem, com certeza, a gente tá bem também, concorda? Ah.. então eu não estou pensando, - Ah... eu quero ganhar. Não, meu irmão, isso aqui é maior do que o negócio em si, é muito maior do que o negócio, é um seleiro de possibilidades de todos os sentidos, de formação humana, de capacitação profissional, de condição do cara viver de arte com dignidade. - Eu sou artista, meu irmão, eu sou ator, eu sei qual é a pele de poder... eu cheguei aqui, cara, eu sempre trabalhei com arte, mas fiz um monte de outras coisas para sobreviver, fui apicultor, que eu gostava, tinha 150 caixa de abelha, gosto de ferramenta, tenho meus ferros, construí minha casa, ajudei aos pedreiro a construir, teve parte da obra que não tinha condição de pagar, levantei banheiro, certeza da parte de alvenaria, da parte da elétrica, hidráulica, sanitária, instalações, fiz tudo, azulejo, montei um banheiro todinho, sei fazer... sei trabalhar com madeira, teve época que um amigo chegou e me falou, - Cattony, tu conhece um marceneiro, eu preciso fazer, eu vendi um projeto para o Shopping Avenida, na época Avenida do

Além da Praça Portugal, Aldeota, Shopping Aldeota, onde era só o rol, avenida não, era Aldeota da esquina ali, onde só tinha o rol, não tinha um prédio ainda, vendi um projeto e o cara que ia fazer as minhas caixas de som me deu um cano, tu sabe fazer? eu falei, - Rapaz, e sei. – Não, tu conhece um cara que possa indicar? E eu duro, -Cara, eu faço. – Tu faz? – Eu faço, macho. – Faz mesmo? – Faço. Fui falar com dono do Shopping como se fosse dono de uma Serraria, dei o orçamento em dólar, comprei compressor, tico-tico, com 3 folhas de madeira eu fazias as caixas, comprei 6 folhas, aprendi a fazer com projeto, porque as vezes a madeira se você cortou, é para pregar assim e se você pregou assim, pronto fodeu, né, perdeu, perdi um quarto de folha, entendi como era o projeto, beleza, fiz tudinho e fui lá e instalei, fiz andaime lá, aí eu fazendo o comercial aí passou um cara de uma agência, me viu lá em cima do andaime, e falou, - oh...Cattony, o que é isso? O que você está fazendo? E eu, - O que é isso o que? – Tu tá fazendo? – E qual o problema? Se tu me visse estampado no jornal, algemado com o número aqui, aí eu tinha vergonha, disse aqui, mas rapaz, fiz depois com a sobra da madeira, fiz móvel para minha casa que ainda tem até hoje, as ferramentas tá entendendo? Então assim, não tenho vergonha nem nada não, e crescer fazendo as coisas, macho, tem que aprender, é o que a gente quer que a galera faça, se desenrole, cresçam, cresçam.

Julião Jr: Me tira uma dúvida, as dúvidas que eu vou ter é para ver a viabilidade disso tudo, certo? O projeto de vocês, o Ceará show, se sustenta com bilheteria, o custeio dele, o custeio, mas pelo projeto, Ele é possível se curtia com a bilheteria ou precisa do suporte de fora?

Fernando Cattony: É, O Grande Lance do negócio é que ele tem a possibilidade dos patrocínios, certo? é um negócio que...

Julião Jr: O patrocínio é obrigatório?

Fernando Cattony: ajuda muito né, cara, ajuda muito, mas na hora que rodar como conseguir rodar com a casa lotada sempre, não precisaria esse custeio. Agora rodando com os patrocínios, porque é muito atrativo para o patrocinador, e permite, não é algo que é um esquema, é um negócio que permite, é uma ação cultural que você tem condições de... eu posso ter um nome wrong num teatro, teatro Grande empresa, sei lá, qualquer nome, Itaú, Bradesco, Net, Plus, sei lá, permite, isso foi um custo, patrocinadores do espetáculo... ta,ta,ta,ta,ta, ele permite tudo isso, se eu conseguir manter um espetáculo, eu fico confortável com a bilheteria até porque, porque eu posso abrir parte da bilheteria para essa minha

sensibilidade que eu quero. –Rapaz, vamos chamar todos os alunos da escola pública, eu só preciso governo, que você traga as crianças. Ainda sou capaz de dar um lanche para eles e ter um patrocinador. Eu tenho um patrocinador de M Dias Branco, me dê uns biscoitinhos e o suco, faça seu Merchant aqui também, meu irmão, tem que abrir, cara, é um negócio que é para, é para... eu digo assim para a galera, - Nós não somos terra de cemitério, para comer o defunto sozinho, todo mundo tem que se beneficiar.

Julião Jr: Até que ponto essa influência política, dentro do órgão público, porque você me falou que até agora não conseguiu fechar, porque veio a eleição, eleição não faz parte de gestão, né?! era para o órgão funcionar, mas tem a influência política que meche.

Fernando Cattony: é porque as vezes limita, por eles não poderem mexer com grana nessa época, é só o problema é esse, quando tem eleição a conta aí...

Julião Jr: Tem restrições legais?

Fernando Cattony: Exato, aí também vai os interesses, né, tem toda...meu irmão se for abrir aqui mesmo assim, é difícil né cara, porque a gente sabe que política é um negócio. Tem gestor que pergunta, - Qual alavancar, o que alavancar? Vá se foder, vá tomar no cu filho da puta, não vou te dá um tostão, só não vou colocar a boca no trombone, porque vai voar merda para todo lado, vá se foder, tá entendendo? É nesse ponto, macho, pra você ver como o negócio é grande. Vai levar é uma mãozada bem grande, bem no meio das vendas, é cara, é sujo, é o que a gente ver que tem aí, vamos se acomunar com isso, vamos não, num quer que mude? Quero nada, meu irmão, ajudava? Ajudava, poxa até da questão...é muito doida, até da questão ideológica do negócio. Nós recebemos uma proposta de cinco milhões da Philip Morris e aí não aceitou.

Julião Jr: querendo mudar?

Fernando Cattony: porque ia... entendeu? ia ter que botar a cara do cigarro aqui dentro, eu não tenho nada contra quem fuma, mas eu estimular a vendas do cigarro, é foda, bicho, vai de contra um monte de coisa. –Poxa, meu irmão, mas são cinco milhões, resolvia o problema. – Resolvia, mas aí, macho, eu vou vender minha alma para o cão? Não precisa disso não, cara, vamos dá outro jeito, vamos resolver de outra forma. – Pô, mas vocês são burros. – Somos, é isso mesmo, se você achar que isso é burrice. Eu como ator quando fazia palhaço a

Ypióca me chamou para fazer um comercial, ai eu falei, - Desculpa, eu não posso. Não posso, eu trabalho com criança, eu trabalho com educação, como é que eu vou vender cachaça? E tomo normal, dou maior valor a uma cachacinha, é para ficar bêbado não, é para bicar, acho bom demais. – Vamos tomar uma dosezinha para abrir o apetite? E eu, - Massa. Mas não vou vender, não vou colocar minha cara para vender. Já me prostitui em outras coisas, em campanha política, me arrependo tremendamente também, como ator, antes eu entrava como personagem, que aí era o personagem e depois foi como Fernando falando, mas não como eu, era como um apresentador e tal e depois... eu tenho um nojo desses caras, bicho, que é bando de filho da puta, hoje eu pensaria muito, muito para fazer. Ou tem que segurar, você tem que ser gata para ser quenga, tá vou fazer, mas meu irmão, você vai ter que queimar grana para eu fazer, porque quenga barata eu não vou ser não, por que é escroto cara, você ver com outra imagem aquilo, quer queira quer não queira, mas teve épocas que eu estava na situação que, meu irmão, é meu trabalho, tenho que fazer, vou fazer, vou ficar na minha, não vou ficar sofrendo com isso não. E teve gente que ficou, - Porra, Cattony, tá fazendo por causa... aí eu falei, - Pois é meu irmão, me pague o cachê que eles estão pagando que eu não vou lá fazer, tenho família, tenho conta, é a minha profissão, vou fazer o que cara? os que eu acredito, em vez de me ajudar, vieram me explorar, eles estavam ganhando e queriam que eu fizesse de graça, eu falei nem apareça lá, senão eu quebro tudinho. Aí o outro que é o inimigo nem dá a grana, - Eu vou lá ganhar, meu irmão, fazer o que? Ia para fazer de personagem, não era para eu falar que eu amo eles, era um personagem em uma cena, então assim, tem uma... a gente tem uma, não vou dizer pureza, mas tem uma visão de ideologia do negócio, tem um sonho de um o que que isso daqui é muito maior do que a gente ver da ponta do iceberg, o bicho embaixo, é muito maior, tem muito mais coisas filosoficamente ideológica de cara o que, que a gente quer da vida? o que a gente pensa? o cuidado que a gente tem com essa galera, a atenção com eles, é uma coisa mesmo de pai, e as vezes tem que dá puxão de orelha, já, já eu vou ter que descer pra por eles no colo, que tão meio apagado, sabe, só tão meio triste, porque ultimamente tive que dá umas pisas, aí ficam tudo borocochôzinho. E quando eu tenho que elogiar, -Parabéns oh, cara, hoje você se garantiu muito, show de bola. Uma salva de palma pra ele aqui, que ele hoje foi muito bem. Não é para adular o cara não, é porque tem que estimular também, não tem que estimular, tem que reconhecer. - Não cagou, venha cá, limpe, que vacilo foi

esse? Fez bem, -Meu camarada, meus parabéns, você se garantiu. Tem que dar os dois feedbacks e eu acho que a visão da gente como gestor do negócio mais do que eles estarem nos servindo, é a gente tem que tá servindo eles o tempo todo, para que eles possam fazer o trabalho bem, porque que é o trabalho deles que reflete tudo que a gente quer então o meu papel aqui é de servi-los, sou serviçal deles, sou servidor deles nesse sentido, para eles estarem bem, e é difícil, porque eles barram em questões que a gente sabe também, investiu-se muito, então tem setores ainda que tão, eu preciso ajeitar, isso aqui cara, não tá colado não, isso aqui foi um presente que a gente ganhou do Adroaldo, retalhos de carpete, a gente botou aqui para dar uma ambiente para os músicos, a gente que é preparar a sala, eu quero ajeitar, não tem, ainda não deu o móvel, se vai no banheiro tá faltando um box ainda, infelizmente o vaso sanitário ainda falta a parte que isolam o vaso sanitário, mas tá lá o vaso, tem uma buchinha, tem um puto banheirão, massa, a casa tá legal e tudo falta coisa aí, porquê? Por que faltou grana, cara. A gente não esbarrar nessa questão, é difícil, estamos devendo ainda alguns fornecedores da obra, mas que já está tudo acordado, já está planejado os desembolsos, porque, meu irmão, tem ideia da bronca que foi isso aqui.

Julião Jr: você pode divulgar, é possível falar no investimento?

Fernando Cattony: cara, eu vou dizer que é algo que gira em torno de cinco milhões, é para bancar a onda todinha. Isso não vai para a imprensa né?

Julião Jr: não, só para estudo.

Fernando Cattony: só pra tu ter uma ideia do que é o volume do negócio, entendeu?

Julião Jr: E o custeio mensal, a manutenção disso?

Fernando Cattony: a manutenção disso aqui é em torno de 250.000, Caraí não, Caralho. Mas ai tem equipamento ne, só de equipamento aqui de luz, som e vídeo tem quase 500 paus, Só o projetor é 100 pau, só a lente dele é 15 pau por produto de 10.000 lumens, só essa tela rosco é 15 pau, só de parafernália que tem aí é uma estrutura que a gente... por isso que eu digo que a gente é doido. Quer conhecer a casa? vamos ver.

APÊNDICE I – Entrevista com Carlinhos Crisóstomo

Julião: Carlinhos, eu queria entender, como foi que você começou a pensar a música do espetáculo a partir do momento que você recebeu o convite, como tudo isso chegou para ti e como é que você digeriu isso tudo na tua cabeça para criar o que a gente vê hoje?

Carlinhos Crisóstomo: certo, na realidade eu participei desde o começo, mesmo assim, vamos dizer do embrião do Ceará show que eu já fazia um trabalho é... com o Davis e com o Cattony desde os tempos dos garis né, que eles eram só garis, é a empresa que eles têm e eu sempre fiz parte da equipe nas atividades que envolviam música né, ou teve uma época que eles faziam o chamado muito show que eles misturavam música e algumas esquetes nos bares, restaurantes né, ao invés de ser só um show de humor ou então um show só musical, eles juntavam as esquetes e apresentavam, fazia uma interferência mesmo brusca né, o pessoal estava assim no bar e de repente eles entravam com uma peça e chamavam a atenção de todo mundo e depois disso, depois dessas esquetes que eles apresentavam pontualmente a gente intercalava com música e no final a gente fazia o que chamava de ao vivoKê né, a banda que estava acompanhando esse espetáculo deles e se propunha a acompanhar quem quisesse cantar era um Karaokê ao vivo né, aí... bom né, dentro dessa época que eu trabalhava e nessa época já eles pensavam, eles tinham essa ideia né de fazer um Show, um espetáculo que falasse das coisas do Ceará depois do que eles virão, acho que eles devem ter te falado alguma coisa assim, que eles viram outros espetáculos fora e aí que cresceu essa vontade desde o começo eles pediram para eu fazer até a música que eu fiz eles pediram para eu compor uma música para eles montarem um projeto, para desse projeto eles mostrarem para os empresários para ver quem é que se interessavam né em apoiar, em Patrocinar, então, eu fiz, eu compus a música que também está no espetáculo né.

Julião: é a última do Ceará show?

Carlinhos Crisóstomo: é aquela música é minha e deles né, a letra é deles e a música é minha, e até é meio chato assim, porque aparece lá as músicas sendo do... assim, eles dão muita ênfase com a música do Rodrigo Maranhão que realmente são, as músicas realmente são dele, mas em nenhum momento colocam nenhum folder sequer colocam que aquela música é minha e que aqueles arranjos

são meus entendeu, assim é um negócio meio chato né, mas tudo bem, então aí a minha participação começou aí, aí eles deram continuidade ao projeto e quando... depois eles levaram para o Rio ou São Paulo sei lá, levaram o projeto e tal e depois eles conseguiram dar início ao processo mesmo, que o Sílvio Guindane entrou com eles e tal, fez o roteiro como ele era muito amigo do Rodrigo Maranhão, pediram o Rodrigo para fazer as músicas então quando eu recebi as músicas As músicas já estavam prontas né eu já recebi o espetáculo a primeira montagem eles fizeram amostragem que depois foi se modificando mas as músicas desde o começo eram essas mesmas.

Julião: as letras já existiam?

Carlinhos Crisóstomo: as músicas mesmo né, letra e música, o Rodrigo Maranhão já pegou pronta, agora assim como ele não é cearense né, ele fez um trabalho muito legal, as músicas são muito bonitas, mas não tinham a cara do Ceará certo, então aí que entrou meu trabalho eu acho né porque eu precisava dar uma cara mais cearense para essas músicas e de que forma eu poderia fazer isso era usando elementos da música cearense né, indo buscar na fonte da música tradicional cearense né, não com a pretensão de ser, de transformar uma coisa, mas se aproximando mais do folclore né, não é isso, mas que tivesse uma sonoridade que o cearense identificasse, entendeu, apesar do cearense não valorizar muito, o cearense de maneira geral né não valorizar muito a nossa cultura mesmo, ele valoriza mais o que vem de fora, ele se identifica com algumas coisas né, nem que não queira, ele se identifica, você bota por exemplo o som de uma Banda Cabaçal para um cearense ouvir, aí assim, principalmente se ele estiver relação com o sertão né, com o Cariri, então ele vai se identificar na hora, basta um doetinho de flauta ali, ele já lembra dos irmãos lá da Serra né, já faz uma ligação, então, eu procurei exatamente, é dentro do roteiro que ele queria apresentar, que eles me apresentaram, é ver quais os elementos da música cearense que se aproximariam daquela música né, daquele momento da peça, aí então no caso da música do Dragão do Mar por exemplo, a música do Dragão do Mar como era um personagem voltado para o mar, assim com essa ligação com o mar, então eu achei que tinha muito a ver eu procurar colocar um coco ali sabe, de alguma forma, aí o que foi que eu fiz? fiz o arranjo com instrumentação já preparando para o final eu fazer um coco, então a gente fez, coloquei um pouco no final né, tanto que até para a música mesmo, a melodia lá e entra outra melodia, mas assim com elementos da primeira

Melodia ainda, mas que caracterizou um coco, inclusive pedi para menina para Katiana né que fez a coreografia para ela simular um coco ali, uma roda de coco no final né, aí ficou legal, ela fez, ela procurou fazer isso aí, então para cada música eu procurei dar uma cara dessa né.

Julião: e o coco é um ritmo que está meio que esquecido que desaparecido né?

Carlinhos Crisóstomo: pois é, ainda tem mais esse detalhe né, porque como eu disse para você que o cearense não valoriza muito as coisas, antigamente cara, eu lembro quando eu era criança, adolescente mesmo que eu ia passar minhas férias no Pecém, eu ainda cheguei a ver Dança do Coco com os nativos mesmo, os próprios Pescadores fazendo né e depois de muito tempo participei do grupo Mira Ira né, que a gente fez uma pesquisa muito grande da cultura popular tradicional cearense, então eu tive contato com alguns grupos de coco né e a gente tocava lá, então tive sempre essa vivência né, então, eu achei que ele seria o momento exato para poder mostrar uma coisa que está sendo esquecida né, que está se perdendo, tem alguns grupos que ainda mostram um grupo para folclórico, agora existem outros grupos que estão revitalizando né na cidade, eu não sei se é o pessoal lá do Iguape da Prainha, eu sei que já tem alguns grupos que eles estão tentando revitalizar né o coco, mas é uma coisa que tá meio sofrida mesmo, meio esquecida né, pois é aí especificadamente nessa dança do Dragão do Mar, eu achei que ficaria de bom tom colocar um coco lá, simular, não fazer uma roda de coco, mas pelo menos simular para caracterizar né, para criar aquela sonoridade da música cearense de raiz né, já na música do Seu Lunga eu queria dar aquela conotação de feira mesmo, é tanto que depois ele fez uma cena de feira, uma feira né, passou a ser até porque a música interfere né nesses momentos com os ensaios, a sonoridade da música fez com que a coisa parecesse uma feira então transformou numa feira, aí a gente pensando na feira já que ele era das bandas do Cariri também o seu Lunga né, então aquelas feiras típicas de lá né que mostrasse o cantor, que mostrasse o som da viola, não o da viola caipira do Sul né do sudeste, mas o som de viola de cantadores daqui né aí já na música do...

Julião: qual delas, o repente né?

Carlinhos Crisóstomo: o repente, pois é, porque até ele fez nessa linha, só que o tipo de repente que ele fez não é muito tipo de repente que os violeiros fazem daqui né, a métrica é diferente, a forma é diferente, mas aí a gente procurou

direcionar mais a sonoridade para esse tipo de coisa né de ficar o som da viola, aquela viola tam tam tam enquanto a menina canta lá a sonoridade só para remeter né a esse ambiente, apesar da música, como eu falei para você, eles fez umas músicas legais, bonitas, mas muitas delas não tinham essa ligação com a música da gente né, aí eu procurei dá essa cara nessa música do Seu Lunga, aí já na outra tem a música da Jovita Feitosa né que foi a última que eu recebi para fazer o arranjo e eu sentia muita falta num espetáculo como esse, de música mostrando as coisas do cearense né, a musicalidade do cearense e tal, a sonoridade, e não ter um Maracatu cara, eu tava assim indignado assim sabe, eu falava para o Silvio, - cara, a gente precisa botar um Maracatu em algum canto aí. E as músicas dele não tinha nada a ver com o Maracatu, com o nosso Maracatu né, até porque a ideia de Maracatu que ele tem é do Maracatu de Pernambuco não do daqui que a batida é diferente...

Julião: já era o Maracatu, originalmente por ele já era o Maracatu?

Carlinhos Crisóstomo: não, ele pensava numa outra música lá, ele pensava no Maracatu, mas ele estava pensando no Maracatu de Pernambuco né, então ficaria extremamente chato né, Você vai mostrar um espetáculo de música cearense e pá... começar com o Maracatu ou com frevo, aí não tinha graça né, então eu procurei colocar nessa música da Jovita, no final a gente procurou colocar, a gente fez um encerramento da música com o Maracatu né, aí ela também a Katiana procurou simular um espaço de Maracatu lá.

Julião: Me diga uma coisa, naquela música da Jovita né que é o Maracatu, Houve alguma semelhança com marcha de exército, alguma coisa pelo fato dela ser Combatente, deu alguma semelhança assim?

Carlinhos Crisóstomo: a coreógrafa teve essa intenção, é tanto que ela bota os meninos machando lá que fica, ao meu ver, não ficou legal certo, eu até falei com ela assim, porque parece ali na hora que eles estão dançando na hora do Maracatu parece música flamenca aquele sapateado que eles fazem né, mas a ideia que ela quis passar era marcha militar né, juntamente com a batida do Maracatu, aí os que ficam lá atrás que fazem uns passos estilizados do Maracatu né não fazem exatamente os passos, mas o estilo que ela estilizou, mas aí assim foi uma oportunidade que a gente teve de colocar o Maracatu, por finalmente colocar o Maracatu, aí pelo menos a batida do Maracatu, a gente fez no encerramento da música com Maracatu, então foi assim, eu procurei cada música colocar uma

sonoridade que se aproximasse ou identificasse, assim, alguma que trouxesse, alguma característica da música cearense de raiz né.

Julião: Teve alguma música que você lembra dessa tua costura que você achou importante?

Carlinhos Crisóstomo: tem a música que fala do Sertão né, aí não tem o que fazer porque a música em si, já é muito bonita e ela tem sonoridade melhor, aí a gente fez um arranjo mesmo também explorando assim algum dueto de viola também sabe, aí tem uma viola lá também tocando, é... a flauta que sempre aparece pelo fato de ser a música da Iracema né, tô misturando com a música do Sertão, e assim, ainda tem um detalhe na entrada do Vaqueiro, a gente procurou colocar um aboio né, que também não tinha, a gente procurou o vaqueiro, vai entrar... bicho, é uma das coisas mais bonitas que eu acho da música de raiz é um aboio, um aboio é muito bonito, aí pra ele entrar no seco não tinha graça né, então mas bonito é você ouvir aquele Vaqueiro, aquela voz entrando com um aboio, sem você saber de onde é que vem, aí de repente, o vaqueiro vai e entra e começa a conversar com um menino. Então, é tanto que quando a gente foi fazer a seleção né, a audição, quando a gente foi escolher o personagem, tanto que quando acharam uma pessoa que poderia fazer o vaqueiro, foi a primeira coisa que eu pedi para ele fazer, eu perguntei a ele, - tu sabe fazer um aboio? tu sabe o que é um aboio? ele disse, - sei. - tu sabe fazer um aboio? ele, -sei. - pois faz um aí. aí ele fez. Rapaz, eu me arrepiei todinho, porque o cara conhecia sabe, rapaz, é diferente, assim, tem uma pessoa que traz no seu sangue né, que já experimentou e ele fez um aboio muito bonito.

Julião: o Dragão do Mar também começava, começa com o brado né?

Carlinhos Crisóstomo: começa com o Brado.

Julião: tem semelhança o brado com aboio, o brado do Dragão do Mar?

Carlinhos Crisóstomo: é diferente né, é porque o aboio, ele é mais para...ele conduz o gado né, ele canta ali para conduzir o gado né, e aquele Brado ali do Dragão do Mar é mais assim para mostrar aquela força dele que ele tá chegando ali é diferente.

Julião: isso dá para perceber na música.

Carlinhos Crisóstomo: aham.

Julião: Carlinhos, você falou no início que o cearense não dar essa valorizada na Cultura né, como é que é pra você ter essa oportunidade de

demonstrar filamentos da nossa cultura que muitas pessoas não percebem conscientemente, mas talvez sinta por conta...?

Carlinhos Crisóstomo: Eu já ouvi assim relatos de muitas pessoas, assim, pessoas que eu não conheço né, eu estava assistindo aqui o espetáculo e a pessoa chorando aqui do meu lado de emoção e comentando com a outra que tá toda arrepiada sabe, e pessoas que depois vão lá no grupo e colocam as suas impressões né e comentam assim na família que se emocionou muito, que chorou, que se emocionou que viu ali em alguns momentos e sempre tão falando bem, assim da música né, embora eu saiba que eles estão falando também dos meus arranjos né, que eles estão falando da música, - rapaz, a música que o cara fez é muito bonita, ótimo a música dele. Realmente é bonita, mas eu sei que o que causou a impressão, aquela sensação, aquela emoção da pessoa foi a forma que ela foi apresentada né, isso para mim, é bom sabe, eu fico super feliz em ver, ainda mais os músicos que são muito bons, os músicos que foram escolhidos que a gente fez a seleção e eu escolhi pessoas que realmente tem uma identidade com a música cearense, por exemplo, o Ferreira Júnior, que é o Ferreirinha, que é o que trabalhou sopro lá, é um cara que é do Cariri, ele é de Assaré, então o pai dele costumava fazer festa na casa dele, levava Cantador, levava poeta, cansou de levar o Patativa do Assaré para a casa dele, então desde pequeno que ele tem esse envolvimento com a música de raiz né, música do Sertão, de Violeiro, de pife, Banda Cabaçal, então quando ele toca aquele pife, às vezes só o pife, ele tocando alguns momentos já criou um ambiente diferente, Você já se sentiu em outro canto, Você já se remete lá para banda do Cariri né, o percussionista é um cara que tocou Forró há muito tempo, forró pé-de-serra né, então um cara que também já passou... tanto percussionista como o menino da Viola e do cavaquinho, que é o Agenor, não, é o Rodrigo, Agenor. Eles participaram do grupo Mira Ira que é um grupo de tradições que trabalha a tradição, a música tradicional né, a música popular tradicional ,então eles tem uma vivência com isso, então eles conseguem dar uma cara aproximada né do que seria uma música autêntica, aí tem o Mel que é um músico da noite super experiente.

Julião: ele também é do Cariri né?

Carlinhos Crisóstomo: é do Cariri, acho que é do Juazeiro, Pois é, aí tem o Ribinha que é o sanfoneiro também que é tecladista mas também toca

sanfona e tem a vivência do pé de serra de tocar, então somou tudo isso né aí deu uma sonoridade legal sabe, Eu estou satisfeito com os músicos.

Julião: o cearense não tem como não se arrepiar né, Eu sou prova disso né, fui lá e me apaixonei pelo espetáculo.

Carlinhos Crisóstomo: mas eu falo assim ó, às vezes, até as pessoas me entendem mal, que eu digo que o cearense não valoriza, mas é porque passei muito tempo tocando na noite né, passei muito tempo mesmo e trabalhando com música, Eu trabalho com música a minha vida toda, então eu percebo isso que quando é uma produção daqui, quando é um cantor daqui, um compositor daqui, as pessoas não dão muito valor não, agora chega assim 4 cabra da Bahia aqui, os caras podem tocar ruim como for, mas não, os caras são da Bahia entendeu, - Vixi tem uma banda Paulista que tá aí, os caras são Paulista sabe, o pessoal trata assim como se fosse como se fosse assim uma coisa agora tem os cabra cearense tocando melhor do que eles mas não botão porque? porque sou cearense não valorizam as coisas daqui.

Julião: Por que você acha que acontece isso?

Carlinhos Crisóstomo: acho que isso é uma característica do próprio cearense, não é só na música não, eu vejo isso em tudo, o cearense recebe o turista muito bem, ele tem essa característica né, de receber o povo. O povo cearense é muito hospitaleiro, mas o cearense de maneira geral é hospitaleiro com os de fora se você for no comércio, entre no canto você cearense, eu com essa cara de cearense aqui, eu entro no canto o pessoal nem olha para mim, agora entre um cabra um pouquinho mais alto, branco, de olho azul, só de tanguinha nos cantos, chove de gente vendo turista ali e pronto, trata bem, Ave Maria né, Você sabe como é que é, assim eu fico meio chateado com essas coisas sabe, que o cearense ele tem essa característica, eu vejo essa característica no cearense, não todo mundo lógico, mas a grande maioria, de valorizar demais o que é de fora e esquecer as coisas boas que tem aqui é tanto rapaz, que faz tempo que um músico, um compositor daqui, Há quanto tempo que não acontece, por quê? porque o próprio povo daqui não valoriza, lá fora é que ninguém vai valorizar mesmo e tem muita coisa boa, que tem muita gente boa, tem muito cantor bom, compositor bom.

Julião: o meu trabalho, ele tenta perceber a viabilidade ou não de um equipamento e de um espetáculo histórico-cultural nesse setor do Turismo, se nem o cearense valoriza a cultura, esperar que o de fora venha e valorize, você acha que o

espetáculo ele está indo no caminho certo ou foi ousado demais, Qual é a Sua percepção disso, O Turista consegue valorizar o que a gente está produzindo de bom aqui?

Carlinhos Crisóstomo: Eu acho que o turista vai valorizar muito mais que o próprio cearense esse espetáculo, eu estou falando do Ceará show né, é tanto que também ele é direcionado mais para o turista mesmo, ele é feito para um turista, o cearense pode assistir e vai achar maravilhoso né, vai gostar, vai se emocionar, mas o turista, é mais fácil um turista se atrair, assistir sabe, né, ficar curioso em assistir, do que o próprio cearense, eu acho porque o turista dá mais valor que o próprio cearense que não dá, eu acho que é por aí, eu acho que tem tudo para acontecer, aí depois que os cearenses de maneira geral perceberem que o negócio, - puxa o pessoal tá falando tanto desse negócio aí ,o pessoal de fora está... o cabra vai lá para o Rio ou São Paulo, chega lá e uma pessoa fala, - eu fui lá assistir o Ceará show, muito bonito, não sei o quê. aí o cara, - Puxa vida, ele assistiu e eu nunca vi. aí quando ele volta é que ele vai procurar né, isso depois que acontecer fora né, acho que acontece dessa forma.

Acompanhante do entrevistado: Às vezes acontece é do músico daqui mesmo do Ceará, às vezes a mídia não consegue encontrar, sei lá, só vai acontecer quando chega na Globo, quando passa lá no Faustão, - e vamos lá, chama o cearense para cá. Essa coisa eu vejo muito aí, estou sempre até antenado com isso aí e vejo, sabe, acontecer muito cantorzinho que nasce, sai daqui e vai lá para o Rio, é chamado no programa Faustão, aí é o cara, é conhecido, aí o cearense começa a olhar com outro olho né.

Carlinhos Crisóstomo: Mas isso é como eu disse antes, eu vejo essa característica no cearense, Não só na música, não só no teatro, eu vejo isso em todas as áreas, no comércio né, o pessoal que faz tudo, tudo que é de fora é interessante, - ah é daqui?ah...

Acompanhante do entrevistado: às vezes também Carlinhos é o espaço que também não tenha, a oportunidade, isso aí também influi muito.

Carlinhos Crisóstomo: é preciso ser dado esse espaço e essa oportunidade né, que não dão né.

Acompanhante do entrevistado: isso aí que acontece.

Julião: vocês falaram muito né, dessa questão do cearense valorizar o que é de fora e talvez por essa valorização do que é de fora o cearense também vai muito para fora.

Carlinhos Crisóstomo: é e o cearense...

Julião: se espalha muito e eu não sei até que ponto, até que ponto não, ela é influenciada por esses elementos exteriores né, até próprio aboio sei lá, aquelas coisas meio árabes, você acha que isso pode facilitar o turista olhar assim, - rapaz, Essa é a cultura cearense, Mas ela me parece uma cultura de outras.

Carlinhos Crisóstomo: é, ele pode fazer essa conexão...

Julião: Você acha que tem essa possibilidade de haver essa conexão?

Carlinhos Crisóstomo: eu acho que tem, mas é muito remota, sabe, assim, eu acho que vai perceber mais isso quem estuda o assunto né que vai perceber essa relação, porque que, por exemplo, o próprio aboio né, porque que a cantado desse jeito? Porque? que tipo de modo na música, né? o modo que ele usa, por que que isso acontece? aí vem aquela história que na época do ciclo do Gado eles traziam né, junto com o gado traziam as pessoas que cuidavam do Gado né, então, vieram alguns árabes, é o que se conta né, que vieram alguns árabes juntos para conduzir o gado e eles conduziram daquela forma que as pessoas aprenderão a cantar daquela forma, que era a forma que eles conseguiam atrair a atenção do gado né e passaram a cantar daquele jeito, então, é uma explicação para isso, para esse tipo de... Isso só aconteceu aqui né, lá no sudeste, não é o vaqueiro né, é o boiadeiro, é o centro-oeste por exemplo né, é o boiadeiro, eles conduzem com berrante, é diferente, é outra coisa, é tanto que no começo da montagem Ele tinha lá no próprio script é dizendo que o vaqueiro entrava com o berrante, a ideia do começo do espetáculo pela visão do diretor, do diretor-geral, e do escritor, do autor da peça era do Vaqueiro entrar com o berrante, aí foi que eu falei para ele, - o vaqueiro daqui não usa o berrante, o berrante é o pessoal do centro-oeste, aqui não, aqui a gente, os Vaqueiros daqui, eles usam o aboio para chamar atenção. - ah.. é? beleza, então a gente entra com, ao invés de entrar com o berrante entra com aboio, que é o que estão fazendo lá entendeu.

Julião: rapaz, como é que é para ti um cearense que lida na tua vida profissional aí de tantos anos com esse aspecto cultural ver uma pessoa não cearense falar do nosso estado num espetáculo que é para contar aspectos da

nossa Cultura, como é que é esse conflito, fica um conflito na tua cabeça, como é que é?

Carlinhos Crisóstomo: é assim no começo eu achei estranho sabe, por quê rapaz é preciso uma pessoa de fora, mas aí, eu volto a falar naquele mesmo assunto, porque na época que os meninos lançaram esse projeto não teve praticamente ninguém que quisesse embarcar nessa história né, foi preciso um cara de fora ver a possibilidade, pô, e se interessar, ver naquele projeto deles uma coisa de futuro, poxa isso aqui pode ser legal, vamos fazer isso aí. Por que isso era para ter sido feito por um cearense que rapaz, falasse, - Poxa, legal é uma oportunidade que tem de mostrar nossas coisas. Mas eles não tiveram apoio, eu acho que eles não tiveram apoio não, assim eu vi né, eu vi a tentativa deles de fazer as coisas com as pessoas daqui e não conseguiram, eles foram conseguir apoio fora, em outro estado com um cara carioca né.

Julião: mas aí ele tinha elementos cearense dentro dele né?

Carlinhos Crisóstomo: com Carioca, filho de baiano né, Ele é filho de baiano, pois é, aí a minha responsabilidade na música desse espetáculo foi exatamente essa, de pegar alguns equívocos que logicamente eles não saberiam mostrar o Ceará musicalmente na forma que eu poderia, porque eu vivo aqui e eu sei como é que é sonoridade, ele não, então esses pequenos detalhes, até nas falas mesmo, sabe, do texto, tinha fala que, coisas simples, mas, por exemplo, tinha uma parte do trecho que falava... o menino falava, - menino, vai chamar teu pai lá na venda. O cearense não fala assim. O cearense fala, - chama teu pai lá na Bodega. Assim, essas pequenas coisas que tinham no texto que a gente com os ensaios, a gente ia dando o toque para ele, - oh, o cearense não fala assim não. O cearense fala assim, se eu fosse o cearense aí, não falaria assim não. Aí ele perguntava, - dizia como? dizia assim. - Ah, então, vamos dizer assim. Entendeu, e eu estou percebendo que a partir do momento que a partir do tempo que passa né com a oportunidade do espetáculo, os atores estão ficando mais naturais né, e eles estão falando cada vez mais como cearense, porque no começo ainda apesar de eles serem cearense, mas como o cearense também é uma pessoa que é muito influenciável, ele pega os cacoetes, ele passa uma semana no Rio e volta chiando né, não tem aquela história, aí o que acontece, como eles leram um texto escrito por um carioca, aí muitas vezes eles falavam do jeito que estava lá, eles poderiam, eles estavam tão preocupados em fazer a fala certa para eles que não se preocuparam

em ver esses aspectos, então, quem tava de fora que ouvia eles falando o texto dizia, - rapaz, o cearense não fala assim não. Aí ele é modificado, aí eu percebi na última vez que eu assisti que os atores, eles estão mais seguros dos textos, então estão começando a colocar a emoção deles e falar a mesma coisa que eles falavam antes, de maneira mais cearense né, mais natural. Aí tem ficado legal, eu acho que tem ficado legal, porque cada vez mais está se aproximando do que realmente é, o cearense ainda tem alguns momentos que eu acho que na peça que ainda não tá bem cearense não, sabe, mas assim, eu acho que tá caminhando para ficar bem legal mesmo.

Julião: foi uma boa ideia, foi uma sacada.

Carlinhos Crisóstomo: cara, eu achei isso aí, se o negócio pegar, eu tenho certeza que vai pegar, eu acho que vão aparecer outros, porque, eu particularmente, eu já estava assim cansado de saber que só tinha show de humor para oferecer para esses turistas sabe, você tendo outra coisa para oferecer, tanta coisa boa que a gente tem aqui, tendo um negócio desse, é muito mais interessante, não custa nada ele também assistir um show de humor de vez em quando.

Julião: dá para todo mundo.

Carlinhos Crisóstomo: tem cara, agora o cara veio para cá, só o show de humor e o show de humor que está muito repetitivo cara, eu passei 10 anos tocando num canto que tinha show de humor e esses 10 anos as piadas não mudaram não, não tô querendo falar mal dos humoristas não, eles fazem um trabalho legal, mas poxa 10 anos o mesmo repertório, quer dizer, a gente tem muito mais a oferecer do que isso aí né, não é só isso né.

Julião: tem que renovar né.

Carlinhos Crisóstomo: é cara, pelo menos as piadas.

Julião: é isso Carlinhos, Você acha que tem algo para complementar com essa pesquisa, com essa questão da cultura, você acha que a entrevista que trouxe... Porque aqui é um documento, aqui vai ficar guardado, essa questão do coco, da revitalização do coco é muito importante, tem algum outro aspecto que você colocou ali na música da peça que você acha importante a gente deixar registrado, de algo que está se perdendo, de algo que é preciso ser revalorizado?

Carlinhos Crisóstomo: uma coisa que eu queria que ficasse registrado aí são as coisas que eu falei lá no começo, porque minha música, a música que eu fiz, que poxa devia ter dado o crédito a ela né, dá música que eu compus e que

fosse que quando fosse divulgado que divulgasse também os arranjos né, que a música é importante, o compositor, mas os arranjos também foram importantes né.

Julião: falta de reconhecimento de que letra é uma coisa, música é outra, o arranjo é outro, isso também é um pouco de ensinamento do espetáculo, o espetáculo poderia ensinar a isso para as pessoas?

Carlinhos Crisóstomo: não, porque as pessoas não se importam muito com isso não, é tanto que no mercado fonográfico, mesmo assim, as vezes é dado mais importância ao cantor né, às vezes não falam nem do compositor fulano de tal, por exemplo, Martinho da Vila, aquela música mulheres do Martinho da Vila, poxa, não é do Martinho da Vila, quer dizer, ninguém nunca fala do compositor da música né, Muito menos de quem fez o arranjo né, então, é uma coisa muito longe, apesar de serem coisas importantes né, que são feitas, mas na realidade, o que aparece mais é o cantor né, mas no caso aí da peça, eu só fico sentindo falta de um reconhecimento do trabalho musical que foi feito em cima das músicas. As músicas são uma coisa, o trabalho do arranjo, a direção musical foi outra, porque assim ó, ela está com essa cara é porque foi eu que dirigi, mas se fosse outra pessoa que dirigisse, Ela poderia ficar com outra cara, poderia ficar com coisa bem moderna, arranjos modernos, não é porque tem que ser um espetáculo para turista, tem que botar uma banda mesmo lá, com baixo, guitarra, bateria não, eu prefiro, eu quis que fosse daquela forma, aliás, é daquela forma, porque eu quis que fosse daquela forma, eles confiaram em mim, porque eles sabiam que eu tinha essa vivência né, então, tem que ser dado valor a isso, eu acho que precisa ser dado valor a cara que foi dada as músicas também, agora os cearenses poderiam valorizar mais, poderiam ir assistir e todo cearense que vai gosta.

Julião: Carlinhos a sua função lá é de diretor musical?

Carlinhos Crisóstomo: é de diretor musical, aí eu também estou lá no folder como músico, porque se tiver problema com algum músico, alguma doença, assim, aí eu toco no lugar dele, então eu fico nessa aí também né.

eu fiz parte do Mira Ira, eu fiz parte do Grupo tradições Cearenses, era um grupo para folclore né, e a gente fazia muito antes do Ceará show, a gente já fazia espetáculo para turista, para mostrar, só que a diferença é que a gente procurava esses grupos, a gente sempre tentava procurar, tentava mostrar a cultura popular tradicional que também foi até bom eu voltar a falar sobre isso, porque o Ceará show ele também não tem a intenção nem de contar a história do Ceará,

porque quem quiser pesquisar sobre a história do Ceará, vai para o museu, não vai para um espetáculo né, não tem a intenção de contar a história do Ceará, muito menos demonstrar dança e músicas folclóricas, ali é uma história que foi criada que tem elementos da cultura cearense né, das personalidades né, então assim, não é a intenção mostrar ali músicas folclóricas né, mas agora ela precisaria ter pelo menos a cara da música tradicional, se aproximar, aí voltando a falar dos grupos, assim, eu sempre percebia que os grupos não tinham muito espaços para se apresentar também né e eu acho que hoje tem até menos, porque eu tenho visto menos, sabe, assim, o interesse da cadeia de hotéis, vamos dizer assim, de contratar grupos para fazer apresentações para esse povo, geralmente, eles fazem apresentações em eventos mais pontuais né, ou então relacionado ao governo do estado ou da prefeitura, Poxa um espaço legal, cheio de grupo bom, por aí, vamos mostrar essas coisas também e aí mais uma vez, eu vejo que as coisas feitas no Ceará não tem muito valor.

Julião: e o que que diferencia esses grupos que já existiam que já tinha esse contato que era para ser um contato para algum turista e o Ceará show que vem com a proposta de mostrar aspectos do Ceará, porque que você acha que o Ceará show tem tudo pra dar certo e você vê hoje o grupo de tradições não conseguindo vingar?

Carlinhos Crisóstomo: eu acho que não, são duas coisas aí, uma delas, esses grupos já perderam assim, perderam tanto espaço que eu não vejo mais, assim, no tempo que eu fazia parte, a gente se apresentava muito né, tinha muita apresentação para turista e no tempo do Mira Ira, a gente fazia temporadas para turista no mês de julho...

Julião: aonde é que acontecia nos hotéis?

Carlinhos Crisóstomo: a gente tocava muito no teatro da EMCETUR, Eu lembro do teatro da EMCETUR, isso muito antes de reabrir, porque reabriram agora né, com as câmeras né, a gente fazia temporada na própria EMCETUR, a gente fazia temporada no teatro do Ibeu que não tem mais né, quer dizer, tem lá o teatro né, mas não funciona mais, a gente fazia em algum teatro né, agente montavam uma temporada, entendeu, e assim, quem assistia era o pessoal de fora, cearense não, lá vem com essa dança de coco né, lá vou ver isso, o pessoal não valoriza né, e o Ceará show ele não tem essa proposta de mostrar exatamente isso, não tem essa proposta de mostrar a música tradicional, a dança, de onde é que

veio, onde é que é dançado, não tem isso, o que a proposta do grupo para folclore né, mostrar a dança, como é que era feita, de onde é que vem, a origem dela, e não sei o quê e tal, o Ceará show não, a intenção é mostrar o espetáculo, uma história, contar a história e nessa história tem elementos que o cearense vai se identificar e as pessoas vão conhecer um pouco como é o cearense.

Julião: falta ao grupo de tradições modernizar em termos de marketing de divulgação e até de montagem do seu espetáculo para ser algo mais atrativo?

Carlinhos Crisóstomo: é, Eu acho que sim, não diria modernização, pode ser modernização no Marketing mesmo né, porque o próprio espetáculo, ele não pode se modificar assim a ponto de...Já tem alguns grupos que fazem isso né, que eles apresentam até coisas que não são bem assim, pelo que eu vejo, aquela dança li não é bem assim, tinha um grupo aqui, eu não vou dizer o nome, um grupo que ele apresentava, faz show para turista né, esse grupo nem existe mais, fazia show para turista, então, não tinha interesse assim de mostrar a coisa como realmente era não, tinha que ser um negócio bonito sabe, bonito para turista ver, aí o samba, aí bota as meninas dançando lá sabe, danças gaúchas aí é a mesma coisa, toca alguma dança gaúcha do mesmo jeito que toca um coco, do mesmo jeito que toca uma marcha, tudo igual, a instrumentação tudo igual, tem outros grupos, não né, que já se preocupa com isso, com essa sonoridade, se você vai apresentar uma coisa para turista de fora, fora do país, vamos dizer assim, então você vai mostrar as coisas do Brasil né, então, vamos mostrar uma dança do Pará, o Carimbó certo, então não tem sentido você mostrar, você se propor a mostrar o carimbó para um turista tocando zabumba e triângulo e sanfona.

APÊNDICE J – Roda de conversa com músicos

Ferreira: a cena do Padre Cícero nessa composição no Cântico nos levou a um ponto muito importante que foi das beatas, aquele canto das lavadeiras que é muito comum e o pife nos remete totalmente para as bandas de bife que a gente chama de Banda Cabaçal, ou seja, as bandas de cabaça que antigamente foram bandas que muito antigamente e não se tinha recursos e etc. e as pessoas aproveitavam a cabaça e ali curtiam um coro, fazia, regimentava aquelas cabaças e tal e fazia o tambor e não sei o quê e tal, e aí com o tempo foi mudando transformando fazendo de madeira, chamado de Alfaia, mas a gente não chama mais de Alfaia não, a gente chama de zabumba mesmo, e Caixa, e é confeccionado com o quê? de madeira, de madeira compensado, com cordas mesmo né, couro de animal, com couro de carneiro, é de bode né, e tem uma coisa muito interessante na caixa, que como é que é a composição? existem várias questões importantes a serem colocadas aqui, a rítmica, a música, eu não vou falar de estilo, porque eu não gosto de falar disso aqui não, parece que estilo é uma coisa que você já viu ali em um e outro né e ali tem uma coisa muito indígena,, muito forte, diferente de todas as outras bandas de pife que existe no Brasil que ainda não sofreu, vamos dizer assim, as bandas Cabaçal que não sofreram ainda a influência, vamos dizer assim, da globalização né, então, existe uma maneira muito peculiar das nossas bandas Cabaçal tocando, diferente das outras bandas, se você for analisar, em termos musical, enfim, rítmico, musical, música, enfim, você vai ver que as bandas, por exemplo, da Paraíba, bandas que você encontra, raramente quando você encontra no Rio Grande do Norte, Pernambuco, são bandas assim tocando, banda de Pife tocando músicas brasileiras, vamos dizer assim, a banda do Cabaçal, as bandas Cabaçal do Cariri não, são temas que às vezes na música, a gente chama de são dois compassos que na fraseologia são motes pequenininhos...

Entrevistado 2: são temas.

Ferreira: teminhas, porque temas geralmente são oito compassos que você é uma estrutura já bem maior e às vezes a composição das bandas Cabaçal são incisivos, são pequenos fragmentos de nota que às vezes você conta de um a dois e já foi o tema, às vezes simplesmente, é um barulhinho como se fosse um canto de um pássaro o pli pli pli pi plo pronto, já foi um temas e eles vão desenvolvendo, vão brincando mesmo com...

Entrevistado 2: em cima desse tema.

Ferreira: vão desenvolvendo, e como é que é composto? geralmente são dois tocadores de Pife, afinação a Deus dará, 1 zabumba né, com aquele estilo de Alfaia, não é Alfaia, não que se diga Alfaia, é... se usa é Maracatu lá e Zabumba mesmo, é... prato, um prato desses que se usa em fanfarra e uma caixa, é engraçado, que a Caixa é uma caixa muito pequenininha, uma caixa muito, eu não sei lhe dizer, mas é mais ou menos isso aqui assim, a dimensão dela, eu não sei a precisão, o centímetro, é 60 centímetros né, e ela é mais ou menos isso aqui, 7 polegadas mais ou menos isso e ela como não existia...

Entrevistado 2: que não é nem 60 centímetros.

Ferreira e Cattony: 7 polegadas vezes dois e meio, cada duas é 5, é dez, é uns 15 a 20 cm é isso aqui cara, é isso aqui, é mais ou menos uns 25 cm, é uma caixinha pequenininha, engraçado, porque não se tinha recurso naquela época, o que eles faziam, pegava tripa de animal, também não sei precisar se era de porco ou se era de bode, eu acredito que fosse de bode e aquela tripa colocava para secar, o couro já era para fazer o couro em cima e a tripa já era para fazer a esteira, eles colocaram a esteira ali e puxavam e faz um som muito peculiar, você não vai ouvir o som...

Julião: você não vai encontrar em outro lugar?

Ferreira: Não. Você vai pegar uma caixa que a gente chama de antigamente de tarol que tem aquela esteira agressiva, aquelas sonora não Metallica, ele não, é um som de couro de animal...

Entrevistado 2: habilidade né, não tem como explicar como é.

Ferreira: então nas novenas, por exemplo, lá no Assaré e isso acontece nas procissões, geralmente nas festividades, por exemplo, lá do Assaré, eu vou já chegar na cena para você entender o porquê, como é que foi composto isso né, foi composto essa parte musical e é muito utilizado nas profissões, por exemplo, lá na nossa senhora de Fátima, no Assaré, aonde movimenta muitos e muitos anos as profissões e a procissão se não tiver a Banda Cabaçal tocando e a banda de música...

Julião: os irmãos Ana e Sérgio são da onde, de Juazeiro?

Ferreira: são do Crato e geralmente eles iam tocar muito lá que o padre levava, mas lá no Assaré tem várias obras, milagres lá, existe a Banda Cabaçal, mas o pessoal chamava de Manassés, então, cresciam vendo. Quando ninguém sabia

quem eram os irmãos Ana e Sérgio, naquela época os irmãos Ana e Sérgio tocavam por ali para ganhar os cachêzinhos das igrejas e tal e tal, mas quem acompanhava a procissão era banda Cabaçal do Assaré né que essa aqui que foi praticamente dizimada entre aspas né e assim essa sonoridade, não, essa composição da Banda Cabaçal, eles fazem umas musiquinhas, umas valcinhas, mas se você for tirar rítmica, deixar os pifes que são os cantores, você vai ver que tem essa linguagem indígena que não tem muito esse compromisso com essa fraseologia do Cancioneiro brasileiro, enfim, é muito ali, tanto, que você vê, por exemplo, existe a briga da onça e do cachorro se você for ver na forma como toca a banda lá de Caruaru que é uma das mais famosas que já foi influenciada...

Entrevistado 2: acho que foi em São Paulo na década de 70.

Entrevistado 3 Cattony: e eu tenho pife que eu comprei deles na época no teatro Tuca.

Entrevistado 2: Pode crer.

Ferreira: já essa banda, se vocês forem ver, eles já são totalmente influenciados por outras coisas sim globalizou total, rodaram o mundo né, aí foram se adaptando a fazer o repertório, Se você pegar qualquer Banda Cabaçal, e detalhe, não é que fica escutando o outro não, que naquela época eles dizem que nem tiveram, os irmãos Ana e Sérgio foram ter alguma coisa em uma época dessa, então, a tradição ali passado de pai para filho como todo mundo já deve saber e assim acontece também nas bandas de Pife, nas bandas Cabaçal lá do Cariri, em todas as cidades tem uma coisa muito interessante se você colocar, se eu colocar a banda dos irmãos Ana e Sérgio tocando ali, botar a Banda Cabaçal do Assaré tocando ali, e se você fechar os olhos e colocar os irmãos Ana e Sérgio para tocar e tocando tudo misturado, você não vai saber quem é, que a mesma coisa, o mesmo estilo, a mesma pegada, para você ver né e É só ali que você vai encontrar aquela forma de tocar, porque é muito assim, muito natureza, índio mesmo, é tanto que os irmãos Ana e Sérgio tem essas raízes indígenas né então tem este estilo, eles mesmo que foram, eu não sei se precisar se foram eles que influenciaram o resto da banda, porquê é complicado de falar sobre isso, para saber quem é o ovo quem é a galinha, entende, são muitas especulações por ali e tal, mas eu que sou dali, eu cresci vendo os irmãos Ana e Sérgio tocando na Banda Cabaçal do Assaré que em todas as festas que geralmente a gente chama o Assaré, não é nem a festa da padroeira, a festa de setembro que já subentende-se a festa da padroeira da cidade

e o que movimenta as festas, as grandes festas, hoje que já tá virando uma desculpa, é uma esculhambação, uma putaria né, com esse negócio de forró não sei das quantas e tal matou muita coisa interessante, muito Regional, é muita porcaria, muitas famílias para não morrer de fome teve que fazer outras coisas né então teve por exemplo o Reisado da cidade do Crato alguns reisados importantes teve que ser revisitado pela cultura por alguém, mas tava uma época aí dessa absolutamente eu fui aluno de um professor do Osvaldo Barroso e a gente às vezes falava, discutia algumas coisas, ele tava danado de raiva, porque tava um Reisado lá do Crato, era do Crato ou era do Juazeiro, um dos Reisados Lá da família que quando a gente fala em Reisado, é da família tal, ninguém fala o Reisado Do Zé testinha e não sei o quê e ba ba ba, não, é Reisado da família tal, entende, os caras estavam passando necessidade, porque não tinha ajuda de prefeito, não tinha ajuda de porra nenhuma, então assim, tiveram, assim vamos lá voltar, então, quando eu particularmente vi aquela cena do Seu Lunga aquele aperreio, aquela ignorância, a gente já remete, Qual a música? é natural, vai para a Banda Cabaçal aquela forma lá que se toca aqueles fragmentos lá tan tan tan de fechar, é estilo daquelas bandas Cabaçal lá do Cariri. Cena dali que às vezes eu uso o Pife tem uma que eu uso a outra flauta que é o primo do Pife que é uma flauta chinesa que eu uso, porque que eu uso aquilo ali? porque muito do que a gente tem, como o boi, o canto do do aboio, o aboio é árabe, - mas Ferreira, mas o som da flauta? - é porque há instrumentos árabes que não é temperada...

Entrevistado 3 Cattony: não é totalmente temperada. Não tem nenhuma.

Ferreira: mas eu digo na questão do som do instrumento, tem alguns sons de instrumentos árabes novos que são parecidos, então, eu uso, se você for ver até a escala mesmo que eu uso, sonoro, remete a música árabe, o aboio é música árabe.

Entrevistado 3 Cattony: é a origem né, muito e que é coisa do cearense né. Aqui foram, o Nordeste é um caldeirão, o Nordeste é o lugar mais árabe que você possa imaginar. fora da Arábia.

Entrevistado 2: o cuscuz né,

Ferreira: tudo, é, por exemplo, os cantadores de viola, isso é árabe...

Entrevistado 3 Cattony: é total.

Ferreira: agora foram se adequando como tudo o que foi dos negros, dos próprios índios que a gente tem, então daí, de fato o rabequeiro dali fui que eu fui usar essa questão da sonoridade, quanto na sonoridade a questão do Pife. A Outra cena da procissão, valei me meu padim cícero, valei me, as rezadeiras, as beatas né, lá no Assaré morreu agora pouco com 90 e poucos anos, fui aluno dela, lá no interior a gente quando a gente tinha uma certa condição, a gente botava para estudar particular né que a gente não sabia o que era, lá não tinha esse negócio de ABC, esse negócio não, a gente tinha que estudar ali e depois se preparar para entrar no colegial Então ela foi minha professora da primeira comunhão, tive que aprender todo aquele negócio e ela fazia as lapinhas se você chegar para o Mel e perguntar, o Mel cresceu vendo lapinhas, chegava o Natal, era uma coisa que eu acho ainda hoje, não entra né, quando você chega em Fortaleza, você não vê uma lapinha, eu não vejo cara, uma procissão, tudo bem, procissão numa cidade grande, o pessoal passa o carro por cima.

Entrevistado 3 Cattony: Ontem teve um bocado de coisa de Reisado né, na Praça do Ferreira teve um monte de reisado.

Ferreira: Ontem eu fui fazer um evento com o Mel antes de vir para cá, tu sabe qual era o tema? é um povo de poder aquisitivo até Grande né, assim e tal, e o que que eu imaginei a gente vai para um aniversário, O que é que se encontra em um aniversário de rico? alguma coisa voltada para a Disney. Não é assim? pode colocar Frozen, não sei o que, é Mickey e não sei o que, agora a festa do pessoal que eu fui ontem... agora porquê né? a menina lá é madrinha da filha do Mel, já deve ter se entenhado com Mel e tal, o tema da festa da criança foi Reisado cara

Julião: massa.

Entrevistado 2: aí que legal.

Ferreira: Reisado. cheguei lá, porque? porque ontem foi o dia.

Entrevistado 2: é 6 de janeiro.

Julião: ontem foi dia de Reis

Ferreira: eu estava lembrando ontem,foi o dia que o meu avô levava todo mundo para o boqueirão, inclusive eu fiz uma composição chamada “Boqueirão” que era justamente para homenagear o reisado que era lá do meu avô que já não existe mais e ontem eu me lembrei muito novinho quando eu fui lá para festa. Pois o tema foi reisado ai as criancinhas com pandeirolas, com os

pandeirinhos, as fitinhas coloridas, lá estava tudo enfeitado com fitinhas coloridas. Podia ser Frozen né, era uma menina, podia ser isso né.

Julião: massa, muito bom.

Ferreira: ai então essa questão que particularmente eu trouxe para as essas cenas, foi justamente daquilo que eu vivi mesmo, do que? das bandas Cabaçal, ai tem a banda Cabaçal ali.

Entrevistado 2: tem. Depois do Padre Cícero na hora que acaba.

Julião: você escuta.

Ferreira: se você fechar ali, você ver a banda Cabaçal, se você for ali, você vai ver a música árabe o remeto ali. quando o Mel está trundi tirundi tumtum tum como é que ele faz?

Entrevistado 2: no aboio? o vaqueiro?

Ferreira: tadam ran lá. Ali é como se eu tivesse transportando...

Entrevistado 2: os mouros né?

Ferreira: é. fazendo uma, vamos dizer, uma transposição do que seria a voz para o instrumento, ou seja, o aboio, o aboio árabe. A sonoridade remete a música árabe.

Entrevistado 2: que é a base de muita coisa da...até das músicas do Luiz Gonzaga que se você for ver.

Ferreira: mas ele é árabe.

Entrevistado 2: tem muita coisa ali que é.

Ferreira: Árabe, é totalmente árabe. acho que nem o.. é árabe.

Entrevistado 2: é na raiz mesmo cara.

Ferreira: é árabe total. O nordeste é o ponto mais, é a região mais árabe que existe.

Entrevistado 2: e se juntar com a África encaixa né?

Ferreira: o coco é afro. O coco é africano.

Entrevistado 2: e a cultura árabe está ali também né?

Ferreira: é tudo ali.

Julião: é todo mundo ali vizinho.

Ferreira: rapaz, é muito engraçado. aí tem a cena daquela parte do coqueiro, naquela época...

Julião: era o que? Dragão do Mar né?

Ferreira: no Dragão do Mar. Só que Graças a Deus que mudou muito assim, porque na época daquele negócio assim, que eu digo olhe isso ai, era legal, porque só pelo movimento que fazia na mão, olha que eu não sou especialista nisso não, mas que tirava do coco, levava para uma outra questão que também é meio árabe, que é um reflexo, que também não é nada a ver que era a dança flamenca.

Entrevistado 3 Cattony: o coco ele também faz parte da cultura indígena. Pisa com a planta do pé, o coco.

Ferreira: mas a forma tava tirando o foco dessa questão de o coco dava mais. Então, na verdade foi essa questão das influências mesmo sabe e não é nada do que você possa dizer assim, tecnico e não sei o que, não, é vivência mesmo. não foi nada que dissesse assim, eu fui lá para a uece porque, não é não, é daquilo que a gente viveu mesmo.

Entrevistado 2: mas assim, o fato de vocês serem de lá também né, o Mel ser do Juazeiro e tudo ele colocando né, seria legal se ele estivesse aqui para poder...mas eu acho que ele vai se colocar também, que ele dizendo aqui, por exemplo, tem na...o tema que ele escolheu para a hora que tem a entrega das oferendas para o Tião Moringa é parte de um tema religioso de oferenda que parece que ia na casa das pessoas, tem um porquê também daquilo ser aquilo não é um, - ah... vou fazer uma brincadeira aqui. não, tem o que as vezes é, se o cara conhecer, ele vai dizer, -porra. Como por exemplo, na hora que o Lunga fala, -poeta era Patativa que era na minha terra Assaré. que você faz o temazinho do Patativa no pife, quem não sabe, passa batido, mas é uma pérola que está colocada que o cara que sabe fala, - puta que pariu, meu irmão. É aquela coisa, é uma pessoa bem vestida, é uma mulher linda e bem vestida e tem um brochezinho de pérola que você olha e fala, - caralho, tem um negócio aí que tá... é só aquele detalhe, então esse detalhe faz a diferença que se não tiver...

Julião: acontece, mas não dá aquele brilho né.

Entrevistado 3 Cattony: está sem a pérolazinha na lapela e totalmente contextualizado, não tem nada jogado

Ferreira: foi muito importante essa cena do Padre Cícero, ali a dança da beata essa da...

Entrevistado 3 Cattony: sim, sim

Ferreira: porque lá no Juazeiro o Mel viveu mais ainda porque lá é muito forte né desde...

Entrevistado 3 Cattony: e foi muito legal no dia, logo quando ele começou, por que as coisas foram também chegando.

Julião: isso não foi de vez né, foi com o amadurecimento a mais do espetáculo.

Entrevistado 3 Cattony: não, foi tudo montado, tá rolando, tem as músicas, na hora de cantar, tem as músicas, aí tem a cena e na hora da cena tem que preparar o tom para o solista, que horas que isso aqui começa ou aonde é que vai, aí começa a brincar, experimentar daqui, tem uma coisa dali e vai construindo né, e foi construído nesse sentido.

Ferreira: foi dado o mote, mas aí com o tempo a coisa foi dando um corpo no negócio.

Entrevistado 3 Cattony: aí foi legal que esse lance das beatas, teve um dia que estava um grupo de senhoras que hoje vem até uma delas, a Mazé Figueiredo, que é uma atriz e ela é... Ela tem um grupo de senhoras de terceira idade que não é um musical, mas é um musical de certa forma, elas se apresentam teatralmente e cantam e tem um coral de senhoras, é muito legal e elas tinham feito algum trabalho que falava sobre esses cânticos das beatas, aí quando começou, elas na plateia começaram a cantar também, -valei-me meu padim cícero.

Julião: e esse canto também é um Cântico que existia lá?

Entrevistado 3 Cattony: é, é, não é viagem não, é real. aí elas ficaram assim, depois elas vieram e falaram, - Caraca bicho. É como se elas se teletransportasse.

Julião: para aquele momento?

Entrevistado 3 Cattony: elas foram para o local, porque conhecia, então o cara que não conhece passa batido, mas se ele for como, ele assistir a cena da Jovita e, - vixe, Jovita é?: Existiu é? vamos lá, Wikipédia, Jovita, -aí é, valha. Eita, foi uma doidinha, Vixe matou aos 19 anos, atrás de um engenheiro em inglês, um tal de Guilherme é?. E nem sabia, mas foi atrás e pesquisou, então na mesma forma, se o cara tiver curiosidade e fosse buscar qualquer elemento, ele ver que está conectado, não é uma coisa de doido não, que o cara caiu de paraquedas aqui sem ponto no Fim da Linha. Amarrou e o negócio está Seguro, entendeu, então isso, dá solidez. até para uma pesquisa científica, tá entendendo, não é coisa de doido não, Ou melhor, é coisa de doido né, não é coisa de doidinho.

Ferreira: a parte rítmica, por exemplo, algumas coisas ligadas a Banda Cabaçal que forma uma outra parte também muito interessante, só para... acho que vai ser bem interessante a questão rítmica, existe uma maneira também muito peculiar das bandas Cabaçal tocar e foi nessa composição que agente foi dizendo, ventilando para o Rodrigo, que é o responsável pela parte rítmica, que aliás toca muito bem, e existe uma maneira muito peculiar da banda que algumas músicas têm uma mesma levada rítmica né, então, a forma como o prato se comporta em relação ao tambor, a caixa né, e no momento lá da cena do Lunga, a gente apresenta justamente isso, de vez em quando, quando ele se empolga, ele mistura com esse acompanhamento e coloca um pouco de coco mas é parente né.

Julião: como é que é pra ti, Rodrigo, ter que mexer com tudo isso né, com esse Caldeirão de riqueza cultural e colocar isso para fora?

Rodrigo: Rapaz, isso para mim é bom, é uma coisa que eu vivenciei há um tempo atrás né, que foi com o Carlinhos no Mira Ira, aí para mim foi só o lance de estar colocando, de estar Relembrando, de - poxa, que baião. Coisas do Ritmo nordestino mesmo que é uma coisa nossa que é uma coisa que eu vivi que eu nasci com isso, escutando essas coisas, aí para mim é bom demais, eu fiz uma misturada, Eu coloco umas caixas, me empolgo como Ferreira fala, Mas é porque eu senti na realidade, ainda sinto assim, o lance soa muito a repercussão da zabumba, do triângulo, essa coisa, o lance do cearense soa muito o lance dos ritmos nordestinos, zabumba, o triângulo, o pandeiro...

Ferreira: a música brasileira é muito especial, a música nordestina ela é muito percussiva né.

Rodrigo: aí eu me senti na necessidade, na verdade, o Carlinhos quando me fez o convite, era para tocar zabumba e dizia que tinha alguma galera que acompanhava, que tinha alguém que tocava triângulo lá e tal, aí na verdade, tinha uma galera e tinha muita segurança né, Aí eu comecei, coloquei uma Caixa e estou tentando descobrir ainda, acho que quando der a oportunidade de mudar algumas coisas, eu vou colocar mais, incrementar mais coisas para soar mais nordestino ainda, mais cearense.

Julião: bacana que isso não é à toa, é estudado né, você já tinha esse passado.

Rodrigo: já tinha já.

Ferreira: abrindo um parêntese, eu acho interessante, sabe Fernando, eu acho que o que foi interessante assim, que eu acho, modéstia a parte para os músicos, é que todos aqui tiveram, apesar de terem uma formação diferente, mas assim, por exemplo, os meninos aqui, o Agenor, o Rodrigo foram alunos diretos, desde criança, desde criança mesmo, do Carlinhos Crisóstomo, ou seja, o Carlinhos Crisóstomo, por sua vez, é um pesquisador, é um professor ligado a cultura popular ao extremo, aí eu e o Mel por coincidência fomos também, não pelo fato de ser do Cariri. Hoje em dia, o cara dizer assim, - Eu sou do Cariri. Eu fico preocupado, porque eu não sei o que é que vai ter, mas assim, graças a Deus que a gente teve essa escola no terreiro de casa, então a gente fala disso daqui como se estivesse falando de sei lá de um carro que está ali do lado parado no estacionamento e a nossa vida foi isso ai mesmo, porque o que eu estou querendo dizer, é que foi bom para o espetáculo, porque tem pessoas que realmente vivenciaram a cultura como parte da sua vida até hoje. Então os meninos aqui particularmente, os meninos vieram de uma escola. Aquela escola do Genir Gomes talvez seja uma escola do estado, que eu costumo dizer lá ao Carlinhos, talvez seja uma escola que tira, por exemplo, esse menino veio de uma área de risco, esse outro também de uma outra área de risco, podia ser dois marginalzinhos, bandido, mas o Carlinhos tirou do inferno e mostrou a cultura popular.

Entrevistado 3 Cattony: é verdade.

Ferreira: que por sua vez resgatou esse menino, então assim, tem esse lado bacana, porque assim o Carlinhos quando me chamou, assim ele, acho que teve essa preocupação de ter essa rapaziada aqui...

Rodrigo: na verdade não chamar qualquer um não, pelo fato de não fazer, de não ter vivenciado, porque não pode ter chamado um percussionista, só um músico

Ferreira: porque seria muito fácil

Julião: é muito mais do que isso né?

Ferreira: é muito mais do que isso. é questão da vivência mesmo, da identidade, mas da vivência né, então eu acho, é chato eu falar sobre isso né, mas assim a gente tem o conhecimento na raiz né.

Rodrigo: é questão de propriedade.

Ferreira: de propriedade.

Agenor: é porque esse repertório, como Ferreira colocou, o Ferreira teve vivência direta lá no Assaré, mas tipo, eu e o Rodrigo, toquei no mira Ira uns 5 anos e o Mira Ira é um grupo para folclórico que estuda a cultura folclórica aqui do Ceará bem forte assim e também do Brasil e na América Latina e é um grupo assim de respeito e bem profissional, procura ser assim bem coerente nas coisas, tipo às vezes né, uma pessoa assim desavisada que pega um instrumento para tocar o ritmo, tudo para ele é um baião, certo, que também tem uma distinção, como Ferreira colocou, tem o coco, também tem a pegada do Baião, das bandas Cabaçal que já é uma outra história aí, fora o baião tem o forró, o Maracatu, o xaxado.

Ferreira: o coco e suas... o coco é uma. o que a gente chama de coqueiro. Só Abrindo um parênteses aqui. mas os cocos que a gente chama. o ritmo são muitos. são vários os ritmos, porque eles são, cada coco, cada estilo vamos dizer assim, ele tem um determinado tipo de dança, de comportamento, de música, então, imagina o tamanho desse Brasil, o tamanho desse Nordeste, não é meu amigo.

Agenor: só como o Ferreira colocou, o coco, esse coco de praia assim como algumas pessoas chamam né, também tem o coco do Cariri que é uma coisa assim diferente...

Ferreira: coco de umbigada, coco de embolada que já é outra coisa completamente diferente, o coco de praia, é interessante, porque tudo isso tem uma mistura árabe, africano, os negros africanos com os, vamos dizer assim, com um árabes do outro lado. é muito louco né, porque tem uma influência, tem um coqueiro que já foi influenciado pela cantoria que é também de certa forma um outro tipo de coco ou não.

Agenor: Aproveitando a cantoria, os tocadores de viola assim né, uma coisa assim que vem de mil e oitocentos já tinha tocador de viola, no final do século já tinha gente tocando viola e já era o ritmo do Baião que eles faziam, já era umas coisas assim com uma métrica para cada estrofe ou coisa que eles estejam cantando na hora e tipo, você tem a propriedade dessas coisas, você consegue fazer uma música mais coerente dentro do contexto do cearense e tudo, tipo, como Rodrigo, ele tá tocando forró, se eu tocar um baião aqui, no caso se eu tiver tocando cavaco, vai dar pequenos choques e assim uma pessoa que conhece...

Ferreira: porque não é só a levada musical, é bom que se diga que tem, embora sejam instrumentos de Harmonia, mas também tem uma responsabilidade aí rítmica né.

Agenor: de tá junto, de está coeso, eu sempre estou prestando atenção no Rodrigo para tá junto com ele para fazer um baião, para fazer na hora...

Rodrigo: para não sujar né também, porque a coisa que ele fala aqui, para muita gente é mesma levada e não, ele não pode fazer qualquer coisa no cavaco, eu faço aqui um baião, ele não pode sair fazendo, entende, então a gente procura estar juntos.

Ferreira: Ou seja a questão do Baião Carlinhos...

Agenor: desculpa. É mais uma questão de acentuação, tum... tum... eu tenho que quando tocar a parte forte no instrumento tem que estar marcando junto com a dele, aí essas coisas que eu coloquei aí antes, que dar uma coesão no nosso repertório, na cearensidade da coisa.

Julião: o espetáculo começa com uma música que fala do cearense né, daquela luta do cearense e ela é tocada de formas diferentes né no decorrer do espetáculo, no início é de um jeito e depois já muda, como foi que vocês pensaram essa música, musicalmente como foi que vocês fizeram?

Ferreira: na verdade foi o Carlinhos Crisóstomo, o Carlinhos Crisóstomo que foi o responsável por construir a composição da estrutura do arranjo, digamos assim, da música e o que nós fizemos foi ir junto né, entender o que estava sendo proposto e foi criando e dando elementos rítmicos, harmônicos para meu complementar.

Agenor: como o Fernando falou antes né, foi uma coisa que também foi sendo construída, aquela música ela estava com um arranjo bem certinho, começava com uma melodia taran nan nan e depois o pessoal começava a cantar, mas por adaptações e tudo e também pela questão teatral.

Rodrigo: e coreografia também né, porque isso foi moldando. Na volta ela se repete, na volta também, porque tem um lance de apresentar quadrilha e tal aí já volta com outra pegada assim também.

Ferreira: e a gente ainda tá compondo em, ainda tá em composição, por exemplo, eu vou até falar uma coisa aqui, na Jovita da outra vez...

Entrevistado 3 Cattony: é porque faltava um negócio do Maracatu né?!!

Julião: Jovita é Maracatu né?

Entrevistado 3 Cattony: na Jovita a melodia é uma melodia né.

Ferreira: uma tensão.

Entrevistado 3 Cattony: não remete nada né a melodia em si.

Ferreira: remete assim, a construção da música remete a um estado de tensão, aquele momento de tensão dela, então é um free ai, mais ou menos um free, embora o Mel tenha pontuado alguma coisa, é onde entra aquela questão de pontuar em determinado movimento, fala, mas ali na composição é livre.

Entrevistado 3 Cattony: mas na melodia mesmo, (parte da música cantada) não nem por você nem por ninguém.

Ferreira: não, na parte do canto não, aí...

Entrevistado 3 Cattony: mas a melodia em si, ela não tem nada a ver com o Maracatu, mas na hora que acaba, aí é que entra o Maracatu que é a batida dela no pé né, tam tam tam, e é o Maracatu nosso né, porque tem aquele Maracatu pernambucano, ali é outra pegada, é outra história.

Ferreira: é. há várias outras pegadas.

Rodrigo: e no finalzinho, eu não sei se vocês percebem, que eu tento colocar o Maracatu lá no final que ele fala, -sou do Ceará, tatis ta tum

Ferreira: o Maracatu daqui tem pouca..., o ritmo ou ele é apressado ou é...

Agenor: é porque o Maracatu daqui assim, porque eu tive a oportunidade de estudar, ele era assim tão rápido no início como o pernambucano, só que as indumentárias dos desfiles eram muito pesadas, aí eles foram diminuindo com o tempo para o pessoal conseguir desfilar e brilhar e não fica aquele negócio apressado mais sofrido.

Ferreira: mas é muito triste, gosto não.

Julião: é muito triste mesmo.

Rodrigo: arrasta muito né.

Julião: por isso que combinou com o Jovita, aquela tristeza né, aquela melancolia.

Agenor: como Maracatu Pernambucano, ele também tem algumas variações, os grupos têm suas próprias, como Maracatu solado que tem umas batidas dele, o Maracatu Vozes da África, o Az de ouro que é bem tradicional.

Entrevistado 3 Cattony: e tem os que seguem a linha né, o pingo de Fortaleza, o Caio Alencar, eles puxam muito, o Descartes Gadelha, eles buscam muito em cima da...

Ferreira: esses daí são os que mais lutam pelo Maracatu. na Jovita tem aquele momento que o Silvio tinha pedido naquele primeiro momento, - Ferreira, que tal um negócio assim. Porque naquele momento ali é de tensão, o Carlinho já até comentou sobre isso né, na hora da fala dela, - e não sei o que, que não sei o que, né, ali era mais tensão. O violão ele está mais uma pegada, digamos mais light, onde é que a gente cria a tensão? eu botei no pife, justamente aquele som ta, ta, ta impactante e tal e tem um momento da fala que, - ah... você é do exército e não sei o quê... pan pan pari pan para sair sabe, que remete ao quê?

Entrevistado 3 Cattony: ao militar.

Ferreira: de vez em quando eu faço depois é repara aí.

Entrevistado 3 Cattony: quando ela canta também, quando ela tá aqui e a caixa faz uma pegada de rufado.

Ferreira: e aí agora você me fez lembrar, que nesse momento da fala que depois a gente vai pontuar, é nesse momento que vai entrar a flautinha, eu vou te avisar onde é, que era pra fazer ri pan pan pari pan praa praa

Rodrigo: assim um rufado? baixando né?

Ferreira: saindo.

Rodrigo: ei Fernando, não está alto não?

Entrevistado 3 Cattony: eu faço pouca coisa...

Rodrigo: fica né.

Entrevistado 3 Cattony: as vezes ela soa mais alto né, mas é legal, porque dá um tempo também é aquela coisa da presença também é um campo de batalha.

Ferreira: Mel, eu tô aqui em uma fala que eu achei interessante da Jovita, eu não sei se tu ouviu ontem que eu te chamei atenção do tipo, - Mel, não sei o que. que tem um momento da fala dela que ela fala, - ah... você é do exército e não sei o quê... e tal pan pan pari pan, depois vamos ver essa parada, o que a gente pode rapidinho criar naquele momento. O que é que tu acha?

Mel: o exército, vamos criar aí cara.

Julião: no meio da entrevista saiu coisa, aí que legal.

Ferreira: tá vendo que a gente ainda tá nessa.

Entrevistado 3 Cattony: não para né cara, é um cacimbão, é um poço sem fundo.

Ferreira: sim, Mel, fala aí

Entrevistado 3 Cattony: a gente está aqui falando da contextualização né, dos temas, a melodia ela é já de certa forma, a composição do Rodrigo tem, já teve um peso grande até por conta da pesquisa dele, dele ter vindo para cá na época, a gente ter dado um briefing muito grande para ele, ele pesquisou muito também, ele é um cara diferente dentro dessa relação toda né. Ele teve uma preocupação de apelo histórico, porque a música de um musical ela cumpre um papel importante também de contar a história. O que é que tem do Padre Cícero que não é a música para falar dele? só o trequinho final do diálogo com o Lucas, mas é muito pouco. Ele está falando mais do cearense, o Môa, e quando ele pega, entra o Bendito, mas aí mesmo assim com o texto, com o roteiro dramático quando ele fala, - O senhor não sabe padim, mas o senhor ainda vai ser santo. O meu, o seu, o nosso Padim Cícero, mas é muito pouco do que se diz da história do Padre Cícero, concorda? aonde é que é dito a real história do Padre Cícero?

Ferreira: na música.

Entrevistado 3 Cattony: trepou-se no pau, furou-se no prego, cortou-se no vidro o meu padim Cícero, é a hora que... então a música do musical ela tem um papel muito grande de narrar também, de fazer parte da contação da história, do que se propõe ser dito. E nisso ele teve uma maestria muito grande, bacana né, de chegar numa coisa que tem que ser em pouco tempo, Quantos minutos tem? a quantidade de informação que tem que se passar para o cara, para o Imaginário né, você fica louco vendo coisas né, de tanta informação que é. Na mesma forma da Jovita, ali é mais denso historicamente até pelo par do Môa com ela, do dragão com ela, do conflito de explicar, mas o cara fica meio assim, - E aí, o que é que essa mulher fez? Não se fala do drama real dela, não se fala que aos 19 anos se matou, por que ela foi atrás... quem era esse Guilherme? que era um engenheiro inglês. Que transaram uma vez. Foram amantes e ela ficou doida pelo cara e o cara cagando para ela foi para o mundo e ela foi atrás do cara. Ela tinha a luta dela de querer brigar pelas mulheres por conta do que rolava, mas a viagem dela era ir atrás do cara e o cara nem aí para ela, quando ela viu que não dava, ela se matou aos 19 anos. Então o drama real dela não se fala. Da mesma forma dentro da história da Iracema, não tem o drama do peso que é da história da Iracema, é um drama fodido,

Moacir, o filho da dor, quer dizer ali teve um encontro dele adulto falando com ela, para os turistas isso seria uma aberração né, - Como é que pode o Moacir nunca jamais falaria com Iracema, ela morreu depois que pariu o condenado, filho do europeu. e aí o cara poeticamente teve um massacre, isso era um incômodo grande para mim por conta dessa questão, de imaginar que a gente tem a licença poética, mas tem o cabra chato que vinha cutucar, - Meu irmão, tá vendo como é que Iracema... Você se lembra lá dos ensaios na EIM como é que era a cena? era outra coisa. A Iracema aqui ariando panela, fazendo mungunzá, um negócio e conversando com ele. Aí o processo da construção e a gente conversando, aí teve gente que chega e pergunta, - O musical é espírita? não bicho, pelo amor de Deus, porque só tem nego morto né? A Iracema que morreu, Seu Lunga, o Padre Cícero, Jovita, dragão, só tem nego morto cara, agora a viagem de poder permitir que o menino transite por esse ambiente, aí vai da concepção de cada um, se o dito é um médio ou é um pai de santo ou um avô de Santos sei lá né, não sei. aí cada um vai ver do jeito que quiser.

Mel: mas essa coisa, você pode imaginar isso, é um contador de histórias, você tinha um sítio do Picapau Amarelo e apareciam milhares de personagens místicos e está lá todos vivos na memória da criança, na memória afetiva, quer dizer, você no fundo, você cria uma memória afetiva do cearense, do público para com esses personagens, é uma ligação é lúdica né, é engraçado, eu nunca havia pensado nisso...

Entrevistado 3 Cattony: engraçado, vieram me perguntar se a peça era espírita, eu ria assim...

Mel: Mas é interessante também, Não há como não falar desses personagens.

Entrevistado 3 Cattony: e foi uma sacada muito grande pensar que era imaginação do menino, do Moacir, conversando com a mãe que aparecia na mata, - Poxa, genial Cara, eu fiquei meu, cara tu é gênio, bicho. tu é gênio cara, porque tu tirou de letra, deixou poético, deixou lindíssimo, explorou de uma forma magnífica o que era o efeito da floresta por trás com o momento dela dentro da selva para achar uma solução cênica, porque a direção é uma maestria cara, um negócio tão doido que é reger uma orquestra, de efeitos de luz, de cenografia, de sonoplastia, de interpretação, quando há uma mudança as vezes de um ator, precisou, ocorreu a mudança de um ator, mas esse ator aqui gerava uma rítmica na cena tal, trocou

esse ator, é natural que a rítmica vai ser diferente, pode ser mais, pode ser menos, isso não quer dizer qualidade, -ah, esse ato é melhor que o outro. Não, é uma questão pessoal da impressão digital daquele cara, só que é isso as vezes muda o conjunto, então quanto mudou, por exemplo, o Tiago para o Ediglê, o maestro falou, - Precisamos acelerar.

Julião: em que, qual é?

Entrevistado 3 Cattony: a do Dragão, precisamos acelerar a conversa do Moacir com a Cecília, a conversa do Tião moringa com a Cecília, porque? porque mudou, porque um tem uma característica como ator, de ter um canto mais avolumado que a interpretação, então, dava um peso e o outro tem uma interpretação mais avolumada que o canto, apesar de que os dois fazem a mesma coisa, mas são diferentes, um é mais cantor e o outro é mais ator, então, para equalizar isso, porque o momento do Dragão do Mar é o momento em que a peça levanta voo, é a hora que ele abre com o circo mambembe, que no início me incomodava um pouco pela... pelo caráter musical, de a gente saber que existem pessoas que não são cantoras e que estão cantando e que desafinam, mas é a proposta da brincadeira do manbembe, aí eu me incomodava, porque eu fui mambembe e por que uma mambembe tem que ser desafinado? ou então a gente escracha de vez, estereotipa de uma forma que seja todo mundo, - eu sou notado. sei lá, esculhamba para aparecer uma outra coisa, o quebrava total isso, deixar bem característico que vai gerar um contraste, vai sair do mambembe para que pla pla pla e abre as cortinas e, - eu sou da terra que o povo e todo mundo lindo e aquela beleza toda e o cara saltando e o circo e toda aquela coisa que é um Apoteose, uma abertura já impactante né, BA.. aí depois cai no conflito com o menino que é o momento dele e que ela entra, sobe e se você for desenhar o gráfico, ela abre com estranhamento, porque você ver uma casa toda porrada. Ontem, meu irmão, Olha aqui camarada, - oh terceiro toque véi escroto, macho. Eu vou dizer, cara, como é doido bicho. Na hora que acabou que entrou pa pa pa... eu falei, - macho, o caba hoje está com o diabos nos couro.

Rodrigo: e nem almocei ontem,e hoje eu almocei, ainda trouxe umas batatas doce.

Entrevistado 3 Cattony: para entender que é uma coisa que faz diferença, bicho ,Olha que doido, aí ela começa com o estranhamento, porque ela entra pela plateia, da aquela coisa e o povo já acha estranho, que às vezes tem

criança pequena que assusta, eu tava aqui em cima e do meu lado tinha uma senhora com um bebê no colo, macho, esse menino ficou com atenção, eu parei assim e teve parte do espetáculo que eu parei, ficava olhando para o menino de longe e ele atento, vendo a movimentação, curtindo cara, muito massa. Aí ela começa, vem o conflito, aí você vê que ela dá uma levantada, ela vem e o gráfico vem diminuindo que a cena dele com a Cecília que tem uma empolgaçõzinha de uns minutos aí vai caindo, e entrou o conflito dela com pai, o drama do negócio, aí vai caindo, não tem muita ação que o cara fale, - Vou acordar aqui. Aí entra ele o Dito no quarto, quando tem um cachorro, por que tem substituição, aí dar uma colorida, dá uma... o Jacó saiu e tá entrando Chulipa, então, tem que preparar, tá sem o cachorro esses dias, dá uma AHHH... a plateia faz um OHHH... da aquela coisa não tem esse OHHH... ainda e ela vem aqui assim, fazendo uma força medonha, quando entra o Dragão, é a hora que abre geral, é a hora que o arroso sobe que apresenta a banda lá atrás, que ninguém sabe se a banda tá gravada, se é ao vivo ou se não é, entra todo o corpo de baile, entra o Mário, entra... meu irmão, é uns cinco ou 6 minutos de pancadaria e alçou voo, e depois disso vem Jovita, Sertão, Padre Cícero ela só vai feira e a hora que ela levantou voo mesmo.

Mel: Essa primeira parte ela sofre intervenção musical justamente para poder costurar a cena e acrescentar alguma coisa por exemplo passa da cena do Lucas e que sair os circenses e ele conversa com a Cecilia e eles – *não, preciso dizer uma coisa a gente vai embora daqui*, é nessa conversa já tem que ter um tom meio de despedida então você vai tendo um temia que vai costurando a conversa toda de acordo com a respiração da fala deles, entre uma fala e outra tentando achar, - *mas e seu pai, meu pai é pobre Môa, mas e eu... eu não sei*, quer dizer tem tudo isso costurando as falas pra também porque se fosse isso sem nenhuma intervenção ai iria ser duro neh, ai quando ela sai dessa primeira fala e vai conversar com o pai e ai tem um descredito deles assim: *mas isso não existe... ninguém ajuda ninguém nessa vida... eu não te falei que a gente tá endividado, não temos como pagar essa conta....* vai sendo pontuado todas as informações pontuadas com crescente de agravamento por isso que a melodia vai subindo e vai costurando toda essa fala até chegar nesses momentos mais fortes, por exemplo: o Ferreira acabou de dizer tem mais uma intervenção na cena da Jovita, eu já penso em intervenções nessa primeira cena da conversa dos dois, antes mesmo do retorno do cachorro então quando ele fala: *ei, você embora para o circo...* que é tipo assim, mas como assim?

Ai você sabe como surgiu o Ceará? [*instrumental*] que é um maracatu [*instrumental*] que é durante a fala, logicamente eu não apresentei isso ainda, mas já tenho as ideias prontas que passa pelo crivo do Silvio, e mais umas pequenas intervenções assim como essas que o Ferreira falou, mas as cenas vão sendo costuradas por exemplo a conversa dela com o do dragão do mar em que ela diz: [Jovita] - *mas eu fui muito torturada nisso, mas muito usada também..* Tem uma tensão da conversa dela com o dragão, então quer dizer são intervenções simples, mas sonoricamente ajudam a cena a ter aquela tensão de aquela densidade necessária pra cena, mas... ah foi muita usada... mas essas pequenas intervenções que fazem uma diferença, então a introdução da Jovita quando ela fala: - *a Jovita lutou tá mais... logo na entrada não fui autorizado a seguir... mas você lutou, eu continuo lutando...tem um tensão e tem uma nota que diz assim: vai ter um revelação aqui ai o dragão fala: por amor...ai ela começa a cantar: não foi por você... enfim essa a própria cena do dragão do mar quando ele entra que você dá um acorde e que vem um gelo, uma fumaça que é tipo mais ou menos uma lâmpada do Aladim como ele falou... Ai você cria essa atmosfera então essas pinceladas musicais elas vão hora dando densidade necessária para cena, hora trazendo uma leveza pra ela neh? Então nessa conversa do dragão do mar que ele fala no primeiro momento ele tá falando *...mas quem é você?* Ai a gente está tocando a melodia do dragão que é uma música de chamando, uma música de reverencia e um dado momento da cena eu continuo tocando e ele tá em outra pegada um texto muito mais forte dizendo assim: *a gente lutou por liberdade, fim da escravidão...* e mesmo assim continuo tocando... quer dizer hora à música tem um papel de tornar a cena mais densa, hora de trazer leveza de equilíbrio naquelas coisas toda, hora de chamado, por exemplo: na hora do Sr. Lunga quando o Padre Cicero diz: *o nosso cumpade... O Sr. sabe encontrar quiúba, o nosso cumpade ele tem...* Ai começo uma pulsação [*instrumental*] *...ai e o cumpade tem? e o cumpade tem?* E essa primeira pulsação é uma pulsação de reisado [*instrumental*] que é o movimento da espada ai o Rodrigo entra com o caboquinho [*instrumental*] o Agenor dobra essa informação do Mi [*instrumental*] vai criando o peso, o Ferreira traz os pífanos toda a camada da banda cabaçais, junto com essa informação musical da vindo o sr. Lunga discutindo toda a musicalidade recepcionado o sr. Lunga e ao mesmo tempo que o sr. Lunga entrega toda essa informação ao público que está lá, que dizer pode até passar despercebido, mas tá tudo ali toda essa informação tá sendo jogada assim como no segundo momento o*

Môa vai ter com o Padre Cicero alias antes dessa cena da chegada do sr. Lunga via ter uma conversa com o Padre Cicero vem o sino chamando, isso já teve a chuva toda aquela música do Padre Cicero vem um sino que remete que Padre Cicero tem algo a falar ai aparece ele falando com o Môa ai não tem como não costurar essa cena com um bendito [instrumental] que é um dos benditos mais conhecidos. A conversa deles vai se dando e essa é uma música de fé que representa a fé dos romeiros uam música de referência e reverencia ao Padre Cicero e ao mesmo tempo que o personagem Môa diz: *ah você não sabe, mas o sr. ainda vai ser santoo meu padre Cicero* ai entra o Bendito confirmando essa informação dando a densidade a força necessária, uma sob informação nesse momento.

Cattony E vocês viram que o fi de uma égua faz em cena? O Lucas pede com tanta fé que ele chora em cena pedindo, as lagrimas desce ele queria que ele ficasse mais, mas ele fica de lado, ele fica de perfil, se ele ficasse um cabelinho mais , até olhando pra o santuário que tem a imagem do Padim ele ia ficar com uma, mas não sei se isso atrapalha na marca por conta da entrada do Dito por que na hora que ele vê o avô, vô, vô...o abraço que eles dão macho é um negócio tão invocado que é como ele tivesse pedindo: *rapaz tô perdido aqui agora cara, rodei, rodei tudo rodei com o dragão, com Jovita com não sei quem eu quero meu vô...* e o cara chorando cara, tu ver as lagrimas descendo é muito massa cara ai quando ele abraça que ele se enxuga que o sr. Lunga tem ai é a hora que ele como que reconforta.

Ferreira: Tá ai a música tem a ver com essa coisa de ditar toda esse clima, de toda a luz, você tá envolvido com a cena assim como a Cecilia também fica muita envolvida com aquele primeiro momento chega chorava, outra coisa assim, ontem mesmo o Vitale me confidenciou: rapaz eu sair tão emocionado da cena que eu estava chorando. Muitas vezes o atores entram, ficam emersos no personagem e o conjunto das coisas toda, porque cada um que depende do outro pra coisa toda funcionar então assim a luz, por exemplo, um exemplo simples, quando o seu Dito fala para o Moa, - *Ah como é o nome dessa Índia tal e tal.* Aí ele diz, - *Iracema.* eu faço um teminha e vai aparecendo a projeção e tal, o Vitar que é o Moacir vai se posicionando para o lugar dele e eu vou fazendo o tema que é [instrumental] quando eu dou essa notinha aqui a Luz da Iracema acende quer dizer, é tudo muito amarradinho quando eu termino, por várias vezes isso aconteceu bem sincronizado, as vezes ocorre de, claro, a luz acender um pouco antes ou um pouco depois ou até desafinar, enfim, mas tem sempre uma metricazinha naquilo ali, a partir do momento

da entrada até ele cantar a música, ele está incorporando o Moacir, então, o Moacir era o primeiro cearense, o personagem fala, - oh, eu vou ser do mundo assim como todo cearense um dia vai ser. E aí ele diz, - a gente vai ser um povo que vai lutar por liberdade e trocentas milhões de coisas e por liberdade. E eu vou começando a dar a introdução e até que ele fala com a Iracema e a Iracema dá a benção para ele, - Vá com Deus. E ele começa a cantar para a Iracema. Então todo esse processo é um processo que vai agregando sentimento a cena né, então, invariavelmente algumas vezes eu acho que esses atores passam por emoções fortes né, o Vitar me disse, - Rapaz, já teve algumas vezes que eu sai chorando da cena, tive que parar, respirar para voltar para um outro momento. A Jovita também já passou por isso, a Cecília já passou por isso, porque são personagens que até tem esses momentos de cena. E a música ela vai justamente fazendo isso, dando peso quando a cena está leve e precisa de peso, dando leveza quando a cena está pesada demais e precisa de algo para costurar e quer dizer, você vai fazendo isso de várias maneiras. Como é que tu chama o nome daquele negócio Rodrigo?

Rodrigo: é o efeito de mar.

Ferreira: um efeito de mar.

Cattony: na hora que o Dragão que começa a aparecer a projeção do Dragão na tela.

Ferreira: sonoplastias.

Cattony: é sutil, mas está ali presente, a gente saca.

Rodrigo: o efeito é sutil mesmo.

Cattony: mas é para ser, não é para ser um negócio gritante.

Ferreira: mas é um somatório né, quer dizer, tudo que se está fazendo ali tem um porquê e tem um acréscimo. você quando faz os passarinhos que quando, que na cena sempre tem as projeções e tem os passarinhos que passam por cima e ninguinho escuta alí em baixo os passarinhos, mas não sabe que tem gente fazendo os assobios e cantando. A história do sino que é a preparação da chegada do Padre Cícero aquilo lá você já dá uma... vem coisa aí né, você sai de uma cena que tem um blackout e que teve um impacto forte que a parte da chuva e aí dá um blackout, apaga tudo e você começa a escutar um sino, aí o público deve imaginar assim, - o que é que vem por aí ? Todos os sons são chamadas para mais um convite, para mais um passeio, para mais um personagem tal, quer dizer, esse espetáculo é recheado dessas coisinhas.

Julião: o cearense não acredita muito em si às vezes né, porque geralmente dá mais valor naquilo que vem de fora, tem muito isso né, a gente tem essa característica, então, essa cultura musical cearense ela consegue dar peso ao musical, ela é capaz disso?

Ferreira: sim sem dúvida e assim, mais do que isso, o musical ele tem feito um convite ao cearense a se conhecer né, se conhecer em vários sentidos, se conhecer e se reconhecer historicamente, se conhecer e se reconhecer musicalmente, com os pifes, com sanfonas, com violas, cavacos e possibilidades afins, enfim, até com um pouco de erudição nesse meio todo aí, entendeu, passeando por baião, Xote, por Caboclinho, por coco, Maracatu, o Xaxado, você tem tudo isso aí, quer dizer, se o público ainda não atentou para todo esses detalhes, aí vem um negócio assim, o cara, o próprio Davis me falou assim, - olha teve espetáculo que eu fui ver a primeira vez quando eu percebi que tinha uma banda tocando ao vivo eu voltei lá na segunda vez para escutar a Banda, porque para mim, o espetáculo já tinha sido tão completo que eu não sabia que ainda tinha uma banda, aí eu voltei da outra vez para escutar a banda, para ver a banda fazendo aquele... né. E acho que ocorre muito isso com esse espetáculo, porque assim, há um convite, uma visita histórica inevitável ouvir que não possa ser muito denso, porque um espetáculo é um entretenimento né, mas você pincela e o mais importante de tudo, porque eu acho que a chave de todo mundo deveria ser que é você despertar curiosidade. O grande lance hoje em dia é você ser curioso né, porque você sendo curioso, Você passa a procurar as coisas, passa a procurar os argumentos, passa a discutir, a ter a dialética, a discutir, a perguntar, a não ter a vergonha de perguntar, a não ter a vergonha de desconhecer, o negócio é ser curioso né, e a partir disso, eu acho que esse espetáculo pincela isso, ele dá uma aguçada em você, - quer dizer que existiu uma pessoa que foi daqui para o Rio de Jangada? Esse cara foi fazer o que mesmo?, ah é o Dragão do Mar, vou pesquisar. - e a Jovita Feitosa era apaixonada por quem? e quem era esse cara? porque ele estava aqui? e teve essa guerra mesmo do Paraguai que o Brasil participou?. Aí vai lá, quer dizer, e aparece né, - e o seu Lunga, quem era o seu Lunga, quer dizer que existiu mesmo esse personagem, essa pessoa existiu, não era um personagem de cordel, não inventaram, criaram e ele era grosso ou ele simplesmente não gostava de perguntas bobas, ele era inteligente ou ele falava coisa com coisa, ele era poeta ou não sei o quê. Quer dizer, é um convite é um grande convite a você conhecer.

Cattony: todo mundo vai conhecer, vai atrás? Não. Mas você vê que tem pessoas que se colocam, se respondem na rede social na página do Face do Ceará Show, - Caraca, eu não fazia nem ideia que existia tal coisa e tal pessoa e fui atrás, pesquisei, então...

Ferreira: e se sentir orgulhoso Porque além disso tudo, dessa pincelada, dessa cutucada, a pessoa fica no mínimo orgulhoso de saber que aqui se faz uma coisa com tanta maestria, com tanto profissionalismo, quer dizer, é hora que acende na hora certa, é bailarino que dança o que é pra dançar e dança bem, é cantor que canta bem, que dança, eu lembro muito bem quando eu comecei a participar dos ensaios e eu ficava de cara assim com os meninos, porque assim, o elenco, uma parte dos cantores, os caras eles dançam, eles cantam, Eles tocam isso, tocam aquilo outro, tocam pandeiro, tocam não sei o que, tinha gente que tocava, enfim, tocava de um tudo né, cara fazia de um tudo, aí eu ficava assim, - Rapaz, eu sou só músico, eu não sou músico curioso. Pô, massa que eu tô participando disso aqui, que massa que tem essas pessoas. E as pessoas vão conhecer que esse espetáculo tem um potencial que assim não deve nada a nenhum outro.

Cattony: há uma describilidade muito grande né com o cearense, Eu acho que pelo fato de o cearense ser um cara do mundo e ele não tem muita preocupação com as raízes deles, eu digo o cearense com exceção do pessoal do Cariri, normal, daqui da capital, você não vê o pessoal, eu tô aqui há 35 anos, já vi a Praça do Ferreira mudar não sei quantas vezes, a José de Alencar mudou não sei quantas vezes, não tem aquela coisa, então, é como se ele não botasse fé que existe gente aqui fazendo? é muito doido. Por que é desconhecimento mesmo Grande porque o Ceará cara é um dos maiores exportadores de músico para todo canto do mundo músicos de orquestra, eu acho que em vários locais do planeta se perguntar tem um cearense tocando, é um negócio invocado, então assim, aí você vê a turma de dança boa e outro nas condições... mas você fala, - meu irmão, era tudo flor de lótus, cara. Tu sabe o que é que é a flor de lótus, né cara, aonde é que ela nasce né? Então assim, é muito doido. Agora pensa se a gente fosse um governo com visão real do negócio, - meu irmão qual é a tua aptidão? tu é músico? Então, você vai ser músico macho, porque tu tem... aí...

Julião: investe.

Cattony: investe, aí assim, quando você pega os países socialistas, Por que os caras são aqueles expoentes? porque as melhores orquestras do mundo,

nas olimpíadas, os esportes... qual é a tua aptidão? macho véi, tu não vai fazer mais nada da vida , tu vai ser atleta, agora tu vai comer o pão que o diabo amassou, porque para ser atleta não é fácil. Ai os caras botavam em cima, aí só medalha de ouro, se bem, que tinham algo a mais que os caras queriam para poder... é como, estude no colégio tal, porque aqui todo mundo passa no ITA e no IME. Os caras as vezes não estão nem preocupados se você está aprendendo ou não, eles querem te empurrar para por você na mídia para depois te usar, mas assim, é um celeiro gigante de gente talentosa. Eu lembro na época lá com o Rodrigo, na época do Pirambu, bicho, tinha um menino, o Cristiano, cara, macho réi, o cara tocava uma flauta, bicho, que era... e ele nunca tinha pego, eu passei para ele, você segura assim, desenha o quê que é aqui o A, E, I, O, U, não era nem o B-A, BA ainda, era o A, E, I, O, U, macho, o menino tocava muito e era só chorinho, era só...tava nele o negócio. Hoje ele é funcionário do mundo, porque não dá para ser músico, cara, ele tem que trabalhar para ganhar dinheiro, tá entendendo, então assim, dá pena? dá. E teve outro que era um zé ninguém lá do Ancuri, de uma instituição da época do Frei Wilson, que ele tinha a orquestra da prefeitura, aí o pobzinho do menino também não dava para canto nenhum, pegou em um instrumento e era uma coisa, quando eu fui encontrar o cara não sei quantos anos depois, ele estava fazendo bacharelado em oboé, na UNB em Brasília, caraaa meu irmão, um em mil, libra. Mas assim, se tivesse incentivo e apoio seria uma quantidade de gente talentosa que tem cara, é gigante, só que a gente não bota fé nos talentos que a gente tem, então, o povo cearense parece que ainda não acordou para o negócio até o Mel falou, - Qual foi seu grande espanto? - Olha cara, eu sou daqui, sou do Juazeiro, da região, hoje eu estou dentro de um projeto contando a história do Ceará escrito por um carioca. Agora a gente como idealizador foi escroto? em falar não vamos chamar o cara de fora? - Vamos não meu irmão, a gente foi atrás de tanta gente aqui que eu não vou dizer nome não, mas de tanta gente, aí vem assim, - cara, eu tô com agenda, tenho outros projetos, é difícil e tal eu não posso. mas o cara lá meu irmão, como é que é a agenda do Sílvio? é bem Light né. O cara abraçou, cara, que ele viu que era o negócio. Tu é doido meu irmão. Agora porque que o daqui não abraçou? Porque não acreditou cara, aí depois que viu a coisa pegando, aí todo mundo quer entrar, só que agora, - ou meu irmão, agora calma, não dá para ser assim. - Agora eu quero ser é sócio. Eu quero ser... - Não, macho. Como assim cara, antes tu não queria, agora tu quer ser sócio? Não, macho, não é assim não.

Mel: essa coisa história eu lembro muito bem que eu, até eu já contei essa história, a região do Cariri ali todos os que saíam de lá para estudar, a uns anos atrás isso, migravam para Recife, Pernambuco e não para cá, ilhéu fundo dessas pessoas e eu saí de lá muito cedo, saí com 10 anos, então, com 10 anos morava em Recife já, e lembro assim com muito carinho, eles criaram em Pernambuco dois personagens chamado, Pernam e Bucu, um casal de meninos e de crianças que eles passeavam pelo histórico de Pernambuco, então, contavam um pouco de maneira lúdica as invasões dos Holandeses, toda a construção histórica de Recife, os fortes, enfim, você tinha acesso aí a essas informações desde criança de uma outra maneira né, você trocava os cupons fiscais por figurinhas, mas aí, eu sou cearense, não sou pernambucano, eu conheci a história de Pernambuco quando era criança, porque eu morava lá e a história do Ceará eu não conhecia, não me foi apresentado nem no colégio. E aí assim, foi grato a minha surpresa de depois de bem adulto vir um carioca chegar aqui e dizer assim, - olha a sua história é essa aí, essa aí, é essa. Fazia algum tempo eu estava conversando com o Fausto Nilo e a gente conversando justamente com essa coisa do histórico musical daqui de Fortaleza que você não tinha um Norte exatamente, a única coisa daqui que você podia dizer que é uma extensão do cearense era representado daqui de Fortaleza que era o Maracatu cearense [instrumento] e que teve um cearense... alguns que fizeram obras de artes com isso aí né [instrumento - música Sou da América] né, o Ednardo fez milhões de coisas, o Djavan, até o Djavan fez Maracatu [instrumento- Tudo que se passa aqui, Não passa de um naufrágio. Eu me criei no mar e foi lá que aprendi a nadar. Pra Nada. Eu aprendi pra nada. A maré subiu demasiada. E tudo aqui está que é água. Que é água] enfim, o Maracatu é um ritmo bonito, mas não é um ritmo popular, não é verdade? não é um ritmo que você possa dizer que tá na boca do povo, não, não é. E além disso, não existe quase nada, porque Fortaleza é uma cidade que tem informação de todo mundo, menos dela, aí criou-se aqui uma máquina de fazer música chamada esse forró de tecnopop e não sei lá o que é que é isso aí, e que de certa maneira, é um público que não só daqui de Fortaleza, não só daqui do Ceará, mas o Brasil inteiro, que aquela coisa de mídia, você vende... se você empurra um informação 10 vezes para uma pessoa, ela vai achar que aquilo é verdade, sem sombra de dúvidas, não tem mais dúvida nenhuma e aquilo vai passar ser a verdade dela, Só que essa não é a verdade do Ceará, a verdade do Ceará é o Maracatu, a verdade do Ceará tá lá no interior, tá lá nos reisados, tá lá em

Barcamatês nos bumba meu boi, no bumba meu boi não que é do Maranhão, mas no Maneiro-pau são representações que aqui não são mostradas mas que está viva lá no interior, tá sofrendo também as influências, tá sofrendo também as pressões de alguma roupinha que mais costurada de outra maneira, quer dizer, as saias não são mais cheias dos espelhos como antigamente, que era uma coisa cênica, essa música retrata esse negócio que ele diz aí [instrumental- Entre reisado e barcamatemos, entre lutas de espadas e rojões, me visto de guerrero no meu som passageiro, mercante um nobres escudou, resgata a alegria dos brincantes, um circo e um palhaço cervantes, pinto o meu papel de toda cor. Se chega ao tempo da luz, a cor e o desejo do tempo] e é tipo assim tem informação de baião e ao mesmo tempo tem informação de caboclinho, e fala de Reisado e fala de Barcamateiro né, quer dizer, tem toda essa... é um cinema, uma cena cinematográfica relatando todas essas informações, mas daí mais uma vez tem que fazer o link com o espetáculo, daí a importância do espetáculo, ele te dá uma agulhada e diz assim, - oh, aqui tem um milhão de outras coisas, investigue, seja curioso. O newgócio é ser curioso aí você tem... e um milhão de músicos você vai descobrindo, milhões de timbragens que você vai descobrindo e você se apossar disso e mais que se apossar disso, defendê-los dessas coisas todas, levantar a bandeira e dizer assim, - olha, pra você levantar essa bandeira, você precisa se conhecer. E como é que você se conhece com a mídia empurrando outras coisas que não são o que é da sua essência, aí mas nesse ponto, isso pra mim foi um alívio muito grande ter essas informações todas e saber, agora eu sei mais ou menos de onde é que eu vim, agora eu vou pesquisar, então das coisas que eu lembro, dessas informações que eu lembro, a coisa de também de saber que a gente ajudou a fortalecer o espetáculo, quer dizer, trazendo essas informações como eu te disse, por exemplo, [instrumental] nessas cenas, tem uma última cena da peça que é um resumão, é um grande resumo da peça que ele diz assim, - o Seu Dito chamou o Moa em um dado momento lá no final e diz assim, - Moa vem cá, Olha a última coisa que eu tenho pra dizer, ninguém está só se tem amigos. Quer dizer, a grande sacada da peça é isso, a peça ela se desenrola, ela apresenta os personagens, mais no fundo ele quer dizer o seguinte, o Moa quer ir atrás da Cecília, porque o pai dela está indo para São Paulo, porque não tem mais dinheiro para permanecer ali e nessa personagem vai procurar a tal da piúba que é a madeira para construir a Jangada dele, para pontuar que é uma atividade com o avô dele para poder seguir para o circo, que ele não vai para o circo antes de

terminar a Jangada. Na procura da piúba ele vai percorrendo todos esses personagens do Dragão, da Jovita, o sertão, o vaqueiro, o sertanejo né, vai pra casa do sertanejo e volta, conhece o Padre Cícero e volta finalmente para casa ao final de tudo eles se resolveram e cada um foi dando um pouco do que tinha para que o pai da Cecília não vá. A solidariedade que foi cantada no início da peça quando diz, [instrumental- eu sou da terra o corpo padece mas não esmorece procura vencer na terra querida da Linda Cabocla de riso na boca zombado e sofrer não nego meu sangue não nego meu nome e não nego meu sangue sou brasileiro filho do Nordeste sou cabra da peste sou do Ceará] quer dizer, tudo isso é uma coisa só que vai rodando que vai girando. A informação final é a informação da peça inteira, quer dizer, ninguém tá só se tem amigos. Aí você faz um desfecho e o cearense é desse jeito né, mas nessa cena antes, anterior a isso, eu trago mais uma informação que é o seguinte, no interior você tem as chamadas renovações que é aí são durante uma vez ao ano naquela casa, Ela traz os Santos, os santos de luz divina dela né, isso celebra uma renovação de fé, uma renovação de amor, uma renovação com as pessoas e com os amigos e na minha época de infância a gente comia um docinho e os refrigerantes, enfim, e era cantada sempre que a reza e tem uma música que conduziam essas profissões da santa até a tal da casa que ela dizia assim [instrumental- coração Santo tu reinaras o nosso encanto sempre será coração Santo] era mais ou menos isso e aí eu peguei a informação e transpus para esse momento em que estão todos na fila dando, compartilhando de um bem para o outro, em prol do outro né, quer dizer, uma renovação dele ali, mais uma chance de você ficar aqui, só que eu transporte para maior ficou [instrumental - coração Santo tu reinarás o nosso encanto sempre será coração Santo] quer dizer é a mesma coisa, porque se eu fizesse [instrumental- Coração Santo] aí tem uma conotação religiosa, não era isso que eu queria, eu queria conduzir a ideia né, remeter a ideia da oração que a mesma da entrega, da comunhão, mas que tirasse essa conotação religiosa aí eu fiz maior [instrumental - coração Santo tu reinarás o nosso encanto sempre será coração Santo] aí a cena vai se acontecendo, quer dizer, e não tá lá de graça, tem um porquê para estar ali, tem uma carga de sentimento, o público pode não perceber, mas tem uma aguçada na segunda vez que ele vier, porque ele vai vir a segunda vez, porque o espetáculo é bonito, aí ele vai vir a segunda vez e vai perceber, cada um é um livro que se lê várias vezes, um filme que você vê que você

perdeu informação aqui, perdeu informação ali e você vai vendo com outros olhos e vai tomando outra conclusão a respeito do assunto.

Julião: como é que essas emoções viajam aqui na tua cabeça quando tu coloca aquela tua vivência da criança nesse momento da peça, como é que foi essa primeira vez, como é que foi essa descoberta, como foi esse Insite?

Mel: tem esse nome é insite mesmo, é algo que você já viveu e que você é isso aqui que está acontecendo, só que com uma outra roupa, então a renovação que antes eu via na casa das pessoas, tá agora se realizando numa cena né, de um espetáculo que as pessoas vão dando lá o que podem para que o outro não tenha que se ausentar daquilo ali, não tem que ir embora e com os músicos, assim tanto com todo mundo, aqui cada dia a gente vai vendo uma coisa que pode ser melhorado, pode ser reduzido, para às vezes, você reduz uma informação e no somatório com os outros instrumentos essa informação ela cresce, é o contrário né, é para você limpar, se você tem informação demais, você dá uma enxugada ali e vai sair as notas todas, vai ter mais perceptivo e as informações vai subir. E a minha vontade quando eu entrei no espetáculo era de conhecer essa coisa do musical, porque eu já tinha assistido outros para conhecer e criar trilhas né, criar momentos, nuances, então você tem...na fala da Jovita e do Dragão do Mar, O que é isso? Nada. Se você for musicalmente, isso aqui, é nada, mas ela está inserida. É como o Edu Lobo dizia assim, - ah, o Tom Jobim não é de tocar todas as notas, é de tocar as certas. só preciso daquelas notas, não precisa de mais, mais do que aquilo é aquela coisa. Todo mundo depende um do outro, tem que saber o tempo do outro, tem que saber o momento do outro e saber onde vai crescer, onde vai descer, onde vai ter que cair, então, essas notinhas aqui elas são acrescidas de um delay, então, elas têm um efeitozinho para dar um prolongamento nela, mas é só o suficiente para dar atenção na cena, para cena né. E hoje em dia é o que ocorre muito, já está meio casado com a nota, e ela tem uma fala, dou uma nota, e ele tem uma fala, dou uma nota, Aí ela tem uma fala né. Quer dizer, se você assistir mais uma vez, você vai perceber nessa cena essas coisas e você atirar no vazio, nos buracos, dos silêncios e atingir o silêncio é um negócio danado, por quê cada dia você trabalha com milhões de pessoas aqui, cada dia um desses do elenco vai tar com uma emoção diferente, que chegou atrasado, que chegou apressado, o fez e aconteceu isso. E isso futuramente vai ser refletido na hora da cena, então vai sair com mais pressão

ou vai sair com menos pressão e tal e você tem que estar o tempo todo, diariamente lá assistindo aquilo ali.

Julião: mediando tudo isso, que legal.

Mel: mas é muito danado isso e você tem... como os meninos estavam falando... cada um quando ficava assistindo, todos eles fazem um milhão de coisas, você pega a Ana Paula dessa aí da vida, aí ela chegou aí, ela dança, ela não canta mais hoje em dia, ela tá tocando acordeon e tá se equilibrando numa bicicleta e tá jogando Claves e não sei o quê, é atriz, é não sei mais o que, é milhões de coisas, milhões de aptidões.